Z

VOLUME 31.º **N.ºˢ 1-4** **1933**

Revista Lusitana

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português

---

SUMÁRIO

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

Os nomes de baptismo — por J. J. Nunes: 5.
O livro das "Pregoems" dos Judeus Portugueses de Hamburgo — por Alfonso Cassuto: 80.
Maneiras de dizer alentejanas — por Manuel Gomes Fradinho: 99.
Da minha terra — por Miranda Lopes: 138.
Português dialectal da região de Xalma (Hespanha) — por J. Leite de Vasconcellos: 164.
Páginas folclóricas (continuação) — por Luís Chaves: 276.
Glossario dialectológico do concelho dos Arcos de Valdevêz — por F. Alves Pereira: 292.

MISCELANEA:

O Natal, o Ano-Bom e os Reis nos Açôres — por Luís Ribeiro: 301.
Nomes dialectais de animais provenientes de interjeições de chamar ou afugentar — por João da Silva Correia: 308.
Algumas ideias do povo a respeito da cruz — por J. L. de V.: 309.
Etimologias — por J. L. de V.: 311.
Festa rural — de um jornal: 312.
Imagem do Menino Jesus, com indumentária curiosa — de um jornal: 313.

BIBLIOGRAFIA:

Livro — por J. L. de V.: 315.

CRÓNICA:

A propósito da publicação do 30.º volume da "Revista Lusitana": 318.

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1933

REVISTA LUSITANA

IMPRENSA PORTUGUESA
Rua Formosa, 116 — PORTO

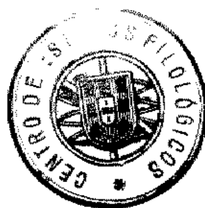
REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico Português



VOL. XXXI

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1933

REVISTA LUSITANA

VOL. XXXI — 1933 — N.os 1-4

OS NOMES DE BAPTISMO [1]

SUA ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

No VII livro da *Odissea* conta Homero, o seu pretenso autor que entre os vários banquetes dados por Alcino, rei dos Tcácios em honra de Ulisses, que arribara à ilha onde êles habitavam e fôra encontrado por sua filha Nansica, emquanto o aedo Demodoco, para divertir os convivas, conta como fôra destruída a cidade de Troia, o herói grego não pôde conter as lágrimas, o que, notado pelo seu hóspede, o faz dirigir-se-lhe dêste modo: «Dize-me o nome com que na tua pátria te chamavam, teu pai, tua mãi, os habitantes da tua terra, e os circunvizinhos, pois não há nenhum mortal, bom ou mau, a quem, logo a seguir ao seu nascimento, os pais não tenham imposto um nome».

Mas êste costume de distinguir cada indivíduo por um nome especial ascende, segundo a Bíblia, já ao primeiro homem, pois no *Genesis*, cap. II, vv. 19 e 20, se refere que

---

(1) O nosso chorado colega e amigo o D.or José Joaquim Nunes, que à *Revista Lusitana* deu tanta e tão boa colaboração, e aqui publicou o seu primeiro trabalho filológico (vol. III, p. 251 ss.), estava, quando faleceu, trabalhando na feitura de um livro acêrca de nomes próprios de pessoas. Aqui principia hoje a publicar-se, por condescendência da família, o que êle deixou escrito. A introdução ficou em dois textos, um dos quais acrescentado por êle: é êsse o que adoptamos, pôsto que talvez sem a última demão. Creio que a *Revista Lusitana* prestará serviço às letras inserindo nas suas colunas o manuscrito de Nunes, que ainda *post mortem* continua assim a honrá-la com um trabalho inédito e bom. — J. L. DE V.

Deus, depois de ter criado do lima da terra todos os seres vivos, os fêz vir perante Adão, para que os visse e lhes imposesse um nome, o que êle fêz a todos os entes animados, aves do céu e animais terrestres, acrescentando-se aí que os nomes dados por Adão são os mesmos em uso no tempo de quem redigiu aquêle livro.

É intuitivo que, assim como aos objectos que o cercavam, o homem primitivo, tomando esta expressão por designativa das primeiras gerações, denominou a cada um, segundo a maneira vária como o seu espírito os encarou, distinguindo-os, portanto, do mesmo modo procederia com os seus iguais.

Como era natural, o nome que a cada um cabia era um só, e semelhante uso perdurou durante bastantes séculos; Judeus, Gregos, Romanos, Germanos, etc., são designados por um nome único; apenas os Romanos, já em época adiantada da sua existência, adoptavam o costume de ao nome recebido no nascimento, e que equivalia ao entre nós chamado de baptismo e por êles *praenomen*, ajuntarem o de família ou *gentilício*, que para êles era o verdadeiro *nomen*, e outro ainda, o *cognomen* ou alcunha.

Na idade média uso parecido vigorava entre nós, pois ao nome de baptismo fazia-se seguir o patronímico, correspondente ao gentilício romano, e às vezes ainda uma alcunha: assim *Pero Pais Curvo*, *Lourenço Gonçalves Magno*, etc.

Voltemos ao nome único. Compreende-se que o homem primitivo aos seres e objectos que tinham entre si semelhança tal, que quási se não distinguiam entre si, os englobasse todos na mesma designação, dando-lhes o mesmo nome; àqueles, porém, que não estavam no mesmo caso deu-lhes designação especial: daí os nomes chamados *comuns* e *próprios*. Se a quantos seres, vivos ou não, que se não diferençavam uns dos outros por qualquer característica especial os englobou a todos no mesmo nome, como *cão*, *monte*, *rio*, etc., aos que se distinguiam por qualquer motivo deu designação especial. Assim fêz a rios, povoações, montanhas, animais, etc. Está neste caso o nome de cada indivíduo. Embora em todos haja semelhanças maiores ou menores, caem todos sob a designação de *homem* ou *mulher* conforme o sexo; considerados, porém, cada um de per si, distinguem-nos certas características.

Acresce ainda que no convívio tornava-se indispensável ter cada um seu nome especial; se aos próprios entes ani-

mados ou não, porque deferiam entre si, deu-lhes um nome próprio afora o comum que já tinham, com maioria da razão assim devia proceder com os seus semelhantes, e realmente procedeu, pois os nomes, quer comuns, quer próprios, que a todos deu, só se diferenciavam entre si na diversa maneira como o seu espírito os encarava; a única distinção a estabelecer entre êles é que, tratando-se dos seus semelhantes, foram em muito maior número os aspectos sob que os considerou.

Hoje, ao impor-se, no baptismo, o nome a uma criança, ninguém atende ao seu significado, que em geral é desconhecido; outras razões presidem à sua escolha, o do santo em cujo dia nasceu, o do padrinho ou madrinha, que o acompanhou naquele acto, o próprio arbítrio dos progenitores e até por vezes as suas ideias políticas. Não assim nos primeiros tempos em que se ligava importância especial ao nome. Nos livros sacros, em especial no *Velho Testamento*, o nome vem acompanhado da sua explicação. Jacob recebeu de Deus o nome de Israel, isto é, o *que combate com Deus*, por haver lutado com o Senhor em forma de anjo. E à Virgem Maria, ao anunciar-lhe o nascimento de Cristo, o anjo diz-lhe que se chamará Jesus, *porque há de salvar o seu povo*.

Vejamos em resumo as principais razões que motivaram a escolha dos nomes nesses tempos afastados; são umas religiosas, profanas outras. Começarei pelas primeiras.

A união dos sexos, impulsionada pela natureza, não teve nunca outro intuito que não fôsse a propagação da êspécie: daí o desejo de cada um dêles de se ver reproduzido e o contentamento que lhes traz a sua realização, tanto maior quanto se julgava amaldiçoado pelo céu o casal que não tinha filhos. Não admira, pois, que por povos de várias religiões êles tenham sido olhados como um presente de Deus (cf. *Aníbal*, *João*, *Teodoro*, etc.).

A piedade, o temor de Deus e outras virtudes religiosas eram já muito apreciadas em antigos tempos, como se vê dos nomes que as representam, impostos aos filhos pelos pais, que assim manifestavam o desejo de que êles as possuíssem (cf. *Amadeu*, *Eusébio*, *Godofredo*, *Isabel*, *Teófilo*, *Timóteo*, *Teóbulo*, etc.).

Ajunte-se também a aspiração dos mesmos que seus filhos fossem amparados durante a vida pela divindade, aspiração que exteriorizavam já dando-lhes os próprios nomes das

divindades (1), tais quais ou com pequenas alterações, já outros em que essa aspiração era evidente; por vezes mesmo reüniam num nome só um pensamento ou máxima em que a mesma se traduzia; estão nestes casos os nomes como *Apolo*, *Saturno*, *Anselmo*, *Guilherme*, *Alfredo*, *Jesus*, *Joaquim*, *Leonor*, *Manuel*, etc.

As circunstâncias especiais que por vezes acompanham o nascimento de uma criança, o dia em que veio ao mundo, a maneira por vezes irregular como saiu do ventre materno, o seu lugar no número dos filhos, o sítio em que nasceu contribuiram também para a escolha do nome (cf. *Domingos*, *Agripa*, *Tomás*, *Primo*, *Pelágio*, *Caetano*, etc.).

Os defeitos físicos de nascença ou adquiridos depois, a côr da pele, qualidades morais, factos acontecidos pela vida fora, que tantas vezes provocaram alcunhas, que depois vieram ajuntar-se, como se fossem próprios, aos nomes que já o eram, deram origem ao aumento do número dêstes; estão neste caso, entre outros, os seguintes: *Paulo*, *Cecílio*, *Branco*, *Bruno*, *Blandina*, *Torcato*, etc.

Naturalmente os pais desejam para os filhos um futuro o mais risonho possível e, como que antevendo a realização dêsses desejos, impõem-lhes nomes que os traduzem (cf. *Boaventura*, *Félix* (2), etc.).

---

(1) O respeito que votavam às divindades principais, como os Judeus a Jehovah, Romanos e Gregos a Júpiter ou Zeus, levava êsses povos a não darem êsses nomes aos filhos, com receio certamente de os profanar e atrair sôbre si a cólera celeste. De um médico grego, chamado Menecrates, conta-se que por desmedido orgulho a si próprio se denominava *Zeus*: cf. Pape. Também antes se não impunham os nomes de *Jesus* e também de *Maria*, decerto pelo mesmo motivo; em Espanha sobretudo, em vez do nome da Mãi do Salvador, dava-se às raparigas o de qualquer dos diversos títulos sob que ela é invocada: daí *Conceição*, *Consuelo*, *Dolores*, *Rosário*, etc.

(2) O conhecido escultor florentino, Benevenuto Cellini, no princípio da sua autobiografia, conta que, quando nasceu, a parteira o levou, envolto em panos brancos, a seu pai João que o andava a passear, e disse: «O que Deus me dá sempre me é caro», e tirados os panos, viu o inesperado filho do

Nos tempos passados, sobretudo entre os Germanos e Gregos, quando a valentia, a coragem e outras qualidades guerreiras eram apreciadas em extremo, os pais davam aos filhos nomes que lhas fizessem lembrar na ocasião oportuna (cf. *Matilde*, *Alexandre*, etc.). Acrescente-se entre os segundos dêstes povos o seu gôsto dos desportos, o seu apreço da eloqüência, que se revelam em nomes como *Hipólito*, *Demóstenes*, etc.

A comparação da mulher com as flores e certas pedras preciosas, o que mostra já um requinte de sentimento, a semelhança encontrada entre as qualidades de algumas e as de certas aves fizeram que os nomes de umas e outras lhes fossem aplicados, assim: *Rosa*, *Margarida*, *Susana*, *Comba*, etc.

Hoje os nomes que se impõem no baptismo ou no registo civil são quási sempre da escolha dos padrinhos, que se regulam geralmente pelas suas simpatias, sem atenderem, na maioria dos casos, à sua significação, que lhes é quási geralmente desconhecida. Essas simpatias teem também motivos *religiosos*, tais, por exemplo, o nome do santo do dia em que a criança vem à luz ou da particular devoção de quem os dá; *especiais* ou seja o próprio nome do padrinho ou de qualquer seu parente a quem dedicava atenção e estima mais do que a outros; *literários* ou dos personagens de livros, sobretudo romances, que pelos actos que se lhes atribuem maior interêsse despertaram nos seus leitores; e hoje especialmente ainda os *políticos*.

Com efeito, indivíduos há que de tal maneira se apaixonam pela política, que se tornam por ela verdadeiros fanáticos e assim, para exteriorizarem, na medida do possível, às suas opiniões, impõem aos filhos nomes que as traduzam bem.

---

sexo masculino. Juntando então as velhas mãos e dirigindo os olhos a Deus, disse: «Senhor, graças te dou de todo o meu coração; êste me é muito querido, e seja *Bemvindo* (em italiano *Benevenuto*). Todos quantos ali estavam, alegremente lhe preguntavam que nome se lhe devia pôr, mas João só lhes respondeu: Seja *Bemvindo*. Em vista disto poseram-me no santo baptismo êste nome e com êle vou vivendo na graça de Deus». Apud Fumagalli, *Dizionário dei nomi propri*, pág. 40. Como é sabido, no povo existe a crença de que há horas boas e aziagas: cf. a expressão com que despedimos alguém: *vá-se embora* (isto é, *em boa hora*).

Assim se explica a existência de uma *Outubriua*, em memória da revolução republicana dêsse mês ([1]). Sou informado que certo indivíduo deu a três das suas filhas os nomes de *Liberdade*, *Igualdade* e *Fraternidade*, que são os princípios apregoados pela República. Pais tem havido, cá e lá fora, por tal forma simpatizantes com a revoção francesa e ùltimamente com o comunismo russo, que deram aos filhos os nomes dos principais impulsores e propagandistas de uma e de outro.

Hipocorísticos. — De um verbo grego ὑποκορίζω, que significa usar de têrmos infantis, se tirou esta denominação para aqueles nomes com que muitas vezes chamamos às crianças, aos quais, em sinal de carinho e afecto, como querendo imitar a sua linguagem, suprimimos várias sílabas, sobretudo as que veem a seguir às iniciais assim: *Hilda*, *Rui*, etc. ([2]). Como era natural, visto o motivo que os origina ser o mesmo em tôda a parte, estes nomes não só são em número ilimitado, mas também se encontram em tôdas as línguas.

O uso freqüente de um nome na família — diz F. Khull ([3]) — foi a causa do seu encurtamento, depois o amor dos pais aos filhos, em especial o da mãi, fêz que êle sofresse alterações de natureza hipocorística. Com referência especial aos nomes germânicos, o autor acabado de citar menciona alguns, constantes de antigos documentos, nos quais se mantém ora a primeira, ora a segunda parte dos mesmos, assim, por exemplo: *Hilbo* e *Ubo*, respectivamente, por *Hilberto (Hildeberto)* e *Uberto* ou *Ubaldo* ([4]).

([1]) Se me não falha a memória, o Sr. D.^or^ Carneiro Pacheco disse-me que o nome completo dado à criança era Outubrina Afonso Costa.

([2]) Cf. entre nós, *Bia*, *Bibi* ou *Mimi* por *Maria*, *Lili*, em vez de *Alice*, etc. A uma criança de mama *Maria Cristina* ouvi chamar *Dina*, como *Nico* a um *Nicolau*. Diz-se também *Lena* por *Helena*, etc., etc.

([3]) *Deutsches Namenbüchlein*, pág. 22.

([4]) No v século figura o rei dos pancos *Clodoven* sob o nome *Chlódio*, *Teodórico*, aparece chamado simplesmente *Teodo*, etc. Em muitas partes — acrescenta — declara-se expressamente que o nome encurtado está pelo completo (por exemplo: Cannabam sive Cannabandem, Landefridus qui et Lanzo, Thictmar barbarice Timmo e outros), págs. 19-20.

Como nas demais produções do seu espírito, o homem deixou na antroponimia bem patente a sua diversa feição e modo de ser; revela-se isso em especial quando comparamos entre si os nomes usados pelos antigos povos, sobretudo Germanos, Gregos e Romanos. Emquanto nos dêstes transluz o seu amor à pastorícia ou criação de gado, como era natural num povo dado exclusivamente à agricultura, e nada há que deixe ver qualquer preocupação das coisas da arte, mas tudo nêles é trivial, não passando além dos interesses materiais da existência, nos dos Gregos e Germanos sente-se palpitar a vida do espírito por forma bem visível. Os dos últimos sobretudo dão-nos a conhecer o seu espírito bélico e qualidades guerreiras com tal nitidez, que por momentos temos a impressão de estarmos a ouvir toques de clarim que convidam à guerra, afigura-se-nos ver as mulheres, como realmente as pinta Tácito na sua *Germânia*, fora de si de terror ante a simples ideia do cativeiro, de braços erguidos e peitos descobertos, correrem para os homens — maridos, noivos e filhos — a incutir-lhes valor e coragem contra o inimigo (1), e depois os cantos de alegria pela vitória alcançada; nos dos Gregos palpita em tôda a sua fôrça, o amor da glória, obtida, quer nos campos da batalha pelas armas, na praça pública pela eloqüência trovejante, nos hipódromos, pelas correrias dos corseis bem adestrados.

«Os nomes Germânicos — diz E. Ritter (2) — teem carácter másculo e selvagem, falam de guerras, de combates, de vitórias, referem-se a nobres qualidades do corpo ou do espírito; não há aí uma alcunha, nenhuma dessas designações malignas e cheias de desprêzo ou baixas, que foram mais tarde produto da vida burguesa... Tomados no seu conjunto êsses nomes revelam vida mais rude e mais simples».

Os nomes hebraicos, mais do que os restantes, são testemunho da religiosidade dêsse povo; quási que não há um só

---

(1) *Memoriae proditur* — diz êle — *quasdam acies inclinatas jam et labantes a feminis restitutas constantia precum et objectu pectorum et monstrata comminus captivitate quam longe impatientius feminarum suarum nomine timent*, etc.

(2) *Les Noms de Famille* no *Recueil de travaux originaux* ou *traduits, relatifs à la Philologie et à l'histoire littéraire*, 5.° fascículo, Paris, Franck, 1875.

donde não transpire a crença de que para o hebreu nada havia além de Jehovah, para quem ia todo o seu respeito, tôda a gratidão e em cujo amparo só confiava. Evidentemente que nem todos os nomes revelam a mesma antiguidade, sendo os mais modernos aqueles em que, como muitos dos existentes entre os Germanos e Gregos, passaram de comuns a próprios, isto é, os que revèlam já poder de observação e análise das qualidades físicas ou morais daqueles a quem foram impostos.

Quanto à sua formação, a maioria dos nomes Germanos e Gregos (e também Celtas) compõe-se de duas raízes ou antes temas, uma, a segunda, a determinante, outra a determinada, isto é, esta completando aquela, assim por exemplo: *Gertrudes*, *Frederico*, *Joana*, *Teodoro*, etc.; casos há, porém, sobretudo nos de proveniência grega, em que os componentes podem estar invertidos, sem que com isso sofra a sua significação, como em *Beltrão* e *Ramberto*, *Filodemo* e *Demófilo*, etc. Tanto uns como outros remontam a alta antiguidade certamente, a um tempo em que ainda se compreendia o que êles queriam dizer. Referindo-se em especial aos primeiros, diz F. Khull, que, na sua maioria, eram *nomes de bênção*, isto é, nomes em que, aos recemnascidos eram impostas duas noções gerais, como frase de bênção, às quais faziam, quási sempre, já parte da família. No mesmo número e classificação julgo deverem incluir-se também aqueles dos quais um elemento, em geral o primeiro, era constituido por um nome de animal, como o urso, o lobo, o javali, a águia, o corvo e a serpente. Porque alguns dêstes, o lobo, o corvo e o jovali, se tinham na conta de santos, por serem consagrados, os dois primeiros, a Wodan, o deus das batalhas, e o terceiro a Freyr, ao darem-nos a seus filhos os Germanos entendiam de-certo comunicar-lhes não só parte do carácter sagrado que êles possuíam, mas também as qualidades de que eram emblema (1).

Mas, nos nomes que se impunham às crianças acontecia

(1) Entre os Gregos, que me lembre, os animais cujos nomes figuram nos de homens, são o cavalo, o lobo e o leão; êste último tembém penetrou mais tarde na antroponimia germânica, vindo a suplantar, a pesar de estranho às florestas da Germânia, o rei delas, que era o urso: cf. A. Bähnisch, *Deutsche Personennamen*, pág. 34.

até por vezes reflectir-se a união íntima daqueles a quem deviam a existência, visto como dos dois elementos que o constituíam, na maioria dos casos, um era propriedade do pai, emquanto o outro vinha-lhe da mãi. Dêste modo se representava em um ser único a fusão íntima de dois, como produto do afecto mútuo que os prendia, união realmente muito expressiva e reveladora do mútuo afecto, à qual a língua se prestava à maravilha. Assim é que a filha de um Teodulfo e de uma Ercomberta chamava-se Teodeberta; Ingobod foi o nome de um filho de certo Adalbod e de uma Inghild. Acresce ainda, que, sendo a mesma ideia expressa por palavras diferentes, resultava haver bastantes nomes de sentido igual, mas de forma diversa.

Processo idêntico apresenta a formação dos nomes gregos; não admira, pois, que, embora formados por têrmos diferentes, êles, não poucas vezes, coincidam, na sua significação, com os germânicos; a única diferença talvez que se deva fazer é que naqueles o número de temas, porque precisamente não muito escolhido, era extraordinàriamente grande, emquanto nestes se reduzia a pequena quantidade, visto compreender sobretudo os que, em si continham ideias só que representavam ou se referiam aos seus sentimentos piedosos, guerreiros, amantes da fôrça e congéneres (1).

É escusado lembrar que a nossa antroponimia é tôda estrangeira; foi dos povos acabados de mencionar, que principalmente tomamos, em épocas mais ou menos antigas, os nomes de que nos servimos. Estranho é, que do convívio com os Arabes mui poucos nos tenham vindo; explica-se isso talvez porque, a quando da sua irrupção na Península, já à nossa antroponimia estava constituída na sua grande parte.

Muitos, é certo, recebemos depois dêles por intermédio da religião e da literatura, fontes estas, que no tempo do seu domínio entre nós, eram, a primeira inteiramente, e a segunda quási inaproveitáveis.

---

(1) Cf. F. Khull, pág. 16. Isso não obstante, diz Augusto Fick: «Investigando-se cuidadosamente as leis de formação dos nomes germânicos, podia-se constituir uma quantidade tal de nomes que bastaria para dar um nome especial a cada um dos 50 milhões de indivíduos que compõem a Alemanha. Apud *Unsere Taufnamen* (introdução).

Como na língua comum, os nomes próprios também revelam na sua forma a sua maior ou menor antiguidade, podendo, portanto, classificar-se igualmente de populares e literários, existindo por vezes também as duas formas, assim: *Aldonça* e *Aldegundes*, *Iria* e *Irene*, *Matilde* e *Mafalda*, *Marina* e *Marinha*, etc. Ainda como nos comuns, os nomes próprios estão sujeitos à moda, desaparecendo do uso uns, para darem lugar a outros. Muito mais do que naqueles, a sua criação ultrapassa por vezes, a meu ver, tôdas as regras da composição ou derivação, apresentando aspecto verdadeiramente arbitrário e, portanto, insusceptível de análise, sob qualquer ponto de vista filológico e, portanto, indecifrável no seu sentido (1).

Importância especial tem para nós os nomes que os Visigodos nos legaram, ao tempo da sua dominação no Norte de Portugal e Galiza, porquanto ainda aí vivem, depois das transformações que os tempos lhes trouxeram, em muitas povoações de cá e de lá. Proveem êles, na sua maioria, do caso genitivo, que, como é sabido, em latim, entre outras relações, indicava a posse: precedia-os o nome *villa*, ou seja a *quinta* que servia de habitação a um indivíduo, em geral abastado, e em volta da qual se achavam os tugúrios dos seus servos; com o andar dos tempos, o que era apenas uma *villa* tornou-se povoado, desaparecendo, portanto, do uso o têrmo latino, ficando só o do seu proprietário, no caso indicado; assim: *Guimarães*, *Jesufrei* e tantos outros.

O nome constitue propriedade de indivíduo, é o seu verdadeiro representante, acompanhando-o durante a vida e depois dela. Tanto isto é assim, que desde os tempos mais remotos, quando a alguém se queria, por meios supersticiosos, fazer mal, bastava momeá-lo nesses esconjuros, a que os Romanos chamavam *defixio* e os Gregos κατάδεσμος e constam de quási inúmeras inscrições, encontradas em diferentes partes do velho mundo. Nos povos antigos o conhecimento

(1) Exemplo bem frisante do arbítrio ou fantasia que por vezes preside à criação dos nomes, é o caso referido por Leite de Vasconcellos, na sua *Antroponimia*, pág. 90, de um pai, que, tendo já uma filha chamada *Ida*, porque desconhecia a verdadeira significação desta palavra, que julgava ser o substantivo da língua comum, de igual forma, derivado do verbo *ir*, a outra que depois lhe veio, pôs-lhe o nome de *Volta*!

dos nomes dos deuses era de especial importância, porque, quando em guerra uns com os outros, procuravam, por meio de preces e sacrifícios, atrair a sua protecção, afastando-os dos que eram seus adoradores, que por esta razão procuravam quanto podiam ocultá-los.

Tanto o nome anda ou se considera ligado à pessoa ou coisa a que pertence, que evitamos pronunciar os de seres malfazejos ou de objectos de significado de mau agouro, já deformando-os, já substituindo-os por outros de sentido oposto; assim: *diacho*, *dianho*, etc., *Cabo da boa esperança*, etc., respectivamente, por *diabo* e *Cabo das tormentas*.

É conhecido o uso estabelecido entre as ordens religiosas de os seus membros, ao ingressarem nelas, mudarem por outro o nome que antes tinham, dando assim a entender que se despojavam de tudo quanto do mundo traziam. Semelhante uso era por vezes observado pelos reis e ainda o é hoje pelos papas.

Mas também à significação do nome se tem ligado importância, pretendendo ver nêle um bom ou mau agouro. Assim, os Romanos, que com Planto (cf. *Persa*, 4, 473) julgavam unidos o *nomen* e o *omen*, atendiam a que na lista dos soldados o primeiro da série tivesse um nome de bom agouro, como *Valerius*, o forte; *Statorius*, o firme, e igualmente nos sacrifícios pelo exército e pelo povo os dos que conduziam ao altar os animais que haviam de ser sacrificados (*Cic. de dev.*, 1, 102). A êste respeito conta-se que, na manhã da batalha de Accis, Octaviano encontrou um homem com um burro e, tendo-lhe preguntado como se chamava, soube que o nome dêle era *Eutiquio* (*Eutychus* ou o feliz) e o do animal *Nicon* (isto é, o vencedor). A boa sorte que tais nomes prognosticavam realizou-se brilhantemente com a vitória alcançada, e Octaviano, em memória, mandou erigir uma estátua de homem com um burro.

A

Aarão ou **Arão**, nome hebraico, cuja tradução em português é: *montanhês* ou *alto*, *elevado*, em sentido metafórico, ou ainda *iluminado*, *inspirado* [1]; figura na Bíblia e no

[1] Tetzner interpreta: *o que entumescendo germina.*

Calendário. No *Onomástico Medieval*, de Cortesão, há como nome geográfico *Aarones*, hoje *Arões*, e, como nome de homem um *Aron*; não me parece, contudo, que tenham qualquer relação com aquele.

Abão (Abbão) (1), nome que, segundo o *Ementário*, figura no Calendário e tenho por idêntico ao germânico *Abbo*, que se interpreta por o *pequeno silfo ou duende* ou hipocorístico de *Alberico*, *Adalbero*.

Abdão ou **Abdas**, nome hebraico, que quer dizer *servo* (2), com a ideia subentendida de *do Senhor*, ideia que aliás vem expressa no seu composto *Abedeel* ou *Abediel*. Outra forma do mesmo é *Abdias* (3). São seus equivalentes, quanto ao sentido, *Dulas*, *Servo*, *Teódulo* e *Servideu*. Na Bíblia figura *Abdão*, *Abdias* e *Abedeel*; no Calendário *Abdas*. No *Onomástico Medieval*, de Cortesão, há um *Abdil* (4), que, se não é o mesmo que *Abdiel* (5) deve ter sentido idêntico.

---

(1) Embora se lhe assine o dia 27 de Outubro, creio ser o mesmo que *Abbon*, a que o *Ementário* e outros marcam 13 de Novembro; a êste dão os alemães a forma *Abbo*.

(2) Pròpriamente o nome *servo* é *ebed* e assim se chamava o pai de Gaal, que capitaneou a rebelião contra Abimelech, corresponde-lhe *abd* em árabe, que por igual forma entra na composição de vários nomes, como *Abdallah*, *Abdelkader*, *Abderrahmen*, que são sinónimos entre si, divergindo do primeiro os dois últimos apenas em se referirem às qualidades de *poderoso* e *misericordioso*, que, entre outras, fazem parte da natureza de *Allah* ou *Deus*.

(3) O *Obadiah* da Versão dos Setenta difere de *Abdeel* apenas no segundo elemento *Iah*, outra das várias designações da divindade entre os Hebreus.

(4) No citado *Onomástico*, além dêste, encontram-se mais os seguintes nomes: *Abdallaaziz*, *Abdelarahmen*, que se me afigura outra forma de *Abderahmen*, ou *Abdirrahmen*, *Abdella*, *Abdiran* e *Abdonna*, talvez o feminino de *Abdon* ou *Abdão*.

(5) Na minha mocidade, quando freqüentei o liceu de Faro, havia lá um professor, conhecido pelo Padre Mestre Vivas, que, nos seus escritos, usava do pseudónimo *Abdiel*, o *algarvio*, embora não fôsse do Algarve, segundo ouvi dizer então.

Abel, nome bíblico bastante conhecido que, traduzido do hebraico, donde provém, para português, quer dizer, segundo uns, *sôpro*, *vaidade*, com referência talvez à vida curta do que primeiro o usou, segundo outros, *exalação, vapor agradável*, tendo em vista certamente a piedade do mesmo que só oferecia a Deus em sacrifício o que de melhor tinha no seu rebanho (cf. *Genesis*, IV, 4) (1).

Abia ou **Abiah** (2), nome hebraico de mulher, constante da Bíblia, que quer dizer: *Deus é pai* (3); o seu uso entre nós, se existe, é raro.

Abiel, nome de homem, de procedência hebraica, que se interpreta por *pai da fôrça*.

Abieser, nome de homem, de igual origem e constante da Bíblia, traduzem-no por *pai do auxílio*.

Abigail, nome de mulher (4), de origem hebraica, cuja tradução em português é: *o pai é alegria* ou *tem alegrado* (5); embora não figure no calendário cristão, é contudo usado, de certo por ter sido o de uma das mulheres do rei David.

Abilio, nome gentilício (ou de família) romano, cujo sentido se ignora; figura no Calendário, mas a sua introdução deve ser moderna.

Abner, nome de homem, de procedência hebraica, que se interpreta por *pai de luz*; consta da Bíblia.

---

(1) Há ainda outra interpretação, a dos assiriólogos, que encontram relação entre êste nome e o assírio *ablu*, *abal* ou filho (cf. *Assurbanipal*).

(2) Chama-se assim, isto é, *Abiah Renter*, uma senhora doutora alemã, que actualmente (1931) se encontra em Lisboa, procedendo a estudos históricos, porém Tetzner inclue *Abia* entre os nomes masculinos.

(3) Cf. no Evangelho de S. Marcos, XIV, *abba*, que lá se traduz por *pater* o nome *Abigail*. Note-se que pròpriamente *-ia* (ou *iah*) quer dizer *Jehovah*, um dos vários nomes da divindade entre os Judeus.

(4) O *Ementário Luso-Brasileiro* dá-o como comum de dois.

(5) No *Dic. inglês*, de Webster, traduz-se por *alegria de meu pai*; a *New International Encyclopaedia* interpreta-o por *o meu pai é alegria* ou *pai da alegria*; assim, igualmente Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen*; a tradução acima é dada pelo *Dict. of the Bible*.

Abraão, nome hebraico, que quer dizer *pai de multidão* ou numerosa descedência e, tendo sido o de um dos principais patriarcas dos Hebreus, foi depois também o de vários santos do Calendário; entre nós, que me conste, só foi usado por indivíduos pertencentes à raça judaica.

Abril, nome do mês, caracterizado pelo *abrir* (em latim *aperire*) dos renovos das plantas, que, como os de outros (cf. *Januário*, etc.) se usou também para designar pessoas ([1]), mas hoje creio ter-se tornado obsoleto.

Absalão, nome hebraico, que quer dizer *pai da paz* e figura tanto na Bíblia como no Calendário; o seu uso entre nós parece confirmado pelo patronímico *Absaloniz*, que se lê em antigos documentos.

Abundância, nome comum da língua latina, que o era também de uma deusa; por esta razão provàvelmente foi dado a mulheres ([2]); dêle se tirou o masculino *Abundâncio*, que figura no Calendário e ainda no *Onomástico Medieval* sob as formas latina e semi-portuguesa ([3]), isto é, *Abundantius* e *Abundanzo* (z = c). No Calendário está largamente representado *Abundio*, que se me afigura um divergente do adjectivo *abundus*, equivalente no sentido a *abundans* ou *abundante* da mesma raiz.

Acácio, nome grego, que quer dizer: *o que não* (ἀ) *faz mal* (κακός); tem feminino regular e ambos os géneros acham-se representados no Calendário; o seu uso, porém, entre nós deve ser de data recente; quanto ao sentido, veja-se o latino *Inocêncio*.

Acindino ([4]), nome representante do adjectivo grego ἀκίνδυνος,

---

(1) Entre os fidalgos dos *Nobiliários* figura um D. Abril Perez ou Pirez, senhor de Lumiares; seus filhos foram D. Urraca Abril e Pero Abril.

(2) Leite de Vasconcellos na sua *Antroponímia*, a pág. 26 filia o nome na «ideia de contentamento que resultava de entrarem no seio da Igreja os respectivos indivíduos». Em Pompei existe uma rua chamada assim, em razão da estátua da deusa aí encontrada.

(3) A inteiramente portuguesa seria *Avondanço*; cf. o adv. *ávonde*, existente no povo, que representa o lat. *abunde*.

(4) No *Martyrologio* assim e *Acyndino*; esta última grafia é a única adoptada pelo *Ementário*, que regista

que quer dizer *isento de perigo*; tem feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário.

Acmé, nome comum grego que, à semelhança de outros, passou a próprio de mulher e, como tal, se interpreta por *flor*.

Aconcio, nome da mesma procedência, que quer dizer: *atirador, o que lança dardos*.

Acrísio, nome grego, constante da respectiva mitologia (1), que quer dizer: *o que não* (ἀ) *julga* ou *discerne* (-κρίσιος de κρίνω) ou *o falho de percepção clara*, é de introdução moderna.

Açucena, nome de mulher, de origem arábica, tomado da *flor* assim chamada; é, portanto, sinónimo de *Susana*.

Acúrcio ou **Acúrsio**, nome, ao que parece, de proveniência romana e talvez hipocorístico, pelo qual os pais desejavam ao filho uma *corrida* ou *vida* (feliz): cf. *Boaventura*. A sua introdução na língua deve ser moderna, tomado talvez do italiano, como pensa Leite de Vasconcellos (*Antroponimia*, 66): figura no martirológio, como sendo o de um dos santos mártires de Marrocos; a *Crónica dos Frades Menores*, que dêle e dos seus companheiros se ocupa de págs. 23 a 36, traduz por *Acurso* o *Accursius* do original latino.

Adail, nome comum, de procedência árabe, que passou também a próprio, segundo vejo no *Século*, de 27 de Abril de 1931 (2).

Adalardo, nome germânico, que significa *forte (-ardo* de *hart) em nobreza (adal-*, hoje *edel)* e figura no Calendário; a sua forma, porém, actualmente em uso, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, é *Adelardo*.

Adalbaldo ou **Adalbardo**, por dissimilação consonântica vulgar *(l... l=l... r)*, nome de proveniência germânica, cuja significação em português é *combatente, herói (-baldo* de *balt), nobre*.

Adalberão, veja-se **Adalbero**.

---

também outra *Ascindino*. Entre os Romanos havia *Acindynus* e *Acindinus*.

(1) Assim se chamava o pai de *Danae*, seduzida por Júpiter, que para isso se transformou em chuva de oiro: cf. Ramorino, *Mitologia clássica*, pág. 254.

(2) Na secção intitulada *Ecos da Sociedade* fala-se de um dr. Adail Duarte Videiras.

Adalbero, nome germânico, que significa *dominador, príncipe (-bero* de *ber*, pròriamente *urso) nobre*, cujo feminino é *Adalbéria* ([1]); outra forma do mesmo deve ser talvez *Adalberão* ou *Adalberon*, como se chamou um célebre bispo de Reims, que exerceu o cargo de chanceler de Lotário e Luís V de França e sagrou Hugo Capeto, para cuja elevação ao trono contribuiu.

Adalberto, nome de proveniência germânica, cuja significação é *brilhante (-berto* de *berht* ou *beraht* no velho alto-alemão, inglês *bright)* ou *ilustre por nobreza* ou *raça* ([2]) *(adal-*, hoje *adel)*. Formas divergentes do mesmo nome, mas de igual sentido, são *Adelberto* e *Etelberto* (ou *Ethelberto*), e encurtada, já na língua originária, pela redução de *adal-* a *al-*, é Alberto. Todos possuem feminino regular e teem representação no Calendário, porém só no género masculino. Deminutivo ou hipocorístico da forma contracta, é *Albertino*, que igualmente tem feminino regular. No *Onomástico Medieval* aparece o patronímico de *Alberto*, isto é, *Albertiz* e ainda *Albertim* ([3]) (sôbre a equivalência do suf. *-im* a *-ino*, cf. *Bernardim*, a-par de *Bernardino*. Afora estes nomes, há ainda *Aldeberto*, com o respectivo feminino que deve ser uma variante de *Adelberto* ([4]).

Adalelmo ou **Adelelmo**, como, segundo diz o *Ementário Luso-*

([1]) Assim, no *Ementário Luso-Brasileiro*, que lhe apõe a nota de *antigo*; a terminação *-ia* indica, a meu ver, forma alatinada.

([2]) ou *nobre raça*. Assim, o livrinho *Unsere Taufnamen*. Mas poderá também traduzir-se por *nobre ilustre*. «A palavra *adel*, antes *adal*, indica não só a origem nobre, como também a nobre maneira de pensar, porque de um sangue puro e nobre se concluia — não sem razão — um nobre pensar». F. Khull, *Deutsches Namenbüchlein*, pág. 24.

([3]) Embora lá se não registe *Alberto*, as duas formas acima fazem supor a sua existência entre nós já no século XIII.

([4]) Sigo a opinião de A. Bass e Tetner (cf. do 1.º *Heutsche Vornamen*, do 2.º *Namenbuch)*, que veem no primeiro componente *adel-* e não *ald-*; a ser êste, a sua significação seria: *brilhante pela idade* (talvez no sentido de *experiência*): cf. *Aldegundes*, em que parece ter-se dado a mesma troca.

-*Brasileiro*, hoje se usa, é nome germânico que, traduzido em português, significa *protecção (-elmo* de *helm) nobre* ou *de nobre* e não consta ter feito parte da nossa antiga antroponímia.

Adalfredo, nome de proveniência germânica, que quer dizer *pacificador (-fredo* de *frid*, hoje *friede*, pròpriamente *paz) nobre*. O *Ementário* dá como existentes *Adelpeda* e *Adelfrida*, que evidentemente são os femininos daquêle.

Adalgiso (1), nome de origem germânica, cuja tradução em português é *lança (=combatente) (-giso) nobre* (cf. *Adelaide)* (2); tem feminino regular, mas só o masculino consta do Calendário (3).

Adalzira nome de mulher, de procedência germânica, que poderá talvez traduzir-se por *nobre* (cf. *Adalbaldo*, etc.) *ornamento* (4); deve ser de introdução moderna, pois nem o *Ementário* o cita.

Ádamas, nome pelo qual os Gregos designavam «*o aço mais duro* ou *o diamante*, nos autores mais modernos» (5), e pelos mesmos dado também a pessoas, talvez no sentido figurado do *duro inflexível*. Outra forma do mesmo, proveniente, segundo parece, do caso genitivo, é *Adámanto* (no *Ementário Adamantho*). Dêle derivam o adjectivo *Adamantino*, tornado também nome de pessoa, sob esta forma e a de *Diamantino*, que nas duas possue feminino regular, e *Adamâncio*, os quais devem ter interpretação idêntica à do primitivo.

---

(1) O *Ementário* regista também a forma *Adalgise*; em alemão *Adelgis*, pela evolução do antigo *adal* em *adel*, hoje *edel*, e também *Algis*.

(2) Assim, Bass e Tetzner, mas o livrinho *Unsere Taufnamen* traduz por: *nobre fiador* ou *abonador (gis, gisal*, guarda-costas). Com efeito, o primeiro dêstes autores, dá ao elemento *gisal* (na escrita também *gis*) estas duas interpretações: 1.°, forte, dominador; 2.°, soberano, príncipe, e entre outros nomes em que êle entra, enumera *Adalgisa*.

(3) Assim informa Fumagalli, no seu *Dizionario dei nomi propri*, porém do *Ementário*, nem do *Martyrologio* êle consta como tal.

(4) Assim, Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 455).

(5) Cf. Alexandre, *Dict. Grec-Français*.

Adámasto, nome de homem, de procedência grega, que quer dizer: *não* (ἀ) *domado* (-δάμαστος) ou indomável; originàriamente deve ter sido alcunha.

Adão, nome hebraico, que na sua origem foi comum e designava, quer um *ser humano* único, quer a *humanidade* em geral ([1]); além do pretenso progenitor do género humano, outros foram assim chamados, entre êles um frade franciscano que figura na *Crónica da Ordem dos Frades Menores.*

Adaucto, nome que na sua origem é particípio do verbo latino *adaugere*, significando, portanto, *acrescentado;* é possível que a princípio fôsse dado ao filho que, pelo seu aparecimento, vinha *acrescentar* o número dos já existentes ([2]); figura no Calendário. O *Ementário* regista um feminino *Adauta*, com a nota de antigo, que julgo corresponder-lhe.

Adelaide, nome de mulher, de procedência germânica, que quer dizer: *a de raça, qualidade, maneira (-aide* de *heid) nobre (adel)* ([3]). O *Ementário* da-o como figurando no Calendário; a sua introdução entre nós é, todavia, moderna, não constando de documentos antigos.

Adelardo, nome germânico, que quer dizer *de nobreza* (cf. *Adalberto*, etc.) *forte (-ardo* de *hart)* ou vice-versa *forte em nobreza;* acha-se representado no Calendário.

Adelberto, veja-se **Adalberto.**

Adelelmo, nome de origem germânica, cuja significação é *nobre protecção* ([4]); consta do Calendário. Forma con-

---

([1]) Também tem sido interpretado por *homem de terra* e ainda *terra vermelha* e *brotado da terra;* a tradução dada acima é a do *Dicionário latino português*, de Saraiva.

([2]) Entre os cristãos talvez tivesse o sentido de *acrescentado* em *graça*, isto é, *santo, agradável a Deus*, que enchia de graça ao indivíduo assim chamado.

([3]) Müllenhof, no seu livro *Zur Runenlehre*, diz que o elemento *heid*, correspondente ao gótico *haidus*, velho alto alemão *heit*, velho saxónio *hed* e velho inglês *had*, tem o sentido de *genus, gens, populus* ou seja raça, qualidade, povo: cf. o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc.

([4]) À letra *nobre elmo.* Entenda-se *protecção que vem dos* ou talvez antes *que recai ou incide sôbre os nobres*, isto é, em que estes podem ser agentes ou pacientes.

tracta do mesmo deve ser *Adelmo* (1), donde se fêz *Adelmino* e daqui provàvelmente o feminino *Delminda* (2), de cujo uso sou informado. Outra forma do mesmo, resultante da troca, de que há vários exemplos (3), do primeiro elemento *adel-* por *ald-*, é *Aldelmo*, que possue feminino regular e figura no Calendário.

Adelfo, nome grego, que quer dizer *irmão*, figura no Calendário, mas o seu uso é muito limitado, ocorre todavia em antigos documentos; é seu deminutivo *Adelfino*.

Adélio, nome germânico, que quer dizer *o nobre* (cf. *Adelaide*, etc.) e tem feminino regular, isto é, *Adélia*. Variante do mesmo é *Adelino* (4), cujo feminino os forma regularmente, usando-se também a-par dêle *Alina* (5). Todos estes nomes são de introdução moderna; no Calendário, segundo o *Ementário*, acham-se representados apenas *Adélia* e *Alina*.

Adelmaro (6), nome de origem germânica, que quer dizer *afamado* ou *ilustre (-mar)* por *nobreza*; outra forma do mesmo é *Almaro*. Divergem dêle apenas no segundo componente, aliás de sentido idêntico (cf. *Valdemar* e

---

(1) Assim explica o autor do *Ementário*; corresponde-lhe em alemão *Adhelm* (=*Adhelmo*, em português), cujo primeiro elemento tanto pode representar *adel*, como *ad* por *od*; neste último caso a sua tradução será *protecção da propriedade*.

(2) Sôbre a equivalência entre *-ino* e *-indo*, que por vezes se observa, cf. *Laurina* e *Laurinda*, etc.

(3) Veja-se *Aldegundes*.

(4) Há também *Adelindo* com o respectivo feminino que, pela equivalência, que por vezes parece existir entre os sufixos *-indo (-inda)* e *-ino (-ina)*, se poderia considerar variante de *Adelino*, mas, como em alemão há o nome *Adelinde*, que está por *Adellinde* e significa *nobre (adel-) serpente (-linde)*, é preferível ver em *Adelino* e *Adelindo* nomes diferentes. Leite de Vasconcellos (*Antrop.*, pág. 93), menciona também *Adelindina*.

(5) Também *Aline*, no *Ementário*, forma visìvelmente não aportuguesada.

(6) O *Ementário* regista também *Adelmauro*, que se me afigura alteração daquêle.

Valdemiro, etc.), *Almiro*, *Elmiro* e *Delmiro* ([1]), que possuem femininos regulares.

Adeltrudes, nome de mulher, de proveniência germânica, que quer dizer: *a nobre amada* ou *feiticeira* ([2]) (sôbre os seus componentes, cf. *Adelaide*, *Gertrudes*, etc.; oufras formas do mesmo, *Aldetrudes* e *Edeltrudes* ([3]), figurando no Calendário, segundo o *Ementário*, apenas a última; de tôdas, porém, o uso, se existe, é muito restrito.

([1]) Destas três formas, a última pode explicar-se por queda da vogal inicial *a-* (cf. a minha *Gram. Histórica*, § 26-1), *Almiro* resultaria da queda do *-d-* intervocálico (id., 40 B 2), absorção do *e* pelo *a*, em *Elmiro* ter-se-ia dado troca do *al-* por *el-*, cf. *Eldonça*. Em um documento do séc. X encontra-se *Aldemiro*, que poderá representar um primitivo *Adalmiro* ou *Adelmiro*, mediante permuta de *adel-* por *ald-*, cf. *Aldegundes*. Poderá ainda explicar-se *Almiro* como resultante por dissimilação do antigo *Armiro*, vivo ainda no topónimo *Armil* (do caso genitivo), que já assim aparece em doc. de 1258, mas *Armira* noutro de 968; neste caso traduzir-se-ia por *aguia (ar-) ilustre*. Também há quem dê a *Almira* (e, portanto, a *Almiro)* origem árabe e traduza êste nome por *alta, elevada*. Tetzener e Bass registam apenas *Almar*, mas é sabido que o segundo componente toma também as formas *-mer* e *-mir*.

([2]) A. Bass traduz o segundo elemento por *amada* e observa que as *Trudes* ou *Drudes* eram virgens misteriosas, as *Valquirias*, guerreiras femininas, heroinas que a crença supunha reünirem-se em volta de Odin e sua esposa, cf. *Deutsche Mythologie*, de F. Kauffman *(Sammlung Göschen)*. No provençal existe o substantivo *drudo* com o sentido de *amante* (cf. A. Restori, *Letteratura Provenzale*, da colecção Manueli Hoepli). O livrinho *Unsere Taufnamen* interpreta do mesmo modo, mas também por *feiticeira*, como aliás o faz o citado Bass em *Hiltrudes*.

([3]) Também *Edeltruda* ou *Ediltrudes* no *Ementário*. Variantes desta e das acima devem ser as formas *Altrudes* e *Eltrudes* citadas no mesmo. Êste repositório menciona ainda *Aliatrudes* e no *Onomástico Medieval* ocorre *Alatrudia*, mas como nome de homem, provàvelmente por lapso, num documento de 946; a meu ver, serão divergentes do nome acima explicado.

Ademar ou **Ademaro**, nome de igual origem, que quer dizer *afamado* ou *ilustre* (cf. *Valdemar* (1), etc.) *combatente* ou *guerreiro (ade-* de *had-)*; não o regista o *Ementário*, menciona-o, porém, Tetzner, no seu *Namenbruh*.

Adeodato, nome ou antes frase latina que vale tanto como *o dado por Deus*, segundo a significação dos três elementos de que se compõe; outra forma do mesmo é *Deodato*, com perda da vogal inicial, isto é, da preposição *a*, que naquêle se junta a *deo*, a indicar o agente da passiva, mas emquanto o primeiro tem no *Ementário* os dois géneros, êste só ali figura no masculino. Há também *Donato* (2), com o respectivo feminino *Donata* e seus derivados, *Donaciano* e *Donatila*, *Dato* (3), *Dativo*, feminino *Dativa*, formas que se me afiguram encurtadas, isto é, em que o complemento de agente se omitiu; tôdas elas concorrem no Calendário. Sentido idêntico, mas na voz activa tem os nomes *Deulodeu* (4), o correspondente feminino *Deuladeu* (5); de um e outro existem exemplos em antigos documentos.

Aderico ou **Adrico**, nome germânico que quer dizer *senhor* ou *príncipe* (cf. *Frederico*) *guerreiro (ade-* de *hathu)*; nos

---

(1) Equivalente ao sufixo germânico *-mar*, parece ser o μωρός do grego, que ocorre, por exemplo, em ἐγχεσίμωρος *(Odisseia*, III, 189), isto é, afamado na lança: cf. edição Ameis-Nentze, pág. 83.

(2) No *Onomástico Medieval*, a-par de *Donato*, lá figura também a respectiva forma semi-aportuguesada, *Donado*, com um *Donadoz*, que tem a aparência de patronímico; pròpriamente *Donato*, a que corresponde na língua comum *doado*, quer dizer: *dado* (scil. *por Deus*) *de presente* ou *em dom*; quanto ao sentido cf. os hebraicos *João*, *Ana*, *Jonatas*, *Mateus*, o grego *Teodoro*, etc. Como apelido vive ainda *Deusdado*.

(3) Deminutivo de *Dato* é *Datino*, que consta do *Onomástico Medieval* e vive no topónimo *Dadim*, representante do seu genitivo.

(4) Expressão idêntica mas latina é *Deusdedit*, que figura no Calendário.

(5) Em Monção existe a tradição de uma heroína chamada *Deuladeu Martins* e o seu nome era o de uma praça, pelo menos há anos.

antigos diplomas tem, além da primeira das formas dadas, a de *Aderigo*; no toponímia há *Adorigo* e *Adourigo* que talvez [1] sejam seus representantes; no Calendário figura a segunda daquelas.

Adérito, adjectivo grego, que quer dizer *invencível*, e, tendo provàvelmente, como tantos outros, sido a princípio simples alcunha, depois passou a nome próprio de pessoas; o *Ementário* dá-lhe feminino regular [2], mas no Calendário apenas o masculino tem representação.

Adiel, nome de homem, de origem hebraica, que quer dizer: *adorno de Deus*.

Adjuto, nome latino, que quer dizer: *ajudado*, provàvelmente em sentido religioso, isto é, *aquele a quem Deus ajuda*, tem feminino regular [3], mas só o masculino figura no Calendário. Procedentes da mesma raiz, há ainda *Adjutor* [4], à letra *o que ajuda* ou *auxilia*, representado também no Calendário e nos documentos medievais; encontram-se, além de *Adjuto*, a mais *Adjuvando* (escrito em latim *Adjuvandus)*, pròpriamente: *o que merece* ou *deve ser ajudado* e *Ajudoiro*, que, na qualidade de substantivo, faz parte da língua comum arcaica, tendo na moderna sido substituido por *ajuda* ou *auxílio*.

Admeto, nome grego, de sentido igual a *Adamasto* [5]; tem feminino regular.

Ado ou **Addo**, nome germânico, que se interpreta por *o pequeno nobre* e é forma hipocorística dos começados assim; julgo ser o mesmo que o *Adon*, citado pelo *Martyrologio*.

Adolfo, nome de proveniência germânica que, embora evolucionado de *Ataulfo* ou *Athaulfo* — assim se chamava, como é sabido, o primeiro rei dos Visigodos — concorre

---

(1) A persistência de *-d-* em vocábulos que, como os toponímicos, devem ter cunho popular, levam a dúvida da sua correspondência.

(2) O *Martyrologio* acentua a penúltima, acentuação que segue o *Ementário* no masculino, pois o feminino fa-lo esdrúxulo; no grego ἀδήριτος.

(3) Também *Ajuta* no *Ementário*.

(4) Na língua comum *ajudador*, tirado de *ajudar*.

(5) Pape tradu-lo pelo alemão *Sieghard* ou seja *forte na vitória*.

já com êste ou o seu representante posterior *Adaulfo*, mas ainda então sob a forma *Adulfo*; segundo os elementos que o compõem, quer dizer *nobre (ath* donde *adel*: cf. *Adelaide*, etc.) *lobo (-ulf*, got. *wulfs*; em alemão e inglês *wolf)*. Nos mesmos documentos figura ainda o patronímico *Adulfiz*; no Calendário encontram-se as duas formas mencionadas, *Adulfo* e *Adolfo* ([1]); deminutivo desta deve ser *Adolfino*, registado no *Ementário* com os dois géneros. Vivem nos topónimos *Adaúfe* e *Adoufe* a forma primitiva e a que se lhe seguiu.

Adosindo, nome de origem germânica, que quer dizer: *poderoso* ou *excelente* (conforme o segundo elemento *-sindo* representar *-sint* ou *swint)* ([2]) *no combate* e tem feminino regular, isto é, *Adosinda*, formas que nos mais antigos documentos concorrem com estoutras: *Adesindo*, *Adozindo*, *Adosenda*, *Adosinda*, *Ausindo*, *Ausinda* e *Ausenda* ([3]),

---

([1]) É falsa, como se vê, a grafia com *ph*. No *Martyrologio* só há *Adulpho*.

([2]) A. Bass, no seu livro *Deutsche Vornamen*, interpreta a raiz *-sint* por: 1.°, *grande*, *poderoso*; 2.°, *senhor*, *soberano* e *-swint* por: 1.°, *apressado*, *rápido*, *excelente*; 2.°, *celeridade*, *rapidez*, *robustez*. Leite de Vasconcellos, seguindo Förstemann, traduz *-sindo* por «andamento, expedição»; é possivel que entre as duas raizes se tenha dado confusão. O citado A. Bass, entre os nomes de mulher, menciona *Hadeswint*, que, a meu ver, poderia ter dado *Adesinda* ou *Adosinda*.

([3]) Afora estas, os antigos documentos teem as formas *Adousinda*, *Adousenda*, *Adausenda*, *Aldozinda*, *Aldozendo* e *Eldosindo*, cujo primeiro elemento julgo ser diferente e representar não *hadu-* ou *combate*, mas *adal-* ou *adel*, que quer dizer *nobreza*; podendo a respectiva evolução ter sido esta: **Adalsinda*] **Aalsinda*] **Alsinda*] *Ausinda*] *Ausenda*; acresce ainda que A. Bass menciona *Adelswinde*, *Adalswinth* e *Adalswinda*, que traduz por: *a mulher nobre no frescor da vida (die edle Lebensfrische)*. Observa o autor do *Ementário* que *Adosinda* ou *Elosinda* se chamou uma santa portuguesa, irmã de S. Rosendo, filha de Santa Ilduara ou Aldara e de D. Guterres Arias, conde de Águeda e governador do Pôrto; como, porém, não se encontra no *Onomástico* a segunda das formas citadas, talvez se deva corrigir *Elosinda* em *Eldosinda*

sendo esta última, segundo creio, a única actualmente em uso, chamando-se assim também a personagem que deu o seu nome a um romance popular conhecido (1).

Adrasto, nome grego, que quer dizer: *o que não foge* (ἀ mais *διδράσκω) ou *inevitável*; não figura no Calendário e é de uso raro.

Adriano ou **Hadriano**, nome pelo qual os Romanos designavam *o natural de Adria* (ou *Hadria*), antiga cidade de Itália, hoje talvez *Atri*, tendo, portanto, sido na sua origem um apelido, como tantos outros; possue feminino regular; afora aquela forma literária, existe a popular *Adrião* (2), constando ambas do Calendário; neste figura também uma santa *Adria* (3), que parece ser o primitivo. Do *Onomástico Medieval* consta um *Adranus* no século XII (?), forma que talvez esteja por *Adrianus*. O *Ementário* regista ainda *Adriando* com o respectivo feminino, que diz ser igual a *Adriano*.

Adventor, nome latino tomado da língua comum, onde significa: *visitador*, *hóspede* e também *estrangeiro*; como próprio de homem figura no Calendário.

Afer ou **Afro**, nome com que os antigos designavam os habitantes da região chamada depois *África* (4) e se presume ser de origem fenícia (5); dêste último se tirou mais tarde

---

ou *Eldesinda (Ildesinda)*. Das várias maneiras por que o nome do nosso primeiro Rei aparece escrito nos documentos medievos (*Adefonso*, *Aldefonsus*, *Ildefonso*, *Eldefonsus*: cf. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, III, 79) e bem assim das diversas formas dadas parece deduzir-se que, na bôca do povo, se confundiam os temas *eld-* (*ild-*) e *ald-*: cf. *Eldonça*. Existe também a forma *Dozinda*, pois assim se chama uma professora do liceu (D. Dozinda de Carvalho Alcântara).

(1) Pode ver-se em Garrett, vol. I, do *Romanceiro* e em Teófilo Braga, vol. II, do *Romanceiro Geral Português*; outra versão dá êste no vol I, pág. 392.

(2) No *Martyrologio*, *Adrion*.

(3) No *Ementário* cita-se um *Adriás*, masculino, com a nota de antigo, que tem áspecto de relacionar-se com o mesmo nome.

(4) Assim opina Kleinpaul, *Länder und Völkernamen*, p. 72.

(5) Note-se que para os antigos êste nome designava apenas parte do Norte do mesmo continente.

Africano, com igual sentido; os três passaram a dar-se a pessoas, com os dois géneros formados regularmente, sendo o feminino do primeiro já como tal usado pelos Romanos; no Calendário figura êle com o masculino do terceiro. É possível que *Afranio* (1), já conhecido também do mesmo povo e que possue também feminino formado regularmente, tenha idêntica origem.

Afonso, nome de proveniência germânica, resultante da forma mais antiga *Adefonso* (2), pela queda do *e* protónico e assimilação da consoante precedente à que se lhe segue, donde a grafia *Affonso* que, a-par da actual, ocorre nos documentos antigos (3); em vista dos elementos de que se compõe, poderá traduzir-se por: *pronto* ou *desejoso* (4) (*-fonso* de *-funs*) *para* ou *de combate* (cf. *Adosindo*); tem feminino regular e dêste ainda o deminutivo *Afonsina*, mas só o masculino tem representação no Calendário.

Afrodísio (Aphrodisio), adjectivo grego, que passou também a nome próprio, no sentido talvez de: *consagrado a Afrodite* (5) (a deusa Vénus dos Romanos), tem feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário; deve ser de introdução moderna.

Aftónio (Aphthonio), adjectivo grego, que quer dizer: *que não* (ἀ) *tem inveja* (φθόνος) e passou a nome próprio, figurando no Calendário

Ágada (6), veja-se **Agueda**.

Agapito, nome grego, que quer dizer: *amado*, *querido*; outra

---

(1) Talvez em latim tivesse havido igualmente *afranus* com o mesmo valor de *africus*, mas com sufixo diferente.

(2) Encontra-se esta num documento de 773 (?) e o seu patronímico *Adefonsiz* noutros de 1031 e 1048; também *Adefons* ainda em 1097; cita-a igualmente o *Ementário*, com nota de antiga.

(3) Assim, *Affonso* e *Afonso*, em diplomas, respectivamente, de 1045 ou 1096 e 1024.

(4) Esta interpretação é de Detter, *Deutsche Wörterbuch*, s. v. *adel*; os outros autores que consultei traduzem por: *pronto* ou *inclinado*.

(5) Pròpriamente *o que diz respeito a Afrodite*.

(6) Assim, num documento de 1330: cf. *Revista Lusitana*, XXI, pág. 272.

forma do mesmo, que reproduz inteiramente a original e precedeu a actual, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, é *Agapeto*, que sem dúvida deve de representar um derivado de *Agapio*; tanto um como outro possuem feminino regular e acham-se representados no Calendário (1).

Agar, como se chamou a serva de Sara, mulher de Abraão, é nome hebraico, que quer dizer *fugitiva* (pròpriamente *vôo*, *emigração*, aquêle sentido tem em árabe *Hagar*: cf. *hegira*).

Agatângelo (Agathangelo), nome grego que, segundo os elementos de que se compõe, se deve traduzir por: *bom mensageiro*; figura no Calendário.

Ágato, nome procedente do grupo, onde tem a forma ἀγαθός ou *Agatho*, que é também um adjectivo de língua comum, que quer dizer *bom* (2); é seu feminino regular *Ágata*, que na bôca do povo se transformou em *Águeda* e mais comumente *Águeda*. Outra forma do mesmo creio ser *Gadea*, que, como têrmo geográfico, precedida de *Santa*, ocorre ser *Onomástico Medieval*. Variante do primeiro é *Agatão* ou *Agathão*, que tem, portanto, igual sentido; mas no Calendário só figura êste e o feminino do primeiro, que o *Martyrologio* escreve *Agada*. Como tantos outros, pertenciam estes nomes à antroponímica greco-latina.

Agatocles (Agathocles), nome grego, que, traduzido em português, diz: *bom ilustre*, isto é, *o de boa* (ἀγαθο-) *fama* (κλέος); deve ser seu feminino *Agatoclia* (*Agathoclia*) que figura no Calendario.

Agatodoro (Agathodoro), nome de igual procedência, que quer dizer: *bom presente* ou *dom*; figura no Calendário, isso não obstante, o seu uso creio ser bastante raro.

---

(1) Asssim informa o repositório citado acima, porém o *Martyrologio Romano* regista *Agapito*, *Agápio* e no feminino *Ágape* e *Ágapes*, sendo, a meu ver, a última forma divergente da que a precede, que em grego é um substantivo que significa *amor* e entre os primeiros cristãos designava refeição em comum.

(2) Também se poderia pensar na pedra preciosa chamada *ágata*: cf. *Margarida*, *Esmeralda*, etc.

Agatónico (Agathonico), nome grego, que em virtude dos seus componentes, se deve traduzir por forte (αγαθο-) *na vitória;* possue feminino regular, achando-se os dois géneros representados no Calendário.

Agatopo (Agathopo), nome grego, que o foi de um santo mártir, de que se faz menção no Calendário e quererá dizer: *o de bons olhos* (1), se o segundo elemento, como se me afigura, se relaciona com ὀπή, ὀπωπή, etc.; a ser exacta a interpretação que aqui dou, foi originàriamente uma alcunha.

Agatópodes (Agathopodes) (2), nome grego, que, em virtude dos elementos que o compõem, julgo querer dizer: *o de excelentes* ou *bons* (αγαθο-) *pés* (3) (πόδες), devendo, como tantos outros, ter sido a princípio uma alcunha; figura no Calendário.

Agavo, nome grego, que se traduz por *brilhante* (4) e foi talvez na sua origem simples alcunha; o seu feminino é *Agave.* Entre os santos há dois chamados, um *Agabo,* outro *Agabio,* a meu ver duas formas do mesmo nome. No *Onomástico Medieval* encontro, mas como apelido, um *Agabo* (pròpriamente *Agabi,* que julgo ser o genitivo). Quanto ao sentido cf. *Berto.*

Agenor, adjectivo grego, que passou a empregar-se também como nome próprio, e quer dizer: *soberbo, valente, bravo,* pròpriamente *muito* (ἄγαν) *viril* (ἀνήρ = *homem*).

Ageo (Aggeo), nome hebraico, que se interpreta por *festivo;* consta da Bíblia e do Calendário.

Agerico, nome germânico, sinónimo de *Branderico,* do qual diverge só no primeiro componente *age-*, aliás de sentido idêntico.

Agesilau, nome grego, de homem, que, em virtude dos seus componentes, se traduz por: *o que conduz* ou *guia* (ἄγω) *o povo* (λαός), isto é, talvez no sentido de exército e, portanto, o general ou comandante; o seu uso creio ser raro, se é que existe.

---

(1) Pape traduz por *homem bonito.*

(2) Assim, no *Martyrologio,* mas *Agathopodo* no *Ementário.*

(3) Segundo Pape, *o de belas pernas.*

(4) Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen* interpretam, respectivamente, por: *ilustre, magnífico, orgulhoso* e *nobre, afamado.*

Agilulfo ou **Agilolfo**, nome de homem, tomado do germânico, e cuja tradução em português é *lobo* (cf. *Adolfo*, etc.) *na espada* ou *temível* (1); outras formas do mesmo são *Agiulfo*, *Ajulfo* e, porventura, ainda *Aigulfo (Aygulpho* (2) no *Martyrologio)*, a única que tem representação no Calendário; no *Onomástico Medieval* figura *Aiulfo* com o respectivo patronímico *Ajulfiz*.

Agisaldo (3), nome de homem, de proveniência germânica, que quererá dizer: *experimentado* ou *forte* (conforme o elemento *-aldo* representar *-alt* (cf. *Alda*, etc.) ou *-hard*) *na espada*; se existe, o seu uso é raro.

Aglaia, **Aglae** ou **Aglaes**, formas várias do mesmo nome grego, que significa *resplandecente* (ἀγλα-) *em formosura* (4) e se lê, como sendo o de sua mãi, na *Vida de S. Alexo*, tradução portuguesa dos princípios do século XIV.

Agliberto, nome de um santo do Calendário, de sentido idêntico a *Egberto*, de que diverge apenas no primeiro componente, aliás uma das várias formas representantes do mesmo tema. Outras, que o mesmo tem, são *Agilberto* e *Egilberto*; referidas ao mesmo personagem, isto é, ao santo festejado em 24 de Junho, o *Martyrologio* regista a primeira, mas os Calendários alemães as duas restantes.

Agnelo, nome latino, que de diminutivo de *agnus*, o *anho* português, passou a aplicar-se também a pessoas, na sua origem, de-certo como expressão do desejo de que a pessoa a quem era dado tivesse as qualidades de *mansidão* e *doçura* próprias do animalzinho assim chamado; conquanto figure no Calendário, êste nome é uso raro; em

(1) O tema *ekk* toma várias formas, tais como *agil-*, *egil-*, *agi-*, *gil-*, *eg-*, etc., e quer dizer pròpriamente *espada*, *gume*, *ponta*; mas Meyer-Lübke interpreta por *medo*, *temor*.

(2) O *-ph-* com que o *Ementário* e o *Martyrologio* grafam êste nome não tem, como se vê, razão de ser.

(3) Em alemão vive ainda *Agishard*.

(4) Pròpriamente ἀγλαία é um substantivo, que quer dizer: *brilho*, *beleza*, *adôrno* (cf. *Dict. étym. de la langue grecque*, de Boisacq, s. v. ἀγλαός) e, portanto, poderemos traduzir o nome acima por: *a que pelos seus adornos faz realçar a sua beleza natural*; segundo Pape *(Wörterbuch der griech. Eigennamen)*, um equivalente de *Holda*.

um documento de 1258 há um *Anho*, mas na qualidade de apelido.

Agobardo, nome de homem, de origem germânica, que se interpreta por: *espada (ago-) -machado*; consta do Calendário; é possível que *Agoardo*, que também é nome de santo, seja seu divergente; pode, porém, ser que o segundo elemento seja o *hard-* e então quererá dizer: *forte na espada*, isto é, em manejá-la.

Agoberto, nome germânico, que quer dizer: *brilhante* ou *ilustre* (cf. *Berto*, etc.) *na espada*, isto é, como interpreto no seu manejo; tem feminino regular.

Agrícola (1), nome latino, que de comum, tendo como tal a significação de *o que cultiva* ou *trabalha (-cola) o campo* ou *a terra (agri-)*, passou a próprio, ainda entre os Romanos, e figura no Calendário; variante do mesmo, julgo ser *Agricolau*. Do primeiro componente de ambos, aliás comum ao latim e grego, afigura-se-me provir *Agrício*, que igualmente se acha representado no Calendário, devendo, portanto, ter o sentido de *camponês*. Na última das línguas referidas há o adjectivo ἄγροικος, de que aquêle nome poderá representar forma divergente.

Agripa, isto é, o que ao ser dado à luz, contra o usual, apresenta os pés em vez da cabeça, segundo a explicação que dêste nome dão os escritores romanos (2); dêle proveem os deminutivos *Agripino*, *Agripina*, que, figurando no Calendário, são todavia de emprêgo recente entre nós.

Agripino, **Agripina**, veja-se **Agripa**.

Aicardo, como se chama um santo que a Igreja festeja a 15 de Setembro, é nome germânico que, em virtude dos seus componentes, quer dizer: *forte (-ardo* por *hard) na espada (aic-* em vez de *ek-)*, isto é, guerreiro terrível; no Calendário alemão chama-se-lhe *Ekhard*.

Aida, nome de mulher, que, julgo, a opera de Verdi, assim chamada, popularizou; é possivel que a sua origem esteja no gótico *haidus* (3), que entra em composição em *Ade-*

---

(1) O *Ementário* diz ser êste nome comum de dois, como *Agripa*, etc.

(2) Cf. Plínio, *Hist. Nat.*, VII, 8; Quintiliano, *De Inst. Orat.*, I, 4, 25.

(3) Talvez por isso o *Ementário* regista também a grafia

laide; sendo assim, quererá dizer: *a de raça*, ou seja, *de família distinta*. No *Martyrologio* há um nome *Aidano*, que talvez tènha a mesma origem e portanto significação.

Aires, forma ocorrente já no século XV, mas que foi precedida por estas: *Airas* e *Arias* ([1]), é nome de provável origem germânica, no qual entra a raiz *ar-*, que quer dizer *águia*, porém *príncipe* ou *senhor*, quando em composição: cf. *Arnaldo*, etc.

Aitalas (Aithalas) ([2]), nome de um santo que a Igreja comemóra a 22 de Abril e se me afigura variante do adjectivo grego αἴθαλος, devendo assim traduzir-se por *ardente*.

Aladino, nome de proveniência germânica, que se traduz por *o velhinho* ([3]); outra forma, dada pelo *Ementário*, é *Aladin*, que é também a alemã.

Alarico, como se chamaram dois reis visigodos, é nome germânico que se pode traduzir por *todo-poderoso*; da sua existência entre nós em época antiga dão testemunho o patronímico *Alariquizi*, constante de um documento do séc. XI, e o topónimo *Ariz*, cujas formas anteriores, se-

---

Haida. Na pronúncia o *ai* soa geralmente como ditongo, mas o francês diz *Aïde*. Porque a acção se passa no velho Egipto, poderá ser que o autor do respectivo *libretto* tenha ido buscar o nome à antiga língua dêsse país ou o haja formado com elementos dela tirados, sendo opinião geral, como diz Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 455), que é criação dêle.

([1]) O *Ementário* regista também *Ara* ou *Aria*, como nome de um antigo bispo de Lisboa; creio êrro de transcrição, pois o nome, na qualidade referida é Airas Veaz (hoje Vaz).

([2]) No *Ementário* também *Aithala*, mas, contràriamente ao *Martyrologio*, com asento na penúltima.

([3]) Assim Tetzner, que observa ser esta forma variante romanizada dos nomes em *all*, mas o mesmo nome ou antes *Aladin* tem igualmente origem árabe e esta por *Alaeddin*, pròpriamente *Allah-ed-Din* ou seja *a lei de Deus*. Nos contos orientais, intitulados *As mil e uma noites*, há um assim denominado. Nas *Palmblætter* ou *Fôlhas de palmeira* de Herder e Liebeskind, colecção de contos orientais, entra um ao qual os seus autores deram o mesmo nome: cf. *Contes populaires*, de Grimm, Musaeus, etc., edição da livraria Hachette, pág. 377.

gundo mostram velhos diplomas, foram *Aariz*, *Alariz* e *Alarizi*. O *Ementário* regista o feminino *Alarica* ([1]).

Alba ou **Alva** ([2]), nome da mulher, representante do adjectivo latino *albus*, no feminino, que deu o português *alvo*; como substantivo, designa provàvelmente desde o latino o aparecimento do dia e a túnica com que os padres dizem missa, de-certo pela sua côr *branca*; é seu derivado *Albino* ([3]), que parece ter feito parte da nossa antiga antroponímia, a ajuizar do apelido *Alvim*, que se lê num documento do século XIII e provém respectivo congenitivo, figurando também na toponímia, e tem feminino regular, constando os dois géneros do calendário.

Albano, nome com que entre os Romanos era designado o indivíduo *natural de Alba* ([4]), uma das cidades do antigo Lacio cuja fundação se atribuia a Eneas; o seu feminino é regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário e em documentos dos séculos X e XI, quer na forma citada, quer na de *Alvano*, com o patronímico *Alvaniz*, quer ainda na de *Alvão*, que representa a pronúncia popular e figura como apelido em diplomas do século XIII.

Alberico, nome germânico de homem que quer dizer: *rei* ou *príncipe (-rico* de *rich) dos elfos (alb-*, hoje *elfe)* ([5]); figura

---

([1]) Assim Tetzner, Bass e o livrinho *Unsere Taufnamen*, observando aqueles autores que *al-*, no comêço de nomes alemães, equivale a *alt* (todo) ou é contracção de *adel*. Há também quem tenha *ala-* por *alach*, que quer dizer *templo*, *santuário*, neste caso a tradução seria *príncipe* ou *rei* (cf. *Frederico*, etc.) *santo*.

([2]) O *Ementário* dá *Alva* como existente; o masculino *Alvo* conheço-o, mas só como apelido. Divergente do latino *Albus* é *Albius*, nome que, entre outros personagens, teve o poeta romano Tibulls.

([3]) Cf. *Alboim*.

([4]) Na opinião de Tetzner da mesma raíz e por tanto significado que *Albino*; o mesmo cita ainda, como tendo igual origem, os romanos *Albidius* e *Albucius*, Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 66) dá-lhes origem geográfica.

([5]) Isto é, aquele que os dominava, estando por isso seguro de ser por êles protegido. Um ilustre escritor inglês

no Calendário e nos nossos antigos documentos, onde tem a forma mais nacional *Alverigo Alvariz* [1].

Alboflédia [2], nome de mulher de origem germânica que quer dizer *espírito (albo-*; cf. o actual alemão *elfe), belo (-fledia* de *flat).*

Alboim ou **Alboino** [3], nome germânico que quer dizer *aquele de quem os Elfos (alb-) são amigos* (cf. *Balduíno*) *ou protectores*; assim se chamou um dos reis dos Lombardos.

Alcibiades, nome grego de homem que, em virtude da sinonímia dos seus dois componentes (ἀλκή e βία = fôrça), se poderá traduzir por: *o dotado de muita fôrça* ou *fortíssimo* [4], figura no Calendário.

---

que há anos reside entre nós e é um apaixonado cultor da nossa literatura, sôbre a qual tem publicado valiosos trabalhos, o sr. Bell, tem por primeiro nome *Aubrey*, que poderá representar evolução daquele, se não preferirmos ver nele outra forma de *Alfredo.*

(1) No *Onom. Medieval* registam-se, como apelidos *Alnarizi* e *Alnariz*, formas resultantes de uma única **Alnarici*, cujo acento pode estar na penúltima ou na antipenúltima (cf. por exemplo *Romarizi*, donde *Romariz* e *Menendizi*, hoje *Mendes*, etc.); no primeiro caso podia explicar-se pelo genitivo de *Alberico* (sôbre a troca do *b* por *v* e passagem do *e* a *a*, sob influência do *r* veja-se a minha *Gramática Histórica*, §§ 43, B e 26,2), no segundo por um patronímico de *Alvaro*; ora, como na toponímia há *Alváres*, afigura-se-me preferivel a segunda explicação, concluindo-se daí que esta forma terá sido a primitiva, tirando-se posteriormente de *Alvaro* entra hoje a única subsistente entre os apelidos, isto é *Álvares.*

(2) É esta a forma dada pelo *Ementário Luso-Brasileiro*, Alfredo Bass, porém, nos seus *Beiträge*, menciona *Albofleda* e *Albfledis.*

(3) Em alemão, além da forma citada há *Albwin* e *Alwin*, podendo desta última provir também *Albino*; F. Khull, no seu *Deutsches Namenbrichlein*, informa constarem elas do Calendário.

(4) É escusado advertir que êste sentido pertence pròpriamente a um suposto *Alcibia*, pois o δης é um sufixo patronímico: cf. G. Curtius, *Gramática da Lingua Grega* (tradução italiana), § 348.

Alcimo, nome de homem, de procedência grega que quer dizer *forte, valente* [1]. O mesmo tema se encontra nos compostos *Alcibiades, Alcimaco (Alcimacho)* e *Alcimedes*, os quais, em harmonia com o seu segundo elemento, deverão traduzir-se respectivamente por: *de forte vida, que combate valentemente, de fortes projectos* ou *pensamentos*, figurando no Calendário, segundo informa o *Ementário*, de todos êles apenas *Alcibiades.*

Alcinoo (ou **Alcinou**, como também se transcreve o grego Ἀλκίνοος), nome do lendário rei dos Faecos, quer dizer: *o de fortes pensamentos*, isto é, *prudente, sábio;* outra forma dêste deve ser *Alcino*, donde provàvelmente se formou *Alcindo*, que tem feminino regular [2].

Alcuino, nome germânico, cuja tradução em português é: «amigo do templo»; figura no Calendário. Outra forma do mesmo deve ser *Alovino.*

Aldara, veja-se **Ilduara.**

Aldeberto, veja-se **Adalberto.**

Aldebrando ou **Aldobrando** [3], nome germânico, que quer dizer *combatente (brando* por *brand* ou *espada flamejante) respeitável* ou *experimentado (alde-* por *alt*, pròpriamente *velho);* acha-se representado no Calendário e dêle deriva *Aldobrandino;* um e outro fazem o feminino regularmente.

Aldegarda, nome de mulher, de procedência germânica, que

---

(1) Há quem tenha Ἄλκιμος por uma grecização do hebraico *Alcimo*, que quer dizer *Deus levanta.*

(2) Assim opina Leite de Vasconcellos (cf. *Antroponímia*, págs. 81 e 439). Como é sabido, o arcade Domingos dos Reis Quita assim se chamava.

(3) Segundo o *Ementário Luso-Brasileiro* é esta a forma hoje em uso, à outra apõe-lhe a nota de antiga; todavia *Núpcias aldobrandinas* é o nome de um notável fresco romano conservado no Vaticano; A. Bass tem só *Aldobrant;* quer-me parecer que, ao contrário do que diz o repositório citado, foi da segunda que por dissimilação vocálica e tendência natural da língua (cf. *somana* e *semana*, etc.) que resultou a primeira A. Bass e Petzner veem no primeiro elemento não *ald-* mas *adel-* e traduzem portanto por *espada nobre.*

em português quer dizer: *nobre (alde-* por *adel*: cf. em alemão *Adelgard) protectora*. No *Ementário* regista-se *Adegarda* [1], que suponho ser outra forma do mesmo nome: cf. *Aldegundes*.

Aldegundes, nome de mulher, de proveniência germânica, que quer dizer: *velha*, isto é, *experimentada* (cf. *Aldo*, etc.) *no combate (-gunde)* [2]. É sob esta forma que êle figura no *Martyrologio Romano*, mas, afora essa, o *Ementário* regista mais estas: *Aldegunda*, *Aldegonda* e ainda *Adegunda*, *Adegonda* e *Adegundes* [3]; sôbre o *s* final cf. *Matildes*. Muito mais antiga do que elas, pois consta já de um documento do século X, é *Aldegundia*, donde, por evolução natural dos respectivos sons, provém *Aldonça* (em certo diploma de 1258 *Aldonza*), que é a forma genuinamente popular; segundo o citado *Ementário*, assim se chama também uma santa nossa, natural de Alenquer [4], e um lugar ha, na frèguesia de Vilaça, con-

---

(1) Ai também *Adgarda*.

(2) Porque a actual antroponimia alemã conhece apenas *Adelgunde* (ou *Adalgunde*) e *Algunde*, sou levado a crêr que a primeira destas formas foi a primitiva, tendo-se, em época já bastante antiga, como se vê acima, o componente *adel-* mudado para *alde-*, de-certo sob influência dos nomes assim começados. Acresce ainda, em justifacação do que penso, que no mesmo dia em que o *Martyrologio* comemora *Santa Aldegundes*, isto é, 30 de Janeiro, veneram os alemães *Santa Adelgunde*. Uma princesa de origem portuguesa, casada com o príncipe Henrique de Bourbon, que figura no *Almanaque de Goltra*, tem ai o nome de *Adelgonde*. Neste caso a sua tradução em português deve ser *nobre* (adel) *combatente*.

(3) Nestas três formas o povo assimila o *l* ao *d* assimilação já antiga, como se vê de *Adegundia* dos documentos (note-se que Meyer-Lübtu vê aqui o mesmo tema que em *Adosindo*); nas três restantes, mais adiante mencionadas, julgo haver-se dado, nas duas primeiras, assimilação também do *d* ao *g*, depois da queda do *e* pretónico, e do *n* ao *l*, talvez por etimologia popular; a última resultou certamente da segunda, por dissimilação freqüente neste caso.

(4) Essa santa diz o mesmo repositório chamar-se também *Dulce*. Desconheço a sua existência, o que sei é que

celho de Braga, com igual denominação; outras formas ainda regista o mesmo repositório, que são *Algonça*, *Aldolça* e *Aldorça* (¹) e se me afiguram variantes populares daquela.

Alderico ou **Aldrico**, nome de homem de proveniência germânica, que, em virtude dos elementos de que se compõe, se deverá traduzir por *príncipe* ou *senhor venerável pela sua idade*; parece, porém, mais provável que represente apenas uma variante de *Hildérico*.

Aldo, forma hipocorística dos nomes germânicos assim começados e que se pode traduzir por *velho*, no sentido de *experiente*; o respectivo femenino *Alda* não só é de uso muito maior, mas já bastante antigo, porquanto figura na *Chanson de Roland*, como próprio da noiva do herói, encontrando-se entre nós em documentos do século XV (²).

Aldonça, veja-se **Aldegundes**.

Aldosindo (³), nome de proveniência germânica, cuja tradução em português é: *velho*, isto é, *experiente senhor* ou *sobe-*

---

uma *Passio sanctorum Martyrum... iu Marochio martyrizatorum*, que se encontra como *Appendix* I na *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum* e me parece relacionar-se com a segunda *Legenda sanctorum martyrum Morochii*, que vem nos P. M. H. *(Scriptores)*, conta que, vindo de Coimbra, os santos padres chegaram a Alenquer, onde estava a infanta D. Sancha, que lá se diz ser filha, como realmente era, de D. Sancho I e da raínha D. Aldonça, que os respectivos editores, em nota, rectificam em *Douce*. Ora dos documentos antigos sabe-se que o nome desta era *Doce*. Parece-me haver aqui confusão entre a mãi e a filha, pois só esta me consta estar beatificada. De passagem seja dito que tanto o *Ementário* como a *Corografia* de Baptista escrevem erradamente *Aldonsa*, grafia que, a par da verdadeira, aparece também noutras redacções da referida *Chronica*.

(¹) No *Ementário Aldorsa*.

(²) Gil Vicente, na comédia da *Rubena*, entre outros romances populares, cita o de *Don'Alda*; o mesmo nome tem uma quinta ou sítio nos arredores de Portimão.

(³) No *Onomástico Medieval* não se encontra esta forma, mas só a femenina; deduz-se, porém, de *Aldozendi*, que é o seu respectivo genitivo e indica têrmo geográfico; actual-

rano (cf. *Aldo* e *Aldosindo*; tem femenino regular ou seja *Aldosinda*), que figura na topónimia.

Aldredo, nome germânico, que provém imediatamente de *Alderedo*, forma esta que com o respectivo patronímico *Alderedız* consta de antigos documentos e quer dizer, *velho* (*alde* de *aldi*) *conselheiro* (*redo* de *reth*, hoje *rat*, pròpriamente conselho); na toponímia acha-se representado por *Aldreu*, antes *Aldrei* e *Aldarem* (¹).

Alegria, nome comum, derivado do adjectivo *alegre*, que representa o latim popular **alecre*, em vez do clássico *alăcris*, e costuma empregar-se também como próprio, quando dado a indivíduos do sexo feminino, como o seu género. Quanto ao sentido veja-se *Hilaria* (²).

Aleixo (³), nome grego popularizado na Idade-Média pela vida penitente e miraculosa do santo assim chamado (⁴) e cuja significação é *o que afasta* (um mal), *defende*, *protege* (ἀλεξι-); no *Ementário Luso-Brasileiro* dão-se como existentes o feminino *Aleixa* e o seu diminutivo *Aleixina* ou *Alexina*.

Aleu, nome de homem, importado do grego, cuja significação é *desgraçado*, *mesquinho*, pròpriamente *desterrado*. Sei de um médico que assim se chama, e, embora o *Ementário* o classifique de antigo, não encontro tal nome nos documentos de mim conhecidos.

Alexandre, nome grego que quer dizer *o que se guarda* (ἀλέξει)

---

mente como tal só o femenino se menciona no *Dicionário Corográfico* de Baptista.

(¹) Cf. P. de Azevedo na *Revista Lusitana*, vol. XII, pág. 324.

(²) No *Diário de Notícias* de 17-VII-1919, na secção *Diário Mundano*, fala-se numa D. Alegria Vieira de Castro, residente no Funchal (Madeira) e consta-me que é nome predilecto de judias.

(³) A par desta, que é a mais vulgar, há também as formas *Alexo* e *Alexis*.

(⁴) Assim: do século XI existe o poema francês sôbre êsse assunto; na livraria dos antigos monges de Alcobaça encontram-se três redacções, uma em latim e duas em português; estas que pertencem aos fins do século XIII ou princípios do XIV acham-se publicadas no vol. I da *Revista Lusitana*.

dos homens (ἄνδρας) [1]; outras formas do mesmo, constantes de escritos que vão do século XV ao XVIII, são *Alixandre*, *Aleixandre* e *Alexandro*, tendo-se desta última tirado o feminino *Alexandra*; é seu diminutivo *Alexandrino*, que tem feminino regular, a par de *Alexandrela*, e dêste *Alexandrinela*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* também regista e com o feminino que o precede são os únicos nomes não representados no Calendário.

Alfeu (Alpheu), nome designativo de um rio, hoje chamado Ruphia, o mais importante dos do Pelaponeso [2], de aspecto grego, o qual passou a próprio de pessoas, figurando como tal no Calendário [3].

Alfio (Alphio), nome de homem de procedência grega, já usado como tal pelos Romanos, que se me afigura talvez um divergente de ἀλφός, que quer dizer *branco* (cf. o latim *albus*); figura no Calendário; quanto ao sentido cf. *Branca*.

Alfonso, nome de origem germânica, que se me afigura proveniente, pela queda do *-d-* e simplificação do *-a-* duplo, de forma mais antiga **Adalfonso*, tornada depois *Adelfonso* [4], constante de um diploma de 1050; pelos elementos que o constituem quererá significar: *pronto* ou *desejoso de nobreza* [5] (cf. *Afonso* e *Adelaide*); daqui, pela substi-

---

(1) Ou, como traduz Kleinpaul, *o que defende a pele, como bom esgrimista*; na qualidade de adjectivo o *Dicionário* de Alexandre verte por *o que repele os inimigos*; Leite de Vasconcellos traduz por: «o que defende ou protege o homem ou os homens», igual tradução trás o livrinho *Unsere Tanfnamen*, etc. Na bôca do povo, o *a-* inicial cai assim em *Alexandre*, como nos seus derivados.

(2) Cf. *Lexique de Geographie Ancienne* de M. Bernier, s. v.

(3) Na sua origem designava o deus do rio assim chamado, isto é, *branco*, devido certamente à limpidez das suas águas, o qual a mitologia grega dizia ser filho de Oceano e Thetis; de ser um nome divino veiu sem dúvida a aplicar-se a pessoas, como sucedeu a tantos outros.

(4) A par desta forma o *Onomastico Medieval* tem *Aldefonso*, que se me afigura variante de *Ildefonso* (cf. *Eldonça*).

(5) O livrinho *Unsere Taufnamen* tem êste nome por visigótico-espanhol e fá-lo representante também ou de *adal-*

tuïção do *-f-* por *-h-*, que se observa em muitos vocábulos castelhanos, deve ter provindo primeiro **Alhonso* e depois *Alonso*, que tem feminino regular e deminutivo *Alonsina*, figurando, porém, no Calendário, segundo o *Ementário*, apenas o masculino; tanto esta ultima forma como a sua originária são hoje as em uso em Espanha, encontrando-se todavia a primeira com o seu deminutivo *Alfonsino* (1) em documentos portugueses respectivamente de 1041 e 1258.

Alfredo, nome anglo-saxónio (2) que se interpreta por *aquele a quem os deuses* (pròpriamente *os Elfos*) (3) *aconselham (-redo)*; tem feminino regular, porém ambas as formas, embora representadas no Calendário, afiguram-se-me modernas na lingua, sendo mais usada a masculina; de uso muito menor é o deminuitivo *Alfredino* com o correspondente feminino.

Alfrico, nome germânico, cuja tradução em português é *príncipe* (cf. *Frederico*, etc.) *dos Elfos* (cf. *Alfredo*, etc.); segundo o *Ementário*, que adopta a grafia estrangeira, isto é, *Alfric*, o seu feminino é *Alfrica*; se existe, creio ser de uso raro.

Alice, nome de mulher de procedência inglesa, recebido porém através do francês, que parece representar um hipocoris-

-funs, traduzindo-o portanto por: *decidido, pronto pela sua nobre raça*, ou de *hadu-fons*, interpretando-o por: *pronto para o combate* (cf. *Afonso)*, interpretação dada igualmente por Tetzner no seu *Namenbuch*; contudo Meyer Lubk vê no primeiro elemento *alls*, que quer dizer: *todo* ou *muito*. Êste mesmo autor cita a forma *Alafonsus*, que não vejo registada por Cortesão; a meu ver será um cruzamento entre *Afonso* e *Alfonso*.

(1) Em documento de 875 lê-se *Alffonso*, grafia na qual o *f* duplicado poderá ter resultado de assimilação do *d* ao *f*, estando por tanto por **Adeffonso*: cf. *Afonso*.

(2) O que lhe corresponde em alemão é *Albrad* ou *Alberad*.

(3) Dos nomes formados com *alf-* ou *alb-* vê-se que os Albos ou Elfos passavam por divindades bondosas e amigas, e assim se desejava e suplicava a sua protecção; cf. Golther *Mythol.*, 125).

tico de *Elisabeth* (1), isto é, o nosso *Isabel*; embora de introdução moderna, tornou-se vulgar; figura no Calendário.

Alípio, nome de procedência grega, já usado pelos Romanos como apelido e por isso originàriamente um adjectivo, isto é, ἄλυπος, cuja significação é: *o que não tem nem causa desgosto*, *inocente* ou *o que não faz mal* (2), tem feminino regular, mas só o masculino consta do Calendário; deve ser de introdução moderna.

Alovino, nome de proveniência germânica que se interpreta por: amigo do templo ou «muito amado» (3) ou ainda «amigo dos Elfos» (4); embora mencionado pelo *Ementário*, o seu uso, se existe, deve ser muito raro.

Alpino, adjectivo latino, que se aplicava ao que se referia aos Alpes (5) e passou o nome próprio de pessoas, ainda em tempo dos Romanos, pois assim se chama um poeta de que Horácio fala na Satira x do livro primeiro; segundo o *Ementário* tem feminino regular; é seu derivado *Alpiniano*, constante do Calendário.

Altão (Althão), nome de origem grega, que significa *o que cura* ou *o médico*; o seu feminino é *Altea (Althea)* (6), figurando no Calendário apenas o masculino, que também tem a forma *Althon*.

---

(1) Segundo Tetzner, vale o mesmo que *Alexandrina* e Tumagalli dá-o como feminino de *Aleixo*, do que duvido, ainda que a significação apresentada pelo *Ementário* de *a que repele* parece concordar com essas interpretações. O livrinho *Unsere Taufnamen* explica assim: *Alice*, ingl.: *Else*, *Elschen*.

(2) *O que tem pouco cuidado* na tradução de Pape.

(3) Assim A. Bass.

(4) Explicação do livrinho *Unsere Taufnamen*, etc. Os *Elfos* eram sêres fantásticos ou génios do ar.

(5) Neste nome o *b* celta foi substituído por *p*; o seu sentido é o de *região branca*, devido às neves ou gêlo que cobre estas montanhas; cf. Walde, *Lat. Etym. Wörterbuch* s. v. *Alpes* e *albus*.

(6) Em grego havia o nome próprio *Althaia* (donde *altea (althea)* da lingua comum) que significava *malva*, por isso *Althão* quererá dizer *o que cura com malvas*, sentido que tem outro nome próprio *Althaimenes*, como se chamaram vários individuos citados por Pape.

Altino, nome que se me afigura o latino *altinus* ou habitante da antiga cidade da Venecia chamada *Altinum*, se não é antes um derivado do adjectivo *altus* (1); neste caso aplicar-se-ia originàriamente a indivíduos de estatura fora do vulgar; forma o feminino regularmente, mas a sua entrada na língua deve ser de época muito recente.

Álvaro, nome germânico que significa *todo* ou *muito (al-*, hoje *all) atento, circunspecto (-varo* de *wars)* (2); figura no Calendário e com o respectivo patronímico *Alvarez* ocorre em antigos escritos, onde, tem igualmente as formas *Álvaro* ou *Alvro*, com queda regular da vogal postónica, e **Alvar*, resultante de próclise; aproveitou-o também a toponímia, quer na primeira das citadas formas, quer no deminutivo *Alvarinho*, nos dois números e no género feminino, quer ainda em *Alvarim*, que parece representar o genitivo do deminutivo acabado de citar, mas na foima *Alvarino* (3), que se deduz de *Alvarĩo*, que sem o til o *Onomastico Medieval* regista como apelido, e no patronímico *Alvares* (4).

Amadeu, nome de homem, composto do tema verbal latino *ama*, com valor antes de imperativo do que de indicativo, e de *-deu*, seu complemento directo, como tal em acusativo, mas sem o *m* final, na característica, que caíu, segundo a regra (5). Além desta forma; que é a mais corrente, regista o *Ementário* também *Amedeu* e *Amideu*,

---

(1) Parece inclinar-se para esta opinião o *Thesaurus Linguae Latinae*.

(2) Assim Meyer-Lübke, no entanto Leite de Vasconcellos *(Antroponímia*, pág. 33) diz «talvez germânico»; nem Bass, nem Tetzner o citam.

(3) Usa-se ainda o respectivo feminino, pelo menos regista-o o *Ementário;* no *Ouomastico Medieval* figura, como topónimo, talvez e que hoje se diz *Alvarinha*.

(4) Sôbre êste topónimo veja-se atrás *Alberico*.

(5) Informa Menendas Pidal na sua *Gram. Hist. española*, § 75,3 que os judeus espanhoes dos Balcans e Marrocos dizem *dió*, para evitarem o *-s*, que daria a tal nome feição de plural, dando a crer a quem os ouvisse que eram politeistas.

sem dúvida de importação italiana. O mesmo tema verbal, seguido dos sufixos: *-bilis* (que em português deu *vel)*, próprio de adjectivos e de sentido idêntico a *-ndus* do gerundivo, *-ntius*, tirado de *-nts* do particípio (cf. *Vicente* e *Vicencio)*, *-to* (evolucionado em *-do)* do do passado e *-tor* de agente ocorre respectivamente nestes nomes: *Amavel* e *Amabilia* ou *Mabília* (com perda da vogal inicial (cf. *amavioso* e *mavioso)* (1), *Amando* e respectivo feminino *Amanda* (também *Amândio, Amândia)*, donde *Amandino, Amandina, Amâncio, Amância, Amado, Amada* e *Amador*, nomes estes que, à excepção de *Amanda, Amândia, Amandino, Amandina*, se acham representados no Calendário; dos antigos documentos apenas contam *Amadeu, Amedeu, Amando* e *Amador* (2).

Amalberga ou **Amelberga** (3), nome de mulher de origem germânica, cujo significado é: *a laboriosa* (cf. *Amalia*, etc.), *protectora (berga* de *burgo)* ou *aquela cuja protecção se*

---

(1) A forma *Mabilia* não se encontra no *Ementário*, a-pesar-de se chamar assim uma personagem da tragicomédia de *Gil Vicente*, intitulada *Amadis de Gaula*, mas o citado repositório trás *Mavilia*, que é evidentemente o mesmo nome com a costumada troca do *b* por *v*, e *Mabelina*, que tem todo o aspecto de ser seu deminutivo; sôbre formações idênticas cf. *Rosália* e *Rosalina* Leite de Vasconcellos, que também o cita (cf. *Antroponímia*, págs. 92 e 456), vê aqui, talvez deformação de *Mabilda*, que, segundo êle, representa o alemão *Maghild*, de sentido igual a *Matilde*. Outra forma de *Mabilda*, consignada no *Ementário*, é *Mavilda* e sua divergente talvez *Mavildia*, dada pelo mesmo e usada, segundo leio no *Boletim do Liceu Normal de Lisboa*, n.º 2, pág. 111.

(2) Aos nomes citados deve ajuntar-se *Amadis*, muito em voga nos séculos XV e XVI, devido ao romance assim chamado, atribuído a Vasco de Lobeira. O *Ementário* menciona uma Santa, que diz ter sido portuguesa, natural de Setúbal, e se chamou *Ama*; êste nome afigura-se-me ser antes o substantivo comum de origem germânica do que o tema de que acima se fala.

(3) O *Ementário* tem as duas formas, mas Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen* só a primeira; no Calendário só a segunda.

manifesta em obras (1); assim se chama uma santa que a Igreja comemora a 10 de Julho.

Amalarico (2), nome de homem de proveniência germânica que quer dizer: *príncipe (-rico de rich) laborioso (amala*, cf. *Amalia*, etc.); outras formas do mesmo, constantes do *Ementário*, são: *Amalrico*, *Almerico* (3), *Almirique Aymerico* (4), *Amaury*, e seu derivado *Amauryno* com o respectivo feminino *Amaurina*, donde *Amaurinda*, e porventura ainda *Almério*, sôbre que se formaria *Almerindo* (5),

---

(1) Êste traduz por *a protectora do trabalho*, *a activa protectora* e explica que *berga* e *burga* em nomes femininos quer dizer *protectora* e é da mesma raiz que o verbo alemão *bergen = bewahren*, isto é, guardar, preservar.

(2) Assim se chamou um rei dos Visigodos, que desposou uma filha de Clovis (511-531).

(3) O citado *Ementário*, que diz haver tomado êste nome também da distribuïção, acentua-o na antepenúltima. isto é, *Almérico*.

(4) Assim ou seja *Aymerico d'Ebrard* chama a *Monarchia Lusitana* ao preceptor de D. Denis, oriundo de França, que êle fêz bispo de Coimbra: embora uma vez só, designa-o também por *D. Eymerio*. Num documento de 1281, publicado na *Rev. Lus.* VII, pág. 74, vem o nome escrito à francesa, isto é, *Don Aymeric*. A semelhante forma — diz o autor do *Ementário* — corresponde hoje *Américo*, ao que se opõe, parece-me, a acentuação. Segundo Kleinpaul *(Länder= und Völkernamen*, págs. 38-91), *Americ* deve ser o nome que, na língua indígena (maia), tinha a cadeia de montanhas que separa o mar de Nicarágua da Costa dos Mosquitos. Por causa de tal denominação — conjectura êle — teria *Amerigo Vespucci*, que passou ao longo dessa costa e pela primeira vez a descreveu, trocado em 1506 em *Américo* o seu verdadeiro nome, que era *Albérico*, o que é contestado por Fumagalli, que faz igualmente vir *Amerigo* de *Amalarico*. O que julgo incontestável é que *Americo* é forma moderna, que depois do celebre navegador se popularizou na Itália, chegando até nós. O seu feminino, como é sabido, além de denominar um dos continentes da terra, foi adoptado ainda pelas mulheres.

(5) Poderá também ver-se em *Almerinda* uma variante de *Ermelinda* ou melhor **Armelinda* por troca das líquidas,

que o mencionado repositório afirma ter encontrado no «registo da distribuïção e das escrituras e testamentos, na comarca do Pôrto» e possui feminino regular, segundo me consta, formas estas que na sua maioria nos vieram do francês.

Amália, nome germânico que quer dizer *a laboriosa abelha*; outra forma do mesmo é, segundo parece, *Amélia*, que figura no Calendário; de um e outro há os masculinos respectivos, *Amálio* (1), *Amélio* e os derivados *Amaliano* e *Amelino*, para o último dos quais apenas se regista o respectivo feminino, *Amelina*, nomes estes todos de uso muito mais restrito que os dois primeiros, que aliás entre nós também não são antigos.

Amaltrudes, nome de mulher de procedência germânica que quer dizer *moça* (cf. *Gertrudes*, etc.) *valente* ou *laboriosa* (cf. *Amalia*) (2); se se usa, deve ser muito raramente.

Amáraco, nome com que Gregos e Romanos designavam a planta que chamamos *mangerona* e, segundo o *Emen-*

---

o que não é sem exemplo, como se pode ver na minha *Gramática Histórica*, §§ 26,2 e 49,5. De *Almiro* (veja-se êste nome), poderia provir ainda **Almirindo*, donde, por dissimilação vocálica *Almerindo*.

(1) Afigura-se-me ter havido latinização em ambas as formas, feminina e masculina, pois esta era antigamente *Amala*. «O ostrogodo *Amala* — diz R. Kleinpaul nos seus *Die deutschen Personennamen*, pág. 40 — passa pelo progenitor da nobre raça dos Amaler ou Amelungen, à qual pertenceu Teodorico, o Grande, por isso *Amala* ocorre por vezes nos nomes de molheres desta raça. A irmã de Teodorico chamava-se *Amalafrida*, a sua sobrinha *Amalaberga* e a sua filha *Amalasuntha* (*Amalaswintha*, a apressada). Destes nomes ficou *Amalia*, embora a redução não seja pura e pareça ter havido cruzamento com o francês *Amélie*. Ora os Amaler são os herois incansáveis que trabalham como Hércules; serve-lhes de base uma raiz do velho nórdico, *am*, que significa *trabalho* e da qual proveiu também o nome *ameise* (em português *formiga*), que tem como divergente *emse*, donde deriva *emsig* (em português diligente, activo, etc.)».

(2) Ou também «a feiticeira laboriosa» na interpretação de A. Bass e do livrinho *Unsere Taufnamen*, etc.

tário, se aplica também a indivíduos do sexo masculino.

Amaranto, nome de homem de procedência greco-latina que de comum, designativo de uma flor, ainda assim chamada, passou a próprio; a sua significação é que não (α) *murcha* (μαραίνω) ou *imortal* e acha-se representado no Calendário e no toponímico *Amarante*.

Ambrósio, adjectivo grego que significa não *(an-) mortal* (βροτιο-, de βροτός) ou divino, de beleza admirável; quando empregado como nome próprio, deve ter tido sentido idêntico, representando talvez originàriamente uma aspiração dos pais para os filhos, a que punham tanto êste como o seu derivado *Ambrosino*, que tem a aparência de deminutivo, fôsse qual fôsse o sexo dêles, pois um e outro possuiram e possuem ambas as formas; no Calendário apenas figura a primeira como designativa de um dos mais ilustres Padres da Igreja Latina; em escritos portugueses o mais antigo que conheço e no qual só essa forma se encontra e, ainda assim referida a um estrangeiro, é a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*.

Anfião (Amphião ou **Amphion)**, nome constante da mitologia grega como sendo o de um herói, bastante conhecido pelas aventuras da sua vida, em especial por não só haver levantado os muros de Tebas com os acordes da sua lira, de tal maneira maviosos que as pedras por si — diz a lenda — iam satopôr-se umas às outras, mas também por ter tido por mulher a Niobe, cujas desditas maternais Ovídio celebrizou nas suas *Metamorfozes*, em versos admiráveis de perfeição e sentimento [1]. Interpretam-no uns por *homem singular* ou *bizarro*, outros

(1) Conta-se que «envaidecida da sua fortuna e ascendência divina (Tontalo, seu pai, era filho de Zens), queria obstar a que as mulheres de Tebas prestassem culto à deusa Latona e a seus filhos, que ela julgava inferiores a si... As divindades ofendidas não tardaram em puni-la. Os filhos de Anfião e Niobe pereceram todos, um após outro, feridos pelas pelas de Apolo e Artemis. Os pobres pais não sobreviveram a tamanha dor; Anfião matou-se, e Niobe, petrifinida pela dor, foi convertida em rocha e transportada para o monte Sipilo na Frigia, onde ainda continua a derramar

por *caminho*, *giro* ou *circuito* (¹). Como tantos de igual procedência, foi também o de um santo do Calendário neste ocorre igualmente *Anfiano (Amphiano)*, que se me afigura um divergente daquele.

Amfilóquio (Amphilolochio), nome de homem de procedência; grega, que se interpreta por *o anguloso* (²), devendo por isso ter, na sua origem, sido alcunha; acha-se representado no Calendário.

Ámia (Ammia), nome de mulher, de origem grega, que representa uma das várias designações infantis de *mãe* (³); é seu derivado *Amiano (Ammiano)* (⁴), que tem feminino regular; do Calendário consta aquele e o masculino dêste. No *Ementário* regista-se ainda *Amila* entre os nomes de

---

lágrimas». Ramorino, *Mitologia classica illustrata*, pág. 258. Na *Galleria degli Uffizi*, em Florença, admira-se, em um grupo, a estátua de Niobe, em atitude de querer defender do castigo a filha mais nova, como no-la pinta o poeta quando diz: «*ultima restabat quam toto corpore mater, tota veste tegens Unam minimamque relinque! De multis minimam posco, clamavit, et unam!* A expressão de dor que o desconhecido artista, seu autor, lhe prestou, fê-la denominar a *mater dolorosa* da arte antiga.

(¹) Assim Pape, a mim afigura-se-me que talvez se possa ver no nome o participio do presente do verbo ἀμφέρχομαι, isto é, o que anda (-ιων) *à roda* (ἀμφί); dêle diz Horácio, entre outros poetas, na sua *Arte Poética: Dictus et Amphion, Thebae conditor arcis, (saxa movere sono testudinis et prece blanda) ducere quo vellet*: versos 394 a 396.

(²) Assim Pape, o *Dic. lat. ptg.*, diz que igual nome, além de *Amphilochicus*, se dava ao indivíduo, *natural de Amphilochia*, região do Epiro (Grécia).

(³) Segundo Walde, *Lat. Etym. Wörterbach*, da expressão infantil *ama* provém o verbo *amare*; esta acha-se reproduzida, como êle mostra, em várias línguas e subsiste no português *ama*.

(⁴) *Ammiano Marcellino* é um conhecido escritor do sec. IV, que em 31 livros dos seus *Feitos históricos* continuou as *Histórias* de Tácito: cf. Ramorino, *Letteratura Romana*, pág. 337.

mulheres; assim chamavam os Romanos à tia paterna; a sua derivação é a mesma.

Amilcar [1], nome púnico, cuja significação é *graça* ou *mercê* (han-) de *Milcar* ou antes *Melcart*, o Hércules fenício, representante do velho Sol-herói da Caldea e identificado com o Melicertes grego.

Amon (Ammon), nome hebraico que se interpreta por *certo*, *fiel*, *verdadeiro* [2]; figura na Bíblia e no Calendário; talvez daqui *Amónio* e *Amonaria (Ammonio, Ammonaria)*, que igualmente constam do mesmo repositório religioso.

Amor, nome comum que passou a próprio, pois já entre os Romanos se encontra como cognome e designava o respectivo sentimento, quando personificado; em documento de 1037 ocorre, mas escrito *Ammor*, pelo que pode duvidar-se se se trata do mesmo nome; no entanto Leite de Vasconcellos cita um bispo de Astorga, do século XI, assim chamado. Na opinião do mesmo filólogo, o topónimo *Amor*, que se pronuncia *Ámor* [3], deve provir, não de *amor*, mas de *adamor*, isto é, um composto do mesmo e da prep. *ad*, tal qual em *adamare* ao lado de *amare*. Outro topónimo, proveniente de *amor* é, segundo o autor acabado de citar, *Amorim*, que êle faz vir do genitivo de *Amorinus* [4].

Amós, nome hebraico que uns interpretam por: *o que trás carga*, ou *carregado*; outros por: *forte*, *corajoso*; figura na Bíblia, como o de um profeta [5].

Ampelo, nome que os Gregos davam à *vinha*, donde, tratando-se de homens, deverá traduzir-se por *o que a cultiva* ou *vinhateiro*. Outra forma, que se me afigura divergente

---

(1) A forma completa, segundo o *Dic. lat. portg.* de Saraiva, é *Hhan-Meltrar*.

(2) Ou *povo*, isto é, *filho do meu consanguíneo*, segundo o *Dic. lat. port.* de Saraiva. Era um epiteto do deus Júpiter entre os Líbios, etc., que o *Dict. grec-français* de Alexandre relaciona com ἀμνός, que significa *cordeiro*. *Ammonium* se chamaram uns oásis do deserto da Líbia a W. do Egito e o templo de Júpiter Ammon: cf. *Lexique de géog. ancienne* de Besnier.

(3) *Opúsculos*, III, 410.

(4) *Antroponímia*, 167.

(5) Fumagalli diz ser egípcio êste nome e significar *Filho de Isis*.

daquela é *Ampelio*, a que o *Ementário* dá feminino. No Calendário acham-se representados ambos estes nomes, mas só no masculino.

Ampliato (ou **Ampliado** à portuguesa) é nome constante do Calendário e já pelos Romanos aplicado a indivíduos, no sentido talvez de *avantajado*, que nós damos ao *corpulento* ou *membrudo* (1); na sua origem foi certamente alcunha.

Amyntor ou **Amintor**, nome grego que se traduz por o *protector* ou o *defensor*, do verbo ἀμύνω.

Ana, substântivo comum que em hebaico (hannah) quer dizer *graça* ou *mercê*, com a ideia subentendida *de Deus* (2); de-certo por ter sido, segundo a tradição, o da mãi da Virgem Santíssima, tornou-se êste nome de uso muito freqüente pelo menos desde o século XVI; assim chama também Vergílio a uma irmã *(Anna)* de Dido: cf. *Eneida*, IV, 9. O seu deminutivo, como se sabe, é *Aninhas* (sôbre o *s* cf. *Gertrudes* etc.), mas usa-se também *Annette*, forma importada do francês; ao povo, ouve-se também *Anica*. É possivel que *Anália (Annália)* seja um derivado de *Ana*, a que se juntaria *-alia*, tomado por ventura como sufixo nos nomes assim terminados (cf. *Amélia*, *Amália*, *Emília*). O *Ementário* regista *Annalydia*, que se me afigura composto de *Ana* e *Lídia*.

Anacleto, nome grego que significa *chamado ao serviço [militar]* (3) ou talvez antes *afamado*; forma o feminino regularmente, mas só o masculino figura no Calendário.

Ananias, nome hebraico, de sentido idêntico a *João*; ocorre na Bíblia e no Calendário, figurando igualmente num

---

(1) O adjectivo *amplus*, donde deriva o verbo *ampliare*, deu em português *ancho*. No *Livro de Linhagens*, atribuido ao conde D. Pedro, faz-se menção de uma Dona *Mor Ancha* e no *Onomástico Medieval* acha-se registado, como apelido de homens, *Anches*, que tem aspecto de um patronímico de *Ancho*.

(2) Afigura-se-me que, como nome de pessoa, se deve ter por uma forma hipocorística de *Joana*.

(3) É esta efectivamente a tradução de ἀνάκλητος, mas há outros nomes em que entra o elemento -κλῆς com o sentido de *fama*; tais são Ἀνακλῆς, Ἀριστοκλῆς, etc.

documento de 1063 (?) sob a forma *Anania*, mais em harmonia com a original *Hananiah*, sem o *s* final da actual [1]; outra ainda é *Anánio* [2], tôdas porém creio serem de uso restrito.

Anadóquio (Anadochio), nome grego que quer dizer *fiador* ou *padrinho* em sentido eclesiástico e passou à classe dos próprios; outra forma do mesmo é *Andóquio (Andochio)*; ambas constam do Calendário.

Anastásio [3], nome grego que se interpreta como *o ressuscitado* (de ἀνίστημι), isto é, em linguagem religiosa, o que largou a vida do pecado ou mundana para seguir a da virtude ou espiritual [4]; tem feminino regular, figurando no Calendário ambos os géneros.

Anatalão (Anathalaõ ou **Anathalon)**, nome de homem de procedência grega, que se me afigura poder traduzir-se por *o reflorido* [5], talvez em sentido religioso, isto é, aquele a quem a graça de Deus deu nova vida; assim se chama um dos santos do Calendário.

Anatólio, nome de procedência grega, que poderá talvez traduzir-se por *oriental* [6] ou ter sentido idêntico a *Epifánio* (veja-se êste nome), visto como ἀνατολή [7] significa o *aparecimento do sol* e *oriente*; tem feminino regular, figurando no Calendário os dois géneros.

Anaxágoras, nome grego cuja tradução em português é: *o que*

---

(1) Êste *-s*, que aparece também noutros, tais como *Jeremias*, *Jesus*, etc., deve, a meu ver, ter sido acrescentamento do grego, como consoante representante do caso nominativo.

(2) *Ananius* em Tetzner.

(3) Costuma escrever-se *Anastácio* e assim o faz Leite de Vasconcellos na sua *Antroponimia*, pág. 66, mas o *Martyrologio Romano*, edição de 1682 só tem a grafia *Anastásio*, verdade seja que a pronúncia é como a figura o citado filólogo, isto é, com *c*.

(4) É portanto um sinónimo de *Renato*.

(5) Cf. o verbo ἀναθάλλω.

(6) O autor do *Ementário* interpreta por *Aurora*.

(7) *Anatólia* chama-se também à Ásia Menor, cf. Kleinpaul, *Lönder-und Völkernamen*, págs. 15 e 16. No citado *Ementário* regista-se ainda *Anatoliano*, que tem todo o aspecto de um derivado do mesmo nome.

domina ou proteje (*anax-* de ἀνάσσω) *pelo conselho* (-agoras, do verbo ἀγορεύω); cf. quanto a equivalência, mais ou menos próxima, do sentido o germânico *Raimundo*.

Anco, como se chamou um dos reis da antiga Roma, é por alguns considerado forma encurtada de um *anculus* (1) (donde *ancilla*), nome pertencente à velha língua e que queria dizer: *servo, criado*.

Andéolo, nome que me parece relacionar-se com o verbo grego ἀνδέω por ἀναδέω, isto é, um composto de δέω (2); sendo assim, poderá interpretar-se por *coroado*; tem feminino regular, mas só o masculino consta do Calendário.

André, nome grego, que foi o de um dos discípulos de Jesus Cristo e quer dizer *varonil* ou próprio de homem, isto é, forte; deve provir do genitivo de *Andreas*, declinado à latina, que deu origem ao espanhol *Andrés*, já antigo entre nós como apelido e donde se formou o feminino *Andresa*; nos nossos antigos documentos figura *Andreas*, a par de *Andree* ou André, que ocorre já em diplomas dos séculos IX e X; o *Ementário Luso-Brasileiro* cita ainda *Andrea*, como comum de dois; parece que no baixo latim se criou a forma *Andreus*, talvez por se julgar esta mais em harmonia com o género do nome, porquanto ao lado dela, aparece *Andreu* noutros documentos, igualmente antigos; Gil Vicente no *Auto da Mofina Mendes* põe na boca de pastores *Andrel*, ou por exigência da rima ou à semelhança de outros nomes que admitiam as duas terminações, tais eram, por exemplo, *ereu, alvaneu*, etc., que se diziam também *erel, alvanel*, etc.; deste tirou-se provàvelmente o actual nome de mulher *Andrelina*.

Andrómaca, nome grego de mulher que quer dizer: *a que combate* (maca- de μάχομαι) *com homens* (andro-) (3); e na sua origem é um adjectivo; se se usa, deve ser muito raramente.

---

(1) Relaciona-se êste nome com o grego ἀμφίπολος de igual sentido: cf. Walde, *Lat. etym. Wörterbuch* e Boisacq, *Dict. Etym. de la langue grecque*.

(2) Daqui *diadema*, isto é, faixa, etc., com que se cingia a fronte.

(3) Pape traduz por *Ludovica*: cf. êste nome.

Andronico, outra forma de *Nicandro*; acha-se representada no Calendário.

Anecto, nome de homem, que julgo representar o adjectivo grego ἀνεκτός, que quer dizer *suportável, tolerável*; assim se chama um mártir de Corinto que a Igreja festeja em 10 de Março.

Anémona, nome grego de uma flor, ainda hoje assim chamada, e que, como outros, foi dado também a mulheres; além desta, cita o *Ementário Luso-Brasileiro*, classificando-a de antiga, a forma *Alémona*, resultante daquela por dissimilação.

Anempodisto, adjectivo grego que em português se traduz por: *que não está impedido* ou *se não pode impedir*; tem êste nome um dos santos do Calendário.

Angelo, nome greco-latino, que na língua comum tem a forma popular *anjo* e quer dizer *mensageiro* no idioma originário, isto é, o grego; do masculino tirou-se o feminino *Angela*; um e outro possuem os deminutivos *Angelino*, *Angelina*; outro derivado é *Angélico*, rigorosamente um adjectivo, que ainda aplicamos a pessoa dotada das qualidades e natureza que supômos existir nos anjos; embora tenha os dois géneros, usa-se mais no masculino; no Calendário só figura o primeiro destes nomes nos dois géneros. Há também o composto *Arcangelo* ou *Arcanjo*, isto é, o primeiro ou o chefe dos anjos, o qual se usa nos dois géneros, mas não tem representação no Calendário.

Anibal ou **Hannibaal**, nome composto, que em língua púnica quer dizer *graça* ou *mercê* (cf. *Ana*) de *Baal*, o deus supremo de assírios e fenícios.

Aniceto, Aniceta, nomes gregos cuja significação em português é *o, a invencível* (ἀνίκητος, -α), embora a forma masculina já fôsse usada pelos romanos e figure no *Martyrologio Romano*; afigura-se-me de recente data entre nós o seu emprêgo em qualquer dos dois géneros, em vista de não figurar no *Onomástico* de Cortesão; no entanto o mesmo dá-nos *Anzedo* e a toponímia *Ancede* que teem tôdas as aparências de seus representantes.

Anísio (Anysio), neme que se me afigura grego, derivado do verbo ἀνύω, e como tal poderá traduzir-se por: *completo, perfeito*; tem feminino regular e nos dois géneros; consta do Calendário.

Ano ou **Anon**, nome germânico que quer dizer *aguiazinha (anno*, divergente de *arno* (1): cf. *Arnaldo*, etc.) e representa forma hipocorística; acha-se representado no Calendário.

Ansberto, nome germânico que quer dizer o *brilhante* ou *ilustre* (cf. *Berto*) dos (i. é, segundo interpreto, por graça) deuses (propriamento dos Ases, certa raça de deuses, na mitologia dos germanos) (2); figura no Calendário; o seu feminino é regular.

Ansegiso, nome germânico que se interpreta por: *lança dos Ases* ou como penso, guerreiro, cuja fôrça iguala a dos deuses, chamados Ases (3).

Anselmo (4), nome germânico, cuja forma anterior e portanto mais próxima da sua origem foi *Asenhelm*, isto é literalmente *capacete dos Ases* ou *Anses* (5), como se dizia em latim, o que equivale a: «o que está sob a protecção ou amparo dos Deuses»; o seu uso entre nós, a-pesar-de constar do Calendário católico, deve ser recente, tendo-nos sido transmitido provàvelmente pelo francês. Tem feminino regular, isto é, *Anselma*.

Ansemundo ou **Ansemondo**, nome de origem germânica, usado antigamente entre nós com o respectivo patronímico *Ansemundiz*, que no sentido é equivalente a *Anselmo*, do qual diverge no segundo elemento, aliás de significação idêntica.

Anserico, nome germânico, cuja tradução em português é *príncipe divino* (6) (cf. *Amalarico* e *Anselmo)*; nos nossos antigos diplomas figura êle, mas sob a forma mais portuguesa

---

(1) Em alemão há também êste nome.

(2) Eram estes: *Wotan*, *Ziu*, *Freia*, etc. A significação básica dos Ases é *tranca*, *viga*. A sua morada *Asgart*. Tetzner s. v. *Ansberta*.

(3) Assim A. Bass, veja-se no entanto o que ficou dito em *Adalgiso*, nota 2.

(4) O *Ementário Luso-Brasileiro* dá como existente também a forma feminina.

(5) Deuses na mitologia germânica.

(6) Ou, segundo Tetzner, *príncipe dos deuses*, *rei dos Ases*. Em alemão diz-se *Ansarick*.

Anserigo, com os patronímicos respectivos *Anseriquiz* e *Anseriguiz*; perpetua-o ainda o toponímico *Anseriz* (1).

Ansobaldo (2), nome de proveniência germânica, que quer dizer: o *atrevido* ou *audaz dos* (deuses) *Ases*, ou, como me parece, aquele cuja ousadia lhe vem da protecção divina.

Ansulfo (3), nome de origem germânica, que se traduz por: *lobo dos deuses Ases* ou *divino*; a sua existência na língua é já bastante antiga, pois num documento do século XI menciona-se uma *villa Ansulfi* ou seja uma propriedade pertencente a certo *Ansulfo*.

Ansur, nome de procedência germânica, que se interpreta por: *uro* (espécie de boi) *dos deuses Ases* ou *divino* (4); antigo entre nós, pois já figura num documento do século IX, encontrando-se o seu patronímico *Ansuriz* noutro do imediato, tem também representação no Calendário; outra forma do mesmo, segundo o *Ementário*, é *Ansurio* e no *Onomástico Medieval*, em diploma datado de 1043, lê-se um *Ansul*, que se me afigura ser ainda o mesmo nome; seu deminutivo é talvez *Ansurino* ou *Ansorino*, constante do citado *Ementário*.

Antelmo (Anthelmo), nome que se presume de origem germânica e significar *protector da cólera* (5); consta do Calendário.

Antenor, nome de homem, de procedência grega, que se interpreta: *o que faz as vezes de um homem* ou *dum marido* (ἀντήνωρ) (6); assim se chamou um príncipe troiano a quem

---

(1) Em dois antigos diplomas há *Ansirigo* e *Ansirikiz*, que evidentemente representam outra forma do mesmo nome e seu patronímico.

(2) Assim no *Ementário*; o alemão diz *Ansbald*. Nesta língua há também *Answald*, isto é, *príncipe dos Ases*, donde poderia talvez vir igualmente a forma portuguesa.

(3) O *Ementário* diz *Ansiulpho*, porém A. Bass e Tetzner teem apenas *Ansulf*.

(4) Cf. Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 48). Assim parece, se chamava o progenitor do lendário *Goesto Ansurez*; cf. *Goesto*.

(5) Assim interpretam Tetzner e Bass.

(6) Pròpriamente é um substantivo comum que, como tal e com a tradução dada, traz Alexandre no seu *Dict. grec-français*, sendo um composto de ἀντί + ἀνήρ.

se atribue a fundação de Padua (Eneida); o seu uso é muito restrito (1).

Antero (Anthero), nome de homem, de procedência grega, que, como derivado de ἄνθος ou *flor*, poderemos traduzir por *florido*; igual proveniência e sentido teem igualmente *Antes (Anthes)*, *Antimo (Anthimo)* e os femininos *Ántia* e *Antusa (Anthia, Anthusa)*, todos constantes do Calendário e, com excepção do primeiro, também da antroponímia grega.

Antidio, nome de proveniência latina que quer dizer: *o que vai adiante*, isto é, *excede* (2); tem feminino regular, mas no Calendário figura apenas o masculino. Outra forma dêste é *Antides*.

Antipas, nome grego que interpreto por *o que resiste* (ἀντί = contra) *a tudo* (πᾶς), isto é, dotado de fôrça, robustez: figura no Calendário, mas ignoro se se usa.

Antipatro, nome grego de homem que interpreto por: *o que faz as vezes ou substitue* (ἀντί-) *o pai* (πατρο-); outra forma, dada pelo *Ementário*, é *Antipater*; a sua introdução e uso, entre nós, se existe, devem ser modernos.

António, nome de família ou gentilício romano, cuja significação é escura (3); são seus deminutivos *Antonino* ou *Antolino* (4), no masculino, e *Antonieta*, tomado do francês, no feminino; em documentos antigos, escritos em latim, figuram a primeira das formas citadas, com o seu respectivo feminino *Antónia*, e *Antolino*, no Calendário tôdas as citadas, com o correspondente feminino as duas primeiras, à excepção de *Antonieta*, encontrando-se lá

---

(1) Chama-se assim (Antenor Nascentes) um ilustre professor brasileiro, autor de várias obras didácticas.

(2) No lat. arc. há o verbo *antideo*, composto de *antid* + *eo*, tornado depois *anteeo*.

(3) Assim o citado livrinho *Unsere Taufnamen*, etc. O *Theusaurus Linguae latinae*, porém, relaciona-o dubitativamente com Ἄντων, que julgo ser o participio do presente de ἀντάω; neste caso quereria dizer: o *que vai ao encontro ou ataca*; há ainda quem dê ao nome origem latina e o sentido de: *inestimável, digno de louvor*, Tetzner classifica-o de latim primitivo e de significação escura.

(4) Deu-se aqui dissimilação: $n \ldots n = l \ldots n$.

também *Antoliano*, que o *Martyrologio* escreve *Antholiano* (1), por influência do grego ἄνθος (2) e que está por *Antoniano*. O representante mais antigo e verdadeiramente popular de *António* creio ser *Antão*, antes *Antom* ou *Antam* (3); a vulgarização do literário *António*, que, na boca do povo, sôa *Antonho* (4) e *Antoino*, vem do culto ao santo assim chamado, natural de Lisboa.

Anunciata (5), nome de mulher, tomado de um dos títulos da Virgem Maria, o da sua *Anunciação* (6), que também se usa, em geral precedido da preposição *de*, que o liga a *Maria* quási sempre.

Aparicio, nome de proveniência latina, que na sua significação corresponde ao grego *Epifânio* (veja-se êste), visto ser um divergente de *apparitus*, particípio de *appareo*: cf. *(Grato* e *Graça)*; a sua forma verdadeiramente popular é *Apariço*, que ocorre já em documentos antigos. Segundo o

---

(1) Ver a nota 4 na pág. anterior.

(2) Cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 60.

(3) A meu ver, a forma *Antão* pode ter vindo do caso genitivo, tomada de expressões como *ecclesia sancti Antonii* ou equivalente, donde se destacaria *Antonii*, cujos dois *ii* se teriam reduzido a um só, que depois cairia por se achar desprotegido, visto a nasal, segundo a regra, encostar-se à vogal que a precede (cf. os nomes terminados em *-om*, hoje *-ão*); poderá também explicar-se por próclise ou queda do -o final de *António*, quando seguido de consoante e conseqüente perda do *i* que o antecede pela razão dita; desta última opinião é Leite de Vasconcellos: cf. obra citada págs. 59 e 452. Em todo o caso a forma *António* é literária; como mostra a conservação do *-n-*, que também aparece no seu patronímico *Antunes*, (*Antoniz*, em doc. de 909).

(4) Esta é a forma regular; o *Ementário* regista também *Antonho*, que desconheço; quanto a *Antoino*, em que se deu apenas a atracção do *i* pela tónica *o*, julgo de formação recente.

(5) Esta forma deve ter sido importada do italiano *Annunziata*, que nessa língua tem o mesmo sentido que a nossa *Annunciação*. Também existe a forma portuguesa *Anunciada*.

(6) Como é sabido, a Igreja festeja esse mistério no dia 25 de Março.

Ementário Luso-Brasileiro, há também *Aprício* (1) e figura no Calendário, o feminino, que o mesmo cita, é de uso muito mais raro.

Apeles, nome de homem de origem grega, que se interpreta por: *o que aconselha a guerra* (2); e seu derivado *Apeliano*; outra forma de aquele julgo ser *Apélio*, que com os dois primeiros figura no Calendário.

Antigono, nome de preveniência grega que se interpreta por *distinto pela sua raça (nobreza)*: é seu feminino *Antigone*: no Calendário só figura o masculino. Sentido igual tem *Antígenes*: cf. quanto a sinonímia os germânicos *Adalberto* e *Adelaide*.

Antinogenes, como se chama um santo que a Igreja festeja a 24 de Julho, é nome grego que eu traduzo por *filho (genes) de Antinoo*.

Antinoo, nome de homem, de procedência grega, que quer dizer: *forte ou distinto em inteligência* (-noo-, propriamente *espírito*). É possível que *Antino*, dado pelo *Ementário*, seja variante do mesmo.

Antioco (Antiocho), nome de homem, tomado do grego, que se interpreta por *firme, robusto* (à letra o que se firma bem nas pernas) (3), e tem representação no Calendário.

Apfias (Apphias), nome de um santo do Calendário, que se me afigura grego e significar *paizinho*, como tirado da expressão infantil ἄπφα, uma das designativas de *pai*. Daqui, pela perda da aspiração do *ph* (4), que se deu no antigo

---

(1) O mesmo reportório regista *Aprico*, que diz ter também a forma *Aparico* e ser hoje *Apparicio*; afigura-se-me que se deverá corrigir em *Apriço* e *Apariço*; pròvàvelmente o autor colheu estes nomes em escritos onde lhes faltava a cedilha.

(2) Assim explica Bass o nome alemão *Volkrat*, que Pape diz corresponder ao grego Ἀπελλῆς. Note-se que o primeiro elemento *volk* significa pròpriamente *povo, multidão*, depois *exército*.

(3) Ou *adversário*, segundo Tetzner, talvez por que se lhe afigure, como a mim, ser o nome composto de ἀντί, *contra* e ὄχος, *carro*, isto é, o que vai de carro contra (o inimigo), pois é sabido que assim combatiam os antigos gregos, como no-los pinta Homero.

(4) Essa perda mostra *Appias* que o *Ementário* cita com a nota de santo; Pape faz igualmente Ἀπφία igual a *Appia*.

latim, provêm talvez o gentilício *Appio*, donde *Apiano (Appiano)*, também *Apião* (no *Ementário Appião*) e ainda *Apuleu* ou antes *Apuleio* (1), que, na antroponimia romana, tinha feminino regular e figura, no *Calendário* a par com *Apia*, o feminino de *Apio*.

Apodémio, nome de um santo que julgo ser uma variante do adjectivo grego ἀπό δῆμος, e portanto dever traduzir-se por *estrangeiro*, pròpriamente o *de fora* (ἀπό) *do povo* (δῆμος).

Apolo, nome de um deus da mitologia grega, que o foi também de um mártir da religião cristã e cuja etimologia e significação são desconhecidas (2); derivados do mesmo, com o sentido talvez de consagrado, pôsto sob a protecção do mencionado deus, são *Apolinar* ou *Apolinário* (3), *Apolino* e *Apolónio*, dos quais os dois últimos teem feminino regular, achando-se aquele e estes, nos dois géneros, com excepção de *Apolina*, representados igualmente no Calendário; o mesmo nome entra ainda em *Apolodoro* (4), como se chamou um célebre poeta ateniense, que quer dizer: *presente* ou *dom* (δωρο) de *Apolo*.

Apro, nome pelo qual os Romanos designavam o *javali* ou *porco montês* e que,se gundo se vê das *Inscrições*, êles aplicavam também a homens; tem feminino regular ou

---

(1) Como é sabido, assim se chama um escritor da latinidade decadente (século II), natural de Madaura, na África, bastante conhecido pelos seus escritos, em especial as *Metamorphoses* em 11 livros, « estranho conto de certo Lúcio que por fôrça da magia mudado em burro, sofre as mais ridículas peripécias, até que Isis o faz voltar à forma humana; o lugar mais belo do romance é a graciosíssima novela do Amor e Psiche (4,27 — 6,24). Nesta obra aos elementos gregos e orientais estão estravagantemente misturados elementos romanos », cf. Ramorino, *Letteratura Romana*, 320, etc.

(2) Cf. Boisacq *(Dict. Etym. de la langue grecque)*, que se inclina para esta interpretação «*o excitador, o promotor, o procreador*, o que seria exactamente o sentido do epiteto sanscrito *savitā* de um deus solar».

(3) Tetzner traduz êste nome por *o destruïdor*, talvez porque o relacione com o verbo ἀπόλλυμι.

(4) Afigura-se-me outra forma do mesmo o *Apoleodoro* do *Ementário*.

seja *Apra*. Parece ser seu derivado *Aprónio*, que igualmente possui feminino, donde *Apronina* e *Aproniano*; no Calendário acham-se representados apenas êste e o seu primitivo. Quanto ao sentido cf. o germânico *Eberardo*, etc. Há um santo chamado *Abércio*; o *Ementário* regista um *Apércio*; quer-me parecer que ambas as formas representam uma única, que poderá ser um derivado de *Aper* ou *Apro*, se não se preferir ver nela um divergente de *apertus*, isto é, *aberto*, no sentido metafórico de *sincero*, *franco*. Procedente de *Apercio* é certamente *Apercina*, que o mesmo *Ementário* cita com a nota de *extraído da literatura*.

Apto, nome que faz parte da lingua comum como adjectivo e, à semelhança de tantos outros, passou a próprio; sentido idêntico tem *Aptato*, igualmente um particípio na sua origem; do *Ementário* consta apenas êste e só no masculino.

Áquila, nome que entre os Romanos era comum a ambos os sexos e significava para êles o mesmo que para nós o seu representante *águia*; são seus derivados *Aquilino* com o respectivo feminino e *Aquílio*, formas tôdas, que com excepção da última figuram no Calendário, a primeira contudo referida só a mulher: cf. também os toponímicos *Aguiar* e *Aguilar*, aquele português, êste de proveniência castelhana, e *Aguim*, os quais procedem de *aquilaris*, isto é, de um derivado do mesmo nome *aquila*, os dois primeiros, e representa a forma popular de *Aquilino*, em genitivo, o último. Entre os santos há um chamado *Acyllino*, provavelmente outra forma do mesmo nome, se não é um derivado de *Aquilius* ou *Aquillius*, gentilício romano.

Aquiles (1), nome grego, bastante conhecido, por ter sido o de um dos principais, se não o principal dos herois da *Iliada* de Homéro, e cuja significação é duvidosa (2); segundo

---

(1) Ou antes *Aquileu* ou seja o grego Ἀχιλλεύς ou Ἀχιλλεύς.

(2) Cassiodoro, polígrafo do século VI, cita a opinião que dava a êste nome o sentido de o que tem *lábios curtos ou grossos*, pois diz: *chilones... a brevioribus labiis homines vocitantur... unde Achillem quoque ferunt esse nominatum*; Tetzner, no seu *Namenbuch*, tradú-lo por *aflito*, *triste*, *pesaroso*,

informa o *Ementário Luso-Brasileiro* assim se chamou também um santo patriarca de Alexandria, que a Igreja Católica comemora a 7 de Novembro; outras formas do mesmo são talvez *Aquileu* (1) e *Aquilas* (2), que estão por *Achilleu* e *Achillas* e igualmente constam do Calendário.

Arabela, nome de mulher hebraico que uns traduzem por: «a encantadora, graciosa» outros por: «a árabe» (3).

Arábia, adjectivo latino de sentido idêntico a *arabicus* ou seja o *habitante* ou *natural da Arábia* (nome hebraico que quer dizer *região estéril*) (4); assim se chama uma das santas do Calendário.

Aratôr, nome comum que se traduz por *lavrador* (5) e, como tantos outros, passou a próprio, figurando no Calendário; cf. quanto ao sentido cf. *Agrícola*, *Jorge*.

Arbogasto, nome germânico, que literalmente quer dizer *estrangeiro (-gasto* por *gast) hereditário (arbo-* cf. *erbe* no actual alemão) ou *que dá liberalmente*, segundo a interpretação da *Zeitschrift für deutsches Altertum*, vol. XXXV; no Calen-

---

mas A. Fick nos seus *Griechische Personennamen*, a pág. 425, interpreta-o por *terrível lôbo*, caso Ἀχιλλεύς esteja por Ἀχίλυκος, sendo assim igual ao germânico *Agiulfo* ou por Ἀχιλόλυκος, idêntico a *Agilulfo* (veja-se êste nome), mas Pape traduz por *desgosto, dor (do exército)*.

(1) O *Ementário* escreve *Achilleu*, mas o *Martyrologio* *Aquilleo*.

(2) Êste último manda acentuar a última silaba de *Aquillas* e a antepenúltima de *Aquilas*, que o *Ementário* escreve *Achilas*. *Achillas* (penúltima longa) chamava-se o assassino de Pompeio.

(3) Há ainda quem veja neste nome a junção de dois latinos *ara* e *bella* e traduza portanto por *belo altar*.

(4) Assim no *Dic. lat. ptg.* de Santos Saraiva; mas Kleinpaul, no seu livrinho *Länder und Wölkernamen*, a pág. 18, diz que o Prof. Rosen deriva do árabe Garb o nome *Arábia*, porque a península está ao ocidente do Eufrates e foi o primitivo assento da raça semitica, isto é, terra ao poente, do lado do pôr do sol.

(5) O *Ementário* dá o respectivo santo sob esta designação ou *Arador* e *Lavrador*.

dário figura tanto a forma citada como *Arbogastes*, que julgo ser o mesmo nome ou seu patronímico.

Arcádio, nome de origem grega, que se relaciona com ἄρκος (mais vulgarmente ἄρκτος) e se traduz portanto por *o pequeno urso*; tem feminino regular, porém o mais usado e o único que se acha representado no Calendário é o masculino.

Arcôncio, nome de proveniência grega que, como derivado de ἄρχων, poderá traduzir-se por *chefe, guia*; na antroponímia romana encontra-se o feminino *Arconcia (Archontia)*, mas no Calendário só figura o masculino.

Arduino, nome germânico que quer dizer *amigo* (cf. *Osuino)*, *forte* (cf. *Bernardo)* ou *firme*.

Aretas, nome de homem, de procedência grega, que figura no Calendário e se interpreta por: *o desejado* (de ἀράομαι, rogar); igual sentido deve ter *Aretino*, que julgo seu deminutivo ([1]). O *Ementário* regista um feminino *Areta*, que de-certo corresponde ao grego *Arete*, como Homero chama à mulher do lendário *Alcino* e mãi de *Nausica*.

Argemiro, nome germânico que quer dizer: *ilustre* (cf. *Almaro)* *combatente (arge-* de *harjis*, pròpriamente exército: cf. actual alemão *heer)*, forma o feminino regularmente, isto é, passando a *a* o *o* final; a par desta, regista o *Ementário Luso-Brasileiro* a forma *Argimiro*; uma e outra com os respectivos patronímicos constam de diplomas antigos e a primeira delas continua a viver no topónimo *Argemil* antes *Argemir* e *Argimir*.

Argentino, nome tirado de *argentum* ou *prata* e portanto proveniente do latim; aplicado a pessoas, deve indicar que estas possuem a *brancura*, própria do metal; tem feminino regular, que ocorre já num documento de 1067. Outra forma do mesmo é *Argenteo*, que, como nome próprio, só no feminino *Argentea* ocorre no *Ementário* e, segundo o mesmo, no Calendário, também sob a forma *Argina*.

Ariadne ou **Ariadna**, nome de uma personagem mitológica, muito conhecida pela sua infelicidade em amores ([2]), que

---

([1]) Também poderá ser *o natural de Aretio*, hoje *Arezzo*, cidade da Toscana (Itália).

([2]) Pode ver-se a lenda, entre outros livros, na *Mitologia Clássica* de Ramovino e cantam-na em formosos versos Catullo e Ovídio.

se interpreta por: *muito* (ἀρι-) *santa* (ἁγνή); consta do Calendário, como outros em igualdade de circunstâncias (1).

Ariano, nome que se julga ser de procedência grega e significar *carvalho* (ἀρι-); tem feminino regular e deminutivo dêste ou seja *Arianina*, no Calendário, porém, só se acha representado aquele, que igualmente ocorre num documento de 1807 com o respectivo patronímico *Arianiz*.

Aribaldo, nome germânico que quer dizer *guerreiro (ari-* de *her*, hoje *heer*, pròpriamente *exército) audaz* (cf. *Baldo*, etc.); outra forma do mesmo é *Heribaldo*, que tem feminino regular.

Ariberto, nome germânico que significa *brilhante* (cf. *Berto*, etc.) *guerreiro* (cf. *Aribaldo*); outras formas do mesmo são *Heriberto* e *Herberto*, tendo tôdas feminino regular, mas figurando no Calendário só a penúltima e no masculino.

Ariel, nome hebraico, cuja tradução em português: *lião de Deus*, isto é, aquele cujo valor lhe provêm de Deus; consta da Biblia.

Ariovisto, nome de um antigo germâno com quem César teve de defrontar-se na conquista das Gálias e cujo sentido corresponde ao cargo que realmente desempenhava de *chefe (visto = furist = fürst) do exército (Hario*, hoje *heer)* (2), na qualidade de rei dos Suevos.

Aristágoras, nome usado entre os gregos cuja significação é de *bom (arist-) conselheiro* (agoras); quanto ao sentido cf. o germânico *Raimundo*.

Arïstarco (Aristarcho), nome de homem de procedência grega que quer dizer: *brilhante* (à letra *muito bom = arist-*) *senhor* ou *governador (-archo)*; na sua origem é simples adjectivo que se aplicava a Júpiter, mas se estendeu depois também a pessoas, figurando como tal no Calendário. Quanto ao sentido cf. o germânico *Bertoldo*.

---

(1) Em vasos gregos o nome acha-se escrito de preferência Ἀριάγνη; em grego há o adjectivo ἁγνό, ή, όν, que quer dizer *puro*, *casto*, *santo*, etc.: cf. o nome *Inês*. Pape interpreta: *a que guarda fortemente a sua honra virginal*.

(2) Tetzner classifica duvidosamente o nome de celta, interpretando-o talvez por *o alto*, e F. Khull diz ser o primeiro componente *ario-* romanização de *chario* (hario); tem contudo por duvidosa a tradução dada acima.

Aristeu, nome de homem de origem grega, cujo sentido é *muito bom* ou *excelente* (1); primitivamente deve ter sido simples alcunha, como tantos outros. Divergentes do mesmo são *Aristeas* e porventura também *Aristão* (2) e *Aristião*, achando-se todos à excepção de *Aristeas*, representados no Calendário.

Aristides, nome de homem, tomado do grego, e que se interpreta por *brilhante ou ilustre por sua ascendencia* (3); consta do Calendário e ocorre entre a antroponímia hodierna.

Aristobulo, nome grego de homem que se interpreta por: *o de brilhante* ou *distinto (aristo-) conselho* ou *inteligência (-bulo)*, por outras palavras: *conselheiro excelente e perspicaz*; tem feminino regular, mas no Calendário só figura o masculino. Quanto ao sentido cf. os germânicos *Conrado* e *Huberto*.

Aristónico, adjectivo grego que quer dizer *vencedor muito afamado* e, tendo certamente sido a princípio um cognome, passou depois à classe de nome próprio; figura no Calendário. Quanto ao sentido veja-se o germânico *Sigeberto*.

Aristóteles, nome grego, que, como é sabido, o foi de um célebre filósofo e quer dizer: *o mais perfeito, o mais acabado* ou *consumado*, isto é, que figura entre os mais distintos e poderosos.

Arlindo, nome de origem germânica que se interpreta por *aguia* (cf. *Arnaldo*, etc.), *serpente* (cf. *Ermelinda*, etc.) (4); tem feminino regular e deve ser de introdução moderna.

---

(1) Assim Pape, que certamente vê aqui o adjectivo ἄριστος, superlativo de ἀγαθός, note-se porém que em grego existe também ἀριστεύς, que Alexandre, no seu *Dict. Grec. Français*, traduz por: «o que ocupa o primeiro lugar; chefe, príncipe, guerreiro distinto pelas suas proesas, guerreiro valente ou em geral homem distinto pelo seu merecimento».

(2) No *Martyrológio* lê-se *Ariston*.

(3) Assim Pape, mas em rigor deve ser apenas um patronímico de *Aristeu*, como parece indicar a terminação *-des*.

(4) Entre os animais considerados belicosos pelos antigos germanos contavam-se o *urso*, que êles tinham pelo rei dos animais, antes que o suplantasse o *leão*, o *lôbo*, o *javali*, a *águia*, o *falcão*, o *corvo*, a *serpente*; o lôbo e o corvo eram

Armando, veja-se **Herman**.

Armentário, nome pelo qual os Romanos designavam o *pastor de gado grosso* e passou a aplicar-se a homens, como se vê de um santo do Calendário, assim chamado.

Arminio, latinização do nome de um antigo chefe dos Germanos que se tornou célebre por ter derrotado, numa batalha dada na floresta de Teutberg (1), as legiões romanas comandadas por Varo, durante o govêrno de César Augusto; corresponde-lhe no actual alemão *Hermann* (veja-se *Herman*), segundo a opinião de Kleinpaul e do *Petit Larousse Illustré* (1908), mas Detter no seu *Deutsches Wörterbuch*, s. v. *hur*, e A. Bähnisch, a pág. 36 do seu *Die Deutschen Personennamen*, dizem serem os dois nomes inteiramente diferentes e representar o primeiro o vocábulo *irmin*, que significa *grande, poderoso*. É possível que de *Armínio* provenha, como pensa Leite de Vasconcellos (2), *Armindo*, que com o respectivo feminino é muito usado, porém nenhum dêstes nomes se acha representado no Calendário.

Armogastes, como se chama um dos santos do Calendário, é nome que se me afigura germânico e querer significar *ilustre* ou *poderoso* ou *forte (armo-), estrangeiro (-gastis)*.

Arnaldo, nome germânico que quer dizer *aguia (arn-*, hoje *aar) potente (-aldo* de *walt)* (3) ou forte dominador, e figura assim nos nossos antigos documentos, como no Calendário; o feminino respectivo parece não estar em uso, mas o seu derivado *Arnaldina*, citado no *Ementário Luso-Brasileiro*. Outra forma do mesmo nome é *Arnoldo* (4) que, além do feminino *Arnolda*, vive nos diminutivos *Arnoldino* e *Arnoldina*.

Arnolfo, nome germânico, que em virtude dos seus componen-

---

consagrados a Wodan, o deus das batalhas, o javali ao deus Freyer (Bähnisch, *Die Deutschen Personennamen*, pág. 36).

(1) O *Teutoburger Wald*. Foi sem dúvida dessa enorme derrota que a floresta tomou êste nome, que quer dizer *monte dos mortos*.

(2) *Antroponimia*, pág. 81.

(3) Ou *wald*: cf. *Gualter* e *Valdemar*.

(4) *Arnold* é a forma hoje em uso na Alemanha. Leite de Vasconcellos (*Opusculos* III, 82) cita *Arnau*, de-certo proveniente do *Arnaud* francês, a par de *Arnauld (ib.)*.

tes, se pode traduzir por: *águia (arn-) lôbo (-olfo = wolf)*, o que quererá dizer o mesmo que *ousado combatente*; além desta forma, há *Arnulfo* (1), com o respectivo feminino, e *Arolfo* (2); ao contrário, porém, daquele, êste ocorre já em antigos documentos, nos quais aparece escrito *Ariulfo* e *Arulfo*, e vive ainda no topónimo *Arufe;* no Calendário só se encontra *Arnulfo* (escrito erradamente *Arnolpho*).

Arquelau (Archelau), adjectivo grego que passou à classe dos nomes próprios, querendo dizer *o que comanda* ou *chefia* (ἀρχε-) *o povo* (λαο-), e figura no Calendário; outra forma do mesmo, que diverge apenas na inversão dos seus componentes, é *Larco (Larcho)*. Quanto a equivalência de sentido, veja-se o germânico *Teodorico*.

Arquibaldo nome de origem inglesa ou alemã que significa *muito (arqui-* ou *archi-* elemento grego a que correspondem nesta última língua *arz-* e em gótico *arki-) audaz* ou *valente* (cf. *Baldo*, etc.); deve ser de introdução moderna.

Arquimedes, nome grego, que em virtude da significação dos seus componentes ἀρχι-, *o primeiro* e -μήδης, *pensar*, podemos traduzir por *profundo pensador*, o que aliás está em harmonia com o que a história nos diz do notável geómetra de Siracusa, morto por um soldado romano por ocasião da tomada da cidade. Creio de raro uso. Quanto a equivalência de sentido cf. o germânico *Huberto* (3).

Arquipo (Archippo), nome de um santo, que se me afigura de procedência grega e significar: *o que domina* (ἄρχω) *o cavalo* (ἵππος).

Arsénio, nome de origem grega, cuja significação é *viril, másculo* (4); o emprego porém, a-pesar-de se achar representado no Calendário, é pouco freqüente entre nós.

---

(1) Variantes do mesmo devem ser *Arnaulpho* e *Ernululpho*, registados no *Ermentário*.

(2) Assim Tetzner (s. v. *Arulf*), mas Meyer-Lübke vê no primeiro elemento *harjis*, isto é, exército; a ser assim, o sentido seria *lôbo do exército*, o que não diferia do acima dado.

(3) Ou *brilhante* (ou o *primeiro*) *em inteligência*, segundo Pape.

(4) Subentenda-se *género, carácter*.

Artaxerxes, nome de homem de origem persa, que se iterpreta por *o poderoso império*; embora conhecido na história, o seu uso, se realmente existe, deve ser muito raro.

Artemão (1), nome de homem, talvez de precedência germânica, que quer dizer *homem (-mão* de *mann) forte (arte-* por *harte)* ou *robusto* (2); além desta, que figura no Calendário, há a forma *Artemando*: cf. *Herman* e *Armando*.

Artemas, nome, entre outros, de um companheiro do apóstolo S. Paulo, o qual tem origem grega e se interpreta por *frêsco* ou *novo* (3), quiçá com referência ao facto de ter abraçado recentemente a nova religião, se é que já o não tinha antes.

Artemidoro, nome de homem, tomado do grego, que, segundo os elementos de que se compõe, quer dizer: *presente* ou *dom (-doro) de Artemis*, a deusa da mitologia grega com que foi identificada a *Diana* dos Romanos.

Artémio, nome grego, que se interpreta por *santo* (4); tem feminino regular, achando-se ambos os géneros representados no Calendário (5).

Artemisa, restauração moderna do arcaico *artemija*, que representa o greco-latino *artemisia* (6), nome da *planta* e *flor*, assim chamada ainda hoje, e, como outros, adoptado pela antroponímia feminina.

Artur, nome celta, que significa *grande (-ur) urso (art-*: cf. o greco-latino *arctos)* (7); assim se chamou o lendário rei

(1) No *Martyrológio* escrito *Artemôn*, isto é, com acento na última sílaba.

(2) Assim traduz o livrinho *Unsere Taufnamen* o alemão *Hartmann*, emquanto Bass o faz por *o activo*. Note-se que em grego há Ἀρτέμων *(Artémon)*, que parece ter por origem *Artemis*, significando por ventura o consagrado ou pôsto sob a protecção da deusa.

(3) Assim traduz Pape.

(4) Assim, Pape; em grego há também o adj. ἀρτεμής, que se traduz por *são* e *salvo*, *inteiro*, *intacto*.

(5) No *Martyrologio* só se menciona o masculino; o *Ementário* traz igualmente o feminino.

(6) Isto é, planta de Artemis, a Diana dos Romanos.

(7) Tanto Tetzner, como o livrinho *Unsere Taufnamen*

do país de Gales, cujos feitos são cantados nos vários poemas pertencentes ao ciclo que dêle tirou a designação de *arturiano*, pela qual é conhecido; entre nós o texto mais antigo, que eu saiba, onde se encontra êste nome é a *Demanda do santo Graal*, tradução do francês feita no século XIII ou XIV e cujo original se encontra na Biblioteca Palatina de Viena d'Austria. Outra forma, mas muito menos freqüente, é *Arturo*, como em italiano.

Asafo (Asapho), como se chama um santo do Calendário, é nome que tenho na conta de grego, e quer dizer *o que não* (-ἀ) *é claro* (-σαφής) ou *incerto, obscuro*.

Ascânio, como Eneas chamou ao filho que teve de Creusa, segundo afirma Sérvio, o comentador da Eneida, é nome grego, tomado de um rio da Frigia ou da região chamada *Ascânia*; acha-se representado no Calendário, segundo informa o *Ementário*.

Ascário, nome germânico que significa *guerreiro (-ário*, latinização de *hari) com freixo (asc-*, hoje *esche)*, isto é, segundo interpreto, armado de lança, feita desta madeira; dos antigos documentos apenas consta *Ascarico* ou *Ascarigo*, que divergem daquêle no segundo componente, aliás de sentido muito aproximado (cf. *Alarico*, etc.), e persistem ainda nos toponímicos *Escariz*, antes *Ascariz*, que nos mesmos figura também como apelido, e *Escarigo*.

Ascensão, nome que as mulheres usam umas vezes só, outras mais geralmente precedido de *Maria*, a que se liga pela preposição *de*, em memória da *subida* de Cristo ao céu (1).

Ascenso, nome representante do participio do verbo *ascender* ou subir e se usa em memória da subida de Cristo ao céu (1); outra forma é *Ascensio*, possuindo ambos feminino regular.

---

dizem serem incertas a origem e significação dêste nome; cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 58.

(1) Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 63) dá êste nome como encontrado no *Inventário dos livros de matrícula dos moradores da Casa Real*, referido aos anos de 1641 a 1744. Em um documento de 1294, publicado no vol. V da *Rev. Lus.*, pág. 129, mas como apelido, figura um *Acêço (Johane-)*, que talvez seja o mesmo nome.

Asclas, como se chama um dos santos do Calendário, é nome que se me afigura grego, representante do adjectivo ἀσκελής, que se traduz por *esgotado* e também *obstinado* ou *inabalável*.

Asclépio ([1]), nome do deus da medicina dos Gregos, que os Romanos alteraram em *Esculápio* ([2]), foi, como o de outros, dado também a homens e ainda a mulheres, segundo se infere do feminino *Asclepia*; é seu derivado *Asclepídio* ([3]); o mesmo entra no composto *Asclepiodoro* ([4]), que à letra quer dizer: *dom* ou *presente de Asclépio*; no Calendário figuram os dois últimos.

Asdrúbal, nome púnico, de uso moderno entre nós, cujo significado é *auxílio*, como quem dissesse *o protegido de Baal*: cf. *Aníbal* e, quanto a equivalência de significação, *Anselmo*.

Aselo (Asello), nome pelo qual os Romanos designavam o *burrinho* e foi dado também a pessoas ([5]), talvez a princípio como alcunha; o respectivo feminino consta do Calendário.

Asíncrito (Asyncrito), nome de um santo do Calendário, no qual eu vejo o adjectivo grego ἀσύγκριτος, que quer dizer *incomparável*.

Aspásio, nome grego que significa: *bemvindo*, *desejado* (de ἀσπάζομαι) ([6]) e tem feminino regular, sendo êste até o

---

([1]) Segundo Pape, quer dizer: *o que governa* ou *cura mui amigàvelmente*, isto é, *excelente amigo*.

([2]) O lat. *Aesculapius* provém por anaptixe do grego Ἀσκληπιός.

([3]) O *Ementário* diz parecer-lhe preferível a forma *Asclepídias*, que em rigor quer dizer *descendente de Asclépio*.

([4]) Também, segundo o mesmo, *Asclepiodoto* ou *Asclepiadono*.

([5]) Cícero no seu *De oratore*, II, 258, aponta-nos Scipião Aemiliano, aludindo à origem do nome, dizendo assim: *ut illud Scipionis, cum Asellus omnes provincias stipendia merentem se peragrasse gloriaretur: Agas asellum et cetera* (i. é, subentendo-se: *si bovem agere non queas*).

([6]) Assim, o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc.; o *Dict. gr. français*, de Alexandre, traduz por: o, a que é acolhido com prazer; alegre, contente, satisfeito; em geral amável, agra-

género mais conhecido; na sua origem é simples adjectivo.

Assunção, nome de mulher, que representa o latim *assumptione-* e foi tomado de um dos títulos sob os quais se invoca a Virgem, usando-se, como outros (cf. *Dores*, *Piedade*, etc.), quási sempre precedido de *Maria*, com a preposição *de* e o artigo definido correspondente, isto é, *da*, a unir os dois.

Astério, nome grego, que interpreto por luminoso ou brilhante como uma *estrêla* (em grego ἀστήρ); tem feminino regular, figurando os dois géneros no Calendário.

Ástio (Astyo?), como se chama um santo do Calendário, é nome que se me afigura tirado do grego ἄστυ e ter assim o mesmo sentido que o latino *Urbano*. A mesma palavra entra no composto *Astyanax*, como se chamou o infeliz filho de Heitor e Andrómaca, o qual quer dizer *o rei* (ἄναξ) *da cidade*.

Astolfo, nome germânico, que foi o de um rei dos Lombardos e quer dizer *lobo* (cf. *Rodolfo*, etc.) *combatente (ast* de *heist* (1) pròpriamente *combate)*.

Astrid (à portuguesa diremos *Astride* ou *Astrida*), como se chama a princesa, nora dos actuais reis da Bélgica (2), é nome constante já da mitologia alemã, sendo o de uma das Valquírias ou heroínas virgens que desempenhavam o serviço de servas junto do deus Odin e de sua mulher; em virtude dos seus componentes, interpretam-no *a amazona dos Ases* (3).

Astrilde (4), nome de mulher, usado antigamente entre nós, de procedência germânica, e que poderá traduzir-se por: *guerreira* (cf. *Hilda*, etc.) *oriental* (cf. *Astromiro*) (5); outra forma acusada pelos documentos é *Astrille*.

---

dável, caro: veja-se ἀσπάσιος- α, ον; Pape interpreta como acima.

(1) Assim, o livrinho *Unsere Taufnamen*.

(2) Cf. *Século* de 21-1-1932.

(3) Sôbre as *Valquírias* e os *Ases* pode ver-se a *Deutsche Mythologie* de Kauffmann, respectivamente a págs. 64 e 20.

(4) *Astrildi* e *Astrilli* é que se lê nos documentos.

(5) Sinónimo dêste deve ser *Astragundia*, que o *Onom. Medieval* dá como nome de mulher.

Astromiro, nome de homem, de procedência germânica, que quer dizer: *afamado, notável* (cf. *Belmiro*, etc.) *no Oriente (astro-* por *austr-)* (1); além desta, tem nos documentos antigos a forma *Astramiro* e no *Ementário*, *Astrimiro*; representa-o ainda o topónimo *Astromil*.

Atália (Athalia), nome hebraico de mulher que significa: *aquela a quem o Senhor afligiu* (2), consta da Bíblia.

Átalo (Athalo), nome grego, ocorrente no Calendário, que se interpreta por *alegre, divertido*, devendo por isso ter primitivamente sido alcunha. É possível que *Átalas (Attalas)*, que também figura entre os santos, seja um seu divergente.

Atanagildo, como se chamou um dos reis visigodos da Espanha, é nome de origem germânica, que parece significar *digno* (cf. *Leovegildo*) *de brilho (atana-*, propriamente *sol)* (3); em antigos documentos, além desta forma e do respectivo patronímico *Atanagildiz*, aparece também outra com perda da vogal inicial, isto é, *Tanagildo* (sec. IX); daquela e desta, no caso genitivo, proveem os topónimos *Ataíde* (4) e *Tagilde*, dos quais o último, se não ambos, se dizia *Atanagildi* e *Taagilde*, respectivamente nos séculos X e XIII.

---

(1) Entenda-se, *num país situado ao nascente da Germânia*: cf. *Áustria*, latinização da velha forma *Austr-*, mas erradamente, observa Kleinpaul, *Länder und Völkernamen*, pág. 15, porquanto em latim *auster* significava o sul. Compare-se ainda *Austrália*. Já a metade oriental da velha França, a Alemanha posterior, se chamava *Áustria*.

(2) Assim, o *Dic. lat. ptg.*, de Saraiva; o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc., porém, tem êste nome por grego e interpreta-o por *juvenil, tenra, delicada*.

(3) Ou *ano*, como interpreta Förstemann, no seu *Altdeutsches Namenbuch*, Meyer-Lübke, porém, diz ser desconhecida a significação da raiz *atan-* que, segundo êle, nenhuma das línguas germânicas possue: cf. *Die altptg. Personennamen*, pág. 15.

(4) No *Onomástico Medieval* ocorrem estas formas, afora as mencionadas acima: *Taide* (1220), *Taindi*, *Atahyndi* ou *Atayndc* e ainda *Tanaydo* (1258).

Atanarico, como se chamou um dos reis dos Godos, é nome germânico que se traduz por *príncipe (-rico) brilhante* ou *ilustre* (cf. *Atanagildo*, etc.); de uso raro, se é que existe.

Atanásio (Athanasio), nome grego, que quer dizer *imortal* (α privativo e θανασιο-) (¹); possue feminino regular, figurando ambos os géneros no Calendário, mas, isso não obstante, o seu uso entre nós não parece ser muito antigo.

Atanaulfo, nome de procedência germânica que, segundo os elementos que o compõem, quer dizer: *brilhante* (cf. *Atanagildo*) *lobo* (cf. *Adolfo*) ou, como interpreto, *guerreiro distinto*; ocorre no Calendário; mas não figura no *Onomástico Medieval*, sendo possível que, pela queda do *-n-*, se tivesse fundido com *Ataulfo* (cf. *Adolfo*).

Atão ou **Athon**, nome de um dos santos do Calendário, que deve ser outra forma do germânico *Atto* (²), que se traduz por *pequeno guerreiro*.

Atenodoro (Athenodoro), nome grego, cuja significação em português é: *presente* ou *dádiva* (cf. *Diodoro*, etc.) *da deusa Atena (Athena)*; tem feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário.

Atenógenes (Athenogenes), nome de igual procedência, que quer dizer: *da raça de Athena*; figura igualmente no Calendário.

Ático (Attico), nome pelo qual se designavam os habitantes da região grega chamada *Attica* (³), e passou depois a dar-se a indivíduos que não estavam nessas circunstâncias, figurando assim na antroponímia romana (⁴) e, portanto, no Calendário.

Áttila ou **Atila**, como se chamava o célebre rei dos Hunos, vencedor dos imperadores do Oriente e do Ocidente, que a si mesmo se apelidava de *flagêlo de Deus*, é nome ger-

---

(¹) Em grego, *mortal* diz-se θνητός, mas há o substantivo ἀθανασία, que significa *imortalidade*.

(²) Fumagalli tem êste nome por um representante de *atto* (aliás *atta*): cf. *Atila*.

(³) Isto é, a *região*, o *país das dunas*, pois ἀκτή foi primeiro o nome da Ἀττική (Pape).

(⁴) É conhecido, entre outros, o celebre amigo e editor de Cicero, Pomponio Attico.

mânico, ou melhor gótico e quer dizer *paizinho*, visto considerar-se um deminutivo de *atta*, que, designando *pai* em linguagem infantil (1), faz parte das línguas grega, latina, gótica e outras; como nome de homem encontra-se em documentos já de 915 e 984; teem aspecto de derivados da mesma palavra, que também figura na antroponimia romana, como sendo o nome de um poeta trágico, *Áttio* ou *Átio*, *Attilano* ou *Atilnao*, que se acham representados no Calendário, e por ventura *Attilio* ou *Atilio*, que foi o nome de um célebre general romano.

Aucto, particípio do verbo latino *augeo*, que se poderá traduzir por *aumentado*, *acrescentado*, por ventura em sentido religioso, isto é, *em graça* ou *virtude*; como outros, passou à classe dos nomes próprios. Segundo o *Ementário* (2), tem feminino regular, achando-se ambos os géneros representados no Calendário.

Audas (3), nome constante do Calendário, que parece estar por *audax* ou *audaz*, isto é, *ousado*, representando assim o respectivo adjectivo latino, que originàriamente teria sido alcunha. Igual sentido julgo ter *Audacto*, que também figura entre os nomes dos santos e, segundo o *Ementário*, tem igualmente a forma *Audácio*, donde *Audaciano*, que êle dá como existente.

Audoeno, nome de um santo do Calendário, que se me afigura de proveniência germânica e significar *proprietário* ou *senhor de bens herdados* (cf. *Odo*, etc.). Não será variante de *Eduino*?

Augúrio, nome que a língua comum possue sob a forma *agoiro* e foi dado também a pessoas, pelo menos um santo há assim chamado, que a Igreja comemora a 21 de Janeiro; na sua origem talvez quisesse indicar que o indivíduo a que o impunham ou antes o seu nascimento era para a família de que fazia parte *um bom agoiro*. O mesmo se

(1) Os Romanos davam êste nome também aos que andam, por defeito físico, nos bicos dos pés.

(2) O mesmo regista também as grafias *Autho* e *Auta*.

(3) O repositório acima citado dá esta forma como igual a *Aulaces*, um dos assassinos de Viriato, e referente ao santo escreve *Audax*.

pode dizer de *Auspício*, de sentido idêntico, que igualmente a língua comum, mas só a literária, possue, no Calendário figura em 8 de Julho.

Augusto, isto é, *o crescido* ou *o alto*, *elevado* em sentido metafórico, da raiz latina *aug-*, que entra em *aumento*, *auxílio*, etc. (1); corresponde-lhe em língua popular *Agôsto*, que, sendo a designação romana do sétimo mês do ano (2), foi dantes usado entre nós como nome próprio; à mesma pertence o derivado diminutivo *Agustinho* ou *Agostinho*, mas à literária *Augustiniano* (também *Agostiniano*), *Augustal* e *Augústulo* (3), provenientes estes do primeiro e aquêle do segundo; com excepção dos dois últimos, a todos a língua dá feminino; no Calendário figuram *Augusto*, *Agustinho* em ambos os géneros e *Augustal*, mas no *Onomástico Medieval* vejo citado apenas *Augustinus* ou *Agustinho* em português.

Aureliano, Aureliana, veja-se **Aurélio**.

Aurélio, Aurélia, nomes latinos, que equivalem a *o*, *a brilhante*

---

(1) Sigo aqui a opinião de Walde; cf. o seu *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, s. v. *augustus*; Bréal, porém, no seu *Diction. Étymologique latin*, s. v. *avis*, tem êste nome por derivado dêste substantivo e tradu-lo assim por *consagrado pelos augures*; para outros é sinónimo de *Sebastião* e dão-lhe, portanto, o sentido de *o alto*, *o santo*, etc.

(2) Como é sabido, o nome do mês até o ano 8 antes de Jesus Cristo foi o de *Sextilis*, isto é, *o sexto*, a partir de Março, época em que dantes começava o ano; a primitiva designação foi depois alterada, em homenagem ao imperador Augusto.

(3) O sufixo *-ulus* mostra que êste nome, como *Augustinus*, é diminutivo de *Augustus*. Note-se que a mor parte dêstes nomes pertenciam já à antroponímia romana e que na bôca do povo *Augusto* perde o primeiro *u*, proferindo-se aberto a vogal que o precede; ao contrário, em vez de *Agostinho*, também aparece a grafia *Augustinho*, de-certo sob influência literária. A própria forma *Agostinho* parece ter soado também *Agostino*, como leva a crer *Agostim*, que se encontra documentado: cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 450.

como o sol (1); a forma masculina encontra-se já em um documento do século X; são seus derivados *Aureliano* (2), *Aureliana*, dos quais o primeiro penetrou no povo onde tomou a forma *Arelhano*, que ocorre, por exemplo, no *Cancioneiro Geral* e em Gil Vicente; no Calendário citam-se todos os nomes indicados com excepção de *Aureliana.*

Aureo, adjectivo latino, que passou também a nome próprio; à letra quer dizer *de ouro*, mas, quando aplicado a pessoas, tem talvez o sentido de: *belo*, *formoso*, *lindo* (como o ouro) (3); tem feminino regular e figura no Calendário em ambos os géneros (4).

Aurora (5), nome literário pelo qual, como os Romanos, designamos o que em língua popular chamamos *alva*, tem

---

(1) Segundo Festo, a sua primitiva forma foi *Auselius*, a qual êle relaciona com o *sol (a sole dicta)*, a mesma raiz *aus-* entra ainda em *aurora*, *aurum*, *austrum*, etc.; veja-se Walde, *Lateinisches Etymologisches Wörterbuch*, s. v. *aurora*. Há também quem tenha êste nome por um derivado de *aurum* e o traduz, portanto, por: *o dourado*, *o filho do ouro*: cf. *Unsere Taufnamen*, etc.

(2) Do topónimo *Orelhão* infere-se que o *Aurelianu-* do latim clássico se converteu em **Orelianu-* no popular; sôbre *o* = *au* cf. *Clodius* e *Claudius.*

(3) Cf. por exemplo: *aurea Venus*, *littus aureum*, que o *Dic. lat. português*, de Saraiva, traduz, respectivamente, por *a linda Vénus*, *ribeira encantadora.*

(4) Creio ser êste nome de introdução moderna, no entanto o *Onomástico Medieval* regista *Aurio* e *Auria*, aquêle como nome de homem, êste como apelido de mulher: será o mesmo?

(5) A propósito dêste nome, que tem o seu equivalente no grego ἕως, que, segundo A. Meillet (*Introduction à l'étude*, etc. pág. 242), está por *ausōs* (cf. *Aurélio*) conta Kleinpaul, pág. 42, que o jesuíta Martim Dobritzhófer encontrou-se uma vez numa floresta com um moço indiano que se chamava *Flor dourada (Goldblume) do dia*, o que quer dizer: «crepúsculo da manhã e cujo pai tinha o nome de Sol». Numa lição do romance de D. Bozo fala-se numa *Flor do dia*: cf. *Revista Lusitana*, VI, 185.

nestes últimos tempos, segundo me parece, adquirido tal ou qual predilecção da parte das mulheres.

Auspicio, nome comum da lingua latina que, como outros, passou a próprio, podendo traduzir-se por *o adevinho* (1); figura no Calendário.

Austrebaldo, nome de homem, de proveniência germânica, que, segundo os elementos de que se compõe, se deve traduzir por *o ousado* ou *forte (-baldo) oriental* (cf. *Aitromiro*). No *Onomástico Medieval* figura um *Astrualdo*, que julgo ser outra forma do mesmo nome.

Austreberto, nome que diverge de *Astromiro* (2), apenas no segundo componente, aliás de significação idêntica; possue feminino regular, que figura no Calendário.

Austregésilo ou **Austregisilo** (3), como traz o *Martirológio* e se chamou um santo bispo de Bourges (França), é nome que se me afigura germânico e querer significar: *refens do Oriente* (4).

Autberto (Authberto), nome constante do Calendário, de procedência germânica, cujo sentido é: *famoso* ou *ilustre* (cf. *Berto*, etc.) *por suas riquezas (auth-*, uma das variedades do tema *aud-*, que aparece também sob as formas *ed-*, etc.: cf. *Edgar*, etc); creio ser variante do mesmo *Audoberto*, que o *Ementário* não regista, mas se encontra em A. Bass.

Autónomo, adjectivo da língua comum, tomado do grego,

---

(1) É isto ou melhor o que tira prognósticos ou adevinha pelo vôo das aves, o que significa o substantivo *auspex*, que seria preferivel àquele. Tetzner traduz por *interprete* ou seja *o que explica*.

(2) O *Ementário* interpreta-o por: *poderoso* ou *que brilha a este*.

(3) Assim, isto é, na antepenúltima acentua o mencionado *Martirológio* no corpo da obra, mas na penúltima, isto é, *Austregisilo*, no índice respectivo.

(4) Porque os prisioneiros dados em refens ou caução *(Geiseln)* eram tomados só entre os filhos de pais distintos, também *gisal* tomou o sentido de *menino de nobre raça, rebento de um tronco nobre*: cf. Khull, *Deutsches Namenbüchlein*, 39.

sinónimo, quanto ao sentido, de *livre* ou *independente* (1), que nos vieram do latim; provàvelmente alcunha na sua origem, passou depois, ainda na Grécia, a nome próprio, figurando como tal no Calendário.

Auxano, como se chama um santo bispo, venerado pela Igreja, é nome grego que se interpreta por *o que cuida* ou *aumenta* (αὐξάνω) *os seus haveres*, sendo assim de sentido igual ao germânico *Eduardo* (2).

Auxíbio, adjectivo grego, passado a nome próprio, figurando como tal no Calendário; a sua significação é: *que prolonga* (αὔξω) *a vida* (βίος).

Auxilio, nome comum, segundo creio, passado a próprio, figurando como tal no Calendário; dêle se tirou o feminino *Auxília* (3). Sob o título de *Auxiliadora* é invocada a Virgem a 24 de Maio.

Auzilla (4), nome de mulher, tirado talvez de *Ausenda* ou *Ausinda*, pela troca em *-ilia* de *-enda* ou *-inda*, que se tomaria erradamente por um sufixo; outra forma do mesmo creio ser *Auziria*, constante do *Ementário*, pela permuta, freqüente no povo, de *l* em *r*.

Avelino, nome latino, que designa o *habitante da antiga cidade de Itália*, chamada *Abellinum*, hoje *Avellino*, e distingue um dos vários santos, que no Calendário figuram com a denominação de *André*.

Avito, adjectivo que pode traduzir-se por *antigo*, embora à letra queira dizer *que vem* ou *procede dos* AVÔS, e já os

---

(1) À letra: *cuja lei é a sua própria vontade, que regula por si mesma*: *autos* + *nomos*.

(2) Esta interpretação dá Pape a Αὐξάνων, que se me afigura ser o mesmo nome e, rigorosamente falando, é o part. do presente do verbo acima indicado e cujo feminino Αὐξάνουσα ou *Auxánusa* o mesmo informa ter existido como nome de mulher.

(3) Semelhante formação, a meu ver, é irregular, porque, rigorosamente falando, *auxília* é o plural do substantivo neutro *auxilium*. No *Onomástico Medieval* encontra-se o nome de homem *Auxendo*, que se me afigura ter igual procedência, isto é, representar o gerundivo de um verbo *auxo* (cf. grego αὔξω) e significar, portanto, *o que é digno de ser acrescentado*.

(4) Colhi-o no *Século* de 18-IV-1931, secção *Necrologia*.

Romanos aplicavam a pessoas nos dois géneros, o *Ementário* apenas regista o masculino que figura no Calendário.

Azarias, nome de homem, de origem hebraica, que se interpreta por *ajudado de Deus* ou *a quem Jehovah ajuda*; assim chama a Bíblia a um dos três moços judeus, lançados no forno em Babilónia e que a Igreja comemora em 16 de Dezembro; ao mesmo os caldeus puseram o nome de *Abdénago*, que quer dizer *serva* ou *adorador de Mercúrio* (?) (1).

(Continúa).

J. J. NUNES.

(1) Assim, o *Dicionário lat. português*, de Saraiva.

O livro das "Pregoems" dos Judeus Portugueses de Hamburgo

A comunidade portuguesa israelita de Hamburgo possue um livro manuscrito inédito, do ano 1773, parte em hebraico, parte em português, que contém o ritual observado na sua sinagoga. O livro foi composto e escrito pelo leitor (cantor) da sinagoga Jacob Cöem Belinfante, escritor bem conhecido pelos seus manuscritos e iluminuras.

Creio que o texto português foi escrito para evitar que os leitores duma época posterior não esquecessem as «pregões» portuguesas; ainda hoje, êste manuscrito serve para o mesmo fim.

Transcreve-se abaixo uma cópia literal do texto, acrescentada de notas para facilitar o seu entendimento; porém, para melhor se compreenderem os nomes das festas e os ritos israelitas, podem servir os opúsculos editados pelo Snr. Adolfo Benarús para a Sociedade judaica *Hehaber* de Lisboa em 1929 (1). Para verificar o texto hebraico conferi-o com as orações editadas em 1771 em Amsterdam pelo leitor Jacob da Silva Mendes.

Hamburgo. ALFONSO CASSUTO.

METHODO COMO SE UZA APREGOAR.

Sabat (2) antes de Kipur (3)

Se fas saber a V. M. que para entrar no Jejum .... Feira tarde se deverá ter comido as .... Oras a o mais

---

(1) Vol. I, *Purim*; vol. II, *Pessah*; vol. III, *Lag-Laomer*; vol. IV, *Shabuot*; vol. V, *Tich'a Be-Ab*; vol. VI, *Roch Ha-Chanáh & Kipur*; vol. VII, *Sucot* ou *A Festa das Cabanas*; vol. VIII, *Hanucáh*.

(2) Vem do hebraico: é o sábado, pl. sabatot.

(3) Do hebraico: é o dia de perdão em que os Israelitas não fazem nenhum trabalho e se abstêem do comer e de beber.

tardar; Como tambem seja cada qual advertido de não fazer alguma sorte de obra, nem tocar fogo de ditta ora p[r] diante.

Ditto Sabath.

Si ouver alguma orpha que queira entrar na sorte da Bemaventura.[a] Jael Cahanet da Rocha (1); tem tempo de se dar en notta a o S[r]: Parnas (2) Prezidente the .... Feira proximo a o mais tardar.

Ditto Sabath de dois a dois Annos

Si ouver alguma orpha que quira entrar na sorte da Hirmandade de *Abj Jetomjm* (3), tem tempo de se dar em notta a o S[r]: .... the .... Feira proximo a o mais tar.[r].

Noite de Kipur.

Se pede a V. M. não levantem a voz dezordenadamente na Oração p.[a] evitar o escandalo, e prevenir no pussivel não molestado de algum malevolo atrevido.

Sahinte Kipur — Antes de Harbith. (4)

Daqui por diante se começará a Tephila (5) da pelamenha na sommana as 6 oras y meya, y em Sabath as 7 oras .... Feyra tarde a .... horas se vendem os Cidroẽms na camara dos SS.[res] do Mahamad.

Antes da Hamida (6)

Dirão v. m. a Hamida de Sahinte Sa[th].

(1) Jael Cahanet (fem. de Cohen = sacerdote), aliás Izabel da Rocha, mulher de João da Rocha Pinto, originário do Pôrto; morreu em 1654 em Hamburgo.

(2) Do hebraico: é um director da comunidade.

(3) Do hebraico: uma sociedade benemérita para orfãos.

(4) A oração da noite.

(5) É a designação hebraica de oração.

(6) Uma parte da oração que se diz estando de pé.

Vispera da Festa

Cahindo Festa em 6.ª Feira Se fas saber a V. m. que não esqueção antes de entrar a Festa fazer yrub (1) de Cozinhado.

A Tarde depois de Minha (2)

Os SS.res que não fizerão yrub ainda tem tempo de o fazer.

Antes de começar o salmo

Manha pelamenha se começara Tephila a 7 oras e assi seguira o resto dos dias da Festa.

Odia, antes de dar Misvoth (3)

A tephila de Harbith, se começara esta noite a .... Horas.

A 2.ª Noite sendo Sabath — Antes da Hamida.

Dirão V. M. na Hamida o verço de vatodienu (4).

Sahinte Festa p.ª os medianos — Antes da Hamida.

Dirão V. M. a Hamida de Saliente Sabath Com o verço da Pascua.

Depois de toda reza

Dirão V. M. Abdala (5) sobre o Copo.

---

(1) Ceremonia em virtude da qual é licito cozer em dia santo.

(2) Oração da tarde.

(3) Do hebraico: as funções na sinagoga.

(4) A primeira palavra duma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Festas*, p. 4 verso e 5.

(5) Do hebraico: uma benção, cf. ib. vol. *Cotidiano*, p. 118 verso e 119.

Osahana Raba (1) — Antes de Hamida. N. B. harbit.

Manha pelamenha se começara a ordem de selichot (2) as 6 horas.

Noite d, Sim.ª Tor.ª (3)

Depois das Misvot antes do Salmo.
Manha pelamenha se começara a Tephila as 8 oras.

Odia antes da Musaph (4)

A Tephila de Minha se começará esta tarde as 3 horas.

Sahinte festa — Antes de harbit.

Daqui por diante se começara a Tephila da pelamenha na Sommana as 7 horas e em Sabath as 7 horas i meya.

Ros Hodes. (5)

O Sabath antes de Ros Hodes, depois de haver pregoado o Mes pela ordem em Hebraico, dira o Hazam (6); R. Hodes (5) he tal dia, nomeando o mes e o dia e o mesmo fará sendo dois dias e dirá R. H. Tal, he 2 dias, e os nomeará.

Bençáo das Chvvas.

O Sabath antes do tempo que se deve pedir por chuvas, pregoara o Hazan antes de dar Misvoth. Se fas saber a V. M. q: para tal Noite na Tephila de Harbith (7) e por diante, se

---

(1) Do hebraico: uma festa, cf. ib. vol. *Festas*, p. 96 ff. — Benarús, *ubi supra*, vol. VII, p. 13.

(2) Uma oração que se diz de manhã, cf. Silva Mendes, vol. *Festas*, p. 96 ff.

(3) Uma festa, cf. ib. 122 ff.

(4) Uma oração do meio-dia.

(5) Princípio do novo mês, também abreviado R. H.

(6) O leitor da sinagoga.

(7) Cf. as notas (4) e (5) da pág. 81.

começara a dizer Barech Alenu (1) na Hamida. E na mesma Noite q: se começar, pergoará antes da Hamida de Harbith. Dirão V. M. na hamida o verço de Barech Alenu.

Jejum de Tebeth (2)

O Sabath antes do Jejum, depois de haver pregoado o Jejum pela ordem em Hebraico, dirá o Hazan, o Jejum do Mes decimo he Tal dia, D.s nolo volte em gozo e Alegria. E para o Jejum de Tamuz (2) dira o Jejum de Mes quarto.

Para os Devitos.

Se (fas saber) se pede a V. M. aos q: estao devendo conta de sedaca (3), direitos da Naçao, ou atrazados, se servao pagalo por toda esta sommana ao Sr. Thezoureiro pelo muyto q: carece a caxa de dineiro.

Por outro Estilo.

Se pede a todos SS.res q: estao devendo atrazados contas de sedaca, Taxação ou cual quer outro contingente, se sirva pagalo por toda esta sommana ao Sr. Thezou.o q: em falta serao constringidos os SS.res do Mahamad (4) a seguir com os ritos q: rezão as Hascamoth (5).

Outro Estilo.

Se pede a todos SS.res q: estão devendo Taxaçam ou conta da Sedaca, se sirvao pagalo ao Sr. Thezo.o do A.o. Passado por toda esta sommana, por cuanto carece de ajustar sua conta.

Extra

Se faz saber a V. M. como rezolverao os SS.res de Mahamad em com.a dos SS.res Adjuntos hum cuarto de taxaçam extraordinario cujo Pagamento deverá ser feito no termo de .... sommanas.

---

(1) Outra oração para pedir chuva.
(2) Nome dum mês.
(3) É a caixa dos pobres; vem do hebraico.
(4) Do hebraico: os direitos da comunidade.
(5) Do hebraico: os regulamentos.

Sendo meia Taxaçam.

Havendose juntado os SS.res de Maha.d em com.a dos SS.res Adjuntos acharão ser percizo por a emposta de meia Taxaçam Extra, de que hum cuarto devera ser pago no Espaço de .... sommanas; e o segundo Cuarto no Termo de .... Mezes e se espera os SS.res Jechidim (1) acudão com toda pontualidade.

Outro Estilo.

Se faz saber a V. M. como os SS.res do Mahamad em com.a dos SS.res Adjuntos rezolverao a emposta de meja Taxação extra, de q: hum cuarto ha de servir para pagamento das sortes dos Bemavem.o Zecharia e Jael Cohen da Rocha (2); e o 2.o cuarto para gastos innexcuzaveis que precizamente se carece.

Sortes.

Sabath antes de Jejum de Tebeth (3), pregoara; Si ouver alguma orpha que queira entrar nas sortes do Bem.o Zecharia acohen da Rocha (4), tem tempo de se dar em nota ao s.r Parnas Prez.te the .... Feira a o mais tardar.

Em hum dos sabatoth (5) do Mes de Tebeth (6) pregoara; Si ouver alguma orpha que queira entrar nas sortes de Bem.o Ab: Senior Texeira (7), tem tempo de se dar em nota ao s.r Parnas Prezi.te the .... Feira a o Mais tardar.

---

(1) Do hebraico: os membros, sing. Jachid.

(2) Cf. a nota (1) da pág. 81.

(3) Nome dum mês.

(4) Cf. a nota (1) da pág. 81.

(5) Cf. a nota (2) da pág. 80.

(6) Nome dum mês.

(7) Aliás Diego Teixeira de Sampayo, agente hamburguês da raínha Cristina da Suécia, morreu em 1666, em Hamburgo; era descendente duma família nobre portuguesa judaica; cf. os meus *Elementos para a história dos judeus portugueses de Hamburgo*, vol. IX, p. 20 da sociedade Hehaber acima indicada.

Em hum dos Sabatoth do mes de Sebath pregoara Si ouver alguma orpha que queira entrar nas sortes da Bemavem.[a] Jeudith del prado (1), tem tempo de se dar em nota ao s.[r] Parnas Prezi.[te]: the .... Feira ao mais tardar. Nota, que dita sorte nao se pregoara que (vay ver Fol. 93) de 3 a 3 Annos. Aplicando a mesma Somma no Anno seguinte para resgate de Captivos. E o segundo Anno se repartirá entre os oficiais e participando tambem aos Nessecitados de Nossa Naçam Portugueza, plubicando o com pregao da Tebah (2) o Sabath de antes, por o seguinte Estilo. Si ouver alguma Pessoa que queira gozar da repartição da Bemavem.[a] Jeudith del Prado (1) tem tempo de se dar em nota a hum dos SS.[res] do Mahamad the .... Feira a o mais tardar.

Em Sabath Secalim (3)

Si ouver alguma orpha ou Donzella q: quira entrar nas sortes de Purim (4) na Cidade de Amsterdam tem tempo de se dar em nota ao Sr. .... the .... Feira proximo ao mais tardar: vay ver o estilo de Hoje, a Fol. 122.

Sabath Zachor (5)

Si ouver alguem q: queira gozar da repartiçam das taças tem tempo de se dar em nota a hum dos SS.[res] do Mahamad the .... Feira ao mais tardar.

No mesmo Dia pregoará. Havendo alguma Pessoa q: se queira empregar para fazer o Masoth (6) da Naçao, se dara em nota .... Feira noite na camara dos SS.[res] do Mahamad a dittos SS.[res] q: nella se Acharão.

---

(1) Morreu em 1658 em Hamburgo; irmã de Jael Cahanet da Rocha.

(2) Do hebraico: estante no meio da sinagoga.

(3) É o sábado em que se lê a porção da lei de Moisés que trata dos siclos (moeda judaica).

(4) Do hebraico: a festa «das sortes», cf. Benarús, vol. I.

(5) Cf. (3) *Exodo*, cap. XVII, v. XIV.

(6) Do hebraico: são os pães ázimos que os judeus comem na festa da Páscoa em lugar do pão ordinário.

Sabath Agadol (1)

Se faz saber a V. M. q: .... Feira pelamenha sendo vispera de Pessach (2), não se pode comer Hames (3) que the as .... Horas ao mais tardar, sendo cada cual advertido em dito tempo de queimar o Hames q: lhe sobrar e tornalo a baldar.

Succedendo vispera de Pesách em sabath presgoará no sabath antecedente. Se fas saber a V. M. q: 5.ª Feira noite he cada cual obrigado a escombrar o Hames; igualmente a 6.ª Feira pelamenha as .... Horas queimalo; e apelamenha de Sabath depois de haver comido q: pode fazer the as .... horas a o mais tardar tornalo a baldar.

Noite de Purim (4)

Antes de começar a Meguila (5), pregoará, Se pede a V. M. escuzem o bater Aman (6), para evitar o escandalo, e prevenir não sermos molestados de algum malevolo atrevido.

Pesach (2)

Pelamenha de vispera de Pesach, pergoara A tephila de Minha para os Bechoroth (7) se começará esta Tarde as 2 horas.

Hirub, sendo festa 6.ª Feira & saboth, vee em Fol. 140.

Horas q: se começará a Tephila pelamenha & Noite, vee em Fol. 57.

---

(1) O sábado antes da Páscoa é chamado assim.

(2) Do hebraico: é a Páscoa.

(3) Do hebraico: o pão com fermento.

(4) Cf. a nota (4) da pág. 86.

(5) Do hebraico: é a designação do livro de Ester.

(6) Aman foi o grão-vizir da Pérsia que perseguiu os judeus, como relata o livro de Ester; a juventude israelita bateu com os pés quando na leitura dêsse livro ocorreu o nome de Aman.

(7) Do hebraico: os filhos primogénitos que jejuam no dia antes da Páscoa.

Vatodiënu (1) a 2.ª Noite da Festa sendo Sahinte Sabath vay a veer a Fol. 139.

Sabindo os primeiros dias da festa, pregoará antes do Kadis (2). Daqui em diante se começará a Tephila de Minha a 2 horas & Meya e a de Harbith as .... Horas.

A mesma Noite antes de começar Hamida pregoara, Dirão Hamida de Saliente Sabath com a Verço da Pascua, como tambem daqui em diante se começa a dizer na Hamida o verço de Barehenu Abinu (3). Sahindo os ultimos Dias da Festa pregoará. Daqui em diante se começara a Tephila da pelamenha en sommana as 6 horas & meya e em sabath as 7 horas.

Ou sabatoth entre Pesach a Sebuoth (4), preogará antes de dar Misvot.

Os SS.res que não contarão o homer (5) o farão sem Benção.

Sebuoth. (4)

Os pregoëms que nelle se ofrecen segue o methodo de Pesach.

Sabath Hecha (6)

Se fas saber a V. M. q: para entrar no Jejum .... Feira Tarde tem tempo de comer the .... horas ao mais tardar.

Nomeaçam

Hum, ou dois sabatoth antes de Ros assana (7) pregoará, Os SS.res do Mahamad fazem saber a V. M. q: para nomeação de onze pessoas dezaparentadas q: haverão de fazer a Eleição

(1) Cf. a nota (4) da pág. 82.

(2) Uma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Cotidiano*, p. 21-22, etc.

(3) Uma oração, cf. ib., p. 25 verso.

(4) Do hebraico: Pentecostes.

(5) Do hebraico: é um conta dos dias desde Páscoa até Pentecostes.

(6) É o sábado antes do jejum de 9 do mês de Ab.

(7) Do hebraico: é o novo ano, abreviado R. A.

nova, se sirvão dar seus votos, ao s.r HH.m (1) the .... Feira proximo ao mais tardar. E o sabath em q: forem nomeadas dirá, Os onze SS.res nomeados para a Eleiçam nova são os seguintes; e nomeará seus nomes pela ordem q: lhe foy entregado dos SS.res parnasim da Banca (2).

Mudança de horas em q: se deve tomar sabath: Como, em q: se devera começar as oraçoëms; igualmente advertencia dos verços q: na mesma se acresentão em tempos asinalados, não ignoraras o Methodo havendo Lido os Capitulos antecedentes.

Eliçoëms

Noite de Ros assana (3), o primeiro q: for nomeado, dirá o Mi seberah (4); e depois de haver nomeado seu nome, dirá Que entra por Parnas prezidente este Anno e seguira a Estilo dizendo, Malca dealma (4) & Para os SS.res do Mahamad dira Que entra por Parnas da Banca este anno, Malca dealma (4), & Para os SS.res Adjuntos, Que entra por Adjunto este Anno Malca (4) &, Para os SS.res Parnasim da Hebra (5), Que entra por Parnas da Hebra (5) este Anno, Malca (4) &, Para os SS.res Parnasim da Hebra (5), Que entra por Parnas da Hebra (5) este Anno, Malca (4) &, Para os SS.res Parnasim de T. T. (6) & Es Haim (7), Que entra por Thezou.o de Es Haim este Anno Malca, & Que entra por Parnas de T. T. este Anno, &, Para os SS.res Gabaim (8) Que entra por Gabay da Sedaca este Anno Malca, &, Que entra por Gabay, de Jerusalaim (9) este

---

(1) Haham do hebraico: é o título dos rabinos entre os israelitas portugueses.

(2) Os direitores excepto o presidente, são chamados parnasim da Banca.

(3) Cf. a nota (7) da pág. 88.

(4) Uma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Cotidiano*, p. 95 verso.

(5) Do hebraico: direitores da irmandade.

(6) Talmud Tora, é a escola, vem do hebraico.

(7) É o nome duma irmandade para estudar (meldar).

(8) É outra designação dum delegado.

(9) Uma sociedade para obter dinheiro em favor dos israelitas pobres na Palestina.

Anno, Malca, &, Para os SS.^res^ Noivos (1) Que entra por Hatan Torah (1) este Anno Malca, &, Que Entra por Hatan Beresith (1) este Anno Malca, & Para os SS.^res^ e diputados, Que entra por diputado da Nacao este Anno Malca dealma hu iebareh (2) & Advirte q: p.^a^ o ultimo nomeado dos parnasim da Banca diga. Que entra por Thezou.^o^ da Naçao este Anno, Malca &. No Primeiro dia de Pesach. Que entra por Admenistrador de Hirmandade de Guemiluth Hassadim (3) este Anno, Malca dealma &, Para os q: em dita Hirmandade entrarem por Hirmão, Que entra por Hirmão na Hirmandade de Guemiluth Hassadim, Malca &.

Promeças.

Em dias de Ros Asana & Kipur.

.... a .... pela saude de .... q: el Dio o escreva en Livro de vidas. E tendo cargo, dirá, pela saude de .... que combem sirva seu cargo, e o escreva el Dio em Livro de vidas. E tendo Mulher e fami.^a^ dira, pela saude de .... que combem sirva seu cargo; e pela saude da S.^ra^ sua Prima (4) e os SS.^res^ seus Filhos que el Dio os escriva em Livro de vidas. Por os Noivos, dira, Pela Saude do Sr. .... Hatan Torah, ou Hatan Beresith; ou dos SS.^res^ Hatanim q: sempre se empregem em Misvoth; e os escreva el Dio em Livro de vidas.

Outro Estilo mais proprio, para os dias antes de chegar sua Funçam, Pela saude de .... H. T. ou H. B. que com bem festejem sua Festa, e os escreva el Dio em Livro de vida. Na Festa:

.... a .... pela saude de .... que el Dio

(1) Ou melhor dito: noivos da lei (i. e. Hatan Tora e Hatan Beresit, abreviado: H. T. e H. B.) os dois homens que lẽem a última e a primeira parte da lei de Moisés.

(2) Uma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Cotidiano*, p. 95 verso.

(3) É o nome duma irmandade para enterrar os mortos.

(4) Entre os israelitas portugueses de Hamburgo *prima* significa espôsa e não a filha do tio e tia; em Amsterdam se diz *caza* para espôsa.

lhe conceda Festas alegres. Para crianças que vem a dizer Agomel ([1]), dirá:

.... a .... por sua saude, que el Dio o engrandeça e o fassa seu servo; ou q: o engrandeça para seu santo serviço prometendo o pay pelo filho que aja feito Agomel, dira .... a .... pe-la saude de seu filho que veja delle muytos gostos.

E si tiver mais filhos, dira, que veja delle e dos demais muytos gostos. Por Noivos de Ley em Simha Torah: .... a .... pela saude do Sr. H. T. ou H. B. que sempre se empreguem em Misvoth, e lhe conceda el Dio festas alegres, e ocazioëms de gostos; Advertindo que para todos q: prometerem em d.º Dia, se dirá por este estilo que el Dio lhe conceda festas alegres e ocazioëms de gostos; soo os Brindes dos q: só prometem huma promeça dira, pe-la saude dos SS.res Hatamim e mais tençoems ditas.

Por Noivo de cazamento dirá: pela saude do Sr. Hatan e a Sr.a sua spoza que el Dio os dexe lograr muytos annos e lhes conceda ocazioëms de gostos.

Prometendo por seus Pais dira, pe-la saude dos SS.res seus Pais, que veya o seu cazal bem logrado, e que sempre tenháo ocazioëms de gostos; Por os Padrinhos Dira. Pela saude dos SS.res .... q: sempre se empreguem em ocazioëms de Misvoth e tenháo ocazioëms de gostos. Por os demais parentes Dira Pela saude de .... que sempre tenháo ocazioëms de gostos.

Por Bahal Berith ([2]), Dira: Pela saude de .... e a Sr.a sua Prima, que vejáo de seu Filho rezemnacido Muytos gostos. E tendo mais gostos filhos dira. Que vejáo de seu filho rezemnacido, e dos demais muytos gostos. Por avos dirá Que vejáo de seu Netto rezemnacido Muytos gostos. Por Padrinhos; Moël ([3]); e mais parentes, como em Função de cazamento. Em Funçao de Filha, Dira; Pela saude do Sr. .... e a Sr.a sua Prima; que vejáo de sua filha rezemnacida muytos gostos. Tambem uzáo, em vez de nomear filha, dizer Minina. Por Bar Misva ([4]), dira, Pela saude do Bachur Bar Misva q:

([1]) Uma oração pela salvação (para afastar) dum perigo.

([2]) Do hebraico: é o pai cujo filho vai ser circuncido.

([3]) Do hebraico: o homem que faz a circuncisão.

([4]) Do hebraico: o menino de 13 anos complidos, que vai ser confirmado.

sempre tenha ocazioëms de gostos. Por Pay e May dirá, Pe-la saude de seu Pay, e a Sr.ª sua May que vejão de seu Filho Bar Misva e dos demais muytos gostos. Por Maftir (1) dirá, pe-la saude do Maftir que sempre tenha ocazioëms de gostos.

Por o Paciente Dira, pela saude de .... q: el Dio la conceda prefeita; Por o Lutozo Dira, pela saude de .... q: el Dio lhe conceda vida larga. Para acompanhar a Misva (2), dirá. Manha pelamenha (ou Tarde, ou hoje; ou esta Tarde); a .... hora Levão a Misva. E sendo de Altana (3), dirá, Levão a Misva em Altona. Para quem vem de fora, ou saë da cidade. Dira, pela saude de fulano e sua boa vinda. Pela saude de .... q: D.º; o leve em Paz. Para as Nedaboth (4) de 3 festas dirá, cuando chegar adizer (se menadeb) (5). Para Misva de salos Pehamim (6), advertindo q: o diga soo no Primeiro home de quem começar a Nedaba. Para Es Haim Dira, Para Misva de Es Haim. Prara Hebra, dirá. Para Misva da Hebra. Para Guemiluth Hasadim, Dirá, para Misva de Guemiloth Hassadim.

Em ocazião de sura (7) dando as misvot dirá na primeira. Mi seberah & .... q: fara .... Misva por Honra dos Sr. Hatan ou Bahal a Berith; e em Simha Torah, por Honra dos SS.res Hatanim.

Misvoth q: se repartem em sabath. q: fara Misva de Abrir as Portas do Hehal (8), q: fará misva de Levar o sepher

(1) Do hebraico: é a pessoa que lê a parte das profetas.

(2) Do hebraico: a designação dum morto.

(3) Em Altona (perto de Hamburgo) existia uma comunidade agora extinta e o cemitério dos israelitas portugueses de Hamburgo.

(4) Do hebraico: promessas.

(5) Do hebraico: que faz a promessa ....

(6) As três festas nos quaes os israelitas deviam partir para Jerusalém, i. e. as festas da Páscoa, de Pentecostes e a de Cabanas.

(7) Do hebraico: uma festa celebrada na sinagoga em ocasiões como casamentos, nascimentos, etc.

(8) Do hebraico: é o armário da sinagoga onde se acham os rolos que contẽem a lei de Moisés. O rolo é chamada Sefer Tora.

torah. ([1]) q: fará misva de Dezemfaxar o Sepher Torah, q: fará misva de Hes Haim ([2]),
q: fará Misva de Levantar o S. T. ([1])
q: fará Misva da Caxinha,
q: fará Misva das faltas.
e Havendo quem esteja no anno do falecimiento de Pay e May, dirá .... q: dirá esta somman Kadis de Barhu ([3]) e em funçam de Surah ([4]) em ves de Kadis de Barehu, dirá, Kadis de Rabanan ([5]), e para o Sepher do que tem a Funçáo dirá, q: fará Misva de .... o Sepher do Sr. .... Dia de Purim para as Taças dirá, na Primeira ves, os SS.res q: andaráo com as Taças são os seguintes. Porem da segunda vez nomeara soo os Nomes e as Misvoth .... para .... Misva. Sabath Tessubah ([6]) para as Misvoth de Kipur dirá, Cuanto dáo para fazer a Misva de .... tanto dáo náo ha quem dee mais? tanto dáo e húa; tanto dáo e 2, tanto dáo e 3 Miseberah seberah .... q: da .... para fazer .... Misva, ve chen yehi rason ve nomar Amen ([7]).

Em funçam de Berith, dirá cuanto dáo para fazer a Misva de ter o pri.º copo .... dáo; e logo dirá Mi seberah .... q: da .... para fazer a Misva de .... por Honra do Sr. Bahal a Berith &.

Para o Dia q: darça ([8]) o Sr. HH.m pregoará a Noite antecedente entre Minha e Arbith.

Manha pe-la menha darça o Sr. HH.m.

Para sermão de ezequias; pregoará o sabath antecedente antes de dar as Misvoth; .... Feira pe-la menha são as ezequias do Bemavem.º Sr. HH.m .... de Glorioza Memoria, e hade darçar o Sr. ....

Pregoëms para particulares; Para Noivos o Sr. Hatam

([1]) Cf. a nota ([8]) da pág. 92.

([2]) É a designação de segurar o rolo de lei.

([3]) Uma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Festas*, p. 37.

([4]) Cf. a nota ([7]) da pág. 92.

([5]) Uma oração, cf. ib., vol. *Cotidiano*, p. 14.

([6]) O sábado antes de Kipur, vide nota ([3]) da pág. 80.

([7]) Fim duma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Cotidiano*, p. 95 verso.

([8]) Do hebraico: uma palavra hebraica com a terminação portuguesa; infinitivo: darçar = predicar.

.... pede a todos SS.^res do K. K. (1) lhe fação a Honra de se achar manha as duas horas na Beracha (2) de seu cazamento em sua caza; ou em caza de ....

Para Bahale Berith, o Sr. .... Bahal aberith, Pede a V. M. lhe fassáo a honra de se achar manha pelamenha as .... horas na Circunciçam de seu filho, em sua caza; ou &.

Para o Paciente incapaz de admitir vizitas; O Sr. .... pede a V. M. se sirvão não vizitalo; ou escuzem o vizitar, the acharse algo milhor.

Para Couzas perdidas. Se faz saber a V. M. como o Sr. perdeu hum .... e se pede a quem o achar se sirva restituilo a seu dono.

Sugeito de Nação, forasteira, que haja perdido algũa Couza, e suplica seja pergoado na nossa Esnoga, não se lhe refuzará pagando a o Hazam marcos 1,8 e dahi para sima; e o fará p.^r o Estilo seguinte: Se fas saber a V. M. q: .... Feira as .... horas, se perdeu .... se pede a quem o áchar se sirva restituhilo a seu dono ou a .... e levará .... em recompença.

Para quem consagra alguma peça dirá; Besiman tob (3) & .... q: fas kodes (4) .... a este K. K. Beth Israel (5), Malca & ....

Para os q: Poëm sepher no Hechal; Mi seberach, com Besimantob & .... q: dipuzita seu sepher Torah neste K. K. Beth Israel. Malca Dealma &.

Para as promeças de ambos, dira, pela saude de .... Fulano q: sempre se empregue em Misvoth; e pela saude da Sr.^a sua Prima e filhos q: sempre tenhão ocazioëms de gostos.

Em ocazião q: cual quer particular for forçado sahir de sua caza contra sua vontade, e pretender seja empedido a outrem viver em dita caza, pregoará com ordem de prezidente: Se pede a todos SS.^res Jehidim deste K. K. se sirvão não alugar a caza, ou os apozento em q: aoprezente vive nella o Sr. ....

---

(1) Kahal Kadosh = santa comunidade.

(2) Do hebraico: a bênção.

(3) Em bom augúrio.

(4) Fazer a votação.

(5) Casa de Israel é o nome da comunidade portuguesa de Hamburgo.

Na Hascaba da Bemavem.[a] Jeudith del Prado, ofrecendo os 10 R: a sedaca em nome do Prezidente, dirá, Mi seberah & .... semenadeb, pe-la manda q: dexou a Bemavem.[a]: Menuhata began Heden, ve-hen Je-hi rason venomar Amen (1). Nota, q: os 10 R: para sedaca e 5 para Es Haim.

Em 13 de Adar (2) Pri.[o] na Hascaba (3) de Mos: Lumbrozo, dirá. Mi se-berah & hu Jebareh aos Erdeiros do Bemavem.[o] se-mitnadebim 10 R.[s] sedaca pe-la Manda q: dexou o Bem.[o]; Menuhato be-gan Heden ve hen Jehi rason venomar Amen.

Em ocazião de ezequias, pregoara o sabath antecedente. Para .... Feira pelamenha, são as ezequias do Bema.[o] Sr. HH.[m] .... de glorioza Memoria, e hade darçar o Sr. ....

Pregoems, para os piyutim (4) das rezas solemnes nos dias de Ros asana & Kipur. Primeiro dia de R. A. (5) antes de começar (Eloay al tedineni) (6) dirá, adereçando avoz para a Esnoga das SS.[ras] Mulheres: Mi Dio no me jusgues como mi falcedad. Antes de começar (Sophet col a Ares) (7) dirá Iues de toda la Tierra. Antes de começar (yede Rasim) (8) dirá. Manos de Pobres enflaquecidas. Antes de (Et sahare Rason) (9)

(1) Fim duma oração, cf. Silva Mendes, vol. *Cotidiano*, p. 156 verso.

(2) Nome dum mês.

(3) Oração por um morto, cf. Silva Mendes, vol. *Cotidiano*, p. 156 verso.

(4) Certas orações em versos.

(5) Cf. a nota (7) da pág. 87.

(6) Tôdas as palavras entre parêntesis são o princípio duma oração. Cr. Silva Mendes, vol. *Ros-Asanah*, p. 43 verso. As traduções das orações acima indicadas são sempre feitas em espanhol, porque o maior número dos antecessores dos judeus portugueses eram originários de Espanha; mas expulsas de Castela, em 1492, por Fernando de Aragão e Izabel, a Católica, refugiaram-se em Portugal; porém, o idioma das orações ficou sempre hebraico ou espanhol, e nunca o português.

(7) Cf. Silva Mendes, vol. *Ros-Asanah*, p. 44 verso.

(8) Ib., p. 46 verso.

(9) Ib., p. 64 verso.

dirá, ora de puertas de voluntad. Segundo dia de R. A. Antes de (A. yom) (1) dirá. A. dia que ati ordenare rogativa. Antes de (ya simha) (2) ya tu Nombre enaltecertehe. Antes de (Et sahare Rason) (3) como o dia primeiro. Noite de Kipur. Antes de começar os verços (A. ori veishi) (4) dirá; A. mi Luz y mi salvación. Dia de Kipur. Antes de (Eloim Eli ata) (5) dirá Dio mi Dio tu. Antes de (sinanim sahananin) (6) dirá Angeles repozados.

Dedicaçoẽms.

a Sedaca: Para Misva de Es H.m em Poder do Hazan: em Poder do Hazan da Hebra: em Poder do Samas (7): e acegundando com o mesmo Dirá Em poder do ditto. Para Misva de Jerusa.m por a Hascaba do Anno: para a Hascaba dos dias de Jejum: para a Hascaba da noite de Kipur.

Adornos

Em Ros Asana, diante dos sepharim, hua cortina de seda vermelha com franjas de prata.

Sobre a Tebah, hua cuberta de damasco Branca com franjas de ouro.

Sobre ditta cuberta, hum fruteiro, p.a cubrir o Sepher Torah de Borcado de prata.

Em Sabath Tesubah, se servirá dos Adornos referidos.

Em Kipur, o mesmo; e adornará 3 sepharim da Naçam, p.a o cal Nidre com capas Brancas e coroas de prata.

Em Cabanas, no Hechal a de R. asana sobre a tebah, hua cuberta de veludo verde, com franjas de ouro; e sobre a mesma hum fruteiro de seda com galoëms de ouro.

Nos Dias de Medianos, como no sabath de Medianos.

---

(1) Cf. Silva Mendes, *Ros-Asanah*, p. 45.

(2) Ib., p. 47 verso.

(3) Ib., p. 64 verso.

(4) Orações de Salomão Jëuda Leão Templo, Amsterdam, 1728, p. 115 verso.

(5) Silva Mendes, vol. *Kipur*, p. 63 verso.

(6) Ib., p. 65 verso.

(7) Do Hebraico: é o sacristão.

Se servirá no hechal com a cortina da Festa; e sobre a Tebah com os adornos de sabath ordinario.

Em Dia de Hosaana Rabá ([1]), no hehal; na Tebah; os 3 sepharim para as acafoth ([2]) como em dia de Kipur.

Em Semini Hag asereth ([3]), como em cabanas.

Em Simha Torah, diante dos Sepharim huã cortina de seda transparente com franjas de ouro; sobre a Tebah, por á primeiro a cuberta de dias festivos, e sobre ditta cuberta porá huã de seda vermelha con franjas de ouro; e sobre ella hum fruteiro para cubrir o Sepher Torah trabalhado com perlas.

No Hehal piqueno ordenara 6 sepharim q: pertenecem ao Kaal, 5 delles adornados com 5 coroas e um com rimonim ([4]); 3 delles servirão as capas dos 3 sepharim de cal nidre ([5]), e os outros 3 adornará com as milhores capas q: tiver em seu poder.

Sabath Beresith os mesmos adornos q: simha Torah, tanto na Tebah como no Hehal.

Sabath Hanuca ([6]), sobre a tebah os adornos de festa; diante dos sepharim os do discurço do Anno.

Pesah: Como cabanas, sobre a tebah e diante dos sepharim.

Sebuoth o mesmo.

Sabath Nahamu, como sabath Hanucá.

Sabatoth, no discurço do Anno. Sobre a teba, huã cubrta de Damasco vermelho com saia amarela; hum fruteiro do mesmo para cubrir o Sepher Torah; no Hechal huã cortina q: são duas de seda azul.

Hanucá: todos 8 Dias, os adornos de sabath ordinario.

Purim, o mesmo q: Hanucá.

Cotidiano, os mais infriores, q: ao prezente he de seda, de cor vermelha desmaiada ou palida, com flores douradas e prateadas, e hum fruteiro do mesmo.

Noite, & pelamenha do Jejum 9 de Ab. tirará a cuberta da Tebah e lhe porá huã cuberta de pano negro, e ordenará outra tebah no Meio da Sinagoga cuberto tambem com pano

---

([1]) Cf. a nota ([1]) da pág. 83.

([2]) Do hebraico: cortejos.

([3]) Uma festa, cf. Silva Mendes, vol. *Festas*, p. 116.

([4]) Coroas especiais.

([5]) Oração, cf. ib., vol. *Kipur*, p. 8.

([6]) Festas do inverno. Cf. *Benarús*, tom. VIII.

negro, e hum fruteiro do mesmo; o sepher no cual Leer aquelle dia de pelamenha lhe porá huã faxa capa, Sandal, e rimonim, tudo de negro, diante das portas do Hechal huã Cortina de negro.

Minha de dito Dia, os adornos Cotidianos.

Estilo para nomear as Misvoth das Taças em dia de Purim.

Na primeira ves dirá, nomeando o nome da Pessoa o Sr. .... p.ª Maoth Purim (1); o Sr. .... p.ª Pobres gerais; o Sr. p.ª Misva de Matanoth aniyim (2); o Sr. .... p.ª Pobres nessecitados; o Sr. p.ª seccoro de pobres; o Sr. p.ª sedaca. Na 2.ª ves dirá, o Sr. .... p.ª Misva da Hebra; o Sr. .... p.ª Misva de Es Haim; o Sr. .... p.ª Misva de Talmud Torah, o Sr. .... p.ª Misva de guemiluth Hasadim; o Sr. .... p.ª Misva de Jerusalaim; o Sr. .... como gabay da sedaca.

Sura de Estreamento de Sepher Torah porá sobre a Tebah a cuberta de Festa.

Hirub.

En Bespera de Pesach entre Minha e Arbith: e sendo Sabath o dia da bespera, no dia de 6.ª Feira em dito tempo Custumão Fazer na Cinagoga a Funçam do hirub para poder moverse ou caminhar com carga por toda Cidade; e antes q: o Sr. HH.m diga a Benção pregoará o Hazán o Seguinte. Se notifica a todo este K. K. q: o Hirub que se vay afazer serve para poder mover em sabath em toda esta Cidade, e somente se excluẽ desta primição a Bolça; e esta licença he tanto para este K. K. como p.ª as demais quehiloth (3) desta Cidade, como tambem para todo forasteiro ou caminhante; e o Sr. Prezidente tomará poceção a favor de todos, e Ds. Bendiga seu povo com paz Amen.

Se ouver alguma orpha ou Donzella de 14 annos & para riba parente de companheiro da hirmandade de dotar orphas & Donzellas de Amsterdam (4) que quizer entrar em dita sorte tem tempo de se dar em nota the .... Feira ao Sr. ....

---

(1) Promessas de Purim, vide nota (6) da pág. 85.

(2) Ib.

(3) O plural de Kehila = comunidade.

(4) Cf. Silva Rosa: *Geschiedenis der Portugeesche Joden te Amsterdam*, 1925, p. 24 ff.

Maneiras de dizer alentejanas

(Continuação da *Revista Lusitana*, vol XXX, págs. 299-304)

Quem anda encolhido com frio, anda *enganido;* se pelo mesmo motivo, tem os dedos entorpecidos, está *engadanhado.*

É *desengadanhada* a pessoa desembaraçada, expedita.

Se, por doença, as galinhas se apresentam de asas pendentes e ar tristonho, andam *engôvidas* ou *emmarôvadas;* também andam *engôvidas* ou *emmarôvadas* as pessoas a quem a falta de saúde ou as preocupações da vida trazem deprimidas.

É um *pelém,* um *empalamado,* quem goza de pouca saúde.

Se em algumas partes um *coscorão* é um frito, por aqui é um sopapo.

A quem sairam os cálculos errados, saíu-lhe o *cão cadela* ou *sujou-lhe o cão no caminho.*

Se aparece alguém ou surge algum facto a transtornar-nos planos formados, *sairam-nos os guardas ao caminho.*

Se uma coisa é fatal, infalível, *são favas contadas.*

Quando se nos depara qualquer dificuldade insuperável, *zás, trás, nó cego!*

Se se é logrado de surprêsa, enquanto uns ficam com cara de parvo, outros *ficam como o escaravelho, quando lhe tiram a bola.*

O alto da cabeça é a *concruta;* a cabeça é a *tôrre* ou a *tôrre dos piolhos;* a testa é o *marradoiro* ou os *testos.*

É *testo* aquele que é firme em seus propósitos e o que tem grande resistência física.

É *testarrudo* o que é teimoso.

Dentes brancos e certinhos são uma *pinhoada; mostrar a pinhoada* é rir.

Uma bôca sem dentes é uma *caçoleta.*

O pescoço é o *ganhote,* o *cogote,* o *gasnete, gasganete,* o *gargalo.*

Um vestido *desgargalado* é um vestido decotado.

Fico *engasgalhetado* quem fica encalhado em qualquer parte, ou quem se engasga.

Leva garrote ou *leva sumiço* tudo aquilo que leva descaminho sem se saber como.

Quem dissipa o que tem, *estrapaceia-o.*

Quem faz lamúria, faz *gramunida*; *gramunir* é lamuriar.

O rabujento é *empalagoso.*

É um *paz dalma*, um *Juan de buenalma*, aquele que está por tudo que os outros queiram, que nunca se irrita.

Dá mão o animal que, estando em liberdade, fàcilmente se deixa apanhar; *dá mão* a pessoa que sem relutância se submete à vontade ou ao parecer de outrem; *fica na canga* ou *nos paus*, é o último a ser desatrelado, o boi mais manso; não *dá mão* nem *fica na canga*, quem não se subordina a caprichos nem a imposições de outrem.

É um *rés quito* aquele que não respeita a autoridade de ninguém, mas *põe-lhe as uvas em pisa* quem o faz entrar na ordem.

Cai a balsa em baixo àquele que, perante uma dificul dade, perde o ânimo.

Dá creto quem acredita.

Andaço é qualquer doença de carácter epidémico; se é própria de uma estação, ou atribuível a condições climatéricas acidentais, é *corrume* do tempo.

Tem *corrume* o alimento que está em putrefacção.

Derrengado é o mesmo que derreado; *renguear* é caminhar como o derrengado.

Escalamôcado é o mesmo que escalavrado, escoriado.

Esnocar é esgalhar e também desconjuntar; *desnoca* é destruïção, destrôço.

Ermarnacar é despedaçar, moer, desconjuntar; anda uma pessoa *esmarnacada* com trabalho; *esmarnaca-se* alguém com pancadas; às vezes a ventania *esmarnaca* as árvores.

Estão *adernadas* ou *azamboadas* as árvores, cujos ramos se curvam com o pêso dos frutos; é *azamboado* aquele que é encurvado para a frente.

O que é fértil em bons ditos, principalmente ditos maliciosos e de duplo sentido, é *descambado* ou *descambadão.*

É *zambana*, *tomba-lobos*, o que na marcha tomba o corpo desgraciosamente.

É *partidário* o que gosta de fazer *partidas.*

Uma pessoa endiabrada, turbulenta, é um *escariote.*

Também se chama *escariote* o vento desabrido, a nortada.

Molisna, *carôpa*, *borrazeiro* ou *morraceiro*, é a chuva miudinha.

Escampar é parar de chover.

Muito chover é sinal de escampar, diz um rifão.

É *moguino* o macho que tem a bôca preta.

Chama-se *pingalhete* ao gatilho da espingarda; trata-se de *pingalhete* aquele a quem se quere amesquinhar.

É *pinga*, é *firma*, quem tem qualidades pouco recomendáveis.

A *pardaloca* é a femea do pardal.

Uma *surra* é uma açoitaria.

Um *surraço* é um susto.

Uma sova é uma *tuna*, uma *zurza*, uma *estafa*.

Atègar é agüentar-se até ao fim de um trabalho ou empreendimento.

Fariscar, *charaviscar* é farejar.

Um *charavisca* é um bisbilhoteiro.

Guardar decor é ter consideração por alguém ou por alguma coisa.

Tatarear é proceder por tentativas, ao acaso, às apalpadelas:

O cantar é uma ideia
Que Deus deu às criaturas:
Quem não sabe *tartareia*,
Como o cego às escuras.

É *tátaro* o que é pouco atilado.

Um *tataranho* é um desmaio.

Uma doença passageira e leve é um *falafufo*.

O parecer é o *duairo*; quem tem bom parecer é bem *aduairado*; no caso contrário é mal *aduairado*.

Um *mossico* ou *motreco* é um pequeno bocado de pão, coisa como uma dentada.

Os *mossicos* são causa freqüente de desaguisado entre as mãis e os filhos. Estes, pouco cuidadosos, deixam muitas vezes *mossicos*; as mãis, por economia e por asseio, insurgem-se, ralham... e batem, quando Deus quere!

Mordiscar ou *mordicar*, é dar pequenas dentadas.

Enteixar é recobrar a saúde.

Síria é vigor físico.

Todos nós conhecemos pessoas que, mal que a doença as acomete, tratam de explorar o caso, aproveitando-o para se furtarem ao trabalho o mais que possam; outras, porém, assim que teem algum *gravito*, um certo vigor, começam logo a tratar da vida: são de *canelos*.

Margia é o orvalho da madrugada.

É *bical* a pessoa difícil de contentar.

O niquento é um *fedúcias.*

Quem nota defeitos põe *bitafes.*

O excessivamente cauteloso, que exagera os *contras* e quási desatende os *prós*, seja do que fôr, a tudo *põe pèzinhos.* Ainda vive um parente meu, a quem pessoa da família irònicamente chamava o *dos pèzinhos*; levava *ano e dia* para tomar uma decisão.

É *taronjo* o pouco atilado.

É *tabanez* ou *meia-língua* o que tem a pronúncia atabalhoada.

Cioso da fala é aquele que pronuncia os *ss* colocando a língua entre os dentes ou o que gagueja levemente.

Parece que um *marchante* deve ser sempre um homem de negócios. Pois não é: *marchante* ou *marchante de pé descalço*, é um garoto, quiçá por marchar muito e quási nunca usar calçado.

Faianca é foitesa, atrevimento; *tomar faianca* é ganhar foitesa, fazer-se atrevido; mas uma coisa *faianca* é uma coisa r aca; obra de *faianca* é obra de fancaria.

Um bofetão, uma pancada, é um *estramelo.*

Um *galarilo* é um galo pequeno e o inchaço produzido por uma pancada.

Laima quere dizer área.

Um *lio*, uma *liorna* é um enredo, uma intriga.

Um *fangueiro* é um varapau avantajado.

Um *escanifra*, um *escanifrado* é um magrizela.

Anda *malasengo* quem anda adoentado.

O que tem sôbre as pessoas certo poder de cativar, encanto, sedução, tem *mandinga.*

Emmanchar-se é meter-se nas *manchas* que são matagais cerrados.

Um *canôco* é um tronco carcomido, uma pessoa gasta, velha, um traste velho.

Um *jangolo* é um varapau pouco geitoso.

É *esgalamida* uma pessoa exageradamente magra, ou então que tem a voz irritantemente aguda, esganiçada.

Enganação é um desejo veemente:

Cada vez que eu oiço
Pintos a chiar,
Dão-me *enganações*
De os mandar calar.

Um *fraldudo* está em fralda de camisa.

Murriado é o que tem cabelo cortado muito rente. *Pelado, murriado, foi à feira, veio...* Lá ia eu dizer como é que êle veio da feira! Não é necessário; já tôda a gente achou a rima.

As nadegas são *nalgas* e uma pancada nesse sítio é um *nalgázio*.

Malo haya a pena negra, quere dizer — mal haja a pouca sorte.

Ver-se nas horas do padre Agostinho é achar-se em situação apertada.

Armar de lanero ou *de pica ponto* é travar-se de razões com alguém.

Um *sansonête* é um cega-rega, uma amolação, a repetição fastidiosa de uma censura.

Um *altingénio* é uma lenga-lenga, uma gritaria.

Mandar a alguém uma *lágrima de S. Pedro* é atirar-lhe uma pedrada.

Os *balhestros*, *tarecos*, os *tarimbecos* são a mobília.

Os *chismes* ou *apatuscos* são a isca, o fuzil e a pederneira, os apetrechos para *petiscar* lume.

É *chisme* e *xarepe* o trastelho:

Qualquer regato é um rio;
Qualquer ribeira é um mar;
Qualquer *xarepe* tem noiva,
Namora e fala em casar!

É uma *redolha* uma pessoa pequenina e gorducha.

É um *cofém* uma criança e aquele a quem se chama tal para lhe castigar um atrevimento.

O *alcácaro* é o arcaboiço; são *andavalos* os ossos. Não tem senão *andavalos* o que está reduzido ao último estado de magreza.

Andar à *ressolana* é andar à torreira do sol.

Calma, *calmeiro*, *calmázio*, *facho* é o calor abrasador do estio.

Passar a pena negra é padecer inclemências.

A nuvem é *nuvre*; o nevoeiro é *nuvrina*, uma *nuvresia* é um bando, uma multidão.

Uma *bendição*, *bandição* ou *bondição* é um ajuntamento.

Um *delàdoiro* é um entorneiro e um depenadoiro.

Um *landoque* é um lamaçal espezinhado.

As dejecções ralas que alastram pelo chão, são *laradas*.

Uma *landoca* é uma mulher porca.

Os chifres são os *chamiços.*

Nem todo o mato são oregos — não se medem todos pela mesma bitola.

Uma *esquinencia* é um quási nada de qualquer coisa.

Laticar é o ladrar característico do cão quando vai no rasto da caça ou a persegue.

Uma *colheira* ou *jingada* é uma parelha de animais de tiro muito desiguais ou de pouco préstimo.

Os *encontros* são os ombros.

Arronhar é picar com a pá do martelo a orla da sola do calçado para depois a aparar com a faca.

Estão *arronhados* os animais que, por muito gordos, teem o corpo coberto de pregas.

A *sécia* é o fato domingueiro e a pessoa endomingada.

O taful é *gamenho.*

Vem de *bomba e facho* quem se apresenta de ponto em branco.

Nem todos os dias são dias de carne — nem sempre as coisas correm a favor.

Um degrau, uma diferença de nível, é um *alça-pé.*

As abelhas novas que ainda estão nos alvéolos dos favos teem o nome de *crianço.*

Tagarro é uma substância amarela e pulverulenta que aparece nos favos e dá ao mel um sabor acre e picante.

São horas minguadas as horas de desgraça.

É *grande como um dia sem pão,* tudo aquilo cuja duração fatiga.

Sente *agasturas* quem se sente aflito, incomodado.

Anda ao *pão beijado* ou *vive do amor de Deus,* quem vive de esmolas. É costume pedir esmola pelo amor de Deus e beijar o pão que se recebe de esmola.

O *pingarilho* é a bolota que de vez em quando cai espontâneamente das árvores. Os animais, especialmente porcos, que a aproveitam, andam ao *pingarilho.* Anda ao *pingarilho* quem vive do que o acaso dá.

Na época do *pingarilho* os porcos correm de umas árvores para as outras: são *porcos de corrida.*

São como *porcos* ou *bácoros de corrida* os que são inconstantes nos amores.

Na época do cio as gatas e as lebres andam em *sapeira.*

Anda à *falca* ou no *falquejo* o mendigo. Um pedaço de pão é uma *falca.*

Falquejar é pedir esmola, ou então tirar falcas de um madeiro com um machado. O que se ocupa neste serviço, muitas vezes respira de modo que parece tossir ligeiramente: talvez por isso *falquejar* também quere dizer tossir, e o *falquejo*, tosse.

A regurgitação da comida ou da bebida é o *resmalho*: vem o *resmalho à bôca*.

Retambana são os ramos, os cavacos, as ervas sêcas arrastadas pelas cheias dos rios e que pelo caminho são retidas, aqui e além, pelos variados obstáculos que topam. Também teem o nome de *chicalhos*, e muitas vezes pela sua situação se conhece a altura que a cheia atingiu.

Fartura às vezes quere dizer aborrecimento, tédio.

Vai-se na *saga* ou na *traita* de alguém quando se vai em seu seguimento; vai-se *à pus* ou *à cata*, quando se vai em sua procura.

Caçapeia quem marcha cautelosamente.

Salamanqueia-se quem vai de seu vagar.

Um céu limpido é um céu *esgazeado*.

Remolgou o tempo quando se deu qualquer mudança atmosférica, principalmente no sentido de chuva.

Caem branduras quando há orvalhadas.

Abanar o zangarro é mover a cabeça de um lado para o outro em sinal de negação.

Vai-se em gaitas e raboleiros o dinheiro dispendido em gastos inúteis e desnecessários.

Mau nome é alcunha.

A um eclipse chama-se um *cris*, e o astro eclipsado está *crisado*.

O *cris* traz-me à lembrança uma das minhas numerosas garotices, que não resisto à tentação de registar aqui. Não é que ela o mereça, mas pertence a uma das épocas mais saudosas do meu tempo de rapaz e, a partir de certa idade, parece interessar-nos mais o passado que o futuro. Por isso o leitor, se o tenho, pode voltar a página e passar adiante, enquanto eu me contemplo no espelho do que fui...

A *tia Inácia do Braz* era uma velhota como não havia outra na aldeia: fumava, tinha voz de homem, a reputação de bruxa, era benzedeira, *encomendava* as coisas perdidas, exercia o mister de parteira em sendo preciso, e não sei quantas coisas mais.

Embirravamos muito cordealmente um com o outro: ela

sabia e contava a história sagrada, a bíblia, a vida dos santos, por uma forma extravagante, cheia de ridículos, para que eu era implacável; os fenómenos mais triviais, fases da lua, eclipses, aparição de cometas, chuva de estrêlas, etc., etc., tinham na sua *doutrina* explicações tão destrambelhadas, que eu não era capaz de a ouvir sem destemperar com ela, injuriando-a, ou escarnecendo-a, o que muito a indignava.

— De que se ri o estudantinho?! preguntava ela, escarninha e irritada.

— Rio-me de você, tia Inácia! Rio-me das suas baboseiras!

— Baboseiras?!... Quem lho disse? Lá nos seus estudos não se aprende a respeitar as pessoas mais velhas?

— Aprende, aprende, tia Inácia! Mas lá ainda ninguém me falou em velhas tontas como você!

Ela arreliava-se, dizia-me *coisas feias*, e eu... *bumba que bumba!*

Por fim levantava arraiais, *enrolava a baforinha*, e lá se ia para casa, regougando descomposturas, benzendo-se, pasmada dos meus atrevimentos.

Mal suspeitava ela de que eu estava especialmente encarregado de a fazer *desabelhar*.

Naquelas noites de verão em que, segundo o uso da terra, nos reüníamos às portas em numerosos grupos, em grandes *rodas*, velhos e velhas, novos e novas (principalmente novos e novas), rindo, folgando, contando anedotas, pregando *partidas*, fazendo o nosso *pé de dança*, se calhava de se arranjar um *harmónio* ou uma guitarra, as histórias da carochinha, os milagres, os castigos da cólera divina, tôda a *lenga-lenga* com que a tia Inácia nos moía a paciência, eram simplesmente insuportáveis. Todos tinham desejos de se libertar dela, de a *empontar*, mas ninguém se atrevia a meter mãos à obra: uns, porque era boa vizinha e muito serviçal; outros, por temor dos bruxedos; outros, porque acreditavam nela; outros, enfim, porque não estavam para isso. Restava eu, criançola descarado e travêsso, que não costumava hesitar em fazer o que me vinha à cabeça, e muito menos preocupar-me com as conseqüências. Foi por isso uma *festa* para mim o encargo, mas começava já a desanimar. A tia Inácia não tinha emenda: voltava tôdas as noites a travar a escaramuça em que se dava por vencida... até à noite seguinte.

Uma noite, já arreliado com tamanha resistência, disse-

-lhe assim, sem mais nem mais: — Sabe uma coisa, tia Inácia? Você devia ser de sal!

— De sal?!... Essa agora!... De sal, para quê?

— Para eu lhe deitar um cântaro de água por cima e derretê-la!

Um côro formidável de gargalhadas irreverentes acolheu esta inesperada *arremetida*, enquanto a velha, gaguejando de cólera e bufando como gata assanhada, mal pôde regougar:

— Não tem vergonha!

— É que a perdi, tia Inácia! Reze o responso a Santo António, faça lá uma *encomendação* por minha conta, a ver se a vergonha me volta!

— Só se o encomendar ao diabo! resmungou ela, batendo em retirada.

— Isso! Isso! E não se esqueça de lhe encomendar também o seu juízo, que bantante falta lhe faz!

Passados os primeiros instantes de galhofa, começou tôda aquela gente de volta comigo, a achar exagerado o que eu fizera, e a dizer-me que não devia ter chegado a tanto, que aquilo fôra de mais, o diabo!

— Mas então, preguntei eu já um pouco zangado, queriam ou não queriam desquitar-se dela!

— Lá isso queríamos, mas...

— Mas o quê? Não viam que ela não ia às boas? que voltava sempre? Agora mesmo não creio que se fôsse de vez. Amanhã cá a temos.

— Hum!... Não volta... foi muito forte... já aqui não põe pé, pelos menos em o senhor estando.

Enganaram-se. Voltou a noite seguinte e muitas outras, até que um sucesso inesperado veio determinar a ruptura definitiva entre nós.

Tinha o serão começado alegremente. O velho *Pato*, folião e amigo de rapaziadas como os que mais o eram, viera juntar-se ao rancho trazendo a guitarra, a *única rapariga do seu tempo que não envelhera nem perdera a alegria*. Ensaiavamos uns coros de modinhas, ao som das quais haviamos de ir por aqueles caminhos fora até à horta da *Janeira*, a comer melancias, que as havia lá bem boas: frescas e docinhas, que eram de comer e chorar por mais! dizia o *Pato*.

Anoitecera havia pouco; luar explêndido; temperatura agradável; noite deliciosa, enfim.

Quando já nos dispunhamos a marchar, houve alguém que guinchou:

— Ai! a lua!

Todos os olhares se dirigiram para o céu, e uma exclamação de pasmo e de temor saíu dos lábios de tôda aquela gente:

— Um cris!

Foi como se lhe tivessem deitado em cima o clássico balde de água fria; como por encanto tôda a alegria que momentos antes refervia nos peitos, tinha arrefecido, morrera.

De mais a mais veio logo a tia Inácia com as suas tolas explicações do fenómeno. Aquilo era o anúncio de terríveis calamidades, como punição da maldade do mundo, que era tão grande, que até a lua nos voltava as costas. A fome, a peste, a guerra não tardariam a cair sôbre nós, se com uma vida de penitência não aplacassemos a cólera do céu...

— Ó mulher! gritei-lhe eu, já irritado com o que lhe ouvia, e mais ainda com a perspectiva de ver gorado o passeio em projecto. Você não acabará com tanta parvoiçada? Nem fome, nem peste, nem guerra, nem *coisíssima* nenhuma! Aquilo é a coisa mais natural do mundo: é a sombra da Terra!

— A sombra da Terra?! preguntaram todos a um tempo, menos a tia Inácia, que ria zombeteiramente, não cessando de repetir: «A sombra da Terra! A sombra da Terra! O que êles lá vão aprender!»

Fingindo não a ouvir, dispus-me a repartir com aquela turba ignara os meus magros conhecimentos sôbre o assunto.

Sem darmos por isso, tinhamos entrado em casa e foi aí que impingi a minha prelecção nestes têrmos:

Para entenderem melhor, vamos nós também fazer um *cris* em ponto pequeno.

Gesto de espanto e um certo sussurro denunciador de que não acreditavam muito em mim.

Fiz de conta que não ouvi e continuei:

— Vêem a candeia que nos está alumiando a nós e à tia Inácia mesmo em cheio? Vou eu e ponho-me entre ambas: a tia Inácia ainda recebe luz da candeia? preguntei depois de me ter colocado onde dissera.

— Nada! não recebe! responderam.

— Pois aí têem: a tia Inácia está como a lua, está *crisada*.

— Estou o quê?! bramiu ela, erguendo-se de salto e diri-

gindo-se para mim em atitude ameaçadora, como se fôsse agatanhar-me.

— Está *crisada*, está *crisada*, e está *crisada!* Quere que lho torne a dizer?

Não queria. Àquele tempo já ela me voltava as costas, pondo as mãos na cabeça e lamuriando grotescamente:

— Jesus! Jesus! que é santo nome de Jesus! Que hereje! Há de ser êle a causa da nossa desgraça. Deus há de nos castigar a todos nós por não nos desviarmos dêle!

— Olá, raparigas! Vocês teem medo da minha companhia? Querem que me vá embora?

— Isso é que não! Fique! Fique!

— Pois então, vamos a elas, às melancias, e não se importem com a lua, que eu dou-lhes a minha palavra de honra que à volta já ela há de estar de cara descoberta a brincar connosco!

E fomos.

A lua não me deixou por mentiroso, a tia Inácia ficou desacreditada e nunca mais fêz as pazes comigo.

Pobre tia Inácia! Se ainda vivesses, não terias hoje ouvinte mais atento e interessado do que eu, que tanto te arreliei naqueles tempos. Eras um exemplar interessante que os meus poucos anos me não deixaram apreciar como merecias!

....

Continuando:

Quem se *acaçapa* procura ocultar-se cosendo-se com o chão como qualquer caçapo.

Alapardar-se é esconder-se.

O *saramugo* é peixe miúdo.

Não deixa escapar saramugo pela malha quem atende minuciosamente a tudo.

Saramugar é entregar-se a trabalhos leves e sem pressas.

Fungar é resmungar, é chorar, e, às vezes, rir à socapa.

Um *tope* é um choque brusco, instantâneo; se é dado com a ponta do pé, tem o nome de *topada*. As topadas são o tormento dos *marchantes de pé descalço*, coitados! Andam quási sempre com feridas nos dedos dos pés, feridas características, inconfundíveis, de contornos curvos.

Vai um *marchante* todo contente da sua vida, correndo e saltando, e de repente ei-lo de pé no ar, ou a rebolar-se no chão, gritando com dores. Foi um *raio de uma topada*! Aquilo dói muito, tanto que até foi celebrado em especial:

Ia ver a noiva,
Dei uma topada.
Já não quero noiva!
Já não quero nada!

Por aqui podem os senhores avaliar... e é melhor avaliar do que experimentar. Eu que lho digo...

Sermonear é cantarolar, trautear.

Venham dias, caiam olhas — são os votos dos mandriões... quando estão por conta de um amo.

Estende-te perna, que lá está quem te governa, diz o que vive à custa do trabalho de outrem.

Remangamalho é a atitude espalhafatosa, o rompante aparatoso.

Aterno é a admoestação, reprimenda em altas vozes e tom severo.

Leva tudo à rapa tarrão, quem não faz excepções, leva tudo a eito.

Deixou-se *descandelecer* quem domitou.

Se os campos estão cobertos de água estão *alaiados* de água; se, em vez de água, os cobrem rebanhos, estão *alaiados* de gados.

Boato que se espalhou por tôda a parte, *alaiou* tudo.

Anda por *alcanchais* quem anda através dos campos sem caminho nem carreira.

O *menino Isac*, o *Santo Antoninho onde te porei*, também é o *Sr. S. Roque, é de cêra, não se lhe toque*.

É *zorra mansa, mija mansinho*, o velhaquete que vai fazendo as velhacadas com todos os ares de boa pessoa.

Quem está irrepreensìvelmente lavado, está *desencasqueado* ou *descascabulhado*.

Quere tudo muito bem *descascabulhado*, quem quere saber as coisas em tôdas as suas minudências.

As crianças chamam à carne *chicha*.

Um *zangamôcho* é um indivíduo mal feito.

Anda-se à *pialgata de dinheiro*, quando se não tem ou se tem menos que o indispensável.

Anda-se *alta que salta* por qualquer coisa, quando ela é difícil de se obter e se empregam todos os esfôrços por consegui-la.

Nero quere dizer *negro* ou *cruel?*

Façam favor de escolher:

Coração mais nero
Do que o teu não vi:
A tôla sou eu,
Que morro por ti.

Um *larau* é um tecido ralo e grosseiro; um *lambel* é um farrapo.

É *cambeiroso* o tecido que não tem o fio direito.

A *magarufa* é a mulher de mau porte.

Escarapanto é grande admiração, e é alvoroço.

Desbarrunto é tudo o que excede as proporções vulgares.

Anda à murriana quem anda sem chapéu.

Fechilho é qualquer fecho; *armela* é uma aldrava de pau.

Sargentear é andar constantemente de um lado para outro... sem fazer nada.

Sincerica é o mesmo que serigaita.

É *alquilete* aquele que é perito em qualquer coisa.

O volúvel, inconstante, é *alevantado*:

Se o meu bem não fôra
Tão *alevantado*,
Havia de ter-lhe
Carinho dobrado.

Se o meu bem não fôra
Tão *levantadinho*
Havia de ter-lhe
Dobrando carinho.

Arrota a paio e comeu toucinho aquele que gosta de aparentar o que não é, que se dá ares de grandeza quando não passa de um insignificante.

É um *ajoujo*, uma *ameijoada*, o convívio muito íntimo de namorados favorecido por outra pessoa.

Ameijoar é deitar-se em cama provisória para passar uma noite.

Um *burdo* é um dique feito pelos rapazes nas regueiras das ruas por ocasião das chuvas; a *burdada* é a água assim represada; a *burdos* quere dizer em abundância, a jorros.

Um *alão* é um rafeiro.

Alanzoar (depreciativo) é alegar.

Alacar é atulhar, é cair sem forças, ir com os lacões ao chão.

Um *adufe*, além de ser um instrumento de que já pouca gente se lembra, é também uma expressão de desprêso.

Afalcoar é fraquejar.

Uma *adufa* é uma abertura por onde entra muito vento.

Abadia, *adição* querem dizer tinta.

Empicar-se, *assabicar-se* é avezar-se a qualquer coisa.

Um *cabecilha* é um estouvado.

Brigar é *garrear*, e briga é *garrêa*.

O que anda falto de apetite, anda *vasqueiro;* pelo contrário, anda *ganoso* o que tem apetite, gana.

O assomadiço é *encharnicado, afumaçado.*

A pessoa irresoluta, incapaz de tomar atitude decidida, enérgica, *não deita uma zorra fora dum faval.*

Não soa à tranqueira da porta, quem tem a voz muito fraca.

Um *trampalho* é um trapo velho.

São *fezes* as dificuldades da vida.

É um *enfezado* aquele que com tudo se aflige, ou então o raquítico.

Um *rentelho* é um bacorinho enrèlado.

São *reimosos* os alimentos que habitualmente provocam incomodos de saúde.

É *caroal* a doenças a pessoa que para isso tem propensão acentuada.

Quem anda em *pernas* ou em *canelas* não usa meias; quem anda *descalço de pé e perna,* não traz meias nem calçado.

Traz a cilha na barriga quem vive com dificuldades.

Bailam as trepecinhas ou *luz o ôlho a alguém* por qualquer coisa, quando a cubiça ardentemente.

Vai de rabo ripado, quem vai maltratado de palavras ou de obras.

Abala de chocalho tapado, quem se retira sem se despedir.

O almanaque ou folhinha é o *mentirote,* o *folhete.*

O mentiroso é também o *mentirote, folhete* e *fole* de mentiras, ou simplesmente *fole.*

Uma *aguada* é uma interrupção no trabalho para fumar e beber água.

A *còcaria* é a cozinha ao ar livre para uso de um rancho de trabalhadores no campo; o *còqueiro* é o encarregado da *còcaria.*

Um *tem-tem* é um *dize-tu, direi eu.*

Um *cajão* é um defeito, físico ou moral.

Um *patameiro* é um lamaçal.

Um *sarapatel* é um aranzel.

Um *galhavano* é um rapazote.

Está de jacé quem está inactivo à espera das resoluções de outrem.

Meter os cães à moita e deitar o rabo de fora é induzir os outros a meter-se em aventuras e não os acompanhar.

O *talaró* é apatêtado.

Apelece-lhe a madre pilriteiros, àquele que tem apetites extravagantes.

A lixivia é *decoada*, *barrela*, *cenrada*; o *cenradeiro* é um pano de fio grosso por onde se passa a cenrada.

É um *enfundiçado* aquele que tem má côr, e um *fundiça* o que tem pouco ou nenhum préstimo.

Escopete, *escopeteiro*, é aquele que *copeteia*.

Escopetear é espreitar o que os outros fazem e dizem, o que se passa nas casas alheias.

Morrinha, é epidemia que mata.

Carne morrinhosa é a dos animais que sucumbem à *morrinha*; a dos animais expressamente abatidos para o talho é *carne esfoladiça*.

Quando os frutos ainda não estão bem maduros e teem certo amargo, *amarujam*.

Esfarragulhar é limpar cuidadosamente.

Anda à escudeira quem, no tempo do frio, anda sem agasalho, ou aquele que, em qualquer tempo, anda sem dinheiro.

Ando *em corpo* ou em *corpo bem feito* quem não trás sôbre si abrigo de qualquer natureza.

O toque do sino anunciando o meio dia é o *estoira* ou *arrebenta panelas*.

Zucar é bater.

Ensocar-se, *enlocar-se* é enlamear-se.

Dar bom fiado a alguém é não o contradizer.

Rasgar batinas é fugir.

Rasgar baetas é elogiar.

Coàrar é branquiar; as lavadeiras põem a roupa ao sol para *coàrar*.

Uma pessoa *coàrada* é uma pessoa de rosto rosado; a *descoàrada* é pálida.

Está *embezerrado* quem está vermelho com calor.

É *malino* ou *indino* o que é endiabrado.

Uma *passage* é um caso, um acontecimento, uma anedota; é *passagista* o que conta muitas anedotas.

As *chancas* são os pés.

Uma *chancada* é um passo largo, o mais largo que pode ser.

Escanchar-se em qualquer parte é pespegar-se lá e demorar-se; também quer dizer montar-se.

O *charôco* é o vento desabrido, e a toleima, a embófia.

É *charôquento* o que tem *charôco*.

As faúlhas são *faiupas*, *chispas*, ou *castelhanos*.

Ré quere dizer risca; *pisar a ré* é ir além das conveniências.

O *calhadoiro* é o traço ou qualquer sinal feito no chão, seguidamente ao qual se medem as distâncias atingidas em certos jogos.

Calhou aquele que pisou o calhadoiro.

Escarrapatar é catar, despiolhar com todo o cuidado.

Espiolhar é esmiuçar.

A *baganha* é o fruto do linho.

Mover é abortar.

O *tiez* é uma película; o *tiez das tripas* é o peritoneu.

Uma *taloca* é um buraco irregular numa parede, entre rochas ou no tronco de uma árvore.

Uma *talòcada* é uma bordoada.

Casparra ou *bostela* é a crosta das feridas.

Escarapelar é tirar a crosta das feridas, curar-se de uma doença grave, vencer as dificuldades da vida.

O fato que não assenta bem, *faz pôtras*.

Uma *almanjarra* é uma coisa grande e desproporcionada.

Desbichar é ocupar-se em trabalhos leves.

Um *virote* é uma pessoa rija, resistente.

Quem é turbulento é um *revoltilho*.

Deita-se ao almargem um animal por não ter préstimo.

As nádegas também teem o nome de *nalgatório* e de *culampeira*.

Uma *culampeirada*, uma *culapada*, um *bate-cu*, é uma queda sôbre a *culampeira*.

O inchaço que está duro, está *entoirado*.

Engrimanços são engenhocas e pièguices.

As *gaifonas* são momices, atenções interesseiras ou burlas.

Um *mocho* é um assento grosseiro, feito de um pedaço de madeira, com três ou quatro pés, sem encosto, e que só acomoda uma pessoa.

Monêtes são carêtas, trejeitos.

Anda à tuna, à *galateia*, à *malta*, *correndo a coxia ou a via sacra*, quem vagabundeia. É privilégio de garotos e ociosos.

O *maltês* é vagabundo, ou então faz parte da *malta*, rancho de trabalhadores de um *monte*.

Amaltesar-se é fazer-se vádio.

As *fogarelas* eram fogueiras que se acendiam nas ruas em noites de outôno. Eram obra de garôtos, que à tardinha andavam de um lado para o outro, rebuscando por todos os cantos tudo o que pudesse arder; e *achavam* sempre! Se não eram as *bardas*, resguardos de mato postos nas paredes dos quintais, eram as medas de lenha que forneciam o combustivel. Às vezes êstes *achados* custavam aos *achadores* algumas varadas; mas isso era secundário; o que importava era que a *fogarela* se fizesse, e nunca deixava de se fazer!

E, mal anoitecia, de todos os lados apareciam concorrentes, alegres, irrequietos. Em volta das fogarelas jogavam-se vários jogos, como o do *xarimbole*, o do *raminho entrouxadinho*, o *fora-bigode*, etc, etc; contavam-se anedotas, *passagens*, contos. Para êstes tinha particular *geiteira* o velho *Zé Pedro da Luz*.

Fogarela onde êle aparecesse, era certo juntar-se logo um grande *senado* de gente de todas as idades para ouvir e principalmente para o ver, porque êle tinha muito mais graça visto de que ouvido. Não contava os contos, representava-os, e não sei que voltas êle lhes dava, que havia de sempre arranjar maneira de fazer o retrato dos seus personagens incarnando-os em figuras conhecidas, pouco lhe importando que as vitimas estivessem presentes, e isto com tanta arte que, ainda antes de êle os nomear, já todos os apontavam a dedo. Estas incarnações provocavam hilaridade geral em que às vezes até os próprios alvejados tomavam parte. Só recalcitrou uma vez o mestre-ferrador, correntemente conhecido pela alcunha de *pastor-alarve*, e a quem êle fez figurar em um conto, dando-lhe cara a cara êste tratamento. O ferrador protestou, os espectadores aplaudiram, e o velho Zé Pedro lá lhe foi chamando *pastor-alarve* quantas vezes quis, com grande gáudio de todos, menos do paciente, entende-se.

Dos jogos, o de *fóra bigode* era uma verdadeira selvageria: era mais uma armadilha a incautos do que um jogo. Consistia no seguinte: passava-se uma agulha com uma linha pela aba de um chapéu de maneira que, posto êste na cabeça, a agulha ficasse ao nivel da bôca do jogador; na agulha espetava-se uma brasa, o jogador punha o chapéu na cabeça, assoprava a brasa e dizia a seguir: *fora*, *bigode*. Com o sôpro

o *sistema* oscilava como um pêndulo, e não raro acontecia entrar a brasa pela bôca do jogador, quando êste, contagiado pelo riso dos outros, ria também. Então o *público* manifestava-se ruidosamente, numa alegria doida, indescriptível.

É *baldio* o logradoiro comum: é de todos e não é de ninguém.

Baldiar é tornar *baldio*, desrespeitar o direito de propriedade, ou passar atrevidamente a dar o tratamento de *tu* a quem dantes se tratava de *senhor*.

Estão *aparradas* as coisas cujo desenvolvimento se suspendeu; estão *aparrados* os animais; estão *aparradas* as plantas; até às vezes os furúnculos estão *aperrados*.

Um dia *amachornado* é um dia pardacento, quente, abafadiço.

Vai de déo em déo quem jornadeia sem conhecer os caminhos, e para se orientar vai colhendo informações, ora aqui, ora além, até chegar ao fim da jornada.

Os vasos porosos *revêem* água.

Uma *seda* é uma fenda quási imperceptível, como um fio de seda.

As *taliscas* são fendas das rochas ou das paredes, ou então os espaços estreitos que separam os objectos; é também uma passagem apertada.

Enfustar é investir, é entrar brùscamente por qualquer abertura, ou fazer aí entrar um objecto atirado de longe.

Uma *zanguizarra* é uma cigarra.

Um *tamoeiro*, um *tabuão* é uma tumefacção dura.

Ferida *assanhada*, ou *assolapada*, é uma ferida supurada.

O pús é *porqueira*, *matéria*.

Um *bichôco* é um furúnculo.

Uma *bichoca* é a parte carcomida de um tronco de árvore.

O *pingo* ou *pinguna* é a mucosidade límpida que pinga do nariz, ou a gordura que se obtem fritando o toucinho ou coisa similhante.

Pieira é a respiração sibilante da bronquite e o da asma.

Peitogueira é a bronquite e o peito.

Peitogada é a pancada com o peito, ou o próprio peito.

Fazer mandado ou *dar de corpo*, é aliviar o intestino.

Fazer um mandado é fazer um recado.

As bolhas gazosas que se formam no seio dos líquidos e sobem até à superfície são *gargoletas*.

Anda *desquadrilhada* a pessoa que tem dores nos quadris, ou que traz o fato descaído da cintura.

Um *tasgalho* é um esgalho.

Os gargarejos são *gargalejos*.

A *manganilha* é a vara de varejar azeitona.

Uma galinha *anaca* é anã.

Enfundiçar ou *fazer fundiça* é banhar a roupa suja em urina decomposta, a que se junta como refôrço a *borregada*, excrementos de borrêgos, ovelhas, etc.

Com a vulgarização do sabão o uso da fundiça, se não desapareceu completamente, reduziu-se muito, muito, e manda a verdade que se diga que isso não foi desacertado.

Assim como nem tôda a gente profere o nome do Diabo, também nem todos se atrevem a dizer que caiu um raio; parece que encontram nisso o seu tanto ou quanto de irreverência e, por ventura, provocação às potestadas celestiais. Dizem então que *caiu uma matéria*, um *perigo* ou uma *coisa má*.

Rascar é coçar.

A *jólda* é uma linha de caçadores; *enjoldar* é formar jolda.

As cuecas das crianças de colo chamam-se *calcêtas*.

O macho da cobra é o *escarapão*.

É *escarapão* ou *escorpião* a pessoa irrequieta, turbulenta.

A *enfadarrilha* é fadiga intensa.

Uma *gravanada* é um aguaceiro, uma chuvada forte e de curta duração.

O *rabêta* é rabino, traquinas.

Rabito é o animal que tem o rabo cortado.

Meter as cabras no curral a alguém é levá-lo de vencida, impor-se-lhe.

Não as tem tôdas no curral ou na malhada, quem está receoso de qualquer coisa.

A mole e mole quer dizer a pouco e pouco.

Chafranafra é balburdia, confusão, gritaria.

Dá com o pé na peia aquele que inadvertidamente se denuncia, ou o que aborda um assunto que os outros evitavam tratar.

Está de vagantio o que está desocupado.

Quinau é o mesmo que remoque; *dar quinau* é usar de termos desabridos e pouco corteses para expressar o seu descontentamento, ou, *falando de-pressa e mal, dar coices.*

Um *mantio* é um lugar fresco e viçoso onde nasce água.

Água *nascedia*, ou *nascediça*, é água que brota das nascentes à flor da terra.

Quem anda seduzido, enfeitiçado, anda *embôbádo*.

Aquele que se sente *ruim*, sente-se doente.

A *ruindade* é a doença e a sua causa.

O mel em jejum *come* a ruindade.

Uma ocupação *pensionária* ou *apensionada* tem muitas e variadas exigências.

Atremeter-se é atrever-se.

O vaidoso é *fôfo* e é *vão*.

Fincar é firmar, apoiar.[1]

Um *barquinho* é um pequeno odre para água. Creio que já o não usam. Pois é pena, porque no verão fazia a água fresca que era um regalo.

Pela rechina da calma é à hora de maior calor.

Amagar-se é o mesmo que *acaçapar se*, coser-se com o chão para se ocultar.

Galrejar é chilrear.

Uma *friginada* é uma fritada.

Um *richaço* é um pinote.

Uma pessoa *gazil* é alegre e prasenteira.

É um *adregue* um acaso.

É um *engaço* uma pessoa débil.

Desengaçar é desembaraçar-se.

A pessoa doentia é um *pepino chôco*.

A fêmea esteril é *machorra*; a que não engravidou ficou *fôrra*.

Esgravulhar é remexer, revolver; é *esgravulha* o irrequieto, o extraordináriamente activo, ou o estouvado; um pião *esgravulha* ou *taranta* é um pião que roda saltando.

Vive *à gagosa* quem vive de expedientes pouco louváveis; apanha as coisas *à gagosa* quem se vale de astúcias condenáveis para adquirir o que pretende.

Vive à *barba longa* quem vive à custa de outrem.

Está *colmado* o que está cheio, de cogulo.

Comentário a discussões estéreis: *a final de contas, linhas cortadas tudo são pontas.*

Ensocado quere dizer sujo de lama.

Encastoado é o mesmo que eugastado.

A respeito de oitos e noves quem padece são os proves.

Gemer as cavalhas, *pagar as favas* ou *diferenças* é sofrer as conseqüências de qualquer êrro, próprio ou alheio.

É *ôsservada* a pessoa prudente, ponderada.

O *galapo* é um resguardo de coiro com que os ceifeiros protegem os três últimos dedos da mão esquerda; por isso chamam *galapos* às mãos.

A mão *canha* é a mão esquerda; uma *ceifa canhota* é uma dissipação inconsiderada.

É *boleta descoitada* o que é tratado como se não tivesse dono, o que noutras partes se costuma chamar *roupa de franceses.*

Um *bancal* é um tapete com que se cobre uma mesa, um baú.

Um *panal* é um pano branco que se põe no taboleiro para receber o pão ainda em massa, e com que se cobre depois de cozido.

É berço de engeitado ou *pedra de mija-cão* aquele de quem se socorrem todos os que se veem desajudados dos outros.

Comer alpista com um garfo é empregar processos de trabalho pouco productivos.

Quem *ouve alguém de cantareira*, ouve-lhe reprimendas ásperas, severas.

Uma pessoa *estrigada* é alta e delgada.

Está *estio* o que tem o ventre deprimido, por falta de alimentos.

Está *esperecido* aquele que por mal alimentado, por sêde ou por doença, tem a vida em perigo.

Quem está definhado está *finadinho.*

A *carépa* é a caspa da cabeça.

Uma pessoa com *sandunga* tem garbo, graça e desenvoltura.

É uma *salapoia* uma mulher baixa, gorducha e sem agilidade.

Um *respingo*, um *brinco*, é um pinote, um salto.

Mofêta é um foco de mau cheiro.

Fartum é o cheiro enjoativo, às vezes indício de decomposição de alimentos.

Empina é discussão acalorada.

Empinar-se com alguém é não só discutir, mas fazer-lhe sentir que se está na disposição de não lhe tolerar tudo.

Rengo-rengo é o mesmo que o ramerrão.

Cantam as maias a alguém em qualquer parte, quando tem uma demora a que não é fácil prever termo.

Um negócio ou empreendimento bem *abicado* tem bons princípios, é prometedor.

Apolgar é apalpar, e é sondar as disposições de espírito, os sentimentos de alguém.

Morcegar é apolgar demoradamente, ou não dar expediente ao serviço que se está fazendo.

Puxar terra para os pés é cavar.

Andar a contas com a torta é ceifar; a foice e a *torta*.

Está *apalpado* quem está combalido, enfraquecido por qualquer doença.

O regresso é a *torna-volta*.

Uma *torna* é a faixa de terreno, de comprimento e largura variáveis, segundo o número de trabalhadores e o critério do encarregado, na qual se executa qualquer serviço. Chegados ao fim, voltam ao ponto de partida e tomam nova *torna*. Isto facilita e aligeira o trabalho.

No serviço da lavoura as faixas, belgas, teem tôdas a mesma largura e cada uma está a cargo de uma junta de bois ou de uma parelha de bestas; o final da *torna* é o *voltadoiro*.

Embelgar é dividir o terreno em *belgas;* também às vezes significa ver, ou ver com bons olhos.

Estrapolida é tropel.

Catapua quer dizer trabalho intenso e extenuante.

Há que fenícios! indica que um facto se deu há tanto tempo, que não é possível determiná-lo ao certo.

Tira que tira, caminhar ininterruptamente.

Tarrafias são diabruras, maus tratos.

Matraficia ou *matraficio* é falsificação.

Tarrincar quere dizer triturar com os dentes.

Refunfinhar, *reguingar*, é recalcitrar.

Desdem é o mesmo que ironia, sátira.

Cantigas ao desdem, ou a *descadeirar*, são cantigas mordazes, como, por exemplo:

De noite estragando solas
Quem não anda, não aprende:
Mulheres, cartas e bolas
Só o Diabo é que as entende!

O amor é uma albarda
Que se põe em quem quer bem:
Eu por não ser albardado
Não tenho amor a ninguém.

Algumas são cortantes como láminas afiadas; chegam a ser brutais:

A minha mãe-sogra
Tem o Diabo nalma:
Quando eu tenho frio,
É que ela tem calma!

A minha mãe-sogra
Quem na vira agora
De cabeça aberta
E os miolos fora!

E ainda há pior!

Demorar-se *horas esquecidas* em qualquer parte ou a fazer qualquer coisa, é gastar tempo exagerado.

Empiolar, em linguagem venatória, indica uma operação especial feita nas patas dos coelhos ou lebres abatidas para se poderem pendurar do cinturão; noutros casos significa enganar, burlar.

Uma *vima* é um emplastro; também é *vima* o indivíduo de más qualidades, e ainda é *vima* a burla, o calote.

Emvimar ou ferrar a vima é pregar calote.

Uma *raciada* é um rebanho, uma multidão.

Sopetear é saborear: quem *gosta sopeteia*.

Está de *serviço* a terra de cultura no ano que está de folga; é um caso especial de pousio.

Empalmar é ajustar um acrescente a uma peça de madeira ou de ferro, quer para a tornar maior, quer para substituir uma parte deteriorada; o *empalme* ou *empalmadoiro* é a ligação das duas partes; *empalme* significa ainda acrescente.

A levedação do pão é *finta* ou *fintura*; *fintar* é levedar. O pão que tem *finta* ou *fintura* demais, é azedo, às vezes a ponto de ser quási intragável; parece fermento.

O *mosqueiro* é um logar fresco e pouco iluminado, em que se passam as horas do calor a salvo das investidas das môscas.

Emmosqueirar-se à acolher-se ao *mosqueiro*.

A môsca ou *a hora da môsca* é a hora de calor mais intenso e em que a môsca atormenta os animais, porém não tem comêço nem têrmo constantes.

Às vezes pelas 11 horas já os animais não param quietos por causa da môsca, e é tarde velha e ainda a tranqüilidade lhes não voltou.

A estrêla com que os bois moscam, é o sol.

Dá ou *não dá rabicho* aquele que dá ou nega o seu consentimento para que se faça qualquer coisa que depende ùnicamente da sua vontade; se a terra dá bom serviço, *dá rabicho*. E assim em muitas outras coisas.

À primeira cavadela, minhoca! significa que logo no comêço de qualquer empreendimento se deparou dificuldade.

Apalancar é fazer uso da *palanca*, o mesmo que alavanca.

Gurnir é grunhir, e *gurnim* a voz com que se imita o grunhido dos bacorinhos.

Tomar é atrelar os animais ao carro ou ao arado; *destomar* é desatrelar.

Cêvar é também desatrelar e dar de comer ao gado.

O *penso* é a ração; *pensar* é tratar dos animais; animal de *muito* ou *de pouco penso* é aquele que precisa de muito ou de pouco alimento para se sustentar.

Acarear é dispensar acareio; é recolher os animais que andam a pasto; a roupa que está a enxugar... *Acareia-se* uma infinidade de coisas: a seara, a lenha que se há-de consumir durante o ano, as dividas activas, os frutos, os fenos, etc., etc.

Acareio é bom acolhimento, carinho; é também a recolha de coisas dispersas, o grangeio de bens de fortuna, etc.

O que tem por hábito denunciar as faltas dos outros é um *acusa-Cristos.*

A boquilha dos cigarros é *canilha.*

Fineza quer dizer proeza, feito fora do vulgar.

Está *lento* o que está levemente húmido, ou transpira levemente.

Lentura é humidade leve.

Um *mancebo* é um instrumento destinado a pendurar a candeia: umas vezes é uma simples cana com algumas mossas, outras uma cadeia de fuzis de madeira de loendro feitos de uma só vara e inteiriços; quási sempre ostenta ornatos abertos a canivete.

Um *maceirão* é um gamelão.

A *bordoada* de uma ribeira é a beira de água.

Dá-se carta e lata, põe-se-lhe a arreata em cima àquele a quem se deixa em plena liberdade de procedimento.

O lusco-fusco é *ar pardo.*

Ciar é ter ciúmes.

O cardador é *cardalana.*

O *cardal* é o cemitério.

Uma *orelhada* é uma bofetada.

Assovacar-se é sufocar-se e acobardar-se.

O *embôsiado* está carrancudo, sorumbático.

Impar é gemer quando se faz esfôrço; o gemido que acompanha o esfôrço é *ímpado*.

Vágado é o suspiro de quem está aflito o inquieto.

Invencioneiro é o que inventa mentiras, invencionices.

O *tuno* é ladino.

O *tunante* é vádio, pessoa de porte repreensível.

A *tunantada* é acção de tunante, velhacada.

A *careja* é um aglomerado de ovos de insectos; *estar carejado* é apresentar careja.

Vai a *escape* quem vai a tôda a pressa.

Tem o cabelo *ouriçado*, *assafroado*, quem tem o cabelo arrepiado, eriçado.

Um *escondarelo* é um esconderijo.

Dar o cavaco é mostrar-se ofendido; *dar-cavaco* é dar explicações, satisfações ou ainda participar qualquer coisa.

Uma pessoa que é *sôbre si*, é pouco comunicativa; uma pessoa que *está sôbre si*, não depende de outrem.

É *grazina* o tagarela; é *grazinada* o barulho de muitas vozes simultâneas.

A *facha* é o aspecto e atitude do corpo.

Um *tassalho* é pedaço grande, principalmente de carne; é um *tassalho* a pessoa desmazelada.

Um copinho de vinho é um *galapito*; um copinho de aguardente é uma *chinita*.

Está *tísica* uma corda bem esticada; *entisicar* é esticar.

O *afito* é uma doença de crianças, que apresenta como sintomas principais o ventre abaulado e tenso, temperatura elevada e respiração superficial e freqüente. Combate-se com benzeduras.

A benzedeira, enquanto vai *bichanando* as palavras adeqüadas, vai friccionando ao de leve com azeite quente a barriguinha do enfermo, e no fim borrifa-o violentamente com um bochecho de água fria ou de vinho. Esta última parte do tratamento, talvez pela surprêsa e brusquidão, provoca o chôro, inspirações mais profundas e uma melhora quási instantânea, embora de pouca duração, mas que é quanto basta para incutir esperanças e determinar a repetição da benzedura até que o doentinho *enteixe*... ou vá para os anjinhos.

As *ínguas* são ganglios enfartados, que também se curam *benzendo-as* e *cortando-as*.

A êste *corte* das ínguas fui eu submetido quando tinha

os meus cinco anos. Em seguida a uma grave doença, ao começar a dar os primeiros passos, incharam-me os joelhos e as virilhas a pontos de quási não poder andar. A sr.ª Justina do Bagage, que era vizinha e ia muito lá por casa, propôs a minha mãi *cortar-me as inguas*. Mal ouvi esta proposta, desatei a gritar em altos berros que não queria, e tal choradeira fiz que para me tranqüilizarem, me prometeram que não me fariam o corte. Calei-me, mas nunca mais deixei de olhar desconfiado para a sr.ª Justina.

Uma noite, serena e estrelada, estava eu meio adormecido no colo de minha avó, quando alguém se aproximou cautelosamente, e logo a seguir comecei a ouvir um murmúrio que me chamou a atenção. Abri os olhos e vi... a sr.ª Justina com uma faca numa das mãos e uma vara na outra! Imagine-se o que eu não gritaria, principalmente quando senti que me esfregavam as virilhas não sei com quê.

Estavam a *cortar-me* as inguas... mas sem me cortarem, afinal.

A operação, vim a sabê-lo ulteriormente, consiste no seguinte:

Por uma noite límpida fixa-se uma estrêla, e, enquanto se vão fazendo golpes numa vara de silva verde, vão-se dizendo as seguintes palavras: «Estrêla luzente, F... tem uma íngua (ou umas inguas) maior que vós; minguai as ínguas e crescei vós».

A seguir reza-se um padre-nosso e uma avè-Maria, e, como remate, unta-se a parte doente com azeite de candeia, enxundia de galinha, ou coisa parecida. Foi o que me fizeram a mim. Nesse tempo ainda lá não tinha chegado notícia de certas águas milagrosas...

Um *disfarce* é um gracejo, e às vezes uma parvoice propositada. O que é dado a *disfarce* é *disfarçudo*.

Um *pele de lôbo* é um pedinte.

Quando algum pobre conseguia apanhar ou matar um lôbo, era costume ir apresentar a pele à Câmara Municipal, recebendo por isso uma gratificação (500 reis, se bem me lembro); depois ia de *monte em monte*, fazendo razoável colheita de gorgetas entre os lavradores, que, uns mais, outros menos, não deixavam de dar qualquer *lembrança* a quem lhes suprimira mais um inimigo dos rebanhos.

Alguns, como o sr. Camilo António, por alcunha o *Pelnegra*, que eu muito bem conheci, faziam disto o seu modo de

vida quási exclusivo. Durante a maior parte do ano andavam pelos *montes* (casas rurais) com as peles dos lôbos que matavam ou com os cachorros que apanhavam.

Daqui deve ter vindo para esta casta de pedintes a denominação de *peles-de-lôbo* que mais tarde se tornou extensiva a todos.

Aquele que tem a côr muito trigueira é *caròcho*, e, se a *escuridão* é muito pronunciada, é *sornegro*.

Os que trabalham nas eiras chamam-se *eireiros* ou *eirenhos*.

Acolado quer dizer crescido, e a *cola* é o pescoço, a cara, a cabeça.

Deitar a *cola de fora* ou mostrar a *cola* é sair de casa; os astros quando saem de entre as nuvens, *deitam a cola de fora*; as plantas quando começam a romper da terra, *deitam a cola de fora*.

Colar é passar, transitar.

Corto é o mesmo que cortado, e *deboto* é o mesmo que embotado.

Campeiro quere dizer espaçoso.

Tropecelo é a pessoa trôpega; está *entropecelado* quem transitória ou definitivamente está trôpego.

A nassa é um cesto-armadilha para pescar; dar às *nassas* é ceder à fadiga, à doença; sucumbir, falir.

Andar à espiga falida é viver com dificuldades.

É *grulha ou grulhento* aquele que faz trapaça no jogo; a trapaça também é *grulha ou grulhice; fazer grulha ou grulhice* é fazer trapaça.

Quem é telhudo, é *pancadista*; a telha é *pancada*.

Ficar de panos postos é ter esperado inùtilmente uma coisa com que se contava.

Quem tem dores violentas, anda *desalumiado* com dores.

É uma *sinagoga* um ajuntamento de pessoas que se ocupam de mexericos e enredos.

É uma bebedeira de *tratar a Deus por tu*, uma bebedeira muito grande.

Um *assoprão* é um denunciante de contrabandistas, e aquele que é exaltado, irascível.

É *mais bruto que uma azinheira* o que é descomunalmente estúpido e bronco.

É *todo pontinhos* o que em tudo é meticuloso.

É *cheio de nove horas* o que é escrupuloso no trajar.

Está até as amarras o que está cheio a ponto de não comportar mais.

Mandar alguém com caixas é despedi-lo desabridamente.

O que não tem vergonha, é *limpo*, e, se não tem nem raça de vergonha, é *limpinho de todo.*

Rescunho quere dizer nôjo, escrúpulo, aversão.

Tem o nome de *baetas* o presente que a madrinha dá à mãe do batizando.

O donairoso é *galoso*, e o donaire *gala*.

Requebre é o mesmo que requebro, gorgeio, trinado.

Regala-me o teu cantar
O teu cantar me regala;
Regala-me estar-te ouvindo
Requebres que dás à fala.

É também o estribilho de uma modinha.

As vergônteas fortes e bem desenvolvidas são *verdelhões*; é um *verdelhão*, um *verdugo*, um jóvem forte e bem posto;

Verdegar é verdejar.

Averdugar é vergar.

Um *carolo* é um pedaço de pão.

A cascoila ou *bolela cascoila* é o fruto do carrasqueiro.

O *queimor* é o sabor picante da pimenta, da malagueta, etc., é *queimoso* aquilo que tem *queimor*.

A *penada* é o mesmo que o requebro; também quere dizer remoque, alusão disfarçada.

Tornejar é dobrar uma esquina.

Entrunfar-se é amuar-se.

Leja é cardume, multidão; pessoas da mesma *leja* são as da mesma idade e convívio.

Não é do santo reino de uma pessoa aquele que não lhe merece simpatia.

Está no seu pão pingado aquele que está no gôzo do que mais aprecia.

Um cão *marafado* é um cão hidrófobo; está *marafado* o que está muito zangado.

A salamandra é *salamantiga*.

Mandar alguém retumbando é impor-lhe a retirada com termos enérgicos.

Anda *alombada* uma ribeira cujo volume de água é maior que o normal, sem contudo merecer o nome de cheia; *alombado* o que, por bem alimentado, está nutrido, sem se lhe chamar gordo.

Embonicar-se é agasalhar-se exageradamente.

Embonecar-se é enfeitar-se de modo ridículo.

Andancias são as diligências empregadas para se levar qualquer coisa a cabo!

Chega a parecer um *tratamento preventivo* contra as modernas e vulgarizadas *démarches!*

Apêlhos são as tentativas, bem ou mal sucedidas, para se apanhar um animal; *andar aos apêlhos.*

O mandão é *prioste.*

Andar ou *estar de gadelha*, *à unha*, é brigar, ou altercar.

Resbaldar é resvalar, escorregar.

Ao difícil de contentar tudo *lhe fede e nada lhe cheira.*

É um *zangarilho* um homem alto e delgado.

Anda sempre *com o credo na bôca* quem anda em sustos continuados.

Água *tíbia* é a água quebrada da frieza.

As searas que estão desigualmente desenvolvidas, estão *às melas*, *às malhas*, *às manchas*, *às nódoas.*

Os olivais, os montados que não frutificam por parelho, ficaram às *nódoas.*

Os terrenos de cultura teem quási constantemente umas *nódoas* melhores outras piores.

A *rebendita* é a revindicta, a represália.

Está *rebinchando* o que está a rebentar de cheio.

Está *rebinchado* o que está zangado ou de relações cortadas com outro.

Rebincha é discussão, amuo, corte de relações.

Está *à una* o que está isolado.

Açudir é açular.

Fugir a rabo estendido é fugir com a máxima velocidade.

A *marrana* é a corcunda; o que tem marrana é *emmarranado*, *amarranado*, *marrana* ou *marranudo.*

É *dadiço* aquilo que é dado.

Mambrum é o indivíduo forte e mal feito.

Assetiar é cobrir com piorno as serras ou medas de palha.

Não dá rego aquele que está incapaz de qualquer esfôrço.

O azougado é *arregougado.*

Andar de aselha é mostrar-se activo, diligente, manifestar interêsse, impaciência por saber ou alcançar qualquer coisa.

Ir *de aselha*, ir *zunindo*, ir *esgalhando*, ir *retumbando*, a *toque de caixa* é ir a tôda a pressa... com vontade ou sem ela.

Pôr as pêras a oito a alguém é impôr-se-lhe energicamente.

As películas levantadas nas extremidades dos dedos junto à raiz das unhas, a que uns chamam *espigas* e outros *espinhas*, também teem o nome de *padrastos*.

Consumição, é mortificação, ralação.

Consumir é mortificar, ralar, ou então prostrar, levar de vencida, v. g.:

Acorda, Maria, acorda,
Acorda, Mariazinha:
Quem tem amores, não dorme
Senão de madrugadinha.

Senão de madrugadinha,
Quando o sono a *consome*:
Acorda, Mariazinha,
Quem tem amores, não dorme

Está *ladainho* tudo o que gira nos eixos com extrema facilidade.

Uma mola *ladainha* é muito sensível.

Molear é fazer funcionar as molas para avaliar da sua elasticidade; é flectirem-se e distenderem-se as molas, das quais umas *moleam* bem, outras mal.

Encabeçar é calcular o número de cabeças de gado suino que um montado pode engordar.

O *cabeçana* tem a cabeça grande ou é teimoso.

Fazer cabedal de alguém ou de alguma coisa é dar-lhe apreço, importância, consideração.

Cabedar é pertencer a vez ou a sorte.

Às cabedas quere dizer à vez.

Em cima de cornudo escalavrado é o mesmo que dizer: além de logrado, mal tratado.

Lavarito ou *lavarinto* é um alvoroço, gritaria, altercação.

Amèçar quere dizer ameaçar.

Fazer amèção é esboçar um movimento.

Aventar é deitar fora.

Àmentar é trazer à mente, fazer lembrar, sugerir, ou então inventar mentiras e ainda aumentar.

Apertilho é aperto, apertão.

Abocar é abrir a bôca a um animal para lhe examinar os dentes.

Não tem *supremo* de ninguém aquele que procede segundo o seu alvedrio, sem ter quem lhe vá à mão.

Tirar ou cortar as *gadumbas* é castrar o animal que, por

mal castrado ou defeito congénito, tem só um *grão*, é *roncolho* ou *galispo*.

Está encangado ou *engarrotado* o que está encurvado, torcido.

A enxaca é cada uma das bolsas do alforge.

A *chapada* é a ladeira, a encosta.

É *convinhavel* o que é conveniente. Quando o tempo corre propício à agricultura, chamam-lhe tempo *hável*.

Está em grelhas quem está impaciente.

Quem se põe em fuga, *deita-se à fuja*.

Quem é pouco expedito no trabalho, *encana arrâs*.

O banquete do casamento é a função ou *boda*, cujo prato mais importante é o *ensopado* ou carneiro com batatas.

Um *machacôco* é um indivíduo desageitado e sorumbático.

A *áquidade* tanto pode ser um procedimento louvável como o contrário.

O *gambosino* ou *gramunilho* é um animal de pura invenção, cuja *caçada*, um autêntico lôgro, tem dado lugar aos mais extravagantes e picarescos opisódios.

Escolhida a vítima do engano, sempre um que desconhece por completo o extranho *animal*, organiza-se a caçada, ordinàriamente em noite fria e desagradável. Colocam-se as *esperas*, providas de sacos, junto dos *agulheiros* de uma *tapada*, recomendando-se ao logrado a máxima atenção e cautela, pois que o *bicho* é muito desconfiado. Em seguida os batedores fazem grande alarido durante algum tempo, alarido que vai esmorecendo a pouco e pouco até extinguir-se de todo, por êles e as *esperas sabidas* se terem retirado, deixando o logrado no campo. Por fim êste, cansado de esperar, ou reconhecendo-se ludibriado, retira-se também. O seu aparecimento junto dos outros é acolhido com as mais ruidosas manifestações, devidas em grande parte às abundantes libações da ceia, remate obrigado da caçada, e de que nem sempre o ludibriado participa... por não ter chegado a tempo, o que é o lôgro completo e o mais festejado.

Esta é a caçada nas condições vulgares. Os imprevistos não teem conta.

Um aqui de bem perto:

Dois rapazes lavradores convidaram um amigo para ir passar uns dias no *monte*.

Entre as diversões propostas figurou uma caçada aos

gambosinos, que o convidado acolheu com entusiasmo indiscritível.

Feitas as *manobras* do estilo, quando os dois lavradores iam já de retirada para o monte com os criados, ouviram gritos aflitivos, vindos do sítio onde tinham deixado o amigo.

Acorreram pressurosos e sabresaltados, indo encontrá-lo caído e a gritar que tinha uma perna pertida.

Ficaram *passados!*

Não era só o desastre: era também a severidade paterna, proverbial em tôdas aquelas redondezas e que êles, melhor que ninguém, conheciam. Que *trovoada* os esperava! Nem se atreviam a pensar nisso. Entretanto foram ageitando os braços em *cadeirinha*, onde com tôda a solicitude e cautela sentaram o amigo, pondo-se em seguida a caminho. Dali até ao monte era um bom estirão, de forma que chegaram lá alagados em suor.

Apenas entraram no pátio, o *sinistrado*, com grande pasmo e surpresa dos circunstantes, salta todo lépido dos braços dos amigos, e diz para o velho lavrador, que, prevenido do desastre por um criado, os aguardava entre as portas do monte:

—Meu bom amigo, faça-me o favor de mandar dar uma bôa ração a estas bestas, que devem vir estafadas, a-pesar-de serem dois valentes animais!

Fàcilmente se faz idéa da cara dos outros dois... *Tinham ido buscar lá, e ficaram tosquiados!*

Coisa que, aliás, acontece e acontecerá a muita bôa gente.

*

Os *chancalhos* ou *chincalhos* são sapatos velhos.

Está ou anda em calçado velho, quem decaiu do antigo vigor ou situação desafogada.

A quinta casa é como que a quintessência: quando se diz que uma coisa é bôa ou má na *quinta casa*, é desnecessário acrescentar mais nada, está tudo dito.

O que é diligente, é *cansino*. A *cansina* é canseira e é diligência.

Ah! guapo! é uma manifestação de aplauso; é como quem diz — *fêz muito bem*. Mas *uma guapada* é uma velhacada.

As castanholas e as unhas dos porcos que se matam, são *trancanholas*.

Tocar as trancanholas é bater os dentes com frio, com mêdo ou por qualquer outro motivo.

Dobrar as trancanholas é morrer, e quem não gostar de morrer assim, pode *dobrar as unhas, enrolar as cardas, estender a apêráge, tocar o chocalho, patear, arrefecer-lhe o céu da bôca, ir balsando*, fora o mais que se não diz.

Asseada como um pau de galinheiro é pessoa pouco asseada.

O preguiçoso é um *feixe*, um *moitão*.

Um *atiça-cães* ou simplesmente um *atiça* é um instigador.

É um *enxota-minhocas* o que não tem préstimo para coisa nenhuma.

Trinquelejada é o ruído de peças metálicas que chocam umas nas outras.

Trinquelejar é fazer trinquelejada.

A *restolhice* é o mesmo que restolhada, campo de restôlhos, e ainda barulhada e multidão.

Assuíce é gritaria, assuada.

Enquelhado quere dizer oblíquo.

Dar um léu é desviar-se, fazer lugar a outra pessoa, ou dar impulso, prestar auxílio.

Trazer alguêm entre a pele e a carne é ter-lhe tal ou qual antipatia.

Quem não gostar de dizer — irra! pode dizer *canastro!* que vem a dar na mesma.

Um *pio* é um alegrête circular em tôrno do pé de uma árvore.

Uma *chumela* é um parche, um remendo mal deitado.

É *leve, leviano de patas*, aquele que é ágil no salto, veloz na carreira.

A *zorra* é uma pessoa astuta, manhosa, e a mulher de mau porte.

Ir num pé e vir no outro, ir *num rufo, num ai*, é andar com a maior prontidão.

Zorrum é o cheiro da zorra e tudo o que se lhe possa comparar.

Uma *cangalhada* é uma pequena carrada, é um negócio enredado, é uma intriga.

Um *viro* é um prego de madeira com que se pregam os cortiços das abelhas.

Pioz é um laço para apanhar aves.

Avagar é diminuir ou mesmo cessar a afluência de pessoas a qualquer lugar.

A *pilheira* é uma cavidade réctangular praticada na parede da cozinha, do quarto da cama, etc., que funciona como um pequeno armário, onde se guardam as coisas mais heterogénias: fósforos, tempêros, algodão para as torcidas das candeias, etc., etc., etc.

O *zoupeiro* é um malicioso, brejeiro.

A *tropos galhofos* quere dizer sem ordem em balbúrdia.

Ralos são arrelias, ralações.

Os cântaros não se põem na *cantareira*, põem-se no *pial dos cântaros*; na *cantareira*, *relexo* ou *cimalha*, friso que vai de um extrêmo a outro da parede principal da *casa dianteira*, põe-se o *arame* e tôda a loiça que não é de uso diário.

A *estanheira*, uma estante especial no estilo da mobília de Évora, tem função análoga à da *cantareira*, mas não serve para o *arame*. Às vezes há numa casa duas estanheiras: uma para a *loiça de resguardo*, outra para a loiça de uso, sendo o lugar da última na cozinha, onde freqüentemente tem como refôrço o *relexo* da chaminé.

O *armar da cantareira* por via de regra era um acto de responsabilidade para a dona de casa; ali mostrava ela a sua arte e bom gôsto na disposição e aproveitamento das *peças*, sem fugir aos preceitos a que tôdas obedeciam: numa extremidade do relexo o arame, limpo e brilhante que parecia oiro; a seguir, as loiças e vidros por ordem decrescente de tamanhos, e em várias *fiadas*, conforme a abundância o permitia, e colocados de maneira que as *pinturas* ficassem bem à vista.

Cuidado igual presidia à *armação da estanheira*.

Uma bilha muito rachada está *escalrochada* ou *feita numa romã*.

Quando qualquer líquido esguicha, *espilricha*; também *espilricham* as pessoas que saem de qualquer parte impetuosamente ou com pressa.

Um *saltilho* é uma brecha num muro de vedação, por onde é fácil saltar-se.

O fruto que não está completamente sazonado, está *verdoengo*; *verdoengo* ou *saraço*, ou *sarolhaço*, está também todo o vegetal ainda não completamente sêco.

O *estatamoeirado* está atordoado, estonteado.

Estar nas suas sete quintas ou *estar como o peixe na água* vem a ser a mesma coisa.

É *escalatrim* o travêsso, o endiabrado.

As *lôstras* são manchas, nódoas.

É *chamusco* aquele que é muito trigueiro.

Chitó! é uma voz para chamar os cães.

Quem se põe à fresca põe-se à *frescalhota*.

Sapejar é chapinhar.

Ramplones são fanfarronadas.

Está em pelote, em pelarote ou *como a mãe o deitou ao mundo*, aquele que está em completo estado de nudez.

Quando as mulheres estão amassando, estendem a massa em pastas, que batem contra o alguidar: *pastejam* a massa. As lavadeiras, depois da roupa córada e enxuta, dobram-na batendo cada dobra com as mãos molhadas: *pastejam* a roupa. Às vezes *pastejar* é sinónimo de esbofetear.

Empeçar é enlear, emaranhar; *empeça-se* o cabelo, *empeça-se* uma madeixa de fio.

Um *tôrno* de água, de vinho, de qualquer líquido, ou mesmo de fumo, é um jôrro, um jacto.

Todos os dias a secção desportiva dos jornais nos dá notícias de várias façanhas dos variadíssimos jogadores dos ultravariados desportos que se teem inventado; o que ainda não vi anunciado foi um género de *corridas* muito em voga lá na aldeia, quando eu era garoto: as corridas à varinha. Eram corridas de velocidade em que tomavam parte dois competidores de cada vez, um — perseguidor, o outro — perseguido.

O primeiro, armado de uma vergasta, colocava-se atrás do segnndo, a uma distância igual ao comprimento da vergasta.

Dado o sinal, deitavam ambos a correr o mais que podiam, o primeiro com o fito de vergastar o segundo, êste com o intento de se não deixar atingir, por saber que o persiguidor o não pouparia.

Não havia taças, não havia medalhas, não havia retratos nem notícias nos jornais, é certo, mas o *estímulo* era tão eficaz e a derrota tão... dolorosa, que cada qual *dava* o mais que lhe era possível.

Às vezes, para aumentar as dificuldades e os riscos dos desafios, corria-se sôbre os muros das tapadas, cujas *coberteiras*, grandes pedregulhos destinados a protegê-los, oscila-

vam assustadoramente à passagem dos corredores. Pois nunca, em meu tempo, houve um desastre em tais desafios! E não se imagine que êstes eram raros; pelo contrário, era quási infalível ao chegar-se ao *racio*, surgir logo a proposta: *queres deitar uma varinha?* — proposta que nunca deixava de ter quem a aceitasse.

Os cultores do box e foot-ball são capazes de chamar a isto uma selvageria... *Ninguêm vê a tranca no seu olho...*

Não será isso motivo para *encalhe*, quere dizer, discussão ou mesmo desavença.

E quem não está para discussões, *não quere conversa, que lhe amarga a bôca.*

A *casa dianteira* não significa só a casa de entrada; significa muito freqùentemente o primeiro lugar: *estar ou andar na casa da dianteira.*

A cozinha tambêm se chama a *casa do lume*, e representa na vida da maior parte o principal papel: além da função que lhe é peculiar, serva tambêm de casa de jantar, de dormitório e de sala de visitas. É nas noites de inverno que as pessoas de amisade se visitam, *vão dar o serão* umas às outras, e é na casa *do lume* que essas visitas se recebem; é em volta do lume que se passa a *seranada*, quási sempre alegre e cheia de animação; *conversam-se as estopinhas*, recorda-se o passado, comenta-se o presente, diz-se mal de muitos e bem de alguns, não faltando quem durma ao canto da chaminé o seu *sono assado.*

Os compartimentos comummente chamados *quartos*, são *sotos*, cujo portado quási sempre tem por único resguardo uma *quartina*, ou reposteiro de chita ou bretanha.

O chão é pavimentado de *ladrilhos* ou de *baldosas*, diferençando-se estas daqueles em serem quadradas; se o chão é assoalhado, diz-se de *taboado*, e, se não tem pavimento, é *sôlo.*

Se o telhado assenta sôbre um caniçado coberto de argamassa, a casa é *encaniçada* ou *atabicada.* O caniçado, quando é bem feito, *agasalha* extraordinàriamente as casas e é de longuissima duração.

Uma *torneja* é um prego curvo que atravessa a extremidade do eixo dos carros; uma *borlandeira* é uma anilha metálica posta entre a torneja e a maça da roda; o *borlandeirão* é uma anilha similhante, mas muito maior, colocada entre a maça e o de leito do carro.

Alguns *borlandeirões* são tão sonoros que se ouvem a grandes distâncias, quando os carros vão em marcha.

O *tourejão* é um espigão de ferro que crava o leito do carro no eixo.

Uma corrente de ferro que, passando pela argola da extremidade da vara do carro, vai prender-se aos cangalhos, chama-se *socairo*.

Para ir bem à vaca vai mal à saca — quere dizer-se — quando as ervas medram, as searas não são boas.

A ovo e ovo vai a galinha ao choco, isto é, *a grão e grão enche a galinha o paparrão*, ou rifão equivalente.

Afuguntar ou *esfuguntar* é fugir ou fazer fugir com susto.

Afunguntado ou *esfuguntado* é o mesmo que esbaforido.

Está *engranitado* aquilo que tem granitas, e *granitas* são pequenas granulações das papas quando a farinha fica mal desfeita.

Anda *mangroso* aquele que anda adoentado.

É *roberto*, *revoltilho*, o que é turbulento, travêsso.

Um *rabisca — pé* é um busca — pé.

O *rabisco* é a apanha dos frutos que ficaram depois da colheita.

Uma *silva* é uma grinalda singela, uma cercadura de flores, ou um anel constituido por um simples fio de prata, ou, quando muito, por dois, torcidos um com o outro.

Contra-pisa é o mesmo que guarda-pisa, barra que reforça a parte inferior das saias.

A prancha lateral do leito dos carros destinada a receber os fueiros é o *limão*.

A *restoiça* é a brincadeira.

Ante-cama é um folho que, pregado no enxergão, enfeita e resguarda a parte da cama, que vai daí até ao chão.

Dar a sua rabissaca é intervir, intrometer-se em qualquer coisa, mesmo sem ter interesses ligados a ela.

Estar em alas é estar em chamas, e, figuradamente, estar impaciente, *sôbre brasas* como por tôda a parte se costuma dizer.

Tomar ala é ganhar velocidade, *tomar embalagem*, conforme se diz agora.

Uma lumarêda é um lume grande, com grandes labarêdas.

São *godilhões*, *caroços*, os grumos da massa, ou então os pequenos gânglios enfartados.

Um *calhau* é um pequeno cesto de duas azas, que se emprega para içar entulhos de dentro dos poços..

Imprensar é cogitar ou deixar-se dominar por uma ideia fixa.

Calo é muitas vezes sinónimo de calote.

*

Fiquemos por aqui, que já não deve ser sem tempo.

É possível que haja alguns a quem o assunto interesse, mas o mais provável é que, dos raros leitores que possa ter encontrado, a maioria já *deite pelos olhos* as várias *maneiras de dizer* que lhe propinei.

Nem admira. Eu próprio, se não fôsse o que isto para mim representa de recordações e de saüdades, é de crêr que já tivesse pôsto de parte o soporífero. Agüento-me, porque, em bôa verdade, não estou a produzir coisa que se possa chamar trabalho: estou principalmente a reviver os primeiros dezoito anos da minha existência; os meus tempos de garoto endiabrado, enfileirando ao lado dos piores que a aldeia tinha; o alvorecer de uma adolescência ruidosa e alegre sem preocupações nem pezares.

Acorda cá dentro o aldeão que estruturalmente sou, e tudo, tudo, desde os embates rijos da pedrada, os dias inteiros a gandaiar por aqueles campos, até às noites folionas passadas nos *balhos* e descantes, me desfila pela mente e me dá a ilusão de que uma onda de sangue môço e quente me percorre o corpo.

A maior parte dos que por acaso lerem isto, a-pesar-de também terem sido môços e terem saüdades *do seu tempo*, decerto não me entendem, porque não são da aldeia; não ouviram a orquestra dos montados; não aspiraram o perfume acre e sàdio dos matagais; nunca disputaram a murro a posse de um ninho, a conquista de um fruto solitário, esquecido no cimo de uma árvore.

Foram môços, tiveram o seu tempo, mas nunca perderam noites a cantar e a ouvir cantar na atmosfera dos *balhos*, densa e enfumada, tresandando a suor de mistura com o perfume dos cravos com que as raparigas enfeitavam os penteados.

Enquanto os senhores provàvelmente se sentem sufocados, eu sinto ainda o peito a dilatar-se, a encher-se de prazer; ouço ainda as risadas joviais e os córos afinados a cantarem convictamente:

Quero cantar, ser alegre,
Divertir o meu coração.
Sabe Deus de hoje a um ano
Quantos de nós faltarão!

Raparigas do meu tempo...
Rapazes da minha idade...
Não tenham pressa em casar,
Gozem-se da mocidade.

Era isto, era êste entusiasmo de gozar a vida, êste sàdio contentamento de viver, que insensìvelmente se apoderava de mim e me levava a fraternizar com todos, fôssem êles quem fôssem, contanto que tivessem mocidade, alegria, entusiasmo...

Como tudo isto vai longe!...

Tão longe, tão longe, que nem os de agora o podem já viver, e alguns mal podem compreender. Já chegou o *progresso* lá à aldeia e acabou-se com tudo o que era tradicional, substituindo-o por usos modernos, mais *civilizados*. Hoje seria uma impertinência inadmissível ouvir a deshoras uma voz varonil e apaixonada, a que outras fizessem côro, entoar esta cantiga repassada de melancolia e talvez de intenção:

Altos silêncios da noite
Minhas vozes vão rompendo;
Lá irão a combater
Donde meu bem 'stá vivendo.

A guarda repúblicana provàvelmente não se deteve um momento a pensar que estas vozes poderiam ir encontrar éco em qualquer outro coração de mulher, pondo-o em apaixonado sobressalto. Sem dúvida não é ela propensa a tais sentimentalismos, antes, tendo bem presente que

O cantar da meia noite
É um cantar insolente;
Acorda quem 'stá dormindo,
Faz mal a quem 'stá doente,

enxotou da rua os cantadores, atirando com êles para as *sociedades*, onde podem estar muito à sua vontade depois do *correr do sino*. Cantam menos, é certo, mas bebem e jogam, coisas que dantes a rapaziada só excepcionalmente fazia.

Outros tempos... mas basta de pieguices, que isto começa a entristecer-me.

Não sei quem foi que disse que o sorriso dos velhos acaba num soluço, mas *sinto* que tem razão.

Évora.

MANUEL GOMES FRADINHO.

DA MINHA TERRA

Subsídio para a Etnografia de Tráz-os-Montes

Danças, bailes e folguedos populares

A DANÇA DOS PAULITOS

A Dança dos Paulitos é a mais antiga dos povos de Terra de Miranda. Em Argozelo também não há memória de outra mais antiga, e aqui se usou durante muitos anos; o que era natural, não só pela próximidade da Terra de Miranda, mas também porque Argozelo e outras povoações do concelho de Vimioso ficavam incluídas na área da região mirandesa, como se prova pela carta de El-Rei D. Diniz de 1 de Abril de 1357, (1319), na qual se corrige o êrro que havia entre El-Rei e os monges do Convento beneditino de Castro de Avelãs, àcêrca dos direitos de posse sôbre as aldeias de Pinelo, Argozelo e Santulhão, e se diz, que estas aldeias *som em termo de Miranda* (1).

Os muitos vocábulos do dialecto mirandês, que ainda hoje se encontram na linguagem popular de Argozelo, parecem provar que também aqui se falou antigamente êste dialecto.

Quando eu era rapaz, ainda as Danças dos Paulitos se usava em Argozelo, e aqui acompanhava as procissões religiosas nas festas mais solenes e com elas tiravam a esmola para estas festividades, percorrendo as ruas da povoação, executando vários laços ao som da flauta, gaita e tamboril, aqui e acolá, à porta das pessoas de maior consideração.

A Dança dos Paulitos parece ser uma pálida representação das danças guerreiras dos povos da antiga Grécia. Estas danças eram consideradas como um excelente exercício ginástico para desenvolver a fôrça e a destreza dos homens, e estimular o seu génio belicoso. Dos Gregos passariam para os Romanos, que depois as espalhariam pelas províncias do seu vastíssimo império.

---

(1) Francisco M. Alves, Memórias, P. III, pág. 67.

Destas danças guerreiras a mais notável era a Dança Pirrica, muito usada entre os Dorios, que se executava ao som da flauta, num ritmo muito rápido, que simula marchas e evoluções guerreiras, transposição de fossos, assaltos de muralhas e verdadeiros combates.

Ora é precisamente a figura de tudo isto o que se vê na Dança dos Paulitos, quando observamos atentamente as ageis manobras e rápidos movimentos das suas personagens.

Ferreira Deusdado, nos seus *Escorços Trasmontanos* é da mesma opinião.

Nas várias fitas de côres garridas e brilhantes, com que os dançadores mirandeses adornam o peito, as costas e os braços, nas plumas e palmitos dos chapéus e nos lenços de seda de várias côres, que, dobrados sôbre panos rendados, prendem à cinta, e que, chegando quási até ao joelho formam uma espécie de saia, parece-nos ver os ornatos e opas vermelhas que os guerreiros gregos e romanos usavam no exercício da Dança Pirrica; nos próprios Paulitos a figura das armas. que lhes pendiam dos cintos de aço, e no bailado final de cada laço, com o toque das castanholas, repetidos saltos, voltas e revira-voltas e tudo o mais, um perfeito simulacro da alegria que experimentam os vencedores, depois da vitória e das grandes manifestações do seu triunfo.

Como tudo isto, era mais lindo do que os requebros e a pièguice languida dos tangos e outras mesuras das danças modernas, que se exibem constantemente nos salões da sociedade actual!

O Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, no 1.° vol. dos seus *Estudos de Filólogia Mirandeza*, publicou vinte e três laços da Dança dos Paulitos; o Sr. Morais Ferreira, no seu estudo sôbre o dialecto Mirandez, trinta e um; o Sr. Martins Pereira no seu trabalho intitulado *As terras de entre Sabor e Douro*, vinte e três. Muitos dêstes são iguais aos primeiros, com pequenas variantes.

A Dança dos Paulitos é realmente um perfeito exercício marcial, elegante e arrebatador, que tem contribuído muitíssimo para guardar na alma do nosso bom povo o mais entranhado amor à Pátria, de que sempre deu grandes e brilhantes provas; e se não é uma perfeita representação da própria Dança Pirrica é pelo menos uma imitação muito interessante e profundamente característica, que muito honra as gloriosos tradições da Terra de Miranda.

DANÇAS ANTIGAS DE ARGOZELO

Os bailes mais antigos de Argozelo, de que temos lembrança são: o *Landum* [1], a Tia Ana, a Chula, a Vareira, o Fandango, o Ligeiro ou as Abas Verdes e o Malhão.

Nunca vimos dançar o *Landum*; mas a letra dá uma ideia dos seus movimentos e diz assim:

Êste Landum dos bordões,
Tocadinho ao desdem,
Faz desconjuntar o corpo
Por quantas juntinhas tem.

A Tia Ana dançava-se com os calcanhares, e vários requebros e movimentos do tronco e quadris, e cantares como êste:

Eu bem vi a Tia Ana
À minha porta a pedir;
Não sei se lhe dê esmola,
Se cama para dormir.

Na Chula e no Fandango predomina o movimento agitado das pernas, com apoio ora no metatarso, ora na ponta dos pés, grandes saltos e muitas voltas e reviravoltas.

No Ligeiro, ou Abas Verdes, há movimentos de avanço, e recuo, com vários requebros de corpo e *imbigadelas* [2], (embate de umbigo com umbigo), salientando-se o movimento dos ombros, braços e mãos, dando ao mesmo tempo estalos com a fricção do dedo polegar com o médio, e terminando cada evolução com uma *cuzada* (cuada), recíproca, ou pancada forte com as costas. Neste baile, antiquíssimo e muito interessante, cada môço dança com uma rapariga, formando alas.

Os instrumentos músicos que se tocam são: a gaita de foles, a flauta, entrando também às vezes o tambor e o bombo, ou só a viola, ou a guitarra, ou só o típico pandeiro, ao som do qual as môças cantam as mais lindas quadras do nosso cancioneiro popular.

Em Argozelo o pandeiro caíu em desuso, e há já mais de trinta anos que o não ouvimos.

Dentro de poucos anos já ninguém se lembrará do pandeiro. E quantas outras coisas lindas terão desaparecido, e delas não há memória!

---

(1) Lundum.
(2) Umbigadelas.

A letra das Abas Verdes, diz assim:

Abas verdes, abas verdes, } Bis
Bem vos vejo verdegar: }
Bem vos vejo, não vos logro!
Bem vos podéra lograr!

Tóma-las alha! (Bis)
Dá-las tu a quem quizeres,
Que a mim nada se me dá!

O Malhão é semelhante à polca da dança moderna, e a letra diz assim:

Malhão! Oh! triste Malhão!
Malhão! Oh! triste coitado!
Por vias (1) de ti, Malhão,
Ando rôto e esfarrapado.

JOGOS DE RODA (2)

I

ANDA A RODA!

Anda a roda! Desanda a roda!
Torne a roda a desandar!
Para escolher nesta roda
O par que mais me agradar.

O par que mais me agradar
Anda na sala varrida:
Salta fóra, ó rapaz!
Vai escolher a rapariga!

Nesta altura o rapaz escolhe uma rapariga entre as pessoas que andam no baile, e leva-a para o meio da roda; a rapariga escolhe um môço e faz o mesmo; então os escolhidos abraçam-se e ficam no meio da roda dançando, e o primeiro par vai para o seu lugar.

Entretanto, todos os outros, que andam na roda, voltando-se, ora para o seu par, ora para o par vizinho, cantam:

---

(1) Por causa.

(2) Nêstes folguedos populares, os môços e as raparigas, dando as mãos uns aos outros, formam uma grande cadeia circular. Um par anda no meio.

Olha o passarinho!
Dominé!
Que caiu no laço!
Dominó!

Darás-me um abraço!
Dominé!
Darás-me um beijinho!
Dominó!

E continúa o jôgo, cantando como no princípio: Anda a roda! Desanda a roda! Etc.

II

A COZINHEIRA

Aquela cozinheira
Que acozinhava (1) bem,
Deixou a cozinha
Foi a falar ao seu bem.

Anda a roda! Anda a roda!
Ande a roda ao redor!
Quando mas a roda anda
Mais te eu quero, meu amor

III

A COSTUREIRA GALÊGA

Um par vai para o meio da roda; o môço ou a môça tira um lenço do bolso e dá-o ao seu par; e, pegando cada um em sua ponta, amarram-se, e, fingindo que estão a fazer ou a abrir a bainha do lenço, cantam:

Costureinha galêga,
Tu que estás a costurar?...

—Um lençinho de três pontas
Para o nosso general.

Feito isto, o par que está no meio levanta-se, e os da roda começam a andar com mais velocidade, e cantam todos:

Ande a roda! Ande a roda!
Ande a roda ao redor!

Quanto mais a roda anda,
Mais te eu quero, meu amor!

IV

A ROLINHA

A rolinha chora, chora,
Que lhe tiraram o ninho:

Não o fizeras tu, rola,
Tanto ao pé do caminho.

(1) Cozinhava.

Entoada esta cantiga, os môços e as raparigas soltam as mãos, quebram a cadeia, e num movimento muito alegre e agitado, levantando os braços e dando estalos com os dedos, friccionando o polegar com o médio, dançam todos, ora com o seu par, ora com o par vizinho, voltando-se ora para um lado, ora para outro, e cantando:

A rolinha! Sim! Sim! Sim!
Caíu no laço, meu bem!
Dá-me um beijo! Sim! Dou! Dou!
Dá-me um abraço também!

E fechando de novo a cadeia, segue-se outra evolução, cantando como no princípio outras quadras como esta:

A rolinha chora, chora,
Que lhe tiraram os ovos:
Não os puzeras tu, rola,
Tanto ao pé dos meus olhos.

V

ZÁZ-TRÁZ! QUE TE APANHO!

Anda cá! Que eu também ando
Mortinha por te falar:
A vergonha me retira
O amor me faz chegar.

Záz-tráz! Que te apanho! (1)
Que eu já te apanhei!
Amor meu! dá-me os teu braços!
Amor meu! darei! darei!

VI

A CIRANDA

Vós dizeis: Que não! Que não!
Inda haveis de vir a q'rer!
Tanto bate a água na pedra,
Que a faz *abrandecer*.

---

(1) A estas palavras a rapariga foge imediatamente até chegar à parede da sala onde se dança. O seu par persegue-a,

Oh! *Ceranda!* (1) Oh! *Cerandinha!*
Vamos nós a cerandar!
Vamos dar a meia volta! (2)
Meia volta vamos dar!
Vamos dar a outra meia; (3)
Outra meia vamos dar!

VII

FERNANDO VII

Fernando VII
Está na cadeia!
Por namorar
Uma mulher feia!

Sim! Sim! oh! querida! (4)
Amar-te eu queria!
Mas tu não queres
Unir-te a mim!

Repete-se:

Fernando VII, etc.

e no fim:

Toquem-se as caixas
E o bandolim!

Pois tu não queres
Unir-te a mim!

---

até alcançá-la, e ao chegar a ela, dá-lhe repetidamente uma pancada nas costas com a palma da mão. Feito isto, o rapaz, agachando-se para não ser fàcilmente apanhado, volta-se de repente e foge da mesma maneira em sentido opôsto; a rapariga, por sua vez, persegue-o também até alcançá-lo e bate-lhe igualmente nas costas. E depois de duas ou três evoluções semelhantes, abraçam-se e dançam.

E o jogo continua com outros cantares, como no princípio.

(1) Ciranda.

(2) Cada par dá duas, ou três voltas, dançando.

(3) Voltam-se para o par vizinho, e, continuando a dançar, dão outras duas ou três voltas.

(4) Andando e rodando, batem as palmas, voltando-se, ora para o seu par, ora para o par visinho.

VIII

OS CORDÕES DE SÊDA

Pega nêsses cordões! (1) } (Bis)
Oh! Maria! Ora pega! }
Pega neles! que são de sêda!

Com o lenço formam ponte e por baixo dela vão passando todos os pares até ao último, formando ala em duas filas laterais. Cada par bate uma pancada nas costas aos que vão passando, cantando:

Ai! Que se embarca (três vezes)
Meu coração!

Concluida a passagem abraçam-se e dançam em redor, cantando:

Tu és a causa (três vezes)
Desta paixão!

IX

A MORENINHA

Eu heide amar uma pedra
Ai! Ai!
Deixar o teu coração (Bis):

Uma pedra não me deixa
Ai! Ai!
Tu deixas-me sem razão (Bis).

Se tu não fôsses morena...
Ai! Ai!
Levavas abraços meus! (Bis) (2)
Assim: como és morena,
Ai! Ai!
Moreninha! Adeus! Adeus! (Bis) (3).

---

(1) O môço tira ao mesmo tempo um lenço do bolso e convida o par a pegar nêle pelas pontas.

(2) Todos os pares se abraçam, ora para a direita, ora para a esquerda.

(3) Cada môço se despede da sua dama, fazendo uma vénia, e faz igual despedida à dama do par que lhe fica à esquerda.

X

A MATILDE

Principia-se cantando uma quadra como esta:

No alto daquela serra
Andam dois coelhos bravos;
Já é tempo que se juntem
dois corações desejados.

Êle: Oh! Matilde! Sacode a saia!
Ela: Oh! José levanta o braço!
Êle: Matilde! dá-me um beijinho! Lindo amor! } (Bis)
Ela: Que eu te darei um abraço! }

XI

O JOSÉZITO

Começa-se por uma cantiga como esta:

Vai-te embora, amor ingrato!
Vai-te amor da minha vida!
Vai-te gabar que me deixas
Em muitas penas metida.

Oh! Josézito!
Já te tenho dito!
Que não é bonito!
Andares-me a enganar!

Ai! Chora agora!
Josézito, chora!
Que eu vou-me embora
Para não voltar!

XII

QUEM ESTÁ BEM, DEIXA-SE ESTAR

Quem está bem, deixa-se estar!
Que eu não posso estar melhor!
Estou ao pé do meu amor!
Não há regalo melhor!

Êle: Chega abraços, meu bem! (Cada par abraça a sua dama).
Ela: Chega a beijos também!
Êle: Chega, amor, aos teus desejos!
Ela: Chega, amor, aos teus também!

XIII

SUBI AO CÉU!

Adorada das estrelas,
Vem-me à janela falar:

Subi ao céu! (1)
Pedi a Deus,
Amor, por ti!

Se as estrelas te adoram,
Eu também te heide adorar!

Quem tanto ama,
De amor se inflama,
D'amor sorri!

XIV

SE AINDA CONSERVAS RECEIO...

Tenho-te dito mil vezes,
Mil vezes te tenho dito,
Que não quero, nem desejo
Outro amor mais bonito.

Se ainda conservas receio
De apertar a minha mão,
Dá-me os teus braços, oh! anjo!
Recebe o meu coração!

XV

O PASTORZINHO

Os teus olhos! Lindos! Lindos!
Não sei que feitiço tem!
Que, desde que os vi, não pude,
Olhar para mais ninguém.

Partorsinho que a viu!
Ela logo lhe acenou! (2)

Êsses olhos! Lindos olhos!
Com que você me enganou!

XVI

O LENCINHO BRANCO, ou ORA! ADEUS! ADEUS!

Um par vai para o meio, e os da roda cantam:

Lencinho branco
A todos diz bem;

Á menina Aurora
Melhor que a ninguém.

---

(1) O moço ajoelha; e de mãos postas adora o seu par.

(2) A moça anda dentro da roda e o rapaz fora; e ela vai-lhe acenando com um lenço. Depois o rapaz entra para o meio da roda, e abraçam-se.

Ora! Adeus! Adeus! (1) } (Bis)
Adeus! Que me vou! }
Não chores, amor! (2)
Que eu inda aqui 'stou!

Não chores, amor!
Que eu sem ti não vou!
Sem ti não sou nada!
Sem ti nada sou!

Depois entra outro par para o meio, e continua o jôgo.

Ao rapaz do par que anda no meio dirigem versos como êste:

Chapeu à vareira
A todos diz bem:
Ao Senhor Manuel
Melhor que a ninguém.

XVII

OH! SENHOR LADRÃO!

(Marchando cada par de braço dado com sua dama, em *grande promenade:*)

Ela: Oh! Senhor Ladrão?!
Êle: Ladrão!... Não sou eu!
Se eu fôsse ladrão,
Roubara-te eu.

Ela: Rouba! Rouba agora! (3)
Tens ocasião!
Rouba a linda flôr
Ao Senhor Barão.

Êle: Já cá vai roubada!
Já cá vai na mão!
Já cá vai metida
No meu coração!

---

(1) Aqui o rapaz do par que anda no meio da roda deixa a môça, e saindo para fora vai-lhe acenando com um lenço branco, acompanhando a roda pela parte de fora. A môça que ficou sòsinha no meio da roda finge chorar e limpar as lágrimas.

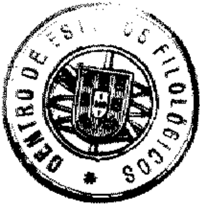
(2) Nesta altura o rapaz entra no meio da roda e abraça o seu par; dançam e vão para o seu lugar.

(3) Aqui cada môço bate uma pancada nas costas do par que vai na sua frente; êste ao receber a pancada, deixa logo a sua dama, e dá o braço à dama seguinte, que ficou sem par. E assim sucessivamente até chegar o canto ao verso: *Já cá vai metida no meu coração,* ficando então cada par a dançar com a môça que lhe tocou por sorte.

Variante:

Esta Rosa Branca [1]
Que agora aqui chegou,
Deixai-a roubar,
Se inda não roubou.

Se inda não roubou
O verde limão,
Deixai-a roubar
Tem ocasião.



XVIII

JÁ "LEVASTES„ UM CANUDO!

Entre o farfalhão p'ró meio!
Grande troça vai levar!
Certo é que não há de achar
Com quem casar! Com quem casar!

Pergunta a uma menina das que andam na roda se o quer para marido. Se a menina diz que o não quere, continua o jôgo, cantando todos:

Já *levastes* um cabaço!
Dois ou três hás de levar!
Ai! Ai! Ai! Que não hás de achar!
Com quem casar! Com quem casar!

Viuvinha entre p'ró meio,
Se na roda quere andar;
Certo é que inda há de achar
Com quem casar! Com quem casar!

Olha a triste viuvinha
Que inda achou com quem casar!
Ai! Ai! Ai! Que não é p'ra ti!
Que não é p'ra ti! É para mim!

---

[1] Se o rapaz que anda no meio da roda é simpático, as meninas cantam dizendo: Êste amor perfeito, ou êste lindo cravo, que agora aqui chegou, etc. Se não gostam do rapaz, dizem: Êste barba ruça (russa), ou êste estraga albardas, ou êste estoira vergas, etc.

DITADOS

A cavalo dado não se l'ólha o dente.

Água mole em pedra dura tanto dá até que fura.

A pita ([1]), onde tem os ovos, tem os olhos.

Atalhos são trabalhos e rodeiras são canseiras.

À candeia nem registes vaca, nem urdas teia.

A comer e a ralhar é só principiar.

A quem deseja mal ao vizinho, vem-lhe o seu no caminho.

Antes que cases mira lo que haces.

A um a um, vou ficando sem nenhum.

Ai! Diabo! Vai, mata a lôba!

As mocinhas de Vila-Meão, o que dizem hoje não o dizem amanhão (amanhã).

A fé te salve! E não o pau da barca!

Amparada te eu veja, e minha filha casada.

A fartuna da feia, a bonita a deseja.

A mulher, o vento e a ventura de-pressa muda.

A fome e o frio entregam o homem nas mãos do seu inimigo.

A mulher e a sardinha a mais pequenina.

Ao menino e ao borracho, põe-lhe Deus a mão por baixo.

A terra faz o gado galego.

A fazenda: é fazendo-a.

As meias só são boas para as pernas.

Alto! Cavaleiro! Se arreganhas o dente, deixas cair o dinheiro! (Alusão ao fruto do castanheiro).

À roda! À roda! Que está teu pai na cóva! (Cantiga das crianças à cegonha).

A consciência era de palha; veio o burro e roeu-a.

Ao cavalo e ao amigo num (não), ai que forçá-lo.

A lavradeira ([2]) e a raposa fizeram uma roçada; e a raposa, que é manhosa, disse que estava doente, para não ir à roçada; quando viu trilho na eira, pariu na limpa do pão.

([1]) Galinha.

([2]) Lavandeira, ou alvéola, um passarinho.

Alfaiate das mentiras: todo o pano põe às tiras.
A cozer: sempre a aprender.
À sombra dos Ciganos comem os aldeanos.

A raposa astuciosa,
Mestra da sabedoria,
Aparece o seu cantar
A tôda a hora do dia:

Mas o lôbo carniceiro
Inda mete mais terror,
Porque faz ladrar o cão
E levantar o pastor.

Adora-se o sol que nasce, e apedreja-se o que se põe!
Ao cura e ao juiz: o diabo lho diz.
Ao rico não devas: e ao pobre não prometas.
Bem le vai ao sacristão, quando a hóstia vai ao chão.
Bocado comigo não ganha amigo.
Bebe água no rio por turva que vá; e vive em cidade por mal que te vá!
Bem fica o filho nos braços da mãi.
Banhos quitam anos.
Braço ao peito; perna na cama.
Burra velha cevada quere.
Burro velho não toma andadura.
Cautela com a mula que faz: heim! e com a mulher que sabe latim. Deixa-a co' diabo!
Com teu amo não jogues as pêras: que te come as maduras e te dá as verdes.
Canta el cuco: fuera el pulpo.
Cautela e caldo de galinha não faz mal a ninguém.
Cura d'aldeia, que cante e que leia.
Cada galo em seu poleiro; e cada zagal em seu moradal.
Comer em boda: e dormir em *pajar* (palheiro).
Casamento desmanchado deve ser abandonado.
Casamento bailado: mais tarde é chorado.
Cuida bem o que fazes, e não te fies em rapazes.
Conselhos de velhos: são evangelhos.
Castela sempre castiga: quando não é à entrada, é à saída.
Com o tempo e a calhentura, tudo amadura.
Caldo de nabo escalda o diabo!
Como le vai, senhora freira, com o seu santo de madeira?... —Entrar pela porta e sair pelo quintal:
Caldeireiro na terra: água na serra.

Cada roca com seu fuso; e cada terra com seu uso.

Catrulo 'stá bismando,
Ubaio para la cantola:
Paranharre!
Vai de guiche p'rá striga.

(Gíria de pedreiros).

Dar uma cabra ao diabo.

De dinheiro e santidade: de metade, a metade.

De oficial a oficial, não se leva real.
De pequenino se torce o pepino.

De linho e lana
Oiro mana:
Pelas mãos de quem anda:
Mas não quere ventana.

Deus nos livre de cão que não ladra e de homem que não fala.

Deus nos livre de mulher que sabe latim e de mula que faz *him!*

Duro com duro não faz bom muro.

De Vimioso livre-nos Deus. Todo Poderoso!

Diz-me com quem vives, dir-te-ei as manhas que tens.

Do contado come o lôbo.

Depois de águas mil, voltam as coisas onde devem ir.

Desgraçado carvoeiro! De dia pelo queimado! De noite pelo toleiro (atoleiro).

Detar cedo e cedo erguer: dá saúde e faz crescer.

De manhã nevoeiro; de tarde soalheiro.

Em terça-feira não urdas teia, nem tua filha cases.

Em casa de ferreiro: espêto de pau.

Entre hermanos no metas las manus.

É uma coisa muito feia mandar na fazenda alheia.

Entra fazendo: sairás comendo.

Em Parada, te veja eu minha filha casada.

Em Pinelo só tocam o teronero.

É melhor dar a maus, que pedir a bons.

Entre marido e mulher não metas a colher.

Está como o bispo no cesto!

Esta ovelha não pertence ao rebanho do Senhor.

Filhos criados, trabalhos dobrados!

Fala pouco e bem; ter-te-ão por alguém.

Falam as moças: e ouvem as touças!
Foi-se embora com os cantares da ségada!
Guarda sempre da risa para a lhora.
Graças a Deus! Que a Maria deu um puxo!

Houve um padre, que foi cura
Três anos na Petisqueira:
Não casou nem baptizou:
E deixou a Petisqueira
Tal qual a encontrou.

Já a formiga tem catarro!!!

Ontem à noite fui à caça
Duas horas depois de ceia,
Vi uma lebre deitada
Ao toro duma trevisqueira, (1)
Pus a arma à cara,
Dei-le ó gatilho, matei-a
Mandei o galgo por ela,
Êle trouxe-ma, eu apanhei-a.

(Gíria de caçador).

Já no van á la missa maior los medicos cirujanos, porque le dicen los muertos: Fue aquel que me mató.

Lá do monte vem o lôbo,
Metendo muito terror;
Faz sempre latir o cão
E levantar o pastor.

Los senhoritos siempre dejan e lhevan.

Muito falar, pouco saber;
Muito presumis, pouco valer;
Muito gastar, pouco ter.

Mais vale ir devagar e chegar, do que fugir e cair.
Mulher casada, mulher sagrada.
Mulher oferecida, mulher perdida.
Merenda comida, campanha desfeita.
Mocidade preguiçosa trás velhice vergonhosa.
Mãos que não dais, que esperais?...
Mas novas: sempre são certas!
Mão fria, coração quente.
Morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho.

---

(1) Trovisqueira, trovisco (Daphne Gnidium, L.).

Mal haja o dente que come a semente!

Mortos à covacha ([1]): e vivos à fogaça!

Na casa onde todos mandam e ninguém obedece tudo fenece.

Não o quero! Não o quero! Mas mete-mo no capelo.

Não compres la mula coja cum decir que sanará; por mais remedios que faças a ti cojo te pondrá!

Não há bom sermão sem falar em Santo Agostinho; nem boa ôlha sem levar toucinho.

Não se apanham trutas a bragas enxutas.

Não te faças mandador, onde não sejas senhor.

Numa parte está o ramo: e noutra se vende o vinho.

Não se enriquece com o que se ganha; mas com o que se poupa.

Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dêle morou.

Não há maior asneira do que dois a acender uma candeia.

Não peças a quem pediu: nem sirvas a quem serviu.

O trabalho do menino é pouco; mas quem o despreza é um louco.

O amor é um rapaz desinquieto, que a ninguém obedece.

O Senhor me deixe cá andar até o céu ganhar.

O fazer bem seus perigos tem.

Oh! meninas da serra: Com que se vos caem os dentes?... —Com água fria e castanhas quentes.

O judeu: de finico se perdeu.

O sol madrugador muitas vezes é traidor.

O céu é de quem o ganha; e o dinheiro de quem o apanha.

O cordeiro manso, mama na mãi e na alheia.

O que compra ao ladrão, perde o dinheiro e o pão.

Oh! Raposa de mil manhas!
Ou mordes! Ou arreganhas!

O cão ladra a tôda a hora
Seja no tempo que fôr,
Seja de noite ou de dia
Defende com energia
A casa do seu Senhor.

(Colh. em Avelanoso).

([1]) Cova.

Os de Outeiro comem arrabaça no ribeiro.

Os peixes querem água na vida, azeite na morte e vinho na sepultura.

Osso de botélo dá-o ós de Pinelo.

Osso de suã [1], barba untada e barriga vã.

Ó fundo todos os santos ajudam.

Ouro é o que ouro vale.

O que não dá um ofício a seu filho ensina-o a ser ladrão.

Onde nos conhecem, logar nos dão.

O ladrão é figurão: e o roubado um desgraçado!

Os filhos de minha irmã meus sobrinhos são; os de meu irmão, ou serão ou não.

O lôbo não morde a raposa, e é mais pequena.

O Cuco e a Poupa [2]

O Cuco pediu a seu compadre Mocho Fernandes que lhe emprestasse um saco de pão; êste disse-lhe que mandasse por êle a sua comadre Poupa. O Cuco desconfiou que o compadre Mocho lhe tinha feito uma grande desfeita, e pediu informações a D. Catovio Jorge e a Melro Rodrigues, preguntando-lhes se sabiam ou tinham visto alguma coisa. D. Catovio Jorge começou logo a dizer: Vi! Vi! Vi! E logo o Cuco moveu um processo contra o compadre Mocho Fernandes, e levou a questão aos tribunais. Sendo juiz D. Gavião Gomes, êste deu o crime como provado e condenou o compadre Mocho Fernandes a ser pùblicamente açoutado, sendo levado por tôdas as ruas da povoação em companhia do compadre Cuco e da comadre Poupa, encarregando Melro Rodrigues de publicar em tôdas as ruas o crime cometido, açoutando-o com um pedaço de sola bem grossa; e quando o açoutava, o Cuco dizia: P'lo c...!! P'lo c...!! E a comadre Poupa respondia: Por tão pouca coisa! Por tão pouca coisa! Por uma rapiocada!!!

---

(1) O espinhaço do porco.

(2) Na linguagem popular diz-se boubéla *(upupa, epops)*.

O moleiro é ladrão

Bienvenido sea el saco!
Siete maquias te rapo:
Siete por te tracer;
Siete por te moler;
Siete por te lhebar;
Siete tire mi mujer;
Otras siete Ana Maria;
E quando venga el creado:
Este saco no 'sta maquilado!

(Áparte diz):

Se não fora por me envergonhar, nem a baraça nem o saco havias de lhevar!

Os homens não se medem aos palmos.

Para a Igreja estou cojo: para a taberna poco o poco.
(O bêbedo fingindo estar coxo).

Pede o guloso para o desejoso.

Por cima de melão, de vinho um tostão: e o quartilho a cinco reis.

Pelo sinal da santa canal, comi toucinho e fizo-me [1] mal.

Parir é dor; e criar é amor.

Ponde-vos in garabitatis,
Que sobis ó pipalrati;
Pelas constancias acima:
Cargado de maquitrélos:
Chiscon fogo alta mira!

(Gíria colhida em Coelhoso).

Prega frade! Que pregas embalde! [2]

Quem bem fizer a cama nela se deitará.

Quem muito dorme, pouco aprende.

Quem cedo nasce, cedo pasce.

Quem quere vai; quem não quere manda.

Quem quiser saber como as leguas são, vá de Izeda a Santulhão.

Quem dá o que tem, a pedir vem.

Quem rouba ao ladrão, tem cem anos de perdão.

Quem porfia mata caça.

---

(1) Fêz-me.
(2) Debalde, em vão, inutilmente.

Quem muito pede, muito féde.

Quem não aparece: esquece.

Quando a formiga apanha e o Judeu chama, deixa o do Judeu e vai ao teu.

Quem dois gostos quiser ter: algum dêles há de perder.

Quem às onze não vier. comerá do que trouxer.

Quando um sol nasce: outro se esconde.

Quem quiser os bons criados: não le (lhe) dê os bons bocados.

Quem muito apanha nada abarca.

Quem todo lo quere, todo lo perde.

Quando Deus não quere, os santos não fazem milagres.

Quem dá o seu a quem o entende, não o dá, que bem o vende.

Outra versão:

Quem dá o seu a quem o entende, bem o dá e bem o vende: que bem o entende.

Quem aos trinta não é, e aos quarenta não tem, a pedir vem.

Quem pelou, medrou.

Quem é o teu inimigo?... O oficial do teu ofício!

Quem tem bons padrinhos: não se afoga na pia.

Quem despreza o que lhe dão: é fortuna que lhe foge da mão.

Quem o tem de manha: no verão se arreganha.

—Quem será o teu herdeiro?...—Quem me limpar o trazeiro.

Quem tem filhos tem cadilhos; e quem os não tem, cadilhos tem.

Quem vende sardinha, come galinha! Quem compra e mente, a bolsa lh'o sente.

Quem não tem bois, ou antes, ou depois.

Quem tem tenda que la atenda!
Se não, que la venda!

Quem mal fala, sua bôca suja.

Quem tudo contou, também errou, e nenhum lucro tirou.

Quem quiser ver um aranhão, meta-le uma candeia na mão.

Quem come o que quere, paga o que não quere.

Quem se gaba, suja-se e não se lava.
Rodeiros são canseiras; e atalhos são trabalhos.
Rou! Rou! Faça-se o que El-Rei mandou!

Santa Silgada, voltai p'ra gaiola:
Se não vos achardes bem,
Tornai-vos a ir embora.

Êste ditado prova a boa fé e sinceridade dos Mirandezes. Suposeram que o pintasilgo era uma santa que estava num andor, e vendo-a voar e fugir, chamaram por ela, convidando-a a voltar para o andor.

Sal ao meter: e azeite ao ferver.

(Colh. em Junqueira).

Se fores a Miranda leva o pão na manga, e o vinho na borracha; que lá não se acha.

Se me enganas uma vez, a culpa é tua; se me enganas outra vez, a culpa é minha.

Se queres que te vão ver, faz p'lo ter.

Se longa vida queres ter: bebe água pura e onde a vejas nascer.

Se queres ver teu homem morto: dá-le caldo de couves em Agôsto.

Se brincares com o mal: êle de ti zombará.

Sinal no peito: mulher de respeito.

Sinal no pescoço: mulher de bom moço.

Sinal na cara: mulher descarada.

Sinal na mão: mulher de escrivão.

Tem-te roda! Não desandes!

Tecedeira preguiceira;
Fui ao mar e vim do mar;
Tens a teia por fiar!
E a minha já no tear!

Outra versão diz:

Tenho a teia no tear;
E inda a tua por fiar!

(A voz da andorinha às donas de casa).

Três coisas pede o amo ao criado que o serve:

Deitar tarde; levantar cedo:
Comer pouco: andar alegre:

Tantas cabeças! Tantas sentenças!
Tendes a filha morta! E a malvela [1] na horta!

(Colh. em Serapicos).

Tu piolho que mordeste
A coroa do sacerdote,
Hás-de morrer na patena
Por Cristo *Dominu note* [2].

Tarde piáche!
Tanto leva saco longo, como saco redondo.

Um suspiro dá a vida; E outro suspiro a tira.

Vale mais um passaro na mão, que dois a voar.
Vale mais devagar e chegar, do que fugir e cair.
Vale mais quem Deus ajuda, do que quem muito madruga.
Viuva rica, casada fica.

Venha o rabo do peixe,
P'ra dizer adeus ao mundo,
Antes que o mundo me deixe.

Vale mais andar só, que mal acompanhado.

Ditados do lavrador

Ao mau tempo não te mates: e ao bom não te agaches.
Ano de brévas [3]: nunca lo béas.
Boi grande; e besta que ande.
Tem-te, tem-te na raiz!

---

(1) Glecoma hederacea, C.
(2) Dominum nostrum.
(3) Os primeiros frutos da figueira.

Ao gadanheiro o melhor do fumeiro.
Quem não cria, não pia.

Quem tem tenda: que l'atenda! Senão que la venda.

Quando Deus quere, a todos os ventos chove.
Quando o tição funga, ou vento, ou chuva.
O ruim ano em águas vai nadando.
Lua nova trovejada trinta dias é molhada.
Quem não tem bois, ou antes, ou depois.
Geada sôbre o lôdo: chuva sôbre o todo.
É melhor que te morra um boi na loja, do que um rato à fome.
Quem tem moinho e fôrno, come-o todo.
Quem planta no outono, tem um ano de abono.
Nesta terra terruca; quem não trabalha não manduca.
No ano bissexto, cabe a palha e o pão num cesto.
Quem tudo contou, nunca com bois lavrou.
Serviço feito, não mete pressa.
Se és rico e queres viver descansado, que te durma em casa todo o teu gado.
O inverno não o come o lobo.
Poda cedo e baixa tarde; se te enganares um ano, será por milagre.
Maldito seja o dente, que come a semente!
Sol na eira, e água no nabal.
De Miosinho quero eu um bocadinho.
Não comas castanhas antes de nascer o trigo.
O mau ano em água vai nadando.
Pão barato; porcos caros.
Gado de lana ouro mana: mas é para quem lhe faz a cama.
Quem não trabalha pela mão, não come do que quere.
Azeite e vinho: um ano teu, outro do teu visinho.
Não me digas o que tens; diz-me onde o tens.
Semeia em pó, colherás mó.
Uma vima na segada, é igual a uma estercada.

Ditados dos domingos e dias santos

Até ao dia de Santo Urbano não escapa vinho nem pano, pão.
Águas de São João: quitam vinho e não dão pão.

Natal na praça: e Páscoa em casa.

No dia de S. Simão levanto o teu timão: da ladeira sim; da faceira não.

No dia de Santo André agarro o porco pelo pé: se êle disser: cué, cué, diz-le que tempo já é.

Nos Santos pingam os trampos (troncos).

Dos Santos ao Natal: inverno crual (cruel, rigoroso).

No dia de Santo André: o vinho novo, velho é.

No dia de S. Tiago pinta o bago.

No dia de S. Lourenço: vai à vinha e enche o lenço.

No S. João a melhor tição.

No dia de S. Martinho prova o teu vinho.

No dia de S. Mateus: deixa os pássaros que já não são teus.

No dia de Santa Luzia minga a noite e cresce o dia: mas emquanto Cristo não nasceu, nem mingou nem cresceu.

No dia de Natal: burros ao sal!

Na semana de S. Francisco semeia o teu trigo.

Na Santa Cruz já a vinha reluz.

O que não se faz no dia de Santa Luzia faz-se para o outro dia.

Páscoa em Março: ou grande fome, ou grande mortaço (mortandade).

Quer tarde, quer cedo, segáda pelo S. Pedro.

Quando os inverniços moem antes dos Santos, moem o pão das arcas e o dos campos.

Ramos molhados: carros *cargados* (carregados, cheios).

No Sábado de Ramos lava os teus panos, que na Páscoa da Ressurreição, ou lavarás, ou não.

Santo Amaro *boteleiro* (1),
Come chicha de carneiro
Lá p'rós quinze de Janeiro.

Tôda a coisa no seu tempo: e o nabo no Advento.

No Natal bico de pardal. (Alusão à sementeira dos alhos).

---

(1) Que tem botelos. O botelo é um chouriço grande e bojudo que se faz com a tripa do estômago do porco e com os ossos da coluna vertebral do mesmo porco.

A sabedoria dos velhos nos meses do ano

Janeiro molhado: se não é bom para o pão, é bom para o gado.

Janeiro geadeiro, cura o teu fumeiro.

Em Janeiro sobe a um outeiro; e se vires verdegar põe-te a chorar.

Quem apanha a azeitona antes de Janeiro, deixa o azeite no madeiro.

Fevereiro: primeiro juarás; segundo guardarás; terceiro dia de S. Braz; e quarto a cegonha verás.

Em Fevereiro rega o teu lameiro.

Em Fevereiro já entra o sol em qualquer ribeiro.

Arada de Fevereiro escusa chiqueiro.

Quando la candéla lhora, iá el inverno bae fora; mas quer lhore, quer cante, inverno atraz e inverno adelante.

Março canarço.

Em Março iguala o dia com a noite e o pão com o chargnaço (1).

Março queima o menino no regaço e a dama no palácio.

Março não quere ver molhado, nem sequer o rabo do pássaro.

Março quente trás o diabo no ventre.

Trovejando no Março semeia o teu linho no alto e no baixo.

Se não chove entre Março e Abril, pode El-Rei vender o carro e o carril.

Em Abril espigas mil.

No dia 1.º de Abril vão os asnos onde não devem ir.

Em Abril águas mil: peneiradas por um mandil.

Uma escarabanada entre Março e Abril vale mais que a dama no palácio com seu carro e carril.

Fevereiro prometeu um carneiro a Março seu parente; mas faltou ao prometido; e Março jurou vingar-se, dizendo:

— Com dois dias que inda tenho, e com outros que hei de pedir a meu primo Abril, hei de fazer-te andar co'as peles e chocalhos ao quadril.

---

(1) Helianthemum Chamaecistus, Mill.

Se viesse um ano sem um *diabril* (1) (dia *de Abril)*, colheriamos pão para dois mil.

Abril frio e molhado: enche o celeiro e farta o gado.

Maio pardo.

Em Maio granai-o.

Em Maio queimou a velha o talho (2).

Em Junho fouce no punho.

Em Agosto frio no rosto.

Quem trilha em Agôsto: já não trilha sem desgôsto.

As tardes de Agôsto vão-se em ir por um caldo ao horto.

Agôsto seca as fontes, e Setembro os montes.

Em Outubro pega tudo.

Novembro mimoso, inverno raposo.

A voz de Novembro a Dezembro: Se queres vingar-te de Portugal manda-le três cheias antes do Natal.

Em Dezembro treme o membro.

Como a Necas contava os meses ao seu André Simplicio:

Fevereiro: um; Março e Marçoilo: três; Abril e Abrilete, e outro mês que se ali mete: seis; Maio: sete; S. João: 8; e S. Joanaz: nove.

Oh! mulher! És um portento!
O menino tem o tempo!

(Do livro inédito — *Da minha terra. Subsídios para a Etnografia de Tras-os-Montes.*

MIRANDA LOPES.

---

(1) Um dia mau.

(2) Pequeno banco e muito baixo, de forma de cêpo.

Português dialectal da região de Xalma (Hespanha)

Ao meu amigo D. Santos Agero,
em reconhecimento de me haver incitado ao estudo d'esta linguagem.

Nas abas, e ao Sul, da serra hespanhola de Xalma (Jálama) (1), que une a de Gata á das Mesas (esta em Portugal), jazem tres povoações pouco distanciadas entre si, colocadas de Leste para o Oeste em linha obliqua, quasi recta, e chamadas respectivamente *San Martín de Trevejo*, *Eljas*, e *Valverde del Fresno*. Cada uma d'elas constitue seu *ayuntamiento*, dependente do *partido judicial* de Hoyos, província de Cáceres, na Extremadura.

A serra de Xalma denomina-a o povo das três referidas povoações *Sálima*, *Xálima* (com *x* proferido á portuguesa), e dá a *Eljas* a pronúncia de *Elhas*, ou melhor, *as Elhas*, e a *San Martín de Trevejo* a de *Sã Martĩ* ou *Sãi-Martĩ de Trebelho*. O termo ou território de Valverde confina largamente com o nosso concelho de Penamacor, vendo-se apenas entre ambos, como divisão fronteiriça, o magro rio Torto, que nasce na Beira-Baixa, e depois entra no que vem das Elhas, que delimita para o Sul tambem fronteira: é o rio que os autores portugueses chamam *Erges*. A zona de San-Martín, Eljas, e Valverde fica assim muito aberta para o lado de Portugal.

Nestas tres povoações, e nos *caserios* que existem pelos arredores (*malladas*, *gañanias*, etc.), fala o povo, a par com o castelhano ou hespanhol, uma linguagem especial, ou três formas de uma linguagem, de caracter fundamentalmente português.

Á mesma zona ligam-se, do lado de Hespanha, as terras

---

(1) *Xalma* é como os nossos antigos AA. escreviam o nome da serra hespanhola de Jálama, por exemplo: Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana*, v (1650), 239, A; P.e Cardoso, *Diccionario Geogr.*, II, 656, s. v. «Coa».

que o Dr. F. Krüger, pelo que toca á linguagem, investigou com muita aptidão e grande desenvolvimento num livro intitulado *Studien zur Lautgeschichte westspanischer Mundarten*, Hamburgo 1914, d'onde excluiu os falares d'aquelas tres povoações, e bem assim os de Acebo, Trevejo ([1]) e Villamiel, igualmente ao Sul da serra de Jálama, os quais falares, ao todo seis, ele diz que o vulgo da região define, em verdade, como «mescla hispano-portuguesa». Todavia as tres ultimas povoações falam diversamente das três primeiras: e o Dr. O. Fink, que em 1929 publicou, também em Hamburgo, outro belo volume, *Studien über die Mundarten der Sierra de Gata*, afirma peremptòriamente a p. 10 que os lugares de San-Martin, Eljas e Valverde estão lingüìsticamente muito afastados dos vizinhos, pois a sua população «usa como idioma natural um dialecto português de carácter arcaico, que tanto se distingue do hespanhol nacional, como do extremenho»; vid. alem d'isso pg. 126-127.

Já nos meus *Opusculos*, IV, 673-675, e principalmente em 1927, na *Revista Lusitana*, XXVI, 248, estabeleci a feição portuguesa gramatical dos falares das tres povoações. Fink, a p. 3, nota 2 etc., cita o meu artigo da *Revista Lusitana*, declarando que as suas conclusões coincidem com as minhas, embora ele só conhecesse aquele artigo quando a impressão tipográfica do seu livro ia em andamento.

O estudo inserido na *Revista Lusitana* baseava-se em alguns dos apontamentos que eu colhêra em San Martin, em 1924-1925, em que aí fui a primeira vez. Depois d'isso voltei mais duas vezes à localidade: em 1929 e em 1931, e tive ocasião de ir do mesmo modo às Elhas e a Valverde: tudo sempre em companhia, e com o apoio inteligente, do meu amigo Santos Agero, que, como das duas primeiras vezes, quis generosamente hospedar-me na sua casa de San Martín, e me pôs em relação com muita gente nas três povoações, ondè, sobretudo em San Martín, por eu lá me demorar mais tempo, e as pessoas da terra saberem o meu intuito, que era estudar o idioma da região, pude aumentar muito o primitivo pecúlio dialectal ([2]).

([1]) Não se confunda *Trevejo*, povoação acastelada, e distante, com *S. Martín de Trevejo*.

([2]) Para a viajem de 1931 deu a Junta de Educação

Nas páginas seguintes vou ocupar-me, não metòdicamente do conjunto das linguagens da região referida, mas de algumas séries de fenómenos gramaticais da linguagem de San Martin, com o que ampliarei o estudo já publicado na *Revista Lusitana*; publicarei, álem d'isso, mais alguns textos, e darei notícia dos falares das Elhas e de Valverde.

O nome étnico dos habitantes de San Martín é *Samartinhegos* (1), hipocoristicamente *Manhegos*; o dos habitantes de Valverde, na pronúncia local *Balberde*, é *Balberdeiros*; os das Elhas chamam-se a si proprios *Lagarteiros*, de uma alcunha, que lhes veio de fora (2), e que êles acolheram (3). Por isso podem, para maior simplicidade, adoptar-se às vezes as expressões: *fala* ou *linguagem manhega* (por *samartinhega)*, *fala* ou *lingugem balberdeira*, *fala* ou *linguagem lagarteira*.

Nacional um auxílio. Permaneci na região de Xalma vinte dias certos, e durante êles trabalhei, no estudo da linguagem, de seis a oito horas quotidianamente.

(1) Vide *Rev. Lusit.*, XXVI, 247. Suponho que *Samartinhego* deriva de *S. Martinho*, que foi certamente o nome primitivo da povoação, ainda conservado no orago *(ibidem*, p. 250), e que se escolheu como sufixo o hesp. *-iego*, algo vivaz, e não o portug. *-ego*, que quási não tem vida *(labrego*, correspondente ao cast. *labriego*; *ninhego*; cf. *Mondego* nas *Religiões*, III, 187). Em *Samartinh(i)ego* o *i* foi absorvido na palatal; fenómeno semelhante o temos em *Manch(i)ego*, de *La Mancha* (cf. Pidal, *Manual*, § 88, 2).

(2) Em Portugal há também muitas alcunhas étnicas tomadas de nomes de animais: *Pôtros*, *Ratinhos*, etc.

(3) O nome étnico em hespanhol é *Eljanos*, que às vezes, na povoação e fora, pronunciam *Erdjanus*, *Erganus*, e com aglutinação, *Seldjanus* (de *lo-s Eljanus)*, *Serganus* (de *lo-s Erganus)*. A um das Elhas ouvi dizer, em 1931, *Selhanus* (de *los-Elhanus)*. Mas, como refiro no texto, o normal e *Lagarteiros*.

PARTE I

Apontamentos para o estudo da linguagem de San Martín de Trevejo

I. GRAMÁTICA

A) FONOLOGIA

Sons e sua transcrição

Vogais:

1. O samartinhego possue as seguintes vogais orais: *á*, *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *u* atenuado (por exemplo, no fim de palavra). A pronúncia normal é empregar *á*, quando tónico, e *a*, quando átono: *bás*, *cábra*, *furniga*, *amiga*, *xaruga*, *a capa*. Mas a ênfase (influência castelhana) faz que a cada passo *a* átono se abra *(à)*: *àmigus! à báca! gàlinha! tia Benità! à reina* («a rainha»).

2. Quanto a *e*, *o*, são mais ou menos abertos. Aqui representados, às vezes, quando tónicos, por *é*, *ó*, e quando átonos, por *e*, *o*. Ouvindo pronunciar-se *é*, *ó*, a impressão acústica é esta: ora se percebe *é* — *ó* portugueses, ora *ê* — *ô*: donde se conclue que estas vogais são sons que ficam respectivamente intermédios a *ê* — *é*, e *ô* — *ó*, isto é, são iguais a *e*, *o* castelhanos, quando abertos. Cf. *Estudos de Philolog. mirand.*, I, 173-174; e Navarro Tomás, *Manual de pronunciación españ.*, 3.ª ed., 1926, §§ 52 e 53; Pidal, *Manual de gramat. hist. españ.*, 5.ª ed., 1925, § 5, p. 31-32. — O que creio que não há é o *e* português de *pote*, *ha-de*.

Tanto o *u* átono como o artigo definido *o*, que usualmente soa *u*, podem tornar-se enfàticamente *ò* = *ó*: *mòéa* («moeda») a par de *muea*, *ò lobu* (= o lobu) a par de *u lobu*; *òr dentis dò lóbu* («os dentes etc.), *òs ómis* («os homens»). Ao invés; *ulibal* «olival».

3. Transcreve-se aqui sempre:

a aberto tónico por *á* ou *a*,

a aberto átono por *à*.

a fechado (átono) por *a*.

e, *o*, quer tónicos, quer átonos, por estas mesmas letras sem acento, ou em certos casos, para maior clareza, e se evitar

confusão aos leitores portugueses, por *é*, *ó* (em sílaba tónica), por *è*, *ò* (em sílaba átona), — por exemplo: *porta*, *Pepa*; *deixó*, *pègó*, *Péri*, *bẽ de Aragóm*, *èstaba*.

i, *u*, por estas mesmas letras, sem acento, ou às vezes, para maior clareza, por *í*, *ú* (com acento), quando tónicos, por exemplo: *omi*, *tu*, *dixu*, *búrru*.

4. Tanto a pronúncia portuguesa como a castelhana auxiliarão muito a leitura de textos samartinhegos, pelo que toca á acentuação.

5. Tôdas as vogais precedentemente indicadas podem tornar-se nasais:

ã, com *a* aberto ou *a* fechado: *arrã* (não *arrãŋ*, nem *arraŋ*), *mátã* (não *mátãŋ* nem *mátaŋ*), *cántã*. A ênfase parece abrir levemente *a* átono nasal.

ẽ = *e* nasal, por exemplo: *bẽ* (não bẽŋ, nem *beŋ*); *ẽxame*, *desencantar*, *enfermo*, *emberno*, *entrar*.

õ = *o* nasal, por exemplo: *bõ* (não bõŋ, nem *boŋ*);

ĩ = *i* nasal, por exemplo: *fĩ* (não fĩŋ, nem *fiŋ*);

ũ = *u* nasal, por exemplo: *ũ* (não *ũŋ*, nem *uŋ*).

Em pronúncia normal nunca ouvi ŋ no fim de vogal nasal ou de ditongo nasal, em pausa.

Logo na minha primeira viagem (1924-1925) reconheci a existência de nasais puras em samartinhego, como digo no Folheto, § 1 ([1]). Para me certificar melhor, fiz que um Samartinhego e um Castelhano pronunciassem um após o outro algumas palavras, e averiguei o seguinte:

{ O Castelhano: *San Martín*.
{ O Samartinhego: *Sã Martĩ*.

{ O Castelhano: *pán*.
{ O Samartinhego: *pã*.

6. Em sílabas nasais seguidas de *b*, *p*, e de *c*, *g*, *t*, *d*, ou outras letras, adopta-se geralmente a ortografia portuguesa (que neste caso é igual à castelhana), isto é, representam-se no primeiro caso as nasais por *m*, e no segundo por *n*: *lombu*, *campu*, *branca*, *manga*, *barrendu*, *santu*, *descansal*, *canchu*, *londgi*, *êmbérnu*. E vid. o § 68.

([1]) Por «Folheto» entenda-se a separata feita do artigo publicado no vol. XXVI da *Revista Lusitana*.

7. O *a* nasal tónico creio ser sempre aberto; o *a* nasal atono abre-se tambem frequentemente, por enfase. Para, nos verbos, se distinguir o futuro do preterito perfeito, adopta-se aqui *-ám* para o primeiro e *-ã* para o segundo, com acento na silaba tonica: *matarám* (futuro), *matárã* (perfeito). Tambem poderão acentuar-se outras flexões, para maior clareza.

Ditongos (e tritongos).

Ditongos normais (decrescentes) do samartinhego:
8. Há-os orais e nasais.

a) Ditongos orais:

ai, por exemplo, em *pairi, bai*;
ei (que sôa *éi*, não *êi)*, por exemplo, em *peitu, rei*;
oi, por exemplo, em *poico, boi, roipa, choiriθu*;
ui, por exemplo, em *cuimigo, mui*;
au, por exemplo, em *cuáu* «cuidado», *Sábàu* «Sabado»;
eu, por exemplo, em *deu* «dedo».
E o ditongo *-iu* em *tiu, riu* «rio», *niu* (mais ou menos nasalado). São monosilabos. Conferi com a minha pronúncia.

b) Ditongos nasais:

ãi, por exemplo, em *fãi* «fazem».
ẽi, por exemplo, em *lẽi* «leem».
õi, por exemplo, em *põi* «podem».
A fonética sintactica faz que se produzam muitos ditongos orais e nasais, uns, iguais aos precedentes, outros, novos, por exemplo: *ou, ãu, ũi, õu, ẽi*, que não aparecem em palavras avulsas, como adiante veremos.

9. Poderão notar-se alguns ditongos crescentes em:
quatru (=quatro),
ruína,
guiar, guiandu, etc. (como em português).
faiu = *fa-yu*,
caiá «cajada» = *ca-yá*,
meiu = *me-yu*,
aiel = *a-yel* «ontem»,
sáia = *sá-ya*;

um *tritongo*, por exemplo, em *fieitu* (como em português).

Consoantes:

10. *p*, *b*, β (= b fricativo);
f, *m*;
c (q), g, γ (= *g* fricativo);
ŋ (velar), entre vogal nasal e oral;
t, *d*, δ (= *d* fricativo);
n, *nh* (como em portugês = *ñ* castelhano);
s, -ss- (assim notado por causa da pronúncia portuguesa), ʃ; ç, *z*;
θ (= z e hespanhol);
y semi-vogal, não *y* castelhano. Em *yá*, dit. crescente;
l alveolar-lateral, como em português em *lata*;
lh (como em português = *ll* em castelhano);
r, *rr*;
j, *x* como em português;
ch (africata surda);
dj, que corresponde a *ch* como sonoro, e só porém se ouve inicialmente, e depois de nasal, isto é, depois de pausa (e também de certo depois de *r)*, por exemplo: *djindja* «ginja». É o mesmo som que Krüger, p. 47, e Fink, p. 11, representam por *d* encimado de uma plica. O mesmo som existe em Almedilha: vid. os meus *Opusculos*, IV, 614.

11. Em samartinhego não existe *v*, como também em hespanhol comum, e na raia de Tras-os-Montes: cf. *Estudos de Phil. mir.*, I, 193. Igualmente não existe o *l* alveolar-velar, que se ouve em português em *salto*. Aos casos em que em português há *v*, e *l* alveolar-velar responde o samartinhego com *b*, e *l* alveslar-lateral.

Particularidades:

12. s, ou *ss*, é o *s* côncavo, do castelhano, e do Norte e Centro de Portugal. Vid. Gonçalves Viana, *Pronúncia normal*, p. 47. Mais ou menos proximo de *x*.

ç é o *s* convexo, análogo ao do Sul de Portugal, e da Andaluzia. Cf. *eundem*, *ibidem*, e Pidal, *Manual*, 5.ª ed., p. 85. Tão sibilante como *s* ou *ç* do Pôrto: cf. *Opusculos*, I, 47-48, e II, 123.

Êstes sons *s* e *ç* tanto se ouvem inicialmente, como antes de consoante surda, como no fim de palavra. São consoantes surdas, a que correspondem como sonoras, respectivamente:

ʃ, *z*. O último também tão sibilante como o do Pôrto.

A pronúncia do *s* varia conforme está ou não em pausa, e no último caso, conforme, numa mesma palavra, ou em palavras ligadas entre si, a êle se segue consoante surda ou sonora, por exemplo: *tu bas*, *tres*; *basta*, *raʃgar*; *us pairis* («os pais»), *aʃ mairis*. Em português acontece o mesmo, conquanto a ortografia usual o não manifeste.

No meu primeiro estudo havia eu notado sòmente o *s* concavo (surdo e sonoro), mas nas viagens de 1929 e 1931 notei também o convexo, que existe em muitas pessoas.

Alguns exemplos, colhidos em indivíduos que interroguei a par: *sol* = *çol*, *dois* = *doiç*, *aʃ maçás* = *az maçás*, *miʃmu* = *mizmu*, *treʃ meʃis* = *trez méziç*.

Talvez *ç* — *z* apareçam principalmente em pessoas muito novas, a par porém de *s* — *ʃ*, que tanto se ouvem nelas, como em pessoas de idade. Por outro lado, notei que uma mesma pessoa diz *s* ou *ç*, conforme a enfase, por exemplo: *solu* — *çapu* (maior enfase). uma mulher de 35 anos, e bons dentes. Vid. o Apêndice. Santos Agero observou comigo o mesmo fenómeno nêstes exemplos.

É evidente que S representa pronúncia mais antiga, e antóctone, e que Ç foi importado de regiões hespanholas onde êle domina.

13. O Sr. Fink nota também na nossa região, pp. 20-21, o som *s*-, que êle representa por *s* encimado de um til, e cuja impressão acústica igualmente diz se aproxima do nosso *x*. Aos passos que a êste propósito cita de Schädel e Pidal podia ter junto os *Estudos de Philol. mirand.*, I, 190.

O som que aqui representa por *ç*, e êle por *s*, não o encontrou cá, mas sim nos restantes lugares da Serra de Gata (p. 21). As minhas observações completam, neste caso, as suas.

No fim de palavras e entre vogais, não ouço, porém, de modo nenhum, o som *ž* (= *j* português) que êle atribue a San Martín: *už omiž*, etc., pp. 80-81. Os sons que eu ouço nêste caso já acima os indiquei.

13 *. Para evitar confusão nos leitores, não assinalo (por *ç* e *z*) a pronúncia individual, mas mui corrente, que, segundo o § n.º 12, encontrei de s — *ʃ* em samartinhego.

Apêndice à pronúncia

I. Pronúncia enfática

14. A fonética castelhana, pela clareza e sonoridade das suas vogais átonas, pelo *uó*, pelo *ié*, pelo *y*, pelo *j*, pela manutenção do -N- e -L- latinos, o que tudo está em contraste com o português, dá ao nosso ouvido a impressão de ser muito enfática.

Esta ênfase reflecte-se com freqüência no samartinhego. Cfr.: §§ 1, 2, 5, 7, 12, 22, 37.

Nas ruas ouvem-se a cada passso palavras como *Bernárdòòò!...* quando se chama por alguém; *Djuanitòòò!... Santiágààà!... Mariààà!...* Ao passo que a ênfase aqui recai na sílaba final, em português recai na sílaba tónica: *ó Bernááárdu!...*, além d'isso prepondo-se a interjeição *ó*.

II. Exemplos individualizados de pronúncia de s-ʃ, ç-z:

15. Colhidos em 1929: Marcelo Martín, de 30 anos: tu bás, basta, duas, tres, seis, séte, sesenta (quási *xexenta*), silbas («silvas»), pasta, mós, sacu, θesta.

Rapariga de 25 anos: sol.

Clotilde Silveira, de 13 anos: çeiç, çéti, çal, çol, çeçenta, θêçta.

Rapazinho da mesma idade: sol.

Comparando ao mesmo tempo a pronúncia d'estas duas crianças, ouvi, de facto, à primeira, *çol*; à segunda, *sol*.

Rapariguita de 15 anos: doiç, çeiç, mêç, *çábau* («Sábado»), çacu, çal.

Várias pessoas: duaʃortas, duaʃarrás («rans»), más («mãos»), ántis, péiraç, térraç, *omizalluç* («homens altos»), trêʃomis, doiʃobus, dias, caʃàs, báç, manθàç.

Rapariga de 16 anos: *ondi báçç* (pus a seguinte nota quando ouvi: «ç do Pôrto, prolongado e bem nitido»).

Outra rapariga de 16 anos: *çal, çol;* a par ouvi a um rapaz de 15 anos: *sal, sol,* e pus a seguinte nota: «Santos Agero observou comigo as mesmas diferenças de pronúncia».

Mulher de 34 anos: «*àondi báç?*»; «nũ *baz* alá»; *boz bíndiç* («vós vindes»).

Toribia e Catalina (não sei a idade): çachal («sachar»),

çachu, Çalamanca, çalibia («saliva») & *çaliba*, *çalampelo* («serampelo, sarampo») & *çarampelo*.

Maurício Gonçalves, de 18 anos: sapu, seis, seti, caʃa, roʃas.

Francisca Santibañez, de 20 anos: seis, seti, sapu, santu.

Florentino Gomez, de 27 anos: a mesma pronúncia (excepto *santu*, que não ouvi), e bem assim: *roʃa*, *caʃa*, *duas*.

Rapaz de 23 anos, e homem de 31: *seis*, *seti*, *θêsta*, *sal*, *ondi bás*, *sacu*, *pasta*, *más*.

Mulher: *seti*, *seis*, *sacu*. Outra mais nova: *çeti*, *çacu*.

Rapaz de 29 anos: *seis*, *seti*.

16. Tive quási sempre o cuidado de escolher, para as ouvir, pessoas de bons dentes, porque nesta região é freqüentíssimo a cárie dentária, o que talvez que dependa de alguma propriedade das águas. Ainda num dos últimos dias que estive em San Martin, em 1929, tornei a averiguar as duas pronúncias em muitas pessoas novas, e de bons dentes, e cheguei ao mesmo resultado a que chegara antes: de um lado: *çeiç*, *çeti*, *baçta*, *aznu*, *mizmu*, *ondi baç*, e do outro: *seis*, *seti*, *basta*, *asnu*, *mismu*, *ondi bás*.

17. Até aconteceu ter eu tido ocasião de comparar a pronúncia de Manhegos (Samartinhegos) com a de indivíduos de Ávila e de Valladolid, onde há S côncavo, e com a de outros de Cáceres e Plasência onde há S convexo, sibilantíssimo, e Z em *mismo (mizmo)*. Estas duas pronúncias do S concordaram com as de San Martín. Não há, pois, dúvida no que acima afirmei, da coexistência de S e Ç.

Tôdas estas observações as fiz em 1929.

18. Na minha viagem de 1931 confirmei-as completamente: menina de 13 anos pronunciava *santu*, menina de 16, *çantu*, o que também foi verificado por Santos Agero. Os pais e mãis d'estas meninas eram naturais de San Martín. Uma menina de 12 anos pronunciava *çeiç*, *çéti*, e uma irmã, de 10 anos, *seis*, *séti*. Aqui a idade não influía na pronúncia. Num mesmo indivíduo observara eu, em 1929, repetindo êle uma mesma palavra, *S* e *Ç*, isto é: *sapu* e *çapu*.

19. Outros exemplos colhidos em 1931.

S sibilantíssimo inicial e final:

çéiç, *çeti* numa menina de 12 anos; num irmão d'esta, de 10 anos: *seis*, *seti*, — cada um com seu s!

Raparigas de 22 anos: *doiç*, *treç*, *çeiç*, *çeti*, *estal* («estar»), *çial* («cear»), *çcuela* («escola»: hespanholismo), *çcurregar* («escorregar»).

E *trez deuç* («três dedos»), com *s* convexo, num rapaz de 15 anos; *tres deus*, com côncavo, num rapaz de 18 anos. Noutro: *doiz bois*, *trez bois* com *z* do Pôrto. Noutro: *tré' çácuç* (três sacos). Em rapazes de 16 e 17 anos: θ*in*cu, e seis, séti com *s* e não *ç*.

Estudo histórico dos sons

Vogais tónicas:

20. Vid. os §§ 4-5 do Folheto, isto é, do estudo publicado no vol. XXVI da *Rev. Lusitana*.

Vogais átonas (vid. o Folheto, § 6):

a) Orais:

21. O fenómeno mais notável é a representação de *-e* por *-i*: *cómpri*, *aiantri* («adiante»), *seti* <septe-, *fomi*, *fonti*. Também *-is*; *fontis*, *oibis* («ouves»). O mesmo fenómeno se observa na linguagem de Almedilha e na do concelho do Sabugal. No Folheto, § 6, remeto para Krüger. Cf. Fink, pp. 107-108.

22. Paralelamente temos *-u*, por *-o*, como em português; *oitu*, *poicu*, *contu*, *filhu*, *qandu*, *moço*, *Agostru*, *rostru*, *burru*, *falandu*. Esta é a pronúncia própria e despreocupada do samartinhego. Mas, por ênfase, de certo por influência castelhana, pode ouvir-se *-ò*. Cf. Fink, p. 106, que além de indicar essa pronúncia na nossa região, a indica em outras da Serra de Gata. No meu folheto notei muitos casos.

23. Antes de *s*, também *-us*: *contus*, *filhus*, *lemus* (do verbo *lel* «ler»). Como em português normal.

24. Algo se disse já de vogais átonas, supra, no capítulo da pronúncia. E vid. adiante o que se diz do S impuro.

25. O *o* átono no interior vale geralmente *u*; *arreculhíu* «recolhido». Cfr. o português.

26. *bertú*, «virtude», hesp. *virtud*.

27. Vogal at. + vog. tónica:

e + *á* > iá: *quiáu*: hesp. quedado, por **queau*.

b) Nasais:

28. -ANT, nos verbos *-ã*: *cóntã*. Cf. galego, e português arcáico e dialectal.

-ENT > *ĩ*: *pérdĩ*. Cf. português dialectal de Portugal.

-on-: *encontrórĩ*.

Inicial depois de consoante: *combentu*, «convento».

en-: várias alternativas: em *s'incontró* a par de *s'encontró*, *enteiru*, *impeçó* («começou»), *incontrarás*, *empeçar*.

Para o estudo dos ditongos e dígrafos:

29. Vid. o 1.º estudo, § 7: AV > *oi*. Outros exemplos: *loiba*, *toiro*, *roipa* (germânico), *soito* < saltu, *boibo* < balbu. Em *tòpeira*, de talpa, temos, quanto à primeira sílaba, influência do cast. *topera* (buraco ou galaria).

30. -AVT do lat. vulg. > -ô ou -*ó*, outros exemplos: *chegó*, *entró*.

31. -ARIV, Folheto, § 5. Outros exemplos: *Febreiro*, *ferreiro*, *òbreiro*, *palheiro*. Em *Enero* temos hespanholismo.

-ARIA. ibid. Outros exemplos: *djeira*, < diária, *djeira d'oliveiras* (50 pés); *leira* (de origem duvidosa), em: *leira de litugas*, *de batata*, *de frèjós* (feijõs).

32. -ERIA: materia > *maeira*, *meira*, *máira*, formas usadas, tôdas três. A 1.ª é a regular (cf. o Folheto, § 11; a 2.ª e 3.ª resultaram d'aquela por crase, cada uma por sua via.

33. -IVT > í: *abrí* «abriu».

33*. Veremos noutros parágrafos como nasceram certos ditongos: *áu* de -ATV, *íu* de -ITV, no § 39; *au* átono em *figau*, no § 40; *ai*, *ei*, em *-aij-*, *-eij-*, no § 69.

34. Ditongação de dígrafos:

feo, que existe em português arcaico, deu em samartinhego *feu*, que rima com *deu* (dedo); mas à primitiva forma corresponde o feminino *fea*.

boéga (bodega: apotheca) > bòega > boiga. Vid.: o que se dirá de -T-.

Páinu assim se pronuncia *Paínu*, apelido.

35. Ditongo *-ui-* reduzido a *u* (monotongo): *mutu*, *butri* (ou *milanu*, do castelhano), *cutelu*, *enxutu*, *frutu*, *truta*, *luta*. E vid. § 36. — É esta também a pronúncia geral do português: vid. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 34. Em português familiar não se diz *muto*, embora se diga *munto* = *mũto*, por mũito, mas na língua de Aldeia do Bispo (Sabugal) diz-se realmente *muto*, como em Almedilha: vid. *Linguagem de Almedilha*, § 22, *a* (= *Opusculos*, IV, 616).

Consonantismo:

35*. Continuo a regular-me pelo Folheto, mais ou menos, pois trato principalmente de fenómenos que dão certa feição portuguesa ao samartinhego, ou de fenómenos próprios d'êle, ainda que às vezes de acôrdo com os das linguagens

circunjacentes. No 1.º caso vid., por exemplo, os §§ 5, 8, 10 (em parte) do Folheto. No 2.º caso, por exemplo, os §§ 9, 10 (em parte), 11, 16, do Folheto.

36. Outros exemplos de síncope de -L- para juntar ao do 1.º estudo, § 8: solu- > *só* (adj. e adv.), malu- > *mau*, mala > *má*; dolet > *doi*; candela > *candea* (falando do castanheiro; a candeia de alumiar chama-se *candil*, à hespanhola). Em vez de *soel*, de solere, melhor é escrever *suel*. Do lat. molinu veio *muinhu (representado pelo português *moinho*) *múinhu, *munhu*, forma usual (cf. § 35), evolução que também se deu no Minho: vid. os meus *Opúsc.*, II, 500.

37. -R secundário > *-l*: *almudal* < cast. *almorzar*, por *almuzal (vid. Z adiante). Todos os infinitos dos verbos terminam em *-l*. Ao invés: *mir* (mil), *er* (el'), *aquer* (aquel'). Aos exemplos de ênfase mencionados no Folheto, § 9, agreguem-se: *qualquerr...*, *marr...*, *parr...*: palavras que ouvi em conversa em 1931, embora o usual e em pausa seja *-r*. Temos nesta ênfase influência hespanhola.

38. -N- cai em: moneta > *muéa*, a par de *mòéa*; catena > *cadéa* (corrente de relógio). Mas *maneira*, como em português, ou acaso o hespanhol *manera*, com terminação manhega.

-ANA > *ã* aberto: *abentã* (creio que é «janela», *ventana), *Romã* (Romana, creio que é nome próprio de mulher), *migrã* «romã» < millegrana, com assimilação do *l* ao g, ou síncope. Cf. na linguagem de Moncorvo *milgrada* «romã», e no *Canc. da Vaticana*, n.º 464: «de *so a milgranada*», por *milgrãada*), no sentido de «romanzeira», e vid. já J. J. Nunes, *Cantigas d'amigo*, III, 647.

-ANV. Vid. o folheto, § n.º 10. Mas *fulano* (do árabe), como em português e em hespanhol.

-ANE: pane > *pã*.

-ENV *-eo* ou *-eu*: alienu > *alhéo* (ou *-éu*? cf. § 34), centenu > *centéu*, ou *centêo*, plenu > *chéo*; *féu*, § 34. Parece que se diz *jenu* «feno», com **j** hespanhol.

-ENA: (h)arena > *aréa*, cena > *θêa* ou *θéa*, plena > *chéa*.

-ENE: bene > *bẽ*, tenet > *tẽ*.

-INA > *-ĩnha*, por exemplo; *sardĩnha*.

-INV > *ĩnhu*, por exemplo: caminu > *camĩnhu*, lat. vulg. vecinu > *bidĩnhu*, vinu > *bĩnhu*, Martinu > (S.) *Martĩnhu*, orago da frèguesia; *-quĩnhu* «mesquinho», do árabe:

-ONV: bonu > *bô* ou *bó* (não *bõ*, como em português);

mas também em português popular se encontra *bô*, por exemplo, na Beira.

-ONE. Vid. o Folheto, § n.º 10.

-VNA: una > *ũηa*, com η para evitar o hiato; a par de *ũa*. Hespanholismos: *luna*, *laguna*.

39. -T- já se disse no 1.º estudo, § 11, que se sincopa, depois de passar pela fase -d-, teorica em samartinhego, mas viva em português. Outros exemplos: *põ*, correspondente ao port. arc. *podom*, de putare «podar»; *fígau* «figado»; rotunda > *reonda* (com dissimil.); *dial* <> port. *didal* (dedal: digit'ale-); *queal* <> hesp. *quedar* »ficar»; *puía* <> port. *podia*; *bóiga*, nas Elhas e em português *bodega*, de apotheca: há duas espécies, *bóiga d'adentru* «adega do vinho», *bóiga d'afora*, loja dos animais; *cuáu* <> port. *cuidado*, hesp. familiar *cuidao*.

-ATV, -ATA (participios da conjug. I) > *-àu*, *-à*: *labau* «lavado», *fiá* «fiada», *embenená* «envenenada».

-ATA: *ante-nata* > *antená* «enteada»; *tapá* (particípio substantivado) «tapada»; *cajá* ou *caiá* «cajada». do hesp. *cayada*, fem. de *cayado*, como em portug. *cajada* e *cajado*: do lat. **caiatu*, em J. J. Nunes, *Gram. hist.*, p. 109; *ná* «nada», do lat nata (¹).

-ATE: *propiai* «propriedade» < proprietate-.

-ETV: *adeu* «azedo» < acetu-.

-ETE: vid. o Folheto, § 11.

-ITV, ou portug. *-ido*. Folheto, § 11. Particípio em *-íu* das conjug. II e III.

-OTV: *totu* > *tó* «todo».

40. Consoante D inicial cai: port. *dinheiro* > *einheiru*, *inheiru*, a par de *dinheiru*: «ei tinha mutu *einheiru*»; port. *devesa* > *ebeʃa*. Cfr. o Folheto, § 13. Medial também cai: port. *comedia* > *cuméia*; port. *comedor* > *cumól* «comilão»; *fígau* «figado». Vid. o Folheto, § 14.

(¹) Devo dizer que nos meus apontamentos tenho **-áa* como fórma teórica, e como fórma usual *-á* na quási totalidade dos casos, mas três vezes *-áa*, como fórma viva: -ATA > *áa*, *embaraçáa* e *prenháa*, no sentido de «mulher gravida», o mesmo que *enθinta*, do hesp. *encinta* (fr. *enceinte*: do lat. incincta: REW, 3.ª ed., § 4351. — De informações que colhi depois de escrito isto, vejo que me equivoquei: a fórma viva é em *-á*.

41. B. Ao hesp. *abuelo* corresponde *agüelu* ou *agwelu* em manhego. Cf. Fink, p. 16.

42. S- está representado de vários modos: por *s-* (o normal): *sachal* («sachar»), *saliba* («saliva»), a par de *iscupĩnhu*, *sanampelu* & *sarampelu* («sarampo», em portug. popular *sarampelo)*, *sángri*, f. («sangue»: do hesp. *la sangre)*, *sarta* «colar» (do hespanhol); por *x-*: *xarmentu*, port, «sarmento», hesp. *sarmiento* < sarmentum, *xabóm* <> hesp. *jabón*, port. «sabão», *xilgueiru* <> *jilguero*, hesp., «pintassilgo».

43. -S- > *ʃ*: *caʃi quiʃi*. Folheto, § 15.

43 *. -S cai em alguns casos: vid. o § 95.

44. -Z: quéda do *-z*, vid. o Folheto, § n.º 16. Outro exemplo: *bé* «vez», e nos patronimicos: *Ròdrigui* (Rodriguez), Peri (Perez), *Domingui*, *Sanchi*, *Gomi*, *Fernandi* (Fernandez), etc. Teòricamente foi *-ez* > *-e* > -ǫ.

45. V > b: vid. o Folheto, § 14. Ao português *viuvo*, *viuva* corresponde em manhego: * *viúu* > *biyú* (=bi-yú), *biyúa* (=bi-yú-a).

46. O *X* português está assim também representado em *Bruxa*.

47. A *Z* português não final, equivalente a *z* hespanhol *(ce, ci)*, corresponde *d* em manhego: *adeite*, «azeite», *zorra* «zorra». A *Ç* português *(ce, ci)*, equivalente a *z* hespanhol *(ce, ci)*, corresponde θ em manhego: *θéa* «cea», *tiθõ* «tição» <> *tizón*. Vid. o Folheto, § n.º 16.

Contacto de consoantes:

48. Consoantes geminadas ou duplas simplificam-se, como em português usual: *cana*, *ela*. Folheto §§ 18 e 19.

Grupos de consoantes:

a) grupos próprios, em que as consoante pertencem a uma só sílaba:

49. -TR-. Folheto, § 20. Outro exemplo: *Peiru* «Pedro».

50. -DR-. Na passagem de -TR- a *ir*, § 49, deve ter havido o grau intermédio * *dr.*, representado pelo português normal e pelo hespanhol; por isso -DR- originários dão naturalmente logo *-ir-*: *Madrid* > *Mairil*, *madrugo* (de *madrugar* > *mairugu*.

51. -GR-: flagrare > *çheirar*, como em português.

52. -CL-: *agulha*. Folheto, § 22.

53. PL: chover > *chubel*: cf. Folheto, § 21. Mas: *pluma* (hesp.) > *pruma*, *planta* > *pranta*.

54. -MN-: scamnu > *escanu*, como em português. Cf. *bimbre* <> hesp. *mimbre*.

55. -GN-: *cunhau* «cunhado»; *lenha*.

56. -CT-: vid. o Folheto, § 23. Outro exemplo: *leili*.

b) grupos dissociados, isto é, em que as consoantes pertencem a sílabas diferentes:

57. S + oclusiva sonora, dentro de uma palavra:

Torna-se fàcilmente *r*, por exemplo: *arma* <> port. *asma*; *turrernu* <> port. torresmo; *mermu* <> port. mesmo; *mirmu* <> hesp. mismo. Cf. o que se dirá na Fonética sintática.

Mas como R + cons. pode tornar-se *l* (1), e ao invés L + cons. pode tornar-se *r* (2), fica assim para o ouvido equivalência en(re *l* e *r*: e por isso *arma* (de *asma)* e *turrernu* (de *torresmo)* passam a ser *alma* e *turrelnu*. Por estas palavras se regulam muitas outras que têm na origem *s*, tornado virtualmente *r*.

Em resumo:

alma <> *arma*: de asma;

turrelnu <> *turresnu*: de torresmo.

Pelo mesmo teor:

limolna: hesp. *limosna*; *mulgu*: port. musgo; *bìlgu* hesp. *bizco*, port. *vesgo*: *Colmi*: Cosme.

ralgal ũ papel: rasgar. Conjugação: ei *ralgu*, tu *ralgas*, el *ralga*, nó *ralgamus*, *bójotrus ralgais*, elis *ralgã*.

Tôdas as palavras da 2.ª série entende-se que têm virtualmenle as formas intermédias: * *limorna*, * *murgu*, * *birgu*, * *Cormi*, * *rargal*, e talvez de facto as tenham também.

De uma das vezes que observei êste fenómeno, um indivíduo que estava ao pé de mim ouvindo falar outros dois, um que dizia *r*, isto é, *birgu*, e outro (Alejandro Martín), que dizia *l*, isto é, *bilgu*, ponderou espontâneamente: «aquel di cõ *r*, êsti cõ *l*». Tão natural é o fenómeno, que julguei útil referir êste episódio, para se ficar certo de que não há dúvida nêle. Eu observei-o em várias pessoas, e em ocasiões diferentes (3).

---

(1) *fallu* <> farto. Vid. § 58.

(2) *cardu* <> caldo. Vid. § 59.

(3) Com quanto eu não assinalasse êste fenómeno no meu Folheto, que não passava, como lá digo, de uma «notícia

Para a mudança de *r* em *l* pode também ter concorrido a tendência que tem todo o *r* final para se mudar em *l* (§ 37). São duas liquidas que facilmente alternam entre si.

Não posso dizer se na ligação de S + consoante surda, o *s* se resolve em *h* (aspiração). Em Fiuk não encontro nada.

58. R + consoante > l:

fallu: farto; *palti*: parte; *cullu*: curto; *tulniu*, de *turniu* (de *tornar*) «vesgo»; *colpu*: corpo; *balcu du riu*: barco; *calga*: carga; *calbõ*: port. arc. *carvom* (assim se diz em manhego a par de *carvõ*, *-ões*, *-ós*), pl. *calbós*; *θellu*: certo; *Infelnu* = Inferno; *elmanita* = hesp. *hermanita*; *elba*: herva; *pelna*: perna; *folnu*: forno; *silbu* («eu sirvo»).

59. L + consoante r:

cardu: caldo; *marga*: malga; *curpa*: culpa; *artu*: alto *argu*: algo; mas *qualquel* «qualquer»; *barga-me Diós* «va-; lha-me» por *balga-me*; *ũ durce*, hesp. *dulce*, «um doce»; *bórbu* = volvo «volto», de «voltar»; *mélrua*, fêmea do «melro» merula, mas *alma* (cf. *alimar* «animal»); *migrã* de * *milgrana* (§ 38).

Semi-vogais ou semi-consoantes:

1) Com *y*:

60. ·iactare, hesp. *echar*, manhego *eitar*.

61. Dy: mediu- > *meio*, na topomia *Monte-Meio* (por *M. do Meio*), fem. *meia*, com enfase *meiá* = *me-iá*.

62. Ly: Folheto, § 30. Outro exemplo: *palha*.

63. Ny: *a-pruneu > *agrunho* «abrunho», com *g* por *b*, talvez sob influência de «agro».

64. By: *rábia* «raiva», hespanholismo.

65. SSy: vid. o primeiro estudo ou Folheto, § 29.

2) Com *u* = *w*:

66. *quatru*, *quandu*, *cuelhu*: — ou com *o* (coelho).

Vid. o § 9.

Fenómenos gerais.

1) Influência de nasais em sons vizinhos dentro de uma mesma palavra (influência algo assimiladora):

---

sumária», acho nos meus apontamentos antigos, agora revistos, que já o tinha observado em 1924, pois neles leio: «*rasgar* > *ralgar*» por intermédio de «rargar».

67. Pode dizer-se que uma consoante nasal comunica ressonância a uma vogal que esteja antes ou depois, ressonância maior ou menor, segundo fôr tónica ou átona a vogal.

Ex.: piquẽnũ, ermãnũ, pinũ «pinho, pinheiro», mũa «mula», sõnhũ «sonho», *nĩũ* «ninho», com duas nasais, mĩnĩnũ, cãnã («cana»), cãmã. Comparem-se estas duas últimas palavras com *casa*. Cf. o primeiro estudo, § 34; e *Esquisse*, § 40, *a*.

68. Em palavras como *campu*, *mantu*, *manga*, desenvolve-se respectivamente *m*, *n*, *ŋ* entre a nasal e a consoante que se lhe segue. Exs.: *campu* = *cã*ᵐ*pu*, *cantu* = *cã*ⁿ*tu*, *quandu* = *quã*ⁿ*du*, *mantu* = *mã*ⁿ*tu*, *manga* = *mã*ŋ*ga*, *longu* = *lõ*ŋ*gu* (mas *londji* = *lõ-dji*). O mesmo acontece em português. Cf. *Esquisse*, § 40, *c*.

2) Influências da palatal *j* nas vogais que a precedem:

69. Encontrei oscilações na pronúncia, segundo os indivíduos que ouvi falar:

umáiji & *òmáiji*, *biáiji*, *lenguaiji*, a par de *biáji*, *lenguaji*, *ei beiju* (= *bei-ju*) de «beijar», *queiju*, *figu berdeiju* (= *ber-dei-ju*), *caleija* (rua estreita, «quelha»), *cereija*, a par de *queju*, *igreja* & *igrejia* (creio que não se diz com *-eij-*).

A ditongação nestes casos é mais freqüente em português: vid. *Esquisse*, § 63, *a*.

70. Não encontrei, porém, ditongação produzida por *x* nem por *lh*, o que em português popular aparece muito. Assim, ouvi em S. Martin: *báxa* & *báxu*, *cáxa*, *éxi d'ũ cárru* («eixo»); e *cuelhu du campu* «coelho», *telha*, *urelha*, *rulha* «joelho», do hesp. *rodilla*, que é pròpriamente deminutivo) **roílha* > **ruílha* > **rúilha*: cf. § 35, e *múnhu*.

3) Vários exemplos de assimilação pròpriamente dita:

71. *Tamém* «tambem». E além disso: *mintil* «mentir», *mintira*, *sintil* «sentir». A nenhum dêstes fenómenos é estranho o português.

4) Prótese:

72. *arrã* «rã», como no Sul de Portugal; *abespa* «abelha»: *ẽxami d'abespas*. — No § 40 vimos *einheiru* a par de *inheiru*, onde *i-* se desenvolveu em *ei* (ditongo). Se *eider* não vem de edicere, mas de dicere, temos aqui análogo fenómeno. — S- impuro: stare > *estal*; cf. *escorregó* (escorregou), *esfarrapau* (esfarrapado).

*

Adiante, na Fonética sintática, deparar-se-nos-hão outros fenómenos relativos a vogais, a adição de sons, etc.

Fonética sintática:

73. Na fonética sintática isto é, na ligação de palavras em frases ou conceitos, sobretudo pronunciando-se aquelas descuidada e ràpidamente, produzem-se fenómenos que correspondem aos que estudámos na fonética das palavras avulsas: por isso há aqui repetição de leis ou regras. Outros fenómenos, porém, são criações novas.

A. — Modos de evitar ou anular hiato:

74. *a)* Em casos como: *friũ rostru* por *friu ẽ rostru*, onde o *e* foi absorvido pelo *u*, comunicando-se a ressonância nasal a este. Outro exemplo: *umbernu* por *u imbernu* a par de *oimbernu*, que se silába *óim* (ditôngo nasal) *-bernu*.

b) Por crase, ou fusão de vogais:

ũàrrã = *ũa arrã* (aqui *ũa*, e não *ũŋa* (vid. Flexões), pelo menos no caso que observei em mais de uma pessoa):
secàs fontis = seca as fontes;
buscà sombra = busca a sombra;
bai-t'ó ribeiru = bai-te ao ribeiru (cf. Flexões; Artigos).
O mesmo acontece em português.

c) Por formação de ditongos, devida também a crase:

au em: *boi áu* campu = *iáu*. Cf. adiante (Artigos).
eu em: *éu mi/mu* = é u mi/mu; *qui éu* que queris = *qui* é *u*, etc.;
ou em: *chigou lobu* = chigó *u* lobu; *chamou omi;*
ui (1).

(1) Caiu água no meu texto manuscrito, não sei que exemplo eu tinha aqui.

áũ (*áu* nasal) em: *ũ pa‿cáũ* = ũ pa ca um; *dáũ pã* = dá ũ pã; *estaũ omi* = está‿ũ omi.

éũ (*eu nasal*) em: *éũ pobre, é ũ lobu* = é ũ pobre, é ũ lobu;

óũ (*óu* nasal) em: *doũ pã* = dó ũ pã (deu um pão); *cantoũ galu* = cantó‿ũ galu; *chamóu omi* = chamó ũ omi;

áĩ (*ái* nasal): *me dixerãi mutus* = me dixerã i mutus. Acêrca do *-i-*. Vid. adiante, § 75.

éĩ (*éi* nasal) em: *éĩ felí* = é infeli «infeliz» (§ 45, quéda do *z*); *éĩgratu* = é ingratu;

oĩ ou *õi* (*oi* nasal) *oingratu* = o ingratu; vid. *oĩmbernu* supra.

uĩ ou *ũi* (*ui* nasal) *mũi feliz* = mui infeliz, *túinfeliz* = = tu infeliz! *múĩ gratu* = mui ingrato, *uingratu* = u ingratu.

Na ligação de *i o* por «e‿o», isto é, da conjunção copulativa *e* com o antigo definido, ouvi pronunciar *yó*, com *y* semi-vogal, e:

comi pã yóbus = pã i obus.

Temos aqui pròpriamente um ditongo crescente. Outro em *iũ* = *i ũ*. Também tritongos, como no primeiro exemplo desta sub-secção: *bói au campu (iáu)*, *i é ũ omi (iẽu)*, etc.

Tudo o que fica dito observa-se paralelamente em português.

d) Por epentese de ŋ:

em *lã* ŋ *aθul*, a par de *lã aθul* e *lã aθur*;
mã ŋ *aberta*, a par de *mã aberta*;
quĩ ŋ *é?*
de quĩ ŋ *é istu?*
Cf. -VNA no § 38.

Êste fenómeno encontra-se em vários falares de Portugal (vid. *Esquisse*, p. 87, e outros meus trabalhos dialectológicos), e em galego.

Mas também se ouve em manhego *pã aθeu* (azedo).

e) Por síncope:
No conto do Ti'Jiróminu; *à 'rmita* «à ermida».

B. — Epentese de *i* em certas circunstâncias:

75. Em *me dixerãi mutu* = dixerã i mutu «diseram muito» (vid. § 74: formação de ditongos, secção *c)*;

tãi nobu = tã nóbu.
tãi mau = tã mau.
Sãi Martĩ de Trebelhu = Sã Martĩ.
bãi mutus omis = bã mutus omis,
sõi mutus ou *soi* mutus = sõ mutus.
úi mes por *u i mes* = ũ mes, a par de *ũi mes.*
úi nabu = ũ nabu.
úi niu (ou *nĩũ)* = u niu.
úi nu = ũ nu.
boi cói mei pairi = cõ (1) mei pairi.
úi martelu = ũ martelu.
Cf. infra, *coimigu*, nos Pronomes, § 107.

Os exemplos de *ãi* e *ũi* mostram claramente, quanto a mim, que a intercalação do *i* serviu para evitar o encontro de duas nasais, e absorção da primeira na segunda; depois aquela perdeu a ressonância, por não estar seguida de nasal, mas permaneceu o *i*, isto é: *ũ mes* > *ũ i mes* > *u i mes* > *ui mes; ũ nu* > *ũ i nu* > *u i nu* > *úi nu*. A intercalação do *i* impediu que houvesse absorção da ressonância na nasal seguinte *(ũ nu)*, e se dissesse *u'nu*, como seria natural; cfr. em português, *tamanho* < tam magnu, arc. *camanhu* < quam magnu, e na nossa língua popular *inàgora* < **ĩnàgora* < *inda agora*. O *i* de *coimigu* explica-se como o dos outros exemplos citados. Tem apenas de admitir-se que na antiga forma *comigo*, sempre atestada na literatura portuguesa, o *m* nazalou o *o* precedente ou que se restaurou *com-migo*, por influência de *contigo*, como no Sul de Portugal; vid. *Esqaisse*, § 72, *a*.

Já em 1924 eu observára êste fenómeno, pois nos meus apontamentos de então encontro *coimigu*.

C. — Próclise:

76. Por efeito de próclise, pode uma palavra perder a acentuação, e até atenuar-se o timbre de uma vogal, ou sincopar-se uma vogal. Isso notamos em *«undi bás?»* por *«ondi bás?»* Num conto popular: *ti' Jirómin*u, por *tio J.* (mas *Tia Balenθiana)*. Cfr. em português *Trẽsminas* = Três Minas, *Bualdeia* = Boa Aldeia.

---

(1) Santos Agero também pela sua parte havia colhido *coi-malbas,* independentemente de suim.

77. A monotengação ou condensação de *ei*, *oi*: *ser* por *seis*, *dor* por *dois*, depende também de proclise. Vid. o § 78, *a)*, *2.º caso*.

Nos advérbios temos atenuação da negação: *nõ* em *nũ*, se a negação é proclítica. D'essa mesma atenuação depende a absorção da nasal que se observa em *nu'me dá gana*, *nu'me façaſ issu*.

D. — Tratamento do S + consoante:

78. *a)* S + oclusiva sonora dá: *ſ*, *r*, *l*, ou cai:

1.º caso. —Vid. Pronúncia do S: § n.º 12.

2.º caso:

ur meis paires, *ur deus* (os dedos), *mer de Marθu*: *dor deus* (dois dedos; a par de *doir deus)*, *ser dias* (seis dias), *dor nomis* (dois nomes), *mútar bedis* «muitas vezes», *máir de binti*, «*que máir dá?*», *bor dias* («bons dias»).

Cfr. *mirmu* e *mermu*, *melmu* nos Pronomes, § 111; e outros exemplos nas Consoantes, em palavras avulsas: § 57.

Êste fenómeno é corrente em galego e na Estremadura portuguesa.

3.º caso:

al bacas sõ amarelas (*al* = as)
at berças pa cumel (as verças para comer)
ul báxus (os baixos) : *ul* = us
ol deus (os dedos) : *ol* = os
nol bamus (nós)
ol gatus : os gatos
aiol mé' sinhoris por *aiós* (adeus; hesp. *adiós) meis sinhoris* (*mei* por *meis*, com assimilação de *-s* a *s-*).

Vid. a explicação dêste fenómeno na história das consoantes, § 57.

4.º caso:

u' lobus : os lobos
doi' lobus : dois lobos
bamu' lá : vamos lá
doi' meſis : dois meses

tre' nabus: três nabos
tre' bacas: três vacas.

Em todos estes seis exemplos do 4.º caso temos fenómenos de assimilação; quanto aos três primeiros, cfr. o que se passa português arc., *todollos* < todos los, e bem assim: *lhé'lo* (*Text. arc.*, 3.ª ed., p. 180), *má'lo* (mas o: nos *Opusc.*, II, 199), e na nossa língua corrente: *vê-lo*, etc. Em samartinhego havia de mais a mais a tendência para o *-s* se mudar em *l*, conformemente ao caso 3.º, e ao § 57. Quanto aos dois últimos casos, cf. em português usual *Vamo-nos*: vid. *Gram. port. elem.*, de Epiphanio Dias, § 80, *f*. O 4.º exemplo tem paralelismo também em português popular de Lisboa: *mêmo assim* (mesmo).

79. *b)* S + contínua:

doi' xabós por *dois xabós* (sabões)
tre' çacuç, cfr. § 15 (sacos)
doi' sacus
o' xarós = «os xarós», planta (*xarô*)
dua' jindjas = *duas djindjas*, onde *dj* se tornou *j*, por ficar entre vogais.

Êste fenómeno é normal em português, excepto quanto ao último exemplo, porque na nossa língua do Continente não existe *dj*, senão em fonética sintática.

N. B.:

A um mesmo indivíduo pode ouvir-se em S. Martín: *trer lobus*, *tres lobus*, *tre' lobus*.

E. — Vogal atona antes da vogal inicial de palavra:

80. Expressões que ouvi, em conversa:

abri-m'a porta a par de *abrimi a porta*
ei m'alegru
ei s'alegra
ei l'ofreçu
ei s'arrenega
l'eidia (num conto pp.)
s'encontró
s'ajuntórī.

Em vez de *de ali*, *de Abril* pode ouvir-se em samartinhego: *d'ali*, *d'Abril*.

Em vez de «*que é?*» diz-se «*qui e?*». Cf. § 118 (Pronomes).

81. Absorção da nasal: *nu'me dá gana (nũ* «não») Cf. § 77. Em português de Portugal encontramos também exemplos paralelos aos dos dois parágrafos antecedentes.

B) Flexões

Género dos nomes (substantivos e adjectivos)

Vid. o Folheto, § 35.

82. *Ordĩ* é do género masculino (por influência do hesp. *órden)*: *cõ certu ordĩ.*

83. Masculino e feminino:

mu ou *mú* (não -uu), f. *mua*, do lat. mulus *-a.*

mélru, f. *melrua*. Vid. infra, § 84.

furõ — furona (da caça): como em hesp. *huron*, *-na*, e vid. o § 86.

ganhã «o jornaleiro que anda a lavrar» — *ganhàna.*

fêu «feio», f. *fea.*

Silvestre, f. *Silvestra*

Djuã — *Juana* (com j castelhano).

84. Epicenos:

Mélrua, que também soa *mérrua*, em boca de gente môça *(ave*: em português *melro*, *mélroa)*, é palavra feminina, que tanto significa o macho como a fêmea de uma ave do género *Merula* dos naturalistas. Já em latim o usual é *merula*, embora a par haja às vezes *merulas*; foi por isso que os naturalistas escolheram *Merula*. Em mahego a par, porém, há *mélru — melrua*, como vimos. Outros epicenos: *andurinha*, f.; *murcéganu*, m.; *xilgueiru*, m. («pinta-silgo»); *cerrumiquili*, cast. *cernícalo*; *pinchon*, masculino, epiceno, é o nome de uma ave, em castelhano, também usado em S. Martín, onde se tornou alcunha: F. *Pichõ*; família *dus Pichõs*. A ela pertence uma mulher chamada *Nicolafa a Pichona*. (Ou com *ĩ?)*.

85. Supletivismo:

mairi — pairi; *djẽlru* (a par de *djenru) — nora.*

86. Os adjectivos analogamente aos substantivos: *mau — má*, *solu* (castelhanismo) — *sola*; figo *templanu* — figueira *templana*; *comilõ — cumilona* (cf. § 83); *parenti — parenta*; *quenti*, *alegri*, invariáveis.

Plural dos nomes (substantivos e adjectivos)

87. Os nomes acabados em vogal átona formam o plural como em português os nomes correspondentes: *peira — peiras*, *lobu — lobus*, *ómi — ómis*; *djubiu*, *djubia* «judeu», -ia.

88. Nomes acabados em vogal nasal:

As pessoas de 50 anos, *plus minus*, para cima, conservam a nasal; as pessoas de menos idade, suprimem-na. Num e noutro caso com *-s*:

tiθõ : *tiθõs*, *tiθós*;
carbõ : *carbõs*, *carbós*;
mã : *mãs*, *más*;
arrã : *arrãs*, *arrás*;
grã «grão» : *grãs*, *grás*;
jardĩ : *jardĩs*, *jardís*;
trẽ: *trẽs* (e *trés*?).

Cf. o que no § 38 se disse do -N- intervocálico. Parte dos exemplos são analógicos, pois, v. g., o lat. manus não podia dar directamente *mãs* no plural. O lat. -ANA- é tratado de modo semelhante no dialect. de Melgaço, *-á-*, *-ã-*: vid. *Opusculos*, II, 316. O mesmo acontece em galego, *-a*, *-an*: Diego, Gram. hist. gall., § 64. O desnasalamento nas três linguagens é moderno, como se vê da coexistência das formas nasaladas com as desnasaladas.

89. Em *pantalós* (de orig. hesp.) temos ideològicamente um dual.

90. Nomes acabados em -l:

Alimal-alimais, e *alimalis*; *cantal* (um «cantar»), *cantális*, e *cantàris* que assenta em *cantar*; *lugal*, *lugaris*, que assenta em *lugar*; *mandil-mandis*; *caracol-caracois*. *Ameais* nom de um sítio; creio que não se usa hoje o singular, que devia ser em *-al*.

O substantivo botânico *perrexil* usa-se só no singular, algo colectivamente: *mutu perrexil*. Cfr. em português: «houve *muito feijão*», e já em latim: *glande vesci*, em Madvig, *Grammat. latina*, trad. portug. do S.or Epiphanio Dias, § 50, *obs.* 3.

91. Nomes acabados em *-r*:

riar, de *rial*: *riais* e *rieis*.

92. Nomes em *-s*:

mes-meſis, *interés* (hespanholismo) *-interéſis*, *portugues-portugueſes*.

93. Nomes tónicos em *-u* (de *-uz*), *-á* (de *-az*), *-ó* (de *-oz*):

cru («cruz», — crudis, *lu* («luz») — ludis, *pá* («paz») — pádis, *bó* («voz») — bódis, *nó* («noz») — nódis.

Êstes plurais são vestígios de antigas fórmas **cruzis*, **pázis*, **nózis*, etc., correspondentes aos portugueses *cruzes*, etc.; pois *-z-* > *-d-* (§ 47).

*

94. O plural dos adjectivos forma-se semelhantemente ao dos substantivos: *nôbu-nobus*, *bò-bos*, *mau-maus*, *úti* «util», *-útis*, *igual-iguális* (é provável que também haja *-ais)*.

95. Parece que há tendência para suprimir em pausa o *-s* característico do plural, pois a algumas pessoas ouvi: *us fornú'*, *as cálhi'*, *algũas amiga'*, *algũs lugári'*, *tó'* (por *tós*), *bó'* (por *bós*), *má'* (por *más*), *tres carbõ'*, *duas perna'*, *dois cantári'* («dois cantaris»: oũvi a um rapaz), *mútu'*, *lobu* — *lubáti'* (= lubatis) num conto popular. Êste fenómeno devia ter sido notado melhor na Fonalogia (§ 42), porque não é característico do plural dos nomes, observei-o também em *andei'* (= andeis) na 2.ª pes. pl. do conjuntivo. É pois fenómeno fonético geral, e deve relacionar-se com pronúncia vulgar hespanhola. O meu amigo Santos Agero, por exemplo, suprime às vezes o *-s* em fala descuidada. — Cfr. também o que diz Krüger, *Westspan. Mundart.*, págs. 217 e 305 e seguintes.

Gradação dos adjectivos

96. Vid. o Folheto, § 37, onde porém se suprima *mulherona*.

97. Comparativos e superlativos: *tã fea*; *mui dulθi*, *mui fea*; *a mais maiol* (superlativo absoluto).

Aumento e deminuição nos nomes

98. Aumentativo: *θigarrõ*. Vale também por aumentativo *mulherona*, raro (1926), que significa «mulher grande», como em português (em hesp. *mujerona)*. É palavra à parte, derivada, não pròpriamente a flexão de *mulhel* — *mulher*.

99. Deminutivos em *-it-* (como em hespanhol e português): *almuθitu*, *buraquitu*, *dagalita* («rapariga»), *furniguita*

(«formiguita»), *paxaritu*, *perrita*, *ratunitu* («ratito»), *supita* («sopita» ou «sopinha»).

100. Em *θebulinhu* («hesp. cebollino), em portg. *cebolinho*, temos um antigo nome estereotipado, e não, como poderia parecer à primeira vista, um deminuitivo pròpriamente dito.

Nomes numerais

101. Vid. o Folheto, § 38, mas fazem-se aqui alguns melhoramentos.

102. Há *ũŋa* a par de *ũa* (cf. os Artigos). Outros numerais: *θincu*, *séti*, *oitu*, *θincuenta*, *θẽ*, *θentu*, *dudentus*, *tredentus*, *mir* «mil».

103. Ordinais: escreva-se no Folheto ibid., *-u* por *-o*.

104. Grupo de doze unidades: *údia* por **dúdia*, em portug. *dúzia* (substantivo).

Pronomes

a) Pessoais:

§ **105.**

	1.ª PESSOA	2.ª PESSOA	3.ª PESSOA
SINGULAR	*ei*, *me*, *m'* (1) *me* (acusativo) (2) *mi* tónico *mi atono* (3) *(migu)*	*tu* *te* *ti* tónico *(tigu)*	*el*, *er* *ela* *le*, *li* (10)
PLURAL	*nós* (4), *nuʃotrus* *nos*, *nus* (conforme há enfase ou não) *mos* (5), *mor* (6) *mus* (7) *mos* (acusativo) (8).	*bós* (9), *boʃotrus*, *busotrus* *bós*, *bus* (conforme há enfase ou não)	*elis* *elas* *le* (plural) u, a us, as

(1) «dá-m' issu».

(2) «*el me bi*» (êle me viu).

(3) «dá-mi pã».

(4) «*nós* stamus». Ouvi em flagrante. E «*nós* trabalhamus», «*bós* trabalhais». (As notas n.os 5, 6, 7. 8, 9 e 10, passaram para a página seguinte).

Fórmas reflexas: 3.ª pessoa do singular: *se*, *si* (tónico), *(sigu)*.

105 * *entre elaſ i elis* corresponde a «entre uns e outros».

106. Exemplos avulsos de pronomes átonos, colhidos no conto popular do Ti'Jerómìnu =: abrí-*mi* a porta; abrí-*m'a* porta; l'abri a porta; *le dixu*; iá *le* ábru; nũ *le* ábru; si qués que *le* abra; *me* bás; *mi* escapí; s' lebanti.

Existe muita oscilação, pois antes de vogal ora há *-e*, *-i*, ora ha supressão. O normal deve ser a supressão (§ 80); os outros casos dependerão de maior ou menor ênfase.

107. Ligação de pronomes pessoais à preposição *cõ*: Exemplos avulsos: *coimigu & cuimigu* = cu-i-migu (§ 75); *com nós, coi'nós* (§ 75), *cũ nusotrus, cõ nusotrus, cò busotrus, cõ bós, coner* («com êle»), *conela* «com ela». O *-n-* nestes dois últimos casos resulta de analogia com *cũ naquel*, «*conu* pau» (com o pau): vid. Pronomes demonstrativos e Artigos.

108. Ligação do pronome da 3.ª pessoas com o infinitivo. Tanto se pode escrever *bendê-las*, como *bendel-as*, porque, por um lado, há a consciência de que o infinitivo é *bendel*, por outro lado, quando em tempos antigos era sòmente *bender*, a ligação dava *bendellas*, a que corresponde *bendé-las*, como em português.

b) Pronomes demonstrativos:

---

(5) Em mirandês, etc., também há *mos*. — Vid. *Estudos de Philol. mir.* I, 354, onde expliquei o *m* por influência da terminação da 1.ª pessoa plural; mas depois de mim outros o explicaram, talvez com mais razão, por analogia com o de *me*: vid.: Pidal, *Manual.* § 94, 1, onde lembra paralelamente na 2.ª pessoa *tos* em Aragão e Ribagorza; Krüger, *Wertzpan. Mund.*, § n.º 211; Fink, p. 119.

(6) «bor dias mor dê Diós!» ou *mos* (com *o* acentuado) «el *mos* bi» (êle nos viu).

(7) «dá-mus pã»; «mus balga Diós!» (Tia Andréa) «bor dias *mus* dê Diós!».

(8) «elis mos bẽi» (em port.: «nos vêem».

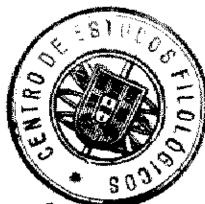
(9) «di tu, eidei *bós*» (dize tu, dizei vós). E vid. supra, a nota 4.

(10) «Dá-li pã».

§ **109.**

	MASCULINO	FEMININO	NEUTRO
1.ª pessoa:	*esti, estis*	*esta* } (¹)	*istu*
2.ª pessoa:	*essi, essis*	*essa* }	*issu*
3.ª pessoa:	*aquel (aquer) aquelis*	*aquela, aquelas,*	

por ex.: «*aquelis* omis».



110. *otru, otra.* Por castelhanismo.

111. *mismu* & *mirmu* (§ 78) & *mesmu* & *mermu* & *melmu* (§ 78) & *milmu.*

112. Ligação de preposições com pronomes demonstrativos:

nestu casa, nestis campus; naquela binha. Como em português.

cũ naquel, cũ naquela.

Nos dois casos houve propagação do *n* do artigo definido *(no)*, isto é, por analogia. Vid. adiante o § 125.

c) Pronomes indefinidos:

113. Pronomes adjectivos:

Masculinos:	Femininos:
tô «todo», *tós* «todos»	*toa, tóas*
tó que «todo o que»	*tóas mulheres*
tós ómis, tós us omis	
tós os omis	
algũ (argũ), algús, algũus	*algũa (algũŋa)*
algũus omis	*algũas*
ninhũ	*ninhũa (ninhũŋa)*
qualquel (qualquer...)	*qualquera*
quàsquer	*quàsqueras mulheres*
dambus i dois	*dambas i duas*
dambus; nós dambus.	

(¹) Não colhi exemplo de plural, mas entende-se que é em *-s.*

114. Sem distinção de género: *cá* «cada»; *cá ómi; cá mulher; cáũ* (ditongo). por *cá ũ*.

115. Pronomes substantivos: *tó* «tudo»; *ná* «nada», *ná d'issu; álgu (árgu)* «alguma coisa», como *algo* em português clássico; *alguẽ; nadi* «ninguém» (cf. hesp. *nadie*).

116. Ligação de *tó* com o artigo definido. Além de *tós os* ou *tós us*, indicada no § 113, também ouvi: *tolus θincu*, e num conto popular *tolus dias*. Cfr. o português arcaico *todollos (todolos)*.

117. Ligação de preposições com os pronomes indefinidos:

Preposição *ẽ:* estubi *nalguns lugaris*, nalgũas *cidáis* (cidades). Como em português.

Preposição *cõ:* estubi *conalgũs amigus, conalgũas amigas*, com o *n* de correspondentes fórmas do artigo indefinido (§ 126).

d) Pronomes relativos e interrogativos:

118. *que*, e antes de vogal, *qui* ou *q': u omi que chora, qui anda, q' anda.*

qual? qual é? qual é o dagal?

quẽ (em pausa); *quĩ ê? (quĩ ŋ é?).*

qué! que coiʃa? q' andas fendo? qui éu (= é u) *qué qués?*

e) Pronomes possessivos:

119. *mei, minha; tei, tua; sei, sua; nossu, -a, bossu, -a.* Cf. adiante o § 129, *b*.

Artigos:

120. Conquanto na origem o artigo definido seja pronome demonstrativo, e o indefinido seja nome numeral, tratam-se aqui àparte.

a) Artigo definido:

121. *u (ó)*, us *(ós)*, a (á), as (ás).
Acêrca de *tolus* «todos os». vid. o § 116.

b) Artigo indefinido:

122. *ũ, ũs; ũa, ũas* (ũŋa, ũas, ũŋas). A fórma com ŋ silába-se: *ũ-ŋa* (se bem observei).

Ligação de preposições com os artigos:

123. Preposição *a*: *áu campu*, *ó campu*, *ós campus*, *áũ campu*, *á binha*, *ás binhas* (1), *áũa binha*, com o ditongo *áũ*.

124. Preposição *de*: *du (do)*, *da*, *dũ*, *dũa* (dũŋa): *benhu du campu*.

125. Preposição *pur* ou *por*: *pr'u caminhu*. De per?

126. Preposição *ẽ*: *énu* (eno), *éna*, *na*; *énus* (enos), *enas*, *enũa* «numa». Cfr. Fink., pág. 53. Por exemplo: *eno fornu*, *na calhi*, *enas calhis*. — A fórma *na* (e de-certo há também *nu*) continúa a correspondente fórma portuguesa, já muitas vezes explicada; em *enu*, *ena*, etc., devemos ver, não fórmas arcaicas, mas adjunção pleonástica da preposição *ẽ* (como em *contigo* etc., onde *con-* já está representado em *-co*), a qual se desnasalou antes da segunda consoante nasal. — Mas também ouvi, analìticamente: *ẽ u campu*, *ẽ a cálhi*.

127. Preposição *cõ*: *conu*, *cona*, sem acento, por serem expressões proclíticas: *conu pau*, *cona mã*, *conus paus*, *conas mãs*, *cunas más*, *cunurdeus* «com os dedos», *conordeus*, idem. Temos aqui um arcaismo português: *cono*, *cona*, etc., por *com lo*, *com la*. Vid. *Elucidário* do P.e Viterbo, s. v., e J. J. Nunes, *Gramat. hist.*, 2.a ed., pp. 264-265. E *conũa*, *cõnũŋa*. O *n* das fórmas *conu*, *cona* propagou-se ao artigo indefinido: *conũ* amigu, *conũs* amigus, *conua* amiga (por *conũa*), *cunuas* amigas (por *conũas* ou *cunũas*), e também aos pronomes demonstrativos: *cũ naquel*, etc. (§ 112). O *n* do antigo indefinido propagou-se aos pronomes indefinidos (§ 117). Com as fórmas complexas que ficam indicadas coexistem fórmas analíticas: *cuas mãs*, *còrdeus* («com os dedos»). E também se diz do mesmo modo: *boi cõ u libru na mão*; *boi cõ a mulher*.

CONJUGAÇÃO

Algumas observações introdutórias

128. As conjugações são três: em *-al* *-el*, *-il*, por *-ar*, *-er*, *-ir*.

---

(1) Note-se que o artigo *u*, *a* toma enfàticamente as fórmas *ó*, *á* (cf. § 1): por isso podem não distinguir-se estas fórmas d'aquelas em que há a adjunção da preposição *a*.

129. Particularidades do perfeito:

a) Nas 2.as pessoas do perfeito ouve-se freqüentemente em S. Martin *-atis*, *-etis*, *-itis*, a par de *-astis*, *-estis*, *-istis*, como se pode ver nos paradigmas e na lista alfabética. Por exemplo: tu *bístis* & tu *bítis*, bós *bístis* & bós *bítis*.

O primeiro fenómeno que se nota aqui é *-s* na 2.ª pessoa do singular. Êste *-s* também existe na linguagem popular de Portugal, onde o expliquei algures, e já há muitos anos, por analogia com o *-s* de todos os outros tempos: o pretérito é o único tempo onde a linguagem literária não tem *-s* no singular (1). A mesma explicação se aplica ao samartinhego.
O segundo fenómeno, ou supressão do *-s-*, resultou manifestamente de dissimilação: *-st's-* > *-ts-*.

b) Para explicação do pronome *ei* (§ 105) e do ditongo *ei* dos pronomes possessivos *mei*, *tei*, *sei* (§ 119), adoptou o S.or Fink, pp. 118-119, a explicação que eu dera de fenómenos análogos da linguagem popular de Portugal na *Rev. Lusit.*, IV, 26-27, lugar que êle cita. O S.or Krüger generalizou esta explicação, aplicando-a à da terminação *-ei* do pretérito, 3.ª pessoa, da conjugação II (§ 134): vid *Zs. f. rom. Philol.*, LII, 504.

c) Na 3.ª pessoa do plural dos verbos em *-ar* apresenta o samartinhego a terminação *-órĩ*, segundo consta do paradigma e da lista alfabética. Esta fórma, que eu notei a primeira vez no meu Folheto de 1927, p. 9 (ou RL, XXVI, 253), ouviu-a também o S.or Fink não só em San Martin, mas noutros lugares da região da Serra de Gata: vid. o seu livro, pp. 123-124, onde a transcreve por *-óriŋ*, e a reduz à lionesa *-óren*, de que trataram Pidal e Krüger em obras que igualmente cita.

---

(1) Em português a linguagem literária tem: tu *amaste*, vós *amastes*. Quanto à primeira fórma, já vimos que o povo dirá tu *amastes*. Acrescento que no plural diz vós *amasteis*, não tanto para distinguir a 2.ª pessoa do plural da do singular, como por analogia com a 2.ª pessoa do plural de todos os outros pretéritos: vós *amáveis*, vós *amáreis*, vós *amásseis*. Por isso vós *amásteis*.

130. Auxiliares que entram na formação dos tempos compostos:

Umas vezes *tel*, outras, mais freqüentemente, *abél*, por exemplo: *tinha feitu*, a par de *abia feitu*; *tenhu píu*, a par de *he píu* «pedi». Mas: *he traíu*, *has séidu* «saíste», *nũ le abia séidu nóbiu* (num conto popular), «não lhe tinha ou havia saído noivo»; *tu me has enganau* (num conto popular), *abél salbau* «ter salvado», *abél arreculhíu* «ter recolhido». O normal em português é *ter*, mas também se usa *haver*; o usual em hespanhol é *haber*, que influe no samartinhego: por isso a fórma *abél* leva de vencida *tel* «ter».

131. Faltam exemplos de infinitivo pessoal.

O infinitivo pessoal é, como se sabe, uma especialidade do português (no que o acompanha o galego). Em samartinhego não encontrei exemplos d'ẻle. Pelo contrário, colhi exemplos onde êle, se existisse, devia aparecer, como: «num era natural *elis dir alá*», «num era natural *dir no/otrus* alá», «pa *fel* no/otrus istu, é mistel tempu», «estar no/otrus», «*elis* ... pa *bĩbel* ali». Num apodo: «te farta *ũ* cornu pa *sel* condenau» (falta-te um corno para seres diabo). — Devo, porém, acrescentar que o português às vezes oscila no emprêgo do infinitivo pessoal e impessoal. Cf. Epiphanio Dias, *Syst. hist.*, § 315.

132. De vestígios de conjugação arcaica em *-er* fala-se nos §§ 157 e 161 (verbos *quel* e *sel*). — As fórmas que vão indicadas com adjunção da palavra *Carlota* ouvi-as a uma rapariga assim chamada, de 23 anos, natural de S. Martin, e com quem falei em Lisboa em 1932, a qual sabia o samartinhego, mas com algumas falhas e incertezas de memória.

Paradigmas das três conjugações.

Conjugação I, em *-al*:

133. Indicativo: presente: *labu*, *labas*, *laba*, *labamus*, *labais* (1), *lábã*; imperfeito: *lababa*, *lababas*, *lababa*, *labába-*

---

(1) A várias pessoas do povo ouvi na 2.ª pess. do pl. *-eis* a par de *-ais*: *andeis*, *andais*, embora na 1.ª dissessem *-amus*.

mus, *labábeis* [1], *labábã*; perfeito: *làbí* [2], *labastis* & *labátis*, *labamus*, *labastis* & *labátis*, *labõrim*; mais-que-perfeito: *labára*, *labáras*, *labára*, *labáramus*, *labáris*, *labárã*; futuro: *labaré*, *labarás*, *labará*, *labaremus*, *labareis*, *labarám*.

CONDICIONAL: *labaria*, *labaria*, *labaria*, *labaríamus*, *labarieis* [3], *labariã*.

CONJUNTIVO: presente: *[lábi]* [4], *[lábis]*, *lábi*, *labemus*, *labeis*, *lábĩ*. Carlota diz, no futuro, *si ei labal*, *si tu labáris*, *si el labal*, talvez com esfôrço, porque ao mesmo tempo, ora substituía êste tempo pelo presente do indicativo, e pelo mais-que-perfeito, ora pelo imperfeito do conjuntivo. Vê-se que lhe era difícil aqui a conjugação. Em San Martin não tive ensejo de colhêr exemplos.

IMPERATIVO: *laba*, *labai*. Na 2.ª pessoa do plural é freqüente em San Martin *-ei*, por exemplo: *andei* «andai», *montei* «montai», e até num conto popular se diz *montei bós*. Podem estas fórmas assentar em *-eis*, que indiquei supra, p. 196, nota 1, se é que não há também influência do conjuntivo *-eis*, pois êste deve empregar-se em imperativo negativo: *nõ monteis*; e por isso talvez afirmativamente *montei*.

INFINITIVO: *labal*.

GERÚNDIO: *labandu*.

PARTICÍPIOS: masc. *labau* (§ 39), fem. *labá* (§ 39 e nota).

Conjugação II, em *-el*:

134. INDICATIVO: presente: *debu*, *debis*, *débi*, *debemus*, *debeis*, *débĩ*; imperfeito: *debia*, *debias*, *debia*, *debíamos*, *debieis* [5], *debiã*; perfeito: *debí*, *debestes* & *debetis*, *debei*, *debemus*, *debestis* & *debétis*, *debérã*; mais-que-perfeito: *debéra*, *-as*, *-a*, *debéramus*, *debereis* [5], *debérã*; futuro: *dèbèré*, *deberás*, *dèbèrá*, *dèbèrémus*, *dèbèreis*, *bèbèrám*.

---

(1) Na linguagem de Carlota.

(2) Assim, ouvi, mas *cantí*. No verbo *lebar* ouvi a vários indivíduos, no pretérito da 1.ª pessoa, *libí* (com assimilação).

(3) Esta fórma só a ouvi a Carlota. Não tive ocasião de consultar outros indivíduos.

(4) Entre colchetes, aqui, e noutros casos, ponho uma fórma teórica, isto é, que não tive ocasião de ouvir.

(5) Na linguagem da Carlota.

Condicional: *deberia, -as, -a, deberíamus, deberieis* ([1]), *deberiã.*

Conjuntivo: presente: *deba, -as, -a, debámus, debais, débã*; imperfeito: *debessi, -is, -i, debëssemus, debéssis, debéssĩ.*

Imperativo: *méti, metei.*

Infinitivo: *debel.*

Gerúndio: *metendu.*

Particípios: *mitíu* (com assimilação), *arreculhíu*, masc.; *mitia*, fem.

Conjugação III, em *-il:*

135. Indicativo: presente: *partu, pártis, párti, partimus, partís, pártĩ*; perfeito: *partí, partistis & partitis, partí* (igualmente: *s'aburrí*, de *aburrir*, port. ant. *aborrir*, hesp. aborrir), *partimus, partistis & partitis, partírã.*

Imperativo: sing. *párti*, pl. *partil* ([2]).

Gerúndio: *partindu.*

Particípios: masc. *partíu*; fem. *partia.*

Lista alfabética de varios verbos (pela maior parte verbos chamados «irregulares»):

136. abel «haver»: *he-di* (1.ª pessoa) ([1]), *has-di, [ha-di]*, impessoal *hai* «ha», *emor-dil* «hemos (de) ir», *heis, hã-dil*; *abia, -as, -a, abíamus, abíeis* ([1]), *abiã*; *húbu* ou *úbu* (3.ª pessoa do pretérito), *ubimus*; futuro: *aberá* ou *abrá*; condicional: *aberia.* — Cf. o Folheto, § 41, *b.*

137. andal: Folheto, *ibidem.*

138. balel: Folheto, *ibidem.*

139. bél «ver»: *ei beu* «vejo», *tu bés, el bé, nós bémus, bós beis, elis béĩ* (ditongo); *bi, bistis & bitis, bi, bimus, bistis & bitis, bírã*; *beré, berás, berá*, etc.; conjuntivo presente: *ei ó béa* («eu o veja», *nós beámus, bós beais, elis béã* ([3]).

([1]) Na linguagem de Carlota.

([2]) Assim diz Carlota, e m'o confirmou outra pessoa de San Martin, muito conhecedora do dialecto, a qual consultei por carta. Emprêgo do infinitivo com sentido de imperativo; ao mesmo tempo, se tivesse de se dizer *partí* evita-se confusão com a 1.ª pessoa do pretérito perfeito.

([3]) Tôdas estas fórmas de *bél*, na linguagem de Carlota.

140. bil «vir»: *ei binhu* (1), *tu bés* (2), *el béiu*, *nós bimus*, *bós bindis*, *elis benĩ* (com *n*); *binha*, *binhas*, *binha*, *bínhamus*, *bínheis*, *binhã*; *bínhi* (3), *binhetis*, *binhu*, *binhemus*, *binhestis*, *binhérã*; *bendré*, *bendrás*, etc. (4); *ei benha*, *tu benhas*, *el benha* (complete-se com o m.-q.-p.: *binheramus*, *binhereis*, *binhérã*, como lá ouvi); *ei binhessi*, *-is*, *-i*, *-éssimus*, *-éssis*, *essĩ*. Fórmas que colhi lá em 1929.

141. *bolbel. Não encontrei esta fórma, sòmente a composta: *embolbel*, *rebolbel*. Certamente conjugação regular.

142. cabel «caber». No Folheto, § 41, *b*, lê-se por êrro *ei queipo*, em vez de *ei quépo* ou *quépu*. Mas o que colhi em 1929 foi o seguinte: pres.: *cabu*, *cábis*, *cábi*, *cabemus*, *cabeis*, *cábĩ*. Carlota no pretér. conjuga: *cabí*, *cabestis* & *cabétis*, *cúpu*, *cabemus*, *cabestis*, *cabérã*, onde só a 3.ª pess. sing. é o hesp. *cupo*, sendo analógicas as outras; conj.: *caba*, *-s*, *-a*, *cabamus*, *ais*, *-ã*.

143. dal. Substitua-se o que no Folheto, § 41, *b*, estiver em contrário, com o seguinte, na linguagem de Carlota: pres. do indic.: *dó*, *dás*, *dá*, *damus*, *dais*, *dã*; pret.: *di*, *destis* & *détis*, *dó*, *demus*, *destis* & *detis*, *dórĩ*; conjunt. pres.: *dé*, *dés*, *dé*, *démus*, *deis*, *dẽi*.

144. dil «ir». Vid. Folheto, § 41, *b*. Acrescente-se: imperf.: *diba*, *dibas*, etc., *dibã*; m. q. perf.: *fora*, *foras*, etc.; conjuntivo (Carlota): *fossi*, *-is*, *-i*, *fóssimus*, *fóssis*, *fossĩ*; participio: *diu* «ido»; infinito: *dil*, com aglutinação da preposição *de*, numa frase como a portuguesa *hei-d'ir*.

145. duel «doer». Carlota dizia: «aiel me *duei* mutu a cabeθa» = ontem doeu-me muito a cabeça; no presente do indic. *doi*, no imperf. *duía*. Cf. o verbo *muel*.

146. eidel «dizer». Indic. presente: *digu*, *didis*, *di*, *eidemus*, *eideis*, *dídĩ* & *dĩ* (que ouvi em flagrante mais de uma vez, a par de *dídĩ*); perfeito, como no Folheto, só se emende

---

(1) Como em português *venho*, com influência do *i* das fórmas rizotónicas.

(2) Vid. o § 88; e cf. galego *ves*. — Tanto na mencionada fórma verbal, como no § 88, temos fundamentalmente um fenómeno fonético, que dá origem a fenómenos morfológicos. Êle devia ter sido assinalado na Fonologia.

(3) Cf. *vinheste* em dialectas de Portugal (*Esquisse*, p. 141): de *veniasti.

(4) Cf. hespanhol *vendré*, etc.

dixo em *dixu*; m. q. perfeito: *dixera*, *-as*, *-a*, *-éramus*, *-éreis*, *dixérã*; imperf.: *eidia*, *eidiã* & *deiã* (num conto popular que colhi em 1924); infinitivo: *eidel* (de edicere > **eizer?*).

147. estal «estar». Folheto, § 41, *b*. Carlota dizia: *stó*, *stás*, *stamus*, *stais*, *stã*, *staba*, etc.; no perf., 2.ª pess. sing. *stubestis*, que deve ser talvez preferível à que vem no Folheto; no conjunt. ouvi em S. Martin: *esté*, *estés*, *estemus*, *estẽ*, e Carlota também assim dizia, excepto no comêço, onde punha *st-*; imperfeito: *estaba*.

148. fel «fazer». Indic. pres.: *fáiu* ou *fáyu* (= *fá-yu*), *fais*, *fai*, *féimus* ou *femus*, *féis*, *fãi* (*ai* nasal). A respeito da 2.ª pess. plural, ouvi em Samartinhego «*féis* bós, quandu sõ mutus». Imperf.: *féia*. Perf., como no Folheto, § 41, *b*, mas lêde *fidu* «fez». Cf. hesp. *hizo*. Futuro: *fairé* (que ouvi, por exemplo, em flagrante, num conto popular), *fairás*, *fairá*, *fairemus*, *faireis*, *fairã* (= *fairám*). Mais-que-perfeito: *fidera*. Conjuntivo presente: *fáia*, *faiámus*; na 3.ª pess. plur. *fãi* & *fáiã*. Infinitivo: *fel*, de **fael* (§ 40), **fadel* (§ 47).

149. lel «ler». Indic. pres.: *ei leu*, *tu lés*, *el lé*, *nó'lemus*, *bó'leis*, *elis léĩ* (= *éi* nasal); perf.: *li*, *lemus*, *lérã*; conj.: *lea*, *leámus*.

150. mil «medir». Folheto, § 41, *b*. — Infinito *mil*, de **mi(d)il*, por **midir* (assimilação em *medir*: cf. *pil*, infra).

151. muel «moer»: «u munhu *mói*», no plural *mõi* (= *ói* nasal). Cf. o verbo *duel*.

152. murrel «morrer». Indic. pres.: *ei mórru*; perf.: *ei murri*, *el murrei*, *elis murrérã*. E vid. o Folheto, § 41, *b*.

153. oibil «ouvir». Indic. *oibu*, etc.: vid. Folheto, § 41, *b*; conjunt.: *oiba*, *oibamus*.

154. pil «pedir». Pres. indic.: *ei piu* (monosil.), *pis*, *pi*, *pimus*, *pis*, *pĩ*; perfeito: *pi*, *pistis* & *pitis*, *pimus*, *pistis*, *pírã*; indefinido: *tenhu piu* & *he piu*; imperf.: *píamus*, *píeis*, *piã*; conjuntivo: *pia*, etc., *piámus*, *piã*; infinit.: *pil*, que assenta com *pidir* (portug. arc.), isto é: *pi(d)il*, com *-l* por *-r*; part.: *piu*. E cf. Folheto, § 41, *b*.

155. puel «poder». Indic. pres.: *ei poio*, *póis*, *pós*, *nós puémus*, *pueis*, *póĩ* (dit.), plural natural de *pói*; imperf.: *puía*, *puías*; perf.: *pui*, *puestis*, *pu* — de *pu(d)u* — *puemus*, *puestis*, *puérã*; fut.: *poiré*, *poirás*, *poirá*, *poiremus*, *poireis*, *poirám* (= *ã*); conjunt.: *ei póia*; imperf.: *puéssi*; infinit.: *puel*, de *po(d)er* (como em português).

156. punhel «pôr». Indic. pres.: vid. Folheto, § 41, *b*,

mas mude-se *-o* átono em *-u*: *ponhu*, *punhemus*, etc.; imperf.: *punhia*, *-as*, *-a*, *punhiamus*, *punhieis*, *punhiã*; perf.: *púji*, *pujestis* & *pujetis*, *puju*, *pujemus*, *pujetis*, *pujérã* (cf. port. arc. *púgi*, *púsi*); m. q. perf.: *pujérã*, etc.; fut.: *pondré*, *pondrás*, *pondrá*, *pondremus*, *pondreis*, *pondrám* (*ã* tónico), como em hesp. (*pondré*, *pondrás*, etc.); infinit.: *punhel*, que assenta em *ponhu* = port. *ponho*; do mesmo modo *punhia*, etc. Também em galego *poñer*, *poñemos*.

157. quel «cair». Indic. pres.: *cáiu* ou *cáyu*, *ei me cáiu*, *ei me cái' abaixu*, *tu te cáis*, *el sê cái*, *nós mus queimus*, *bós bus quéis*, *elis se cãĩ* (*ái* nasal); pret.: *aiel* («ontem») *me quéi*, *tu te queistis* & *queitis* (1), *el se quéi*, *nós mus quéimus*, *bós bus queitis*, *elis se quéirã*; conjunt.: *cáia*, *cáias*, etc.; infinit.: *quel*, que corresponde ao portug. arc. *caer*, dando-se o caso de também em hesp. mod. haver *caer*, mas as flexões samartinhegas seguem as portuguesas; gerúndio: *quéndu*, por exemplo, em *ir quendu* «ir caindo»; particípio: *caíu*, correspondente ao portug. *cai(d)o*.

158. querel «querer». Folheto, § 41, *b*, mas no presente emende-se *o* átono em *u*, e no perfeito emende-se a 2.ª pess. do sing. e a do plur. em *quijestis*, e bem assim *quijo* em *-u*, e *quijemos* em *-us*.

159. repetil «repetir». Indic. pres.: *repitu*, *repitis*, *repiti*, *repitimus*, *repitis*, *repitĩ*; infinit.: *repitil*, de *repetir*, com assimilação de *e* a *i*: cf. *mil* e *pil*. Êste verbo é de origem culta, e a sua flexão no presente é inteiramente regular.

160. sabel «saber». Indic. pres.: vid. Folheto, § 41, *b*, apenas se mude *sé* (indic. pres.) em *só* «sei», e *-os* em *-us*; perf.: *súpi*, *supisti*, *súpu*, *supemus*, *supestis*, *supérã*; conjunt.: *sepa*.

161. sel «sair». Indic. pres.: *ei saiu* (= *sa-yu*), *tu sáis*, *sái*, *seímus*, *bós séis*, *elis sãĩ* (dit. nasal: *sáĩ*); imperf.: *séia*, *séias*, *séia*, *séiamus*, *séieis*, *séiã*; perf.: *ei séi*, *tu séistis* & *sétis* & *has séidu*, *eli séi*, *nós séimus*, *bós seistis* & *séitis*, *elis séirã*; infinitivo **sel**, que assenta em **saer*, pela seguinte analogia: *sel* para *sái*, como *quel* para *cái*; os verbos são também ideològicamente aparentados; particípio: *séidu*.

162. sel «ser». Vid. Folheto, § 41, *b*. Acrescente-se: conj. pres.: *sea*, *seas*, *sea*, *seámus*, *seais*, *seã*; particípio: *síu* «sido».

---

(1) Esta fórma ouvi-a a pessoa idosa.

163. serbil «servir». Pres. do indicat.: *ei silbu, tu silbis, el silbi, nós silbimus, bós silbis, elis silbĩ* & *sirbĩ*.

164. tel «ter». Folheto, § 41, *b*. Mude-se *o* átono em *u*, e acrescente-se: m. q. perf.: *tubera*; imperat. 2.ª pess. do sin.: *tẽ*.

165. trel «trazer». Folheto, § 41, *b*, onde deve mudar-se *o* átono em *u*: *tráyu*, etc. Quanto ao pretérito, sem ter em Lisboa elementos para regeitar as fórmas dêsse tempo, antes tendo-as por exactas, devo acrescentar que ouvi em S. Martin na rua, em flagrante: *troixiti'* por «trouxeste». No m. q. perf. temos *truxera*, que corresponde, quanto à vogal, ao *trujetis* do Folheto. Talvez *troixiti'* fôsse mal observado, e esteja por *troixeti'*: *oi* não faz dificuldade, porque também em dialectos de Portugal há *troixe* a par de *truixe*: vid. *Esquisse*, p. 141. Em *troixisti'* ou *troixiti'* caiu o *-s* (§ 95). Infinitivo: *trel*, de *traer*, representado por fórmas análogas em portug. arc., em galego, e em hespanhol.

166. unhil «jungir». Indic. pres.: *unhu, unhis, únhi, unhimus, unhis*; pret.: *unhí, unhistis, unhí, unhimus, unhistis*; imperf.: *unhia, -as, -a, unhíamus, -íeis, -iã*; gerúndio: *unhindu*; infinitivo: *unhil*, que corresponde ao hesp. ant. *uñir*, de igual significação. O verbo nas fórmas indicadas é regular, e será assim em tôda a conjugação: cf. Folheto, § 41, *b*.

C) Partículas e interjeições

Advérbios

167. Ha advérbios simples: de modo, lugar e tempo; advérbios interrogativos; e há advérbios compostos, e locuções adverbiais.

a) Vid. Folheto, § 42, *a*. Suprima-se *mu*, e acrescentem-se os seguintes: *iá* a par de *yá* (como em hespanhol), *si senhol! ná!* («nada»), *assina* a par de *assim* numa expressão como «issu nũ stá *assina* bẽ...» (1); *máis* a par de *más*; *mui* a par de *mutu*, aquele em próclise, êste em pausa: *mui bẽ, mui quente, peira mui arta* («pedra mui alta»), *nós trabalhamus*

(1) Cf. hesp. antiquado e dialectal *asina*, em Pidal, *Manual*, § 128, n.º 4, e o mirandês *alhina* e *aquina*, que êle também cita; cf. *Estudos de Philol. mir.*, I, 448.

mutu; caji (Folheto, § 15) a par de *quaji, quaiji, quafi; só* «sòmente» (§§ 36 e 86), a par de *solamenti* (Folheto, § 42, *a*); *meiu* (por exemplo: «língua *meiu* portugue/a»).

b) *londji, aianti* «adiante», por exemplo, num conto: *pur ũ camĩnhu aianti; aiantri*, por exemplo, noutro conto: *foi mais aiantri*; creio que ouvi *dispuis*, nesta expressão: *anus dispuis*, mas *dispois* (já no Folheto, § 42, *c*) é positivo. Certos advérbios locativos nasceram de preposições empregadas absolutamente, e outras funcionam como de tempo.

c) *entonθis* «então»; *ayél* (=*a-yel*) a par de *ayer* ou *aier* «ontem»; *ayer noiti* a par de *aier noiti* (no Folheto, § 42, *c*, *aier noite*, com *-e* por equívoco) «ontem à noite), em hespanhol *anoche; dispois, endispois* ou *ẽ dispois; ós pois, pois, apois*, «depois»; *inda*. O adv. *mentris*, indicado no Folheto, § 42, *c*, como de tempo, é melhor considerá-lo conjunção.

d) *òndi bás? aondi bás? adondi bás?* e também *undi bás?* por ser proclítico (§ 76); *dende quandu?* («desde quando»).

e) *pa lá du riu* «para lá do rio»; *endentru, d'adentru* ligado com *d'afora* no § 39.

f) Expressões adverbiais: *poicu a poicu*, que ouvi em flagrante num conto; «baxórĩ *córri que te córri* pula scaleira a baixu», como em hesp.: *corre que te corre*. Em português clássico seria: a qual mais presto.

168. Deminutivo: *cirquita*, por exemplo: «se fora *cirquita*»; «é *cirquita*», correspondentemente ao hesp. *cerquita* ou *muy cerca*.

Preposições

169. Vid. Folheto, § 43. Junte-se o seguinte: *cõ* ligado com pronomes e artigos: vid. Flexões; *deiantri de ó omi* «diante do homem»; *dende* «desde» (vid. por ex. o § 167, *d*); *dispois de; ẽ* «em», e em ligação com o artigo, § 125; *endentrn de ũa cafa; pa* «para», por ex. em: *nũ báli pa ná!* («não vale para nada»); a par de *pòr* enfático há simples *pur* (cf. § 169, *b*);

sĩ «sem». A preposição arcaica *so* conserva-se na toponímia: *Somonte* (= *Sumonte*), nome de um sítio que fica na encosta de um monte (ao pé de S. Martin), onde estive em 1931. (*Somonte* = *so-monte* ou *so o monte*; não summo monte, o que naquele sítio não fazia sentido. Temos em Portugal paralelos em barda: cf. os meus *Opusc.*, III, 450 e sgs.).

Conjunções

170. Vid. Folheto, § 44. Junte-se o seguinte: «*asta que encontremus*»; *mentras* e *mentris* «em quanto»; *ni* «nem».

Interjeições

171. Há muitas espécies (cf. Folheto, § 45):

a) para se chamar por alguém: *òlá! aguarda! eh Franciscu! eh dagal, bẽ acá!*

b) para se pedir socôrro: *acuí acá! acuil bedinhus!* «acudi, vizinhos» (quanto a *acuil* «acudir» vid. nota 2 ao § 135).

c) para se exprimirem sentimentos: *ah! ui! ói Diós mei!*

d) para se indicar despedida: *aiós* = hesp. *adiós*. Quási pertence aqui *asta logu*, que foi indicado no Folheto, § 42.

172. Em meio de uma narrativa ou conversa ouve-se às vezes a palavra hespanhola *buenu!* que ou indica estranheza ou uma espécie de negação ou objecção levemente irónica, e às vezes mera ligação: cf. no Alentejo *bõ!* que se ouve a cada passo na bôca dos aldeãos. Também em manhego se diz interjectivamente: *mairi q'ria!* («mãi querida»), não sei bem em que sentido, talvez como pedido de auxílio ou indicação de aflição: cf. em Portugal *ai mãi!*

173. Relação do homem com os animais:

a) Para chamar os *cuchinus* «porcos»:
kẽna kẽna... (com *ẽ* fechado);
guárru... *guárru*... e *gôri*... *gôri*...

b) Para chamar as galinhas:
pita... pita... (1);
piru... piru...

c) Para os gatos:
môxi... môxi...;
môxininu... môxininu...;
bs... bs... (em voz baixa).

d) Para os cães:
pass'... pass' (aos cães pequenos);
tóba... tóba...;
pérru... pérru...

e) Para fazer parar um cavalo, um burro, etc.:
xó! (não com *ch*);
xó! burru!...;
e um «click» especial;
também a par de *xó* se diz «*só!*»

N. B. — Tôdas as interjeições enumeradas neste § 173, excepto «*só!*», as colhi em 1929. A interjeição «*só!*» ouvia-a em 1931. — Em português há muitas semelhantes, como consta dos meus opúsculos dialectológicos.

D) Formação de palavras

174. Vid. Folheto, §§ 46-49, mas substitua-se o § 47 pelo que foi dito supra, p. 166, nota 1, e emende-se o *-o* de *murcégano* em *-u*. Infelizmente pouco posso agora acrescentar.

175. Ao que nos §§ 98-99 se disse do aumento e deminuïção junte-se *cantarinha*, com o sufixo *-inha*, nome estereotipado de uma vasilha. Na origem deminutivo vivo. Em hesp. *cantarillo*. — O aumentativo de *cantarinha* é *cantarinha grande*, e o deminutivo é *cantarinhita*.

176. Num conto popular diz-se *cabra-cabratis*, *lobu-lubatis* por «cabra» e «lobo». Formações graciosas, a que talvez se quis dar feição de latinório. Cf. em português,

(1) Em português *pita* é «galinha». Em manhego certamente o é também.

em contos populares: *cabra-cabrês*, *pato-patúm* [1], também nomes de animais.

177. Num *aberto* ou adivinha: *tintī-tintáina*, *grabatī-grabatáina*. Talvez *tintī-tintaina*, que são partes de uma balança, imitem sons metálicos (onomatopeia), porque *tintī* é uma lingueta que entra na *tintaina*, *garabatī* é o gancho de cima (do hesp. *garabato* «gancho»); *garabatáina* tem o sufixo *-áina*, que também existe em português na palavra *landráina*, nos meus *Opusculos*, I, 435. Há aqui terminações artificiais, gradação de sons, e rima da primeira parte com a segunda.

177*. Num conto popular, em rima: *lagartura* por *lagarteira*, hesp. *largartera*, «buraco onde se esconde o lagarto».

178. Também em contos populares: *gulusinha* (cf. § 175) e *gulusina*. Cf. hesp. *guloso*, *-a*.

179. *Cerrumíquili*, no sentido de «bebado», palavra formada graciosamente da hespanhola *cernícalo*, que designa uma ave de rapina. Figura num artigo satírico intitulado «Cerrumíquilis sin alas», que apareceu num jornal de S. Martin, intitulado *La Chocolatera*, não impresso, mas manuscrito, pelo sistema de copiador (em hespanhol).

180. Vários sufixos:

-ada em *tamburada*, tocadela de tambor;
-ista em *cantista*, falando de galinaceos;
-ucha em *quimerucha*, de *quimera*.

181. Prefixo *em-* em *empreθipiar* «principiar», por **em-principiar*, com supressão da nasal antes da sibilante.

E) Sintaxe e estilo

182. Conquanto o que vai dizer-se exceda um pouco o que saíu no Folheto, §§ 50-52, não será ainda muito, porque para isso tornar-se-ia necessário repetir aqui grande parte da sintaxe portuguesa, e também recorrer freqüente-

---

(1) Apud Silva Correia, *A rima e a sua acção linguist.*, 1930, II, 37.

mente à sintaxe hespanhola. Além disso já vai algo apontado no estudo das Flexões.

Concordância:

183. Numa carta familiar que me foi escrita em manhego: «minha família le *saluan*». Noutra: «minha *família toa* («tôda») le *saluan*». O colectivo levou o verbo ao plural. Em português não há exemplos como êste, mas outros semelhantes: cf. a *Syntaxe hist.* do S.or Epiphanio Dias, § 17, *c.* Num conto popular: *dérã bódis toà djenti i dixérã* («deram vozes tôda a gente»).

184. Curioso exemplo de concordância (atracção) num conto popular:

— Que tempu *fáis* que stás aqui?
— Iá *fáiu* o menus dezaoitu anus.

Emprêgo de *fais* e *fáiu* por *fai*, de *fel* «fazer»; em hesp. *hace*, mas em portug. «há».

Substantivo no singular:

185. «Nũ ténĩ mais que *cereija*», por *cereijas*. Cf. supra, § 90.

Maior equivalente a *grande:*

186. Num conto: *a mais maiol*, por *a mais grande*. O mesmo acontece na linguagem popular de Portugal.

Pronomes:

187. Não há dúvida que se diz no plural *nós* e *bós* a par de *no/otrus* e *bo/otrus* como sujeito de verbos: *nós trabalhamu'* (cf. § 95), *nós trabalhamu' mutu;* e dirigindo-se um indivíduo a muitos: *bós quereis almudal?* («almoçar»); *bós quéis dil á calhi tós?* («vós quereis ir à rua todos?», exemplo que, entre outros, colhi em flagrante). As fórmas *nós* e *bós* são as nativas, as outras são castelhanismos. — N. B. Se não me equivóco, junte-se *queis* ao § 158 (como plural de *quês*).

188. Vimos na Lista dos verbos exemplos vários de emprêgo de pronome reflexo, mais como fórma de que como

sentido: *se morrei el* «êle morreu» (cf. Folheto, § 52); *se quéi* «caiu»; *m' bó* «vou-me» [1]; *se séi* «saiu»; *se bolbei* «voltou»; *i se comei a galinha* «comeu a galinha» (num conto).

Há reciprocidade neste exemplo de outro conto: «i as mondjas *s'eidiã ũas á otras*».

I s'encontró binti pesetas por «encontrou», um pouco como a voz média do grego, também num conto.

Artigos:

189. Nome próprio sem artigo: «*Ti' Jeróminu* estaba nu munhu» (num conto popular). Em português seria: o *Ti' Jerómino.*

190. Artigo que precede os pronomes possessivos, como em português, e como em hespanhol antigo (ao contrário do hespanhol moderno): *ur meis pairis* «os meus pais» [2]; *u mei contu acabau* || *i u sei empeθau.*

Fink, p. 120, também cita: *u mei páiri, a minha máiri.*

Verbos:

191. Uso de *tel* e *abel* em tempos compostos: § 130.

Preposições:

192. Preposição *a* com complemento directo: *encontrórĩ a ũ dorru* (num conto popular).

193. O verbo *encontrar* construído com *cõ*, como em português arcaico: em contos populares.

Uso de modos e tempos:

193*. Omissão de preposição em complemento temporal: *esta noiti chubei mutu* («choveu muito»).

194. Mais-que-perfeito do indicativo correspondente ao imperfeito do conjuntivo: *o burru le dixu que ò cumera* «comesse»; *pur mais fôrça que luvera ò ómi* «tivesse»;

---

(1) Em português diz-se *vou-me embora* (*vou embora* não é corrente), mas *vou para casa*, mais usual que *vou-me para casa* (aqui há ênfase).

(2) Acêrca de *ur* = *us*, vid. o § 78.

le dixu quê se culucara «colocasse»; *i que nũ dixera* «dissesse» *ná* (nada).

195. Imperfeito do indicativo correspondente ao condicional: *que le pareθia a el, si ò comia ó nõ...* «o comeria».

Infinitivo:

195 * Uso do infinitivo: *queru dil; nũ quiju felu* (= *fel* + *u* ou *fé'* + *lu*: cf. § 108) «não quis fazê-lo» ou «não o quis fazer».

Subordinação de orações:

196. Modos de dizer, segundo a sintaxe hespanhola familiar:

..*le dixu que aondi iba* = lhe preguntou aonde ia;
..*le eidia que dondi abia sacau tantu* = lhe preguntou donde é que tirara tanto.
..*dixu que porque escapaba* = preguntou porque é que se escapava ou retirava.

Em todos estes exemplos se empregam palavras interrogativas precedidas pleonàsticamente de *que*, conjunção integrante, que costuma seguir-se a *eidel* «dizer» (verbo declarativo), em discurso indirecto.

197. Num conto:

— Qués que compri um bistiu?
— *Que si.*

Discurso directo precedido de *que*. É também sintaxe hespanhola familiar.

198. *Dixu que tinha que fial a lã* é outro exemplo de imitação de sintaxe hespanhola, que tenho por incorrecto, como incorrecto é em português: *dizer que tinha que fiar a lã*, em vez de *que tinha de fiar a lã*. A linguagem literária impõe-se à popular por tôda a parte!

Colocação:

199. Dos pronomes pessoais átonos antes do verbo: *i le dixu, i me dixu, ei t'o digu, ei te digu, le digã, ei le dixi; me chama, mus (mos) chama; ei me labu; el se be aburriu* «vê-se aborrecido»; *el se foi; ei le fáiu istu* «faço-lhe isto»; *el me dà pã.*

Cantiga que costuma cantar-se em linguagem manhega:

Me casí conũ pastor,
Querendu de descansar:
Se mi murrérã as cabras,
I me quió [1] u alimal! [2]

Na cantiga é manifesta a influência hespanhola. Nos outros exemplos o português posporia mais vulgarmente os pronomes; mas às vezes usa sintaxe comum ao hespanhol.

Vid. também o que se disse nos Pronomes (§§ 105-106).

200. No imperativo *dà-me pã! dà-le pã!* Assim também em português.

Pleonasmo:

201. Outros exemplos para juntar ao Folheto, § 50: *a perdi le dixu ó cuelhu; nũ le digas ná a tua mairi.*

Saüdação:

202. Ao chegar um indivíduo ao pé de outros, disse uma vez: *Bôr diar môr dê Diós!* frase que ouvi em flagrante. Quanto ao *-r* vid. o § 78, 2.° caso.

Tratamento:

203. No Folheto, § 51, disse eu, por informações que colhêra em 1924, que em S. Martin se usava o tratamento de *Bossa Mercê*. No meu apontamento de então tenho a seguinte nota: que *Bossa Mercê* era ainda mais respeitoso que *bós*. Creio que quem me deu esta indicação foi José Lopes Vidal, (d'êle falarei adiante, na secção dos Textos). Hoje, segundo novas informações que depois tomei, já não se usa *Bossa Mercê*, como tratamento de respeito, dado a velhos, etc., e apenas *bós*. De facto ouvi em flagrante várias vezes *bós*, por exemplo, a gente môça que se dirigia a mulheres idosas.

Empregando-se o pronome da 2.ª pessoa do plural, só se usa *bós*, e não *bó/otrus*. Por isso às vezes, quando uma pessoa se dirige a muitas, suponho que prefere *bo/otrus* a *bós*, para evitar confusão com o *pronomen reverentiae*, mas ainda naquele

---

(1) De *quedal*, hesp. *quedar*, «ficar» (cf. § 40).

(2) Isto é, o pastor!

caso não há dúvida que se diz *bôs*, o que eu observei não raro, e até em certas ocasiões estando ao pé de mim Santos Agero.

Pessoas de idade, homens e mulheres, tratam-se freqüentemente por *Tiu* e *Tia*: cf. o Folheto, § 51, e o conto do *Ti' Jerómin u*, que vai nos Textos. Várias e respeitosas *Tias* me informaram, por exemplo: a *Tia Andrea*, a *Tia Benita*, e eu assim também naturalmente as tratava. — Acêrca do uso de *Tio*, *Tia*, neste sentido, cf. *Antroponímia Portug.*, p. 445.

É claro que, sendo *Usted* o tratamento geral na Hespanha, também se usa em San Martin, quando se fala samartinhego; e que *tu* é o tratamento da intimidade e o que se aplica a pessoa de inferior condição, como por tôda a parte.

204. Num conto popular em que figuram *mondjas* ou «fadas», estas tratam-se umas às outras por *elmanita*..., isto é, «hermanita» (hesp.), ou irmanzinha.

Comparações:

205. Como acontece em português, usam-se na conversação familiar comparações expressas em termos como os seguintes:

amarelu comu a cera ou *cum'a narandja*;
berdi comu as elbas («hervas»);
tristi comu a noiti;
negru comu ó pé «pez», ou mais ràpidamente *cum'ó pé*;
brancu cumu a nébi;
alegri cumu as castanhas;
grandi com'ũ cabalu;
pèquènu com'ũa môsca;
frìu comu à nébi;
quenti comò lũmi:
aθúr comò céu;
está a noiti escura (ou *oscura*?) *comu boca-lobu* (= boca de lobu; supressão de *de*, como em hesp. *boca calle*).

Cf. um *refrã* ou «rifão» que diz: *Pareθeis ó pérru de seti boas* (1), *qu'en tós laus* (2) *te afalhas* (3). — Não me deram

---

(1) «bodas».

(2) «em todos os lados» = em tôda a parte.

(3) *afalhal*, «achar»: do lat. affIare, com suarabacti de *a*: *affalare, e influecis do hesp. *hallar*.

a explicação dêste rifão, mas corresponde a um hespanhol: *Perrillo de muchas bodas no come en ninguna, por comer en todas* (1). No rifão samartinhego entra *seti* como número indeterminado: cf. em português usual: *sete cães a um ôsso, falar com sete pedras na mão*, etc. (2).

Ultrapassando o grau de simples comparação, dizem os Samartinhegos: *m' bó fel tref durus d'anus* «vou fazer três duros de anos», significando por *tref durus* 60 anos, porque a moeda chamada *duro* vale *20 reales*. A esta expressão corresponde em hespanhol usual: *voy hacer tres duros de años*.

Os Portugueses, para traduzirem pitorescamente a mesma ideia, pensam na vida do campo, que tanto lhes custa: *Ter um moio d'anos* (um *moio* também = 60 alqueires), dizem em partes da Beira, e bem assim: *ter um moio e cinco, e dez, e quinze*, etc.

Em todos estes casos haverá por ventura uma lembrança do sistema sexagèsimal de contar (3).

205* Amostra de pregões de venda pela rua: *a)* pregão de leite: *bamus ó leiti... (bai andandu i preguando)*; *b)* pregão de *xaringas* «frituras»: *bamus ás xaringas*... Às vezes o vendilhão só diz: *bamus a*...

II. TEXTOS

206. Textos publicados da linguagem de San Martin de Trevejo há só, que eu saiba, os que apareceram no Folheto, p. 13, e num jornal de Celorico da Beira, *O Correio*, de 11-XI-1931: todos êles muito pequenos, e colhidos na tradição oral. Algumas pessoas, porém, por curiosidade, redigiram vários textos nessa linguagem, que não passaram ao prelo.

207. Mencionarei em primeiro lugar José López Vidal, proprietário, de San Martin, onde nasceu em 25 de Novembro de 1847. Não seguiu estudos regulares, conquanto possuisse algumas letras. Como conhecia a linguagem da sua terra, lembrou-se de a adoptar num diálogo que compôs em 1904 sôbre assunto agrário, o qual diálogo tinha uma intro-

(1) *Refranes de la leng. castellana*, Barcelona, 1815, p. 134.

(2) Na *Rev. Lusit.*, XV, 145 (artigo de D. Maria Angélica F. de Mendonça).

(3) Cf. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., p. 298.

dução respeitante à geografia e vitalidade do dialecto. Lamento não haver copiado uns trechos do manuscrito, pois o autor, com quem Santos Agero, logo em 1924, me pusera em relação, deixou-m'o ver, e permitia-me tirar cópia do que eu quisesse. Vidal era pessoa folgasã, faladora, e muito amável. Faleceu na sua terra natal em 1930. Numa carta que me escrevera em 7 de Novembro de 1929, dizia-me:

«Sábi ben ó vó (1) amigu D. Santus Ageru que, si non le esclivi tan prontu como vós quiriais y ei deseaba, ha siu (2) pol tel á mán inchá (3), da queída (4) que di (5) na viña; agora que poyu (6) [aunque con traballu felu (7)], tenhu un vó godu (8) en saluallu, descandoli godi de salú comu pa mi deseu, y que teña o gustu de volvelu á vel no veiran dó anu que ven...» (9).

A morte não lhe permitiu, segundo vimos, levar a efeito esta cortês benevolência para comigo.

A Vidal cabe a honra, me parece, de haver sido o primeiro Samartinhego que escreveu alguma coisa no seu idioma natal.

208. O jornal intitulado *La Chocolatera*, a que se aludiu no § 179, e que, como aí se disse, era em hespanhol, e divulgado pela povoação manuscrito, pelo sistema do copiador,

---

(1) «bom».
(2) «sido» (§ 39).
(3) «inchada» (§ 39).
(4) «quéda» de *queída (§ 40).
(5) «dei» (§ 143).
(6) «posso» (§ 155).
(7) «fazê-lo» (§ 108).
(8) «gôzo» (§ 47).
(9) O texto não está inteiramente correcto, nem na fonética, nem no vocabulário. Quanto àquela, escreveu, por exemplo, Vidal *v*, por *b*: *vó* por *bó* «bom», *vós* por *bós*, *nom*, no interior de frase, por *nũ* (na sua notação seria *nun*). Quanto ao vocabulário, Santos Agero observou, por exemplo, o seguinte: «Como as fórmulas de cortesia se pautam pelas da língua oficial, dai que *soide* seja nestes casos substituído por *salu(d)*».

contém no n.º 2, datado de 29 de Junho de 1926, um artigo intitulado «Nuestro primer artículo en mañego: *Cerrumiquilis sin alas*», que copiei e anotei, mas que não posso, por falta de tempo, aqui reproduzir. *Cerrumiquilis sin alas* quer dizer «bebados», que vagabundeam, pois *cerrumiquili*, só por si, é uma ave (§ citado). Do jornal publicaram-se poucos números.

209. Sei da existência de outras cartas, em dialecto, além da de Vidal, extraída acima, e possuo algumas. Também possuo uns tantos textos, escritos soltamente, e ao acaso, por um Samartinhego. Não vale a pena descer a minudências.

210. Textos populares.

Os que vão transcrever-se em seguida, colhi-os eu próprio (excepto dois adágios) em San Martin — ouvidos a várias pessoas, principalmente mulheres.

Formam quatro grupos: contos, poesias, adágios, e adivinhas. Não publico, por agora, todos os textos que coligi; ficam alguns ainda inéditos nas minhas pastas.

Entendi que devia juntar Textos à Gramática, porque as regras gramaticais não bastam para dar ideia completa de uma língua. Nestes textos, como nos exemplos apresentados no decorrer da Gramática, aparecem oscilações de pronúncia, que também mantive, pois que fazem parte da linguagem viva.

Devo acrescentar que na notação das sibilantes adoptei as normais grafias de *s-j*, sem atender às particularidades *ç-z*, de que falei nos §§ 15-19, embora alguma das pessoas que ditaram os textos as tivessem, por exemplo, a que ditou o conto do *Omi i u bastardu*. Evito assim a confusão a que já me referi no § 13*.

I. Contos tradicionais:

211. A palavra *contu*, sem adjunção de epíteto, significa principalmente narrativa de um acontecimento verdadeiro. Por isso, para se significar «contos mentirosos», diz-se de modo particular: *contus de caminhu*, *contus de cálhi*, *contus de caleija*, e também *contus de fogal* («lareira», cf. hesp. *hogar*). Creio que a designação mais usual é a primeira. Em Portugal também ela se usa, como ouvi em Baião.

Os textos ora publicados pertencem a tôdas as classes em que Anti Aarne dividiu, de modo geral, os contos populares: de animais; contos pròpriamente ditos; e facécias (1). Uma das facécias tem carácter lendário, pois se localiza na Misarela (Beira-Baixa).

Os contos nem sempre recebem títulos. Quando os não trazem, servi-me da primeira frase como título (à maneira de muitos romances populares), ou, não havendo frase capaz, pus eu um título entre colchetes.

A língua de que se servem os Samartinhegos para contarem os seus contos é, sobretudo, a hespanhola, mas muitas vezes «contã-nus ẽ lengna de Sãi Martĩ de Trebelhu», como uma mulher até me disse *ipsis verbis*.

Às vezes inicia-se a narração assim: *Qués que te conti ũ contu?* Acêrca de fórmulas finais vid. os §§ 190, 213 e 216.

[A furniga i u ratunitu]

212. Ũa furniga (2) estaba barrendu a cálhi, i encontró ũ ochábu, i dixu:

— Mairi, qués que compri ũa xaringa? (3).

Dixu a mairi que nõ, que era gulu∫ina.

— Qués que compri ũa parrulilha? (4).

Dixu a mairi que tamẽ era gulu∫ina.

— Qués que compri ũ bistiu? (5).

— Que si.

Compró ũ bistiu, i se puju ũa imaja (6), i se foi por ũ caminhu aianti ẽ busca de nóbiu (7). S'encontró conũ (8) cuchinu, i le preguntó comu arrulaba o mininu. El dixu:

---

(1) Vid. o meu opusc. *Literat. dos contos pop.*, Famalicão, 1920, p. 6. — Separata da *Lusa*, vol. III.

(2) «formiga». Palavra formada, como parece, por dissimilação de *m-f*. Também se diz *folniga* e *fulniga* (cf. § 58).

(3) «fritura».

(4) Certo doce.

(5) «vestido».

(6) «ficou como uma *imagem*; parecia uma *imagem* (do altar)». A pronúncia do j é como em hespanhol.

(7) Hespanholismo.

(8) Lede *co-nũ* «com um».

grúnhi, grúnhi... Ela dixu que nõ, que despertaba u mininu. Foi mais aiantri, s'encontró conũ lobu. Preguntó, u mininu se u sabia arrulal. I u lobu dixu: *guáu, guáu*... Dixu a furniga que nõ (nũ?) u queria. Foi mais aianti, i encontró ũ ratunitu Péri (¹), i dixu que se queria ca/ál conela; i comu abia arrulal u mininu, le dixu:

Dúrmi-ti, mininu,	Lavál us *panhais* (²),
Que tenhu que fel:	I punhel-me a cu/el (³).

I se ca/órĩ. I pois se foi a lavál, a furniguita, i deixó u ratunitu ĩ ca/à. Era mui amigu de θebola, i si quéi (⁴) pò pucheiru (⁵), pa cumel θebola. Foi a furniguita, i binha de labal. I tinha u mininu sólu. I dixu: — ond'estará u mei ratunitu? Haberá iu (⁶) a roibal algũ almuθitu (⁷).

A furniga eitó as supitas (⁸). Cumerũ á supitas, ela i u mininu.

— Bamu/ a apartal ũ quinhunitu pó ratunitu.

I pois ó~contrórĩ (⁹) ali mortu na comia (¹⁰). I óspois se puju a chural a furniguita. I passó por ali ũ paxaritu:

— Qué tés, que tantu choras?

— O mei ratunitu Péri que se quei pà ola, ‖ por comel a θebola!

— Ei, comu só paxaritu, ‖ me cort'u piquitu (¹¹).

I apois u paxaritu s'encontró cõ a paloma. I a paloma dixu: porque s'abia cortau u picu:

(¹) *Péri*, de *Pérez* (§§ 44 e 21).

(²) Do hesp. *pañal*. — Também em Portural há cantigas de embalar os meninos, em que se fala de *panaizinhos* e *cueirinhos*: vid. versões que publiqui na *Rev. Lusit.*, x, 32-33.

(³) Esta cantiga era a que o ratonito devia cantar ao filhinho da formiga, para o adormecer.

(⁴) «caíu».

(⁵) «púcaro».

(⁶) «ido».

(⁷) «almocito».

(⁸) «deitou as sopitas» (sopas).

(⁹) = *o encontrórĩ*. Vid. § n.º 74, *a*.

(¹⁰) «comida».

(¹¹) «bico».

— Porque o ratunitu se quéi pà ola, ‖ por comel a θebola. ‖ A furniguita u sintí, i chora. ‖ Ei, comu só paxaritu, ‖ me cortí o piquitu.

— Ei, comu só paloma, ‖ me cortu a cola (1).

I pois encontró conũ palumal (2). I u palumal preguntó porque s'abia cortau u rabu:

— Porque u ratunitu Péri s'abia caíu (3) pà ola, por comel θebola; i a furniga u sintí, e chora; u paxaritu se cortó u piquitu; a paloma a cola.

— I ei, por sel palomal, ‖ m'eitu (4) a rual (5).

Foi á fonti, i a fonti preguntó porque s'abia citau a rual.

— Porque u ratunitu Péri se quei pà ola, por comel θebola; a furniguita u sintí i u chora; u paxaritu se curtó u piquitu, a paloma a cola, u palumal s'eitó a ruál.

— E ei, cõ sel fonti, m'ei 'tal (6) a secal.

Foi a criá du rei a buscal agua, e le dixu:

— Fonti, porque t'as secau?

— Porque u ratunitu, etc.

— I ei, com sel criá du rei, quebru a cantarinha i m'eitu a escapal (7).

I encontró ũ ómi. Dixu que porque escapaba, etc.

— I eu, com ser ómi, me corto... (8).

(Conto contado em 1929 pela Tia-Benita Gordilha Durán, de 60 anos, doceira).

---

(1) «cauda»

(2) «pombal».

(3) «caído».

(4) «me deito».

(5) «rodar», «andar de roda». Podia, sobretudo, ter-se em mente um pombal *cilíndrico* ou *redondo*, como se usam em alguns sítios de Portugal, por exemplo, em Trás-os-Montes: cf. a minha *Philologia mirandesa*, I, 9. Actualmente na região de S. Martinho creio que não os há.

(6) = *m'ei eital* «me hei(de) deitar».

(7) «escapar», «fugir». Isto é, «me escapo» = fujo.

(8) Segue-se uma expressão licenciosa, que a narradora não quis repetir, mas que se adivnha.

Ũa dagalita

213. Ũa be ũa dagalita (1), barrendu a cálhi, s'incontró ũa pérra, i le dixu á sua mairi:

— Bó a compral ũa rusquilha.

I le dixu sua mairi:

— Issu nõ, q'é gulu/ina.

— Bó a compral caramelus.

Le bolbei a mairi a repetil q'era gulu/ina. Compró ũ panhuelu, ũa sáia i ũ mandil.

— Isso si; ó de mais é gulu/ina.

U mei contu acabau,
I u sei (2) empeθau!

(Contado em 1924).

N. B. — O conto anterior tem comêço paralelo, mas o enrêdo è maior.

U/ da Mi/arela

214. U/ da Mi/arela (3) nũ tĕnĩ otru frutu mais que θereija, i quandu nũ a tĕnĩ, sáĩ a pil pur us lugaris, i le prèguntã:

— Dondi eris, dagal?

— Só da Mi/arela... (4).

I u anu siguenti tĕnĩ muta θereija, i ponĩ éna besta duas banastras (5), i bã pur us pobus à bendel-as, i le prèguntabã:

---

(1) «rapariguinha». Cfr. *pastor*, *pastora* em port. arc.: vid. *Tex. arcaicos*, 3.ª ed., glossário.

(2) «o seu», isto é, o da pessoa que está ouvindo, e que se entende vai contar outro. Como se a primeira lhe dissesse: «tem a palavra agora».

(3) Povoação portuguesa da Beira-Baixa.

(4) Dizem isto chorando!

(5) Entenda-se: com cerejas. — *Banastra*, espécie de canastra. Cfr. em hespanhol *banasta*. Em Portugal, pelo menos no Alto-Alentejo, também se usa um recipiente semelhante a um cêsto, para condução de fruta, chamado *banastro*. Para a história da palavra cf. REW, n.º 1.035.

— Que lebas, dagal?

— θereijas. Si quel algu (1), alá bai a spingarda énu meiu da carga! (2).

(Contado em 1924).

N. B. — Conta-se em Portugal anedota semelhante, e outra relativamente à Penajoia. — No nosso texto há incongruências de estilo, próprias das narrativas populares: no começo, e no segundo período, figuram, em geral, os da Misarela, e em seguida, sem ligação, fala-se de um só indivíduo; num lugar está *prèguntã*, e noutro *prèguntabã*. — Êste texto foi o que saíu no *Correio* de Celorico: vid. supra, § n.° 206.

[A prinθeʃa fea]

215. Era ũa be ũ rei, i tinha tres filhas: ũŋa era mui linda, i a otra era mui fea, i a otra nĩ era linda, nĩ fea.

Ò rei quiju dal ũ baili ẽ o palaθiu, que queria caʃál as tres filhas. I le dixu ás tres dagalas que toas se preparárã (3) bẽ, que se pujérã (4) de gala.

Dispois toas tres se pujerã (5) mui contentas. I ás ondi da noite empeθorĩ a chigal òs autus (6) cõ òs imbitaus (7), i apareθérã as tres filhas ẽ ò salõ de ò palaθiu. Toas tres séiã (8) mui lindas, a mais maiol (9) era a mais linda, i le chamabã Blanca, i séia cõ ũ bestiu de rassu (10) de biuletas

(1) Isto é, «se quer meter-se comigo», «se quer lutar...».

(2) Falando com arrogância.

(3) No sentido de «preparassem».

(4) No sentido de «pusessem».

(5) Pretérito perfeito.

(6) Os automóveis!

(7) «convidados».

(8) «saíam». Do verbo *sel:* vid. § 161.

(9) *maiol*, como se estivesse no grau positivo, no sentido de «grande». Perdeu-se a noção de que na origem era comparativo orgânico (latino). Também assim às vezes se diz na linguagem popular de Portugal, e sobretudo na infantil.

(10) Hespanhol *raso* «tela de sêda muy lustrosa y suave».

i ũ colhal ([1]) de perlas, i a otra, a mèdiana, que se chamaba Jossefa ([2]), séia cõ cadéas de oiru i pulseiras i anelus ([3]), i a mais fea, que se chamaba Pepa, séia cõ mais *luju* ([4]) que nenhũa das otras armanas.

Hubu mutus imbitáus, i ẽ particular de omis i sobretó tos us prinθipais de a capital i de ò estrandjeiru, i acuirã mutus prínθipis a pil ([5]) a mã das prinθe∫às. I ũ prínθipi chinu s'enamuró de a mais linda, i ũ embaxaol de Franθia s'enamuró de Jossefa. I a otra naidi a queria, de fea q'era.

D'ali a ũ mes se ca∫orĩ as otras duas: i Jossefa se foi pa Franθia cõ o sei omi, i a Blanca se foi cõ sei omi pá China (= pa a China).

I a ([6]) Pepa se quei ([7]) ẽ ca∫a rabiandu, purque nũ le abia séidu nóbiu, i andaba a bel se ca∫aba conũ criau, i sei pairi a enθerró ẽ ũ quartu, i ela conũa urquilha ([8]) impeθó à rasgal a paré, i quandu l'intrórĩ a lebal de comel, le dixu à criá que le daba o colhal de perlas si le lebaba ũ martelu i ũŋa palanca, i que nũ dixera ná, que l'u lebara de noiti i nũ dixera ná a sei pairi. I a criá dixu que si. I foi por a noiti i le lebó tó que l'abia ditu. I a prinθe∫a le dó o colhal que l'abia prumitiu i por a noiti empeθó Pepa a tiral a paré asta que fidu ũ buracu, i s'escapó i foi à chamal ò criau q'era sei nóbiu, i aquel estaba durmíu ([9]), i ela o chamó i le dixu que s'escapara cũ ela, q'ela diba sacal òinheiru ([10]) a sei pairi, mentra∫el ([11]) se bestia. I foi eli, se lebantó, i binhu ela, i s'escapórĩ pó strandjeiru, i forã a ũa ca∫a i s'impeθórĩ a ril

---

([1]) Hesp. *collar*.

([2]) Com j hespanhola.

([3]) No sing. *anelu*. Do lat. *annellus (de anulus ou annulus).

([4]) Com j hespanhol, de *lujo*.

([5]) «pedir». Vid. § 154.

([6]) Duas palavras, mas a pronúncia é *ya*. Cfr. § 74, *c*.

([7]) De *quel* «cair», mas o sentido é de «quedar-se».

([8]) «gancho do cabelo». Cfr. hesp. *horquilla*.

([9]) «dormido», «adormecido».

([10]) Ditongo *oi*: *o inheiro*.

([11]) Por *mentras el*.

d'ela, porq'era mui fea: i l'eidiã a el que, sendu tã guapu, se caʃaba (1) cõnũa mulhel tã fea. I el s'aborri d'ela, i pensó de quita'-li òinheiru i matála (2). I p'otru dia ò criau le dixu a Pepa qui (§ 78) agarrára toinheiru (3) i a maleta, que dibã mui londji.

I quandu dibã yá bastanti londji, se sentórĩ a merendal, i ela se dormí ũ poicu, i el le cortó ò pescoθu i enterró, agarró toinheiru i escapó pó estrandjeiru (4), i naidi bolbei a sabel ná d'el, i tampoicu ò que abia síu da prinθeʃa.

I yá s'acabó.

(Contado em 1931 por Justa Gaspar Carretero, de 19 anos. Sabia ler e escrever, e por isso oscilava na pronúncia: *ũa*, *ũŋa*, não dizia *ũi mes*, mas *ũ mes*, etc.).

Contu du Ti'Jeróminu

216. Ti'Jeróminu estaba nu munhu. Chegó a dorra, i le dixu:

— Ti'Jeróminu, abrí-m'a porta, que me queru quental (5).

L'abri a porta, i yá entró pa dentru.

Péru dispois que staba a dorra dentru, a surtó (6), i le dixu:

— Me bai a buscal ũŋa galinha ó galinheiru da Tia Balenθiana. Dispois yá te ábru.

Dispois le dixu a dorra:

— Yá tenhu aqui a galinha.

O Ti'Jeróminu abrí a porta, i entró pa dentru a dorra. Depois chegó o lobu, i le dixu:

— Ti'Jeróminu, abri-mi a porta, que me queru quental.

Dispois le dixu ó lobu (7):

---

(1) O sentido é: «se ia casar».

(2) = *matal-a*.

(3) = *tó o inheiru*.

(4) Relativamente à nação em que estava.

(5) «aquentar», «aquècer».

(6) «soltou».

(7) *ò lobu*. Artigo *u* enfático.

— Mira! nũ te abru a porta: me tes que dil a buscal um burregu a pastoria (1) de Perartõ (2).

Dispois chegó u lobu i le dixu:

— Ti'Jerómiuu, yá tenhu aqui u burrégu.

Dispois u lobu entró pa dentro cónu (3) burregu. Dispois chegó u texõ (4), i dixu:

— Ti'Jeróminu, abri-mi a porta, que me queru quental.

— Si qué/ que te abra a porta, me bás a buscal ũŋa maná (5) de peras o pereiral de Tiadoru Márqui (6).

Yá chegó u texõ, i le dixu:

— Abri-m'a porta, Ti'Jeróminu, que yá bus trázu (a par há *tráiy*) aquí as peras.

L'abrí a porta, i entró pa dentru. Dispois que stabã tos (7) tres, agarró Ti'Jeróminu ũ martélu, i empezó a marteladus (8) a tos. Tos séirã, i se forã ajuntal à 'rmita (9) du combentu. I dispois le dixu u lobu à dorra:

— U Ti'Jeróminu me pegó tres ó quatro marteladus ena cabeθa.

I séi pũ buraquitu da porta.

U lobu preguntó ò texõ. I u texõ dixu que l'abia pegau mutus martelaus (10) na cabeθa. I logu dixu u lobu:

— I a ti, dorra, te pegó mutus?

— Ei, cumu era dorra, m'escapí correndu pur a chiminéa.

---

(1) *pastoria*, criação e exploração de gado lanigero e caprino (corresponde-lhe *ganadaria:* criação e exploração de gado vacum e bovino); mas aqui está em sentido corrente: rebanho.

(2) De *Perarta* (Peralta), apelido actual. Parece aumentativo gracioso. Vid. § 98.

(3) Vid. § 127.

(4) «teixugo». Cfr. hesp. *tejón*.

(5) «mancheia» (como também em português).

(6) De *Márque(z):* §§ 44 e 21.

(7) «todos».

(8) «marteladas», «a dar marteladas». Cfr. hesp. *martillazo*.

(9) «ermida». Do hesp. *ermita*.

(10) Assim tenho no rascunho; não sei se é variante de *marteladus*, se me equivoquei.

I dispois le dixu u lobu:
— Oh! pois tu inda t'aquentatis, péru ei nu m'aquenti!

Mei contu empeθau,
Mei contu acabau:
Qui' nũ s'alebanti
Se [le] qué (1) u c. . . pegau! (2).

(Contado em 1929 por uma velha de 84 anos).

[U ómi i u bastardu]

217. Era ũ ómi que diba pur ũ caminhu i s'encontró ũ bastardu (3) tirau (4) nu solu pur o friu. Ò ómi dó pena de el, i ó agarró yò (5) metei ê-n-alfôja. Dispois que se quentó, saltó fóra i se puju deiantri de ò ómi i le dixu:

— Amigo, àgora tenhu gana de cumél, nũ tênhu que cumél, ò te tenhu que cumél a ti.

Entonθi/ u ómi le dixu:

— Tẽ compassiõ de mi! Dispois de abél-ti arreculhíu me dás essi pagu?

— Entonθi/ bamus á fel tre/ botus (6), asta q'encontremus re/ultau.

Yá dibã cansáus (7) de andál i encontrórĩ ũ burru. I s'aθercórĩ à el, i le dixu o bastardu que (8) le pareθia a el, si ò cumia ó nõ. I o burru le dixu quê ò cumera, quê dê os ómis nũ sái coi/a bôa. I dixu ò bastardo:

— Yá tênh'ũ botu!

---

(1) (quede) «fique».

(2) Espécie de imprecação. — É vulgar os contos populares terem por tôda a Romània fórmulas finais como esta: vid. sôbre o assunto um proficiente trabalho do D.or W. Giese, intitulado *Zur Morphologie der Märchen der Romanen*, Palma de Malhorca, 1929.

(3) «cobra».

(4) «estirado» (em concordância com *bastardu*).

(5) = *i ó* «e o».

(6) «sentenças», «opiniões», «pareceres».

(7) «cansados».

(8) O primeiro *que* é conjunção integrante, o segundo é interrogativo. Cfr. § 196.

I seguirã, i mais aiantri encontrórĩ um boi. I ò bastardu le fidu a mi∫ma pregunta. I le contestó ò boi que pur mais forθa que tubera ò ómi, mais tinha el (o bastardo). Assi que ò cumera.

— Yá tenho dois botus! dixu o bastardo.

I seguirã mais aiantri. I encontrórĩ a ũ dorru, i u bastardu le dixu u mi∫mo. I entonθi∫ u dorru le dixu au bastardu: que se colocára segũ (1) estaba quandu agarró ò ómi. I entonθi∫, quandu se abia colucau, le dixu au ómi que o agarrara i u metera pà'lforja (2). I quandu estaba dentru, u ató cõnũŋa corda, i agarró ũŋa peira (3), i o mató.

I quandu o tinha matau, le dixu o dorru ò ómi: que le tinha que dal ũŋa galinha pur abé'-li salbau a bia (vida). I entonθi∫ ò ómi conũ pau que lebaba ena mã le pegó ũ estacadu (4) i ò mató. I o ómi se foi pur sei caminhu.

(Contado em 1929 por Maria Eladia Martin, de 18 anos. A narradora sabe ler. D'aí ora *o*, ora *u*, etc.).

N. B. — O núcleo imediato d'êste conto é uma conhecida fábula de Fedro: *Serpens: misericordia nociva*, chegada a S. Martin por intermédio escolar.

A θigüenha i a dorra

218. A dorra combió (5) a cigüenha (6) a cumel; fidu natilhas i as eitó enum canchal (7). Se pujerã a cumel. Foi a dorra, sacó a lengua i arrebanhó toas natilhas. Dipois dixu a θigüenha:

— Tu me has enganau a mi, pero ei t'hei-d'enganal a ti.

---

(1) «segundo», «como», «conforme». Hesp. *según*.

(2) = «pa a alforja».

(3) «pedra»: § 49.

(4) Pancada com uma estaca. Em hesp. *estacazo*. Cfr. *marteladus* no § n.º 216 (conto).

(5) «convidou».

(6) Castelhanismo.

(7) Deriva de *cánchu* «pedra, de superfície mais ou menos lisa». *Canchal*, como me informa Santos Agero, significa «penhasco», mas aqui parece estar mais no sentido de português «lagedo».

Fidu natilhas tamẽ a θigüenha, i as eitó enũa adeiteira [1]. Se pujerã a cumel, i a θigüenha cõ u picu u metei ẽ àdeiteira (= a adeiteira), i se cumei tó. Dispois [2] dixu a dorra à pícara:

— Como me has enganau?

I le dixu a θigüenha:

— Primeiru m'enganasti tu a mi!

(Contado em 1924 por uma senhora de idade).

N. B. — Temos neste conto (cf. o antecedente) outra conhecida fábula fedriana como fonte directa: *Vulpes et ciconia* vinda também escolarmente.

Um «contu de caminhu» [3]

219. Estaba a cabra cabrátis [4] posta ẽ ũ canchalabátis [5]. Binha u lobu lubátis [6], i le dixu:

— Cabra, cabratis, baxa-ti du canchu canchátis.

— Nõ, lobu lubatis, porquê me bas a cumel a mĩnha carni cabratis.

I le dixu u lobu lubatis:

— Baxa-ti du canchu canchalatis, q'a mi nu'me gusta a carni de cabra cabratis.

Bàxô a cabra cabratis du canchu canchatis, foi u lobu lubatis, i iá cumei asta us cornus carnabitatis [7].

(Contado por Maria Eladia Martin).

---

(1) «almotolia».

(2) Alterna com *dipois* (supra).

(3) Foi êste o título que a narradora me deu.

(4) Vid. § 176 a respeito d'esta palavra, e de outras seguintes, do mesmo tipo.

(5) Assim ouvi (mas vid. infra). De *canchal* «penedo».

(6) Vid. § 95 (apocope do *-s*).

(7) Assim tenho no meu rascunho; mas talvez servisse aqui de modêlo o latim *cornibus*. Acaso *cornubitatis*, por causa de *córnu*. Já no § 176 falei de «latinório».

Ũ biyú i ũa biyúa ([1])

220. Ũ tinha ũa filha, i otru otra; i a biyúa tolus-dias ([2]) le daba pã i mel à filha du biyú, i à filha ([3]) du biyú l'eidia à sei pairi:

— Si cá∫i ([4]), pairi, cõ essa mulher, q'é mui boa, i me dá tolus-dias pã i mel.

— Agora te dá, filha, pã i mel, ‖ i endispois te dá pã i fel ([5]).

Se ca∫órĩ. I à filha da mulher a trataba mui bẽ sua mairi, i à antená ([6]) a trataba mal, à mandaba à guardal tolus-dias ũa baca, i le daba ũa bica ([7]), i l'eidia q'a cumera i a truxera enteira.

I a dagala churaba muitu, i l'eidia à baquita ([8]) qũe nũ churára, q'abia de cumel a bica i abia de lebá-la enteira pa ca∫ã. I l'eidia a dagala: Cumu abia de sel issu? Cume-la, i lebá-la enteira! I l'eidia a baquita que cõ à punta du cornu le sacára u migalhõ ([9]) d'endentru, i ficaba a custerna ([10]) enteira.

I otru dia a mairasta ([11]) dou à antená ũa poica de lã, i le dixu que tinha que ([12]) fial a lã i trel ([13]) feita ũa sáia. Churaba a dagala, i a baquita l'eidia que nũ churára, i que s'eitara ([14]), que quandu s'alebantára de durmil, encontrara ([15]) a lã fiá i a sáia feita.

([1]) «viũvo», «viũva».

([2]) Vid. § 116.

([3]) «a filha» O *à* é enfático: § 1.

([4]) Exemplo para juntar ao § n.º 200.

([5]) Note-se a rima.

([6]) «enteada».

([7]) «torta» de farinha.

([8]) É o sujeito da oração. Cfr. § 1.

([9]) Corresponde a «miolo».

([10]) Corresponde a «codia». De crusta «crosta» + *-erna* (de externa?).

([11]) «madrasta».

([12]) Vid. § 198.

([13]) «trazer».

([14]) «que se deitasse (a dormir)», no campo.

([15]) Ou *encontraria*?

Pótru día (1) foi a dagala a guardal a baca, i le dix'a baca:

— A mĩ me bã a matal, i a ti te bã a mandar (2) a labal as tripas, i incontrarás ũa bola: deixa às tripas i tó (3), i te bás detrás da bola, i onde si pári à bola (4), ali súbis tu tamẽ.

I a bola paró à porta d'ũ combentu, i foi subil (5) a dagala, i entró pó combentu, i as mondjas erã tres, i s'abiã dil a regal ò jardim (6), i abiã tó pur fel (us ufiθius (7) d'ũa ca/à), i a dagala se púju'a fel tos us ufiθius bẽ feitus. I as mondjas tinhã ũa perrita, i a dagala se puju detrás da polta; quandu binherã as mondjas pó combentu, se punhiã (8):

— Quĩ aberá síu esta boa arma (9), que tantu bẽ nus ha feitu?

I a perrita se punhia:

— Trás trás da polta está.

I l'eidiã:

— Di-le que sáia.

Pur fĩ séi (10), i as mondjas s'eidiã ũas à otras:

— Elmanita (11), que le dás (12) tu?

— Ei le doi ũ bistiu com campanitas de oiru.

---

(1) «Para o outro dia».

(2) Assim disse a narradora, e não *mandal*, ou por acaso, ou por instinto eufónico, para evitar encontro de *ll* ao pronunciar a palavra seguinte. Contudo também neste conto está por vezes *mulher* em vez de *mulhel*.

(3) «tudo».

(4) Sujeito. Cfr. § 1.

(5) Por «subiu». Cfr. os meus *Opusculos*, I, 450-451.

(6) Por *u jardĩ*. Com *ò* enfático. Não *ao*: cfr. infra-nota 10.

(7) «trabalhos», «arranjos».

(8) Isto é: se punham a dizer.

(9) «alma»: vid. § 57.

(10) «saiu».

(11) Vid. § 175.

(12) Isto é: que f a d o ou c o n d ã o lhe dás tu? pois subentende-se que eram Fadas.

— I tu, elmanita?

— Ei a bara da bertú [1].

— I tu, elmanita, que le dás?

— Ca bé [2] que fáli, eiti [3] peiras [4] de diamantis por a boca, i que naidi póia agarral-as.

I dispois se foi pa ca/a. I a filha da mairasta l'eidia que [5] dondi abia sacau [6] tantu. A dagala le dixu q'abia díu [7] à ũ combentu, que tinhã todu mui bẽ feitu as mondjas, i que tó l'abia desarregrau [8]. I à filha da mairasta se foi ao combentu dispois. I as mondjas abiã quiau [9] tó feitu enu combentu, i se forĩ a regal a tapá [10]. I a dagala se puju a desbaratal tolus-ufiθius, i se puju detrás da polta. I binherã as mondjas, i lamentabã: quĩ l'aberia desbaratau tó ẽ sua ca/a. I a perrita eidia.

— Trás trás da polta está.

— Di-le que sáia.

I ẽ seguia séi [11]. I as mondjas deiã:

— Que le dás tu, elmanita?

— Ca bé que fáli, que eiti cagalhós de burru por a boca.

— I tu?

— Q'andi sempris rota i esgarrá [12].

— I tu, que le dás?

— Eital-a d'aqui [13].

---

[1] Vid. § 25. — *Vara da virtude*, que corresponde à nossa «vara do condão», atributo das *Fadas*: cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 355, c.

[2] «cada vez».

[3] «deite».

[4] «pedras».

[5] Vid. Sintaxe, § 196.

[6] «adquirido».

[7] «ido»: § 144.

[8] Do hesp. *desarreglar* «desarranjar».

[9] Corresponde a: deixado ficar. De «quedar» (em samartinhego suponho será *quial*, não *queal*: § 39).

[10] Corresponde a «tapada».

[11] «saiu».

[12] «esfarrapada»; literalmente: «desgarrada».

[13] «deita-la daqui para fora».

A dagala se foi, séi à cálhi, i montó enũ cochi. I us paxaritus eidiã:

— Cagalhós de burru (1), monta enu cochi.

. . . . (2)

Mei contu acabau,
I u tei empeçau.

(Colhido em 1924. — O conto conta-se em samartinhego às crianças da casa. A um estranho contar-se-hia em castelhano).

II. **Poesias:**

221. *A purga* (3) *i ó cocu* (4)

A purga i ó cocu se quérĩ casal.
Pu fel (5) a boa (6), nũ téñĩ pã.

---

(1) Vê-se pelo que se segue, que era o nome que os passarinhos davam por escárneo à rapariga malfadada.

(2) Falta o resto, porque a informadora não o sabia. Quem, porém, desejar saber como é que êle terminava, pode consultar os *Contos populares portugueses*, coligidos por Consiglieri Pedroso, Lisboa, 1910, n.° XVIII, onde a pp. 194-198 encontrará o desfecho. A versão samartinhega e a portuguesa não concordam absolutamente uma com a outra, mas vê-se que o são de um mesmo conto. Por falta de tempo não procurei em S. Martin uma versão completa, que talvez haja. É o conto da *Gata borralheira*, muito conhecido entre nós, não só porque as mãis e as amas o contam com freqüência às crianças, senão também pela *Cendrillon*, de Perraut, ainda que êste conto difere do nosso. Importantes elementos para o estudo do assunto encontra-os o leitor nas *Anmerkungen zu den K.- u. Hausmärch. der Brüder Grimm*, de Bolte & Polívka, vol. I, Berlim, 1913, p. 165, sgs., e no *Hdnb. des deutschen Märchens*, de L. Mackensen, vol. I, Berlim, 1931, pp. 125-126.

(3) «pulga».

(4) *cócu* = hesp. *coco*, em sentido zoológico: «espécie de gusanillo».

(5) «fazer».

(6) «boda».

I séi a (1) furniga do sei furnigal:
— Faĩ (2) a boa, q'ei ponhu o pã.

(Dizem os noivos:)

Abi/ĩ (3), abisĩ, que pã iá temus;
[I logu as berθas (4) d'ondi as sacaremus? (5)]

I séi u θigarrõ, pul aquelas ortas (6):
— Que faĩ a boa, q'ei ponhu as berθas.

— Abi/ĩ, abi/ĩ, que berθas iá temus;
I logu a carni d'ondi a sacaremus?

Séi u lobu pur aqueles θerrus:
— Faĩ a boda, q'ei ponhu o *corderu* (7).

— Abi/ĩ, abi/ĩ, que carni iá temus;
I logu a cama d'ondi a sacaremus?

Séi u oriθu, i estend'a sua *lana* (8):
— Faĩ a boa, q'ei ponhu a cama.

— Abi/ĩ. abi/ĩ, que cama iá temus;
I log'u cura d'ondi u sacaremus?

Séi u lagartu da sua lagartura (9):
— Faĩ a boa, q'ei só o cura.

---

(1) «saíu».
(2) Por *faiã* «façam».
(3) «avisem», «anunciem», «apregoem o casamento».
(4) «verças». Corresponde a «couves».
(5) «tiraremos», «obteremos».
(6) Não rima com o verso seguinte, mas no original está *huertas*, como veremos adiante.
(7) Hespanholismo.
(8) Em samartinhego *lã*. Hespanholismo pedido pela rima.
(9) Palavra criada pela rima, em vez de *lagarteira*. Vid. adiante o texto hespanhol.

— Abi/ĩ. abi/i, que cura iá temus;
[I log'u pairinhu (1) d'ondi o sacaremus?]

Séi u ratõ d'ũ montõ de trigu:
— Faĩ a boa, q'ei só ò pairinhu.

— Abi/ĩ, abi/ĩ, que pairinhu iá temus;
I logu a mairinha (2) d'ondi a sacaremus?

Séi a gata da sua cuθinha:
— Faĩ a boa, q'ei só a mairinha.

I nu meiu da boa houb'ũ de/atinu:
<que> brincó á mairinha, i comei (3) o pairinhu.

Assi s'acabó.

(Contado em 1929 pela Tia-Tomasa Domingui (4), de 52 anos).

N. B. — Êste texto foi traduzido do hespanhol pela narradora. Aqui publico a par o original hespanhol, que D. Santos Agero, a meu pedido, teve a bondade de copiar da bôca da mesma Tia-Tomasa Domingui:

La Pulga y el Coco se quieren casar.
Para hacer la boda, no tienen pán.
Salió la hormiga de su hormigal:
— Hagan la boda que yo pongo el pán.

— Avisen, avisen, que pán ya tenemos;
¿Luego las berzas de donde las sacaremos?

Salió el cigarrón por aquellas huertas:
— Hagan la boda que yo pongo las berzas.

— Avisen, avisen, que berzas tenemos;
¿Y luego la carne de donde la sacaremos?

---

(1) «padrinho».
(2) «madrinha».
(3) «comeu».
(4) Em hespanhol *Dominguez*. Vid. § 44.

Salió el lobo por aquellos cerros:
—Hagan la boda que yo pongo el cordero.

—Avisen, avisen, que carne tenemos;
¿Luego la cama, de donde la sacaremos?

Salió el orizo y extendió su lana:
—Hagan la boda que yo pongo la cama.

—Avisen, avisen, que cama tenemos;
¿Luego el cura, de donde lo sacaremos?

Salió el lagarto de su lagartura:
—Hagan la boda que yo soy el cura.

—Avisen, avisen, que cura tenemos;
¿Luego el padrino de donde lo sacaremos?

Salió el raton del monton de trigo:
—Hagan la boda que yo soy el padrino.

—Avisen, avisen, que padrino tenemos;
¿Luego la madrina de donde la sacaremos?

Salió la gata de su cocina:
—Hagan la boda que yo soy la madrina.

En el medio de la boda hubo un desatino:
Que brincó la madrina y comió el (sic) padrino...

Copla de quatro versos

222. Ũa paloma t'he traíu (1),
I ẽ (2) u nĩu a agarri;
I ela (3) chora por seis filhus,
Comu ei choro por ti.

(Ouvi-a em 1924 e 1931. Var. do v. 3.º: Sua mairi chora por ela. Tanto a cantam em hespanhol como em samartinhego).

---

(1) «te hei trazido».
(2) Soa *yẽ*, ditongo crescente, por fonética sintáctica.
(3) Soa *yela*.

Outra

223. Quando tinha binti anus,
Tinha a cara colorá;
Agora tenhu sessenta,
Yá tenho a barba branca...

1924.

Copla de cinco versos

224. Ē Sâi Martĩ hai bo binhu,
Ē Bilamel as patatas,
Ē Balberdi θebulinhu,
Ē as Elhas chibu i cabra,
I ē Gata a tamburada (1).

1924. — Refere-se a povoações vizinhas: Villamiel, Valverde del Fresno, Eljas, e Gata.

Breve narração rimada

224*. θincu lobus parí a minha loba,
Blancus i negrus, detrás d'ũa scoba (2);
θincu parí, ... θincu crió (3),
A tolus θincu (4) a teta le (5) dó.

1931. — Quanto à forma, cf. os versos que imprimi no *Mês de sonho*. Lisboa, 1926, p. 179.

III. **Refrás antigus:**

225. Também chamados *reflás* e *refranilhus*.

«Us refrás antigus sõ mui berdadeirus», disse-me uma mulher com tôda a seriedade. E outras, que a ouviram, confirmaram o conceito. Também a algumas pessoas ouvi simplesmente: «tós refrás sõ berdadeirus».

---

(1) Há lá muito quem toque tambor.

(2) «giesta».

(3) Verso incompleto. Talvez falte *otrus*.

(4) Vid. §§ 113 e 116.

(5) Com o valor de plural: vid. § 105.

Dos meses do ano:

a) Eneru (1) tẽ ós dia/ de cabalheiru (2).

b) Febreiru, busca tei ubreiru (3).

c) Febreiru, busca á sombra ó perru; deixà fonti, i bai-t'ò ribeiru (4).

d) Febreiru, nĩũ primeiru (5).

e) Marθu, máir (6) de quatru (7).

f) Abril, máir de mil (8).

g) As águas de Abril enchĩ ũ barril.

h) As manhãs d'Abril
Sõ mui dulθis de durmil.

i) Maiu (=má-iu)
De sonhu (9) me cáiu (=cá-iu).

j) Ẽ Maiu queima a belha o talhu (10).

k) Ẽ Juniu (11) purque nũ u tubu... (12).

---

(1) Hespanholismo.
(2) Porque já os têm lindos.
(3) Porque os dias vão sendo maiores.
(4) Só aqui se emprega *ribeiru*; o mais é *riu*. A segunda parte do adágio significa que já a lavadeira lava no ribeiro, onde pode demorar-se mais tempo do que na fonte.
(5) «ninho primeiro», porque então já «impéçã us paxaritus a alegrar-se». Em *nĩũ* nasalam-se *i* e *u*, e o acento está no *i*.
(6) «mais».
(7) Subentende-se «ninhos».
(8) Isto é, «mil ninhos».
(9) «sono». Influência do hesp. *sueño*.
(10) Banquinho de três pernas ou tripeça pequena.
(11) Com j hespanhola, e também no n.º *m*.
(12) Não o queimou. Já o tinha queimado em Maio. — Estes dois adágios dizem-se a seguir.

l) Juniu
De puru sonhu nũ durmu [1].

m) Ē Juliu secal a palha pá o burru [2].

n) Quẽ queira bel [3] u sei [4] omi mortu, que [5] le dé a comel peθis [6] ẽ Agostu [7].

o) Agostu friũ rostru [8].

p) Sã Lorenθu [9] || bai á binha i enchi ó lenzu.

q) Setembri sècàs [10] fontis || i lebàs [11] pontis.

r) Otubri sembra [12] e cubri [13].

s) Nobembri tó mund'u tembri [14].

t) Deθembri [15] o me/ da noite boa [16].

Alguns dos *refrãs* enunciam-se seguidos, como se vê dos n.os *d-f, h-i, j-k*. Entre *i* e *l* foi necessário intercalar *j-k* para não alterar a série dos meses. — Tôdos os *refrãs* foram colhidos em 1931.

---

(1) Cfr. a expressão portuguesa, graciosa: «não posso dormir com sono!».

(2) Adágio colhido por Santos Agero, para se completar a série dos meses. Eu não o pudera encontrar.

(3) «ver».

(4) Vid. o § 190.

(5) Aqui o *que* é mais que hespanholismo, é galicismo. Êste adágio não foi colhido por mim. Talvez os Samartinhegos não empreguem o *que*. Cfr. o seguinte adágio hespanhol, com melhor sintaxe: *Quien quiere mal a su vezina, dele en Mayo una sardina, y en Agosto la vendimia*, — nos *Refranes* de Hernán Nuñez, Madrid, 1619.

(6) «peixes», no sing. *peθi* < **pece* < lat. pisce-, em hesp. *pez*. Pode juntar-se êste exemplo do grupo SC ao § 57, porém temos assimilação de *s* a *c*, d'onde *c* > *θ* (§ 47);

Refrã geográfico:

De Bilhamiel ([1])
Ni busque nora, ni mulhel,
Ni cuchinitu ([2]), si poi sel ([3]).

Variante da 1.ª parte do v. 2 (Valverde): *ni burru*. No v. 3 também ouvi em S. Martin *ni omi*.

Temos aqui mais um exemplo de expressão de rivalidades entre povos vizinhos, como por tôda a parte acontece.

IV. **Aθertõs ou aθertós:**

226. *Aθertõ* ([4]) significa «adivinha»: *acertijo* em hespanhol. Quem vai propôr uma adivinha, pode preguntar ao

em português a evolução foi outra (cfr. J. J. Nunes, *Gram. hist.*, 2.ª ed., p. 137).

([7]) Em português: *Se quiseres o teu homem morto, ‖ dá-lhe couves em Agôsto.* Ou com leves variantes.

([8]) Por *ẽ rostru*. Caiu o *e*, ficando só a nasal, isto é: *friũ rostru*. Vid. § 74, *a*.

([9]) Festeja-se em 10 de Agôsto. Toma-se o nome do santo pelo do mês. Em português diz-se também, por exemplo, *o mês do S. João* em vez de *Junho*.

([10]) = *seca as*. Vid. § 74, *b*.

([11]) = *leba as*. Vid. § 74, *b*.

([12]) Hespanholismo.

([13]) Isto é, semeia, e trata de fazer cobrir as femeas (gado graúdo e miúdo).

([14]) Conjuntivo. Hespanholismo: *lo temble*, de *temblar*.

([15]) Em hespanhol antigo *Deciembre* (e *Decembrio*), em hespanhol moderno *Diciembre*.

([16]) Expressão traduzida da hespanhola: *noche buena*.

([1]) Villa-Miel, povoação próxima de San Martin de Trevejo. Os Samartinhegos adaptam à sua fonética certos nomes hespanhóis de povoações; além d'este também, por exemplo, *Foios* por *Hoyos*.

([2]) «porquinho».

([3]) «se pode ser». No § 155 imprimiu-se *pós* por êrro, em vez de *pói*.

([4]) Quanto às formas do plural vid. o § 88.

parceiro: *qués que te diga ũ aθertõ?* Eis alguns que ouvi em S. Martin em 1924:

a) Reonda como ũa taθa,
I bai coimigu á plaθa!
— A luna.

b) Foi (1) á serra, cortí ũ timõ,
Cortá-lu puí, péru rachá'lu nõ.
— Pélu («cabelo»).

c) Cém damas enũ castelu,
I todas bistĩ d'amarelu.
— Narãja.

d) A patatita está prenhada:
Como poirá cõ tãtu pàtatitu?
— Migrá *(milgrada).*

e) Berdi foi mei naθimento,
Colorau mei bibil (viver),
I negru me foi quèando (quedando, ficando),
Quandu me quiji morrêl.
— Mora (amora)

f) Ó rebolber ũa esquina hai ũ combêntu abertu, mais por θima duas bentãs, mais por θima dois espelhus, || mais por θima ũ passeo donde se passéã os belhus. ||
— Bôca, nariz, olhos, cabeça com piolhos.

g) Bênhu de páiris cantistas (2),
Anqu'ei nũ só (3) cantàl;
Entre duas parés brancas
Amarelu u curaθõ.
— Óbu.

h) Reondu com'ũ queiju,
I u rabu té∫u.
— À saltã (4).

(1) «fui».
(2) Galo & galinha.
(3) «sei».
(4) «a sertã», em português popular há também *sartã.*

i) Cém bombitas enum bombõ,
ũ met'i saca i ôtro quita i põ.
— «Adeitunas enũa tinaja (1), dondi se sácã conũa cucharra» (hesp. *cuchara*).

j) Ũa coi∫à que nĩ é, nĩ será, nĩ poirá ser, nĩ ha siu?
— Criar-se ũ ratõ enas orelhas d'ũ gatu durminol (2).

k) Só rei, só reina, só frol, i branca aθuθena.
— Óbu, gema, crara, i casca.

l) Um homem estava preso, e a filha apresentou ao rei o seguinte *aθertõ*:

Toma, rei, esti bá∫u de binhu tintu, q'a ábi branca (3) u trúju áu nio (4); ‖ binha montá ẽ quẽ nu'ha naθio (5), ‖ trai as más ẽ θima de sua mairi (6). ‖ Adebina, rei, è sinõ dá-m'a mei pairi (7).

O rei não adivinha, e mandou soltar o preso.

(O último aθertõ ouvi-o em 1929 a uma mulher de 52 anos, os outros em 1924).

---

(1) Não se pronuncia à hespanhola, mas com *j* português.

(2) «dorminhoco», de *durminhol*: que está dormindo.

(3) *ábi branca* «cegonha». Noutra versão diz-se *Maria Blanca*, com sentido de «pomba», não de cegonha. Maneira delicada de personificar um animal. Em Portugal há exemplos semelhantes: cf. os meus *Opusculos*, III, 601, n.º 2.

(4) «trouxe ao ninho». Aqui ouvi pronunciar *ni-o*. O usual é *níu* (nasalado).

(5) Isto é, dentro da pele de um *burranquinhu* que fôra tirado do ventre da mãi: por isso *nu'ha naθio*, também com *i-o*, não *-iu* (§ 135).

(6) Isto é, da mãi do burrinho. O aparelho era feito da pele d'aquela.

(7) Isto é, *dá perdõ a mei pairi*.

Complemento da Parte I

227. Ao Estudo gramatical e aos Textos esperariam os leitores que se seguisse algo de Lexico. Assim aconteceria, se o presente trabalho (Pt. I), com alterações ou modificações que ulteriormente receberá, não se destinasse (cfr. *Rev. Lus.*, XXVI, 259, nota 2) a servir de introdução ao Vocabulário, que o S.or Santos Agero circunstanciadamente prepara, e tenciona publicar, do samartinhego, — introdução que êle me quis dar a honra de pedir que escrevesse (1).

228. Tanto do referido Estudo gramatical, como dos Textos, e de outras observações que adiante se produzirão, manifesta-se claramente quão grande influência o idioma hespanhol há exercido no da povoação de San Martín de Trevejo (2); e melhor ela se patentearia numa colecção de textos superior à que se aqui publicou: influência politica (instituïções e outras especies sociológicas); industrial, comercial, agrária, e técnica; religiosa; literária (devida a escolas, a jornais, etc.); influência social de tôda a ordem.

229. A uma palavra como regina, em latim, devia corresponder em samartinhego outra terminada em *-inha* (§ 38), e contudo êle tem *réina*, segundo uma lei fonética do hespanhol. Palavras relacionadas com a viação, provenientes d'esta última lingua: *calhi* (de *calle*), *plaba*, que correspondem ao

(1) Só por modéstia o fêz, pois êle próprio estava no caso de coordenar um compêndio da linguagem da sua terra. Já nos primeiros tempos em que se relacionou comigo me ofereceu uns apontamentos de alguns fenómenos fonético-morfológicos do samartinhego, e uma lista de quinze vocábulos samartinhegos, comparados com os que lhes correspondem em português, lionês e castelhano: isto, com o intuito de me dar ideia da linguagem, e me entusiasmar a ir, como fui, a San Martín, investigar directamente a gramática, e um pouco por miúdo.

(2) Como se disse na nota 1 de p. 165, uma coisa é S. Martín de Trevejo, e outra é Trevejo. O Rev. *Cura-Párroco* de Trevejo informou-me de que San Martín pretencêra outr'ora ao *termo* d'esta povoação: d'aqui pois lhe adveio o epiteto.

latim callis e platĕa, e não deviam, se proviessem directamente do Lacio, ter as formas que têm (§§ 48 e 53). Designações de meses genuinamente hespanholas, ou pouco alteradas: *Eneru* (§ 31), *Febreiru (Febrero)*, *Marθu*, *Maiu (Mayo)*, *Juniu* & *Juliu* (com j hespanhol), *Agostu*, *Setembri (Setiembre)*, *Otubri (Otubre)*, *Nobembri (Noviembre)*, *Deθembri (Deciembre)*. Ŭnicamente *Abril* é comum ao samartinhego, ao português, e ao hespanhol. Os nomes dos dias da semana estão em caso semelhante ao dos meses: *Dumingu*, *Lunis*, *Martis*, *Merculis*, *Djovis*, *Bérnis*, *Sábau*; *Domingu* e *Sábau* (§ 8, *a*, e § 40), é que podiam ter existência própria em samartinhego, mas bem se compreende que se ligam aos restantes nomes. Palavras designativas de moedas: *duru*, *ochabu*, *perra*, *pe/eta*, e bem assim *préθiu*. O uso dos nomes das moedas nacionais pertence ao número das influências absolutamente inevitáveis.

230. Em indumentária e coisas conexas (tudo vindo por indústria e comércio): *abrigu*, «sobretudo», *albarcas*, *alpergada*, *bóina*, *caiá* (§ 39), *calθeti*, *chaqueta*, *colhar de perlas* (num conto popular), *panhal* (§ n.º 212), *panhuélu*, *pantalõs* ou *pantalós* (§ 89), *urquilha* «gancho de cabelo», do hesp. *horquilla*. Em mobiliário e outros objectos domésticos: talvez *candil* (§ 36) (¹), *caθa* «colher de pau», como gadanha, mas com orifícios, para tirar azeitonas da talha sem vir água com elas, do hesp. *caza* (²); *campanita*, derivado do hespanhol *campana* (cfr. § 99), *ola* «caçarola», *pucheiro* (hesp. *puchero*) «pucaro», *silha* «cadeira», *tinaja* (vasilha). Na vida do campo: *barbechu* (cfr. port. «barbeito»), *cosecha* (co/echa?) «colheita», *ganau* «gado», *senara* «seara». Por «moleiro» diz-se *mulineiro*, do hesp. *molinero*, em contraste com *múnhu* (§ 36).

231. Com a religião relacionam-se: *igrésia* (do hesp. *iglesia*) a par de *igrejia* e *igreja* (§ 69), *ai Diós* (§ 171), *a Birjĩ* (com j hespanhol) «Virgem» e o próprio topónimo *San Martín* (supra, p. 166, nota 1).

232. Palavras vindas por leitura, e por trato com gente culta, devem ser inúmeras. Simples amostra: *dicha*, *imbidia*,

---

(¹) Digo «talvez», porque a palavra também existe em Trás-os-Montes (*Rev. Lus.*, I, 206 G. Viana).

(²) Esta palavra não a encontro nos dicionários hespanhóis de meu uso, mas deram-m'a como tal em S. Martín.

listo «esperto», *quimerucha* (§ 180), que significa «desordem pequena», *sobérbiu*, *teneblas* «trevas» (do hesp. *tinieblas*), *términu*.

Outras muitas expressões veremos em seguida.

233. Parentesco. Têm naturalmente cunho samartinhego as mais ternas e íntimas expressões, como: *mairi* «mãi», *pairi* «pai», *filhu*, *filha*, com algumas das quais se conexionam pelo lado morfológico: *mairinha* «madrinha», *mairasta* «madrasta», *pairinhu* «padrinho», *pairastu* «padrasto», *compairi* «compadre»; já, pelo contrário, resultam de penetração hespanhola: *aguelu* & *aguela* (§ 41); *armanu* & *almana*, *armana*, *elmanita* (§ n.º 204).

234. Partes do corpo e elementos do organismo humano: *cogódi* «cachaço» (do hesp. *cogote*), *θejas* «sobrancelhas», *frente* «testa», *nérbiu*, *pelo* «cabelo», *pestanhas* (hesp. *pestañas*), *rulha* «joelho», de *ruilha*, ainda nas Elhas (cf. § 35), e também às vezes em San Martín, como me informou o S.or Agero.

235. Seres naturais ou assim considerados: *águila*, *airi* «vento», *bastardu* (§ n.º 217), *cochinu* (§ 173), *corderu* (numa rima: § n.º 221), *θigüenha* (§ n.º 218), *luna* (§ 38), *paloma* (§ n.º 212), *ratunilu* (§ n.º 212), *topeira* (§ 29).

236. Palavras que fazem, por assim dizer, parte integrante de tôda e qualquer conversação: *aiós* (§ 171, *d*), *buenu!* (§ 172), *contestal* «responder».

237. Os hespanholismos, ou mais pròpriamente castelhanismos, de que se tem falado, e outros que seria facílimo coligir, são de duas classes: palavras de todo castelhanas, com alguma leve diferença de timbre de vogais; e palavras adaptadas à fonética samartinhega. Tanto numas como nas outras chega às vezes a haver sons hespanhóis, como a *jota* em exemplos acima lembrados, e em *jardĩ* (a palavra natural é *horta*), e *luju*; o mesmo som em *Jarmĩ* (Jasmim, nome de pessoa), e com *s* surdo intervocálico em *Jossefa* = hesp. *Josefa*. Tôda a fonética, morfologia, e sintaxe estão contaminadas de hespanholismo, como consta do estudo gramatical pôsto acima. Só quem dominasse o vocabulário samartinhego e ao mesmo tempo o hespanhol, como o S.or Santos Agero, caso se quisesse entregar a êsse trabalho, tiraria novas ou mais amplas ilações onomasiológicas.

238. Perante a majestosa superioridade gramatical, lexical, literária do castelhano, e concomitantemente sob a sua acção oficial e constante, os Samartinhegos como que se humi-

lham ou acanham, embora sem razão nenhuma, de se servir do seu idioma nativo: por isso dizem que êle é *lenguaje feo*, e que *falã chapurrau*, empregando aqui uma áspera palavra hespanhola, pelo menos, mui mal sonante aos nossos ouvidos, *chapurrado*, de *chapurrar*, que significa «hablar con dificultad un idioma, pronunciando mal y usando en el vocablos y giros exóticos» (1). A um indivíduo de San Martín, que se referia a um patrício, surpreendi esta frase em flagrante: *é d'acá, tamẽ fala chapurrau*. Por *chapurrau* entendia êle sobretudo mescla de samartinhego com hespanhol, o que eu verifiquei. Também podia entender mescla com português, pois em geral os Samartinhegos, pela incessante convivência com gente de Portugal, e por em San Martín habitarem várias famílias portuguesas, têm plena consciência de que a sua língua se assemelha à nossa: *falamus assina* (2) *comu us Portugueſes; a nossa língua é quaſi portugueſa; a nossa língua é meiu portugueſa; u nossu lenguaji é meiu portugués*. E que a língua dos Portugueses a consideram a todos os respeitos nobre, como orgão de uma nação ilustre, irmã, e amiga, não há dúvida, pois a equiparam à hespanhola, quando, por outro lado, asseveram que o samartinhego é «mistura de hespanhol e português», expressão que muitas vezes proferiram diante de mim (3), e que corresponde a est'outra frase que também ouvi: *u nossu lenguaji é mui chapurrau, nĩ ŋ é castelhanu, nĩ portugués*, isto é, participa de ambos. Efectivamente o samartinhego, se é fundamentalmente, por essência, português, está eivado de castelhano. O que tudo acima se provou. Para pessoas não conhecedoras dos segredos da Glotologia fàcilmente estas duas verdades, tão diferentes uma da outra, se tornam perfeita identidade. E deixo, ainda assim, de parte nestas reflexões complementares o exame da influência mais íntima dos dialectos hespanhóis, da região circundante, na fonética e na morfologia, influência que, por vezes, foi indicada no decorrer do Folheto e no Estudo gramatical, e a que também aludi, de relance, no primeiro Estudo (*Rev. Lus.*, XXVI, 238).

239. O modesto conceito que o povo forma da sua fala ingénita — *chapurrau*, ou mixto de palavras portuguesas e hes-

(1) *Dic. de la Academ. españ.*, s. v., «chapurrar».

(2) Vid. supra, § 167, *a*.

(3) Cfr. supra, p. 165 (palavras de Krüger).

panholas — (como se a linguagem não fôsse uma das melhores prendas de que a Natureza dotou o homem!) não permite que o samartinhego ou *manhego* (¹) saia muito para fora das moradas dos habitantes de San Martin e seu alfoz (²), e que só por mera curiosidade, e timidamente, alguém tentasse escrevê-lo (§§ 207-209). A falta de manejo literário motiva o possuir, por vezes, uma palavra de lato emprêgo múltiplas formas: *arrãs & arrás* (§ 88), *tu bistis & tu bitis* (§ 129, *a*).

240. A manutenção do samartinhego naquele rincão da Extremadura hespanhola, não embargante os violentos abalos que diàriamente sofre do hespanhol, concorda com a de outros usos arcaicos que se observam na povoação, ainda que não apenas localizados nela: por exemplo, os que se relacionam com o fabrico do azeite (³); jugo de bois, atado à testa dos animais (⁴); *djugu* («jogo») *da bola*, jogado por mulheres (⁵), e principalmente as *toθonaúras*, espécie de saca-

---

(¹) Em verdade não ouvi, que me lembre, chamar *samartinhego* à linguagem, têrmo, porém, que em 1925 propus se usasse na literatura filológica (vid. os meus *Opusculos*, IV, 674); só em 1931 ouvi *manhegu*: «*em manhegu*» (cfr. o § n.º 208). O usual é dizer-se: *u nossu lenguaji* (ou *lenguaiji*, § 69), ou *a nossa língua*, *a nossa fala*. — Acêrca de *Samartinhego* e *Manhego*, como nomes étnicos, vid. supra, p. 166.

(²) Vid. supra, p. 163. Uma *mallada* (sem nome próprio), situada numa encosta da Serra de Xalma, perto e ao Levante de San Martin, sei eu que é constituída por um circuito pequeno, ou parede, dentro do qual há um *chozo* de pedra coberto de terra e também de pedra, onde dorme um pastor, ou pastores de gado, e há currais descobertos e alpendres ou *tenadus*. O estêrco que o gado deixa ali de noite é tirado em cargas para os campos.

(³) Vid. *Ländliche Gewerbe der Sierra de Gata*, por Wilhelm Bierhenke, Hamburgo, 1932, pt. I.

(⁴) Santos Agero disse-me que o descreve no seu Vocabulário, e tenciona acompanhar de desenhos a descrição.

(⁵) Vi-o jogar em 1931 a quatro mulheres de idade, duas de *ca lau* (de cada lado), com duas bolas. A que mete 24 vezes a bola numa *argola* fixa no chão, ganha *ũ chinu*, ou pedrinha, outras tantas vezes, isto é, 24 *chinus*, que correspondem a uma *perra chica* (cinco centésimos!).

das, que, por poupança de espaço à custa das ruas, servem



Uma toβonaúra de San Martin do Trevejo

de prolongamento de quartos e salas das casas de habitação, como se vê da fig. adjunta (1). Também em San Martín se

(1) Tendo eu pedido a D. Santos Agero informações acêrca da geografia das *toβonaúras*, êle disse-me, em carta, o

fabricam bôlos, chamados *biscochus reondus*, muito bons, que me dizem serem uma especialidade da terra.

241. Não é todavia tal a fôrça da manutenção do samartinhego, que êle não se veja ameaçado de sucumbir por inteiro, dentro talvez de não longo tempo. De um lado o desgaste pro-

---

seguinte, que é muito instrutivo: «Em Valverde e nas Eljas também há «tozonaduras», mas muito poucas, e ressaindo geralmente menos do que as de San Martín. Fora destas localidades, encontram-se ainda em muitas outras do centro e do oeste de Espanha, mas sempre cabendo-lhes proporção mínima na totalidade do casario. Há-de haver, porém, um ou outro pueblo que as tenha em maior quantidade, como parece ocorrer em Guisando (Ávila), a ajuïzar por fotografias que dêle tenho visto; mas duvido que exista em tôda a Península terra que, como a de San Martín, as possua em tão grande número, vendo-se ruas inteiras onde nem um só prédio escapa a êste tipo de arquitectura, e, sabendo-se da maioria das fachadas simples, que elas pertencem a casas recentemente edificadas ou provêm da reforma de antigas, a que não faltava a graça da sacada». A *cálhi* ou rua mais cheia em San Martín é a *da Cidái* («Cidade»), assim chamada por seguir para Ciudad-Rodrigo. É costume geral por tôda a parte dar às vezes a ruas nomes de povoações para onde elas se dirigem. A palavra *toϑonaúra* provém de **toϑonadura*, esta de *toϑõ*, e esta de *toϑa*. Chamam-se *toϑõs* as pedras ou traves salientes das paredes das casas onde se apoiam as *toϑonaúras*, como ressalto dos andares; e *toϑa* é o que nós chamamos *torça*, «verga» ou «padieira». Além da *toϑa*, as partes de uma porta, em San Martín, têm os nomes de *ombrus* «ombreiras», e *quíciu*, «limiar» ou «soleira» (em Moncorvo: *soar*). D'esta espécie de sacadas ou «andares de ressalto», há muitas também em Portugal, por exemplo, em Lisboa, Alfama, e mui curiosas (vid., entre outras obras, a *Guia de Portugal artístico*, de D. Robelia Ramalho, I, 1933, 37: artigo de Pedro Batalha Reis). — O desenho que serviu para a gravura que exorna êste artigo devo-o à amabilidade do S.or D. R. Estéfani, Capitão do Exército hespanhol; ofereceu-m'o em 1931, por intermédio de seu primo, o Abogado D. Luís G. Ojesto, com quem eu me relacionara em San Martín de Trevejo em 1924, quando êle era ainda estudante.

duzido nêle pelo idioma nacional, e do outro o nenhum entusiasmo que os naturais mostram de o falar, e muito menos de o escrever, levá-lo-hão a êste fatal resultado. É pois necessário que Santos Agero se apresse a colhêr o maior número possível de vocábulos e modismos que ainda existam. E até provàvelmente a área geográfica do samartinhego foi de comêço mais dilatada, da banda de Portugal, o que o citado investigador procurará, como me disse, esclarecer pelos restos fossilizados na toponimia [1].

242. Pela minha parte ofereço à publicidade mais esta breve contribuïção para o conhecimento do samartinhego. A-fim-de a poder levar a cabo, andei por tôda a povoação, ora falando com pessoas de várias idades, desde 10 até 84 anos, e de ambos os sexos, ora ouvindo-as conversar, ora fazendo-lhes com o maior cuidado preguntas que não trouxessem consigo logo a resposta, mas indirectas, e convinhavelmente encaminhadas para que as respostas saíssem como que espontâneas. A pp. 172-173 indicaram-se uns tantos nomes. Escolhi sobretudo analfabetos para *vítimas* dos meus interrogatórios, por estar nêles mais pura a linguagem; só recorri por vezes a indivíduos de alguma instrução, quando precisei de tirar dúvidas ou ampliar observações incompletas: para não ofender melindres, não especializo outros nomes. Procurei igualmente locais onde costuma reünir-se povo, ou aí concorrer, por exemplo, serões de mulheres, lojas de negócio, o correio, e um fôrno de cozer pão: tive assim novo ensejo de ouvir falar samartinhego, que não raramente, confesso, se falou por minha causa. — A população de San Martín é de 1.636 almas.

243. Por muito cuidado que eu pusesse na investigação e aprendizagem do dialecto, muitas minudências, já se vê, me hão-de ter escapado; e estando eu agora em Lisboa a dar as últimas penadas a esta dissertação, e por isso longe de San Martín, e de quem pudesse auxiliar-me directamente na remoção de qualquer incerteza, é provável, da mesma maneira, que cometa erros, de que peço ao leitor me absolva, atenta a vontade que sempre tive de acertar.

---

(1) Com a toponímia, aqui tomada no sentido de conjunto de nomes de lugares, anda de certo modo ligada a antroponímia ou conjunto de nomes pessoais, por exemplo, *Amaral*, *Carbalhu*, *Gonbalves*, *Silbeira*, apelidos samartinhegos.

PARTE II

Notícia do falar das Eljas

244. Logo em 1924, ano em que iniciei as minhas idas a San Martín, me relacionei com o falar das Eljas ou Elhas, porque Santos Agero mandou vir a sua casa algumas mulheres de lá, que eu interroguei familiarmente. Era uma manhã gelada, e podia dizer-se, sem hipérbole, com Castilho:

Oh que aspérrimo Dezembro!
Treme o frio em cada membro,

frio que descia da próxima Serra de Xalma, como que aos tombos, pelas ladeiras abaixo, até à povoação. Mas o meu hospedeiro havia sido previdente: na sua biblioteca, onde nos reünimos todos, êle, as Lagarteiras, e eu, crepitava uma braseira de vivo lume, que combatia com vantagem as arremetidas que nos chegavam de Xalma.

Não me lembro se a sessão se repetiu, se não passou de uma única. Fôsse como fôsse, redigi por essa ocasião um esbôço gramático da linguagem das Elhas, *fala* ou *parla lagarteira*, como os habitantes despreocupadamente lhe chamam, — esbôço que adiante aproveito, adicionado de outras notas colhidas em 1929 e 1931 na própria povoação, aonde então fui com Santos Agero (vid. supra, p. 165), de ambas as vezes, porém, com detença de poucas horas.

245. A quem, seguindo de San Martín, chega ao pé das Elhas, nas abas da serra do mesmo nome (uma das divisões de Xalma), vê-se cercado de grandes penedos, como região granitica; e não pouco pedregulho irrompe também do solo da vila, que se levanta num alto, com um castelo medieval em todo o cimo, onde o povo sonha com tesouros escondidos pelos Mouros, e vai fazer por vezes excavações para os desenterrar. Lendas comuns a Portugal e outras nações (1). As ruas

(1) Pelas Elhas, San Martín e Valverde são algo conhecidos uns caderninhos manuscritos, chamados *Libros de tesoros*, onde se mencionam riquezas ocultas na terra. Pertencem à mesma família do nosso *Livro de S. Cipriano*. Cf. o que a

das Elhas são ladeirentas e pedregosas, mais perecendo algumas d'elas escadarias naturais do que obra de homens. Há várias casas de balcão e escaleira exterior, como entre nós é freqüente na Beira e no Norte:



De *toθonaúras* falou-se no § n.º 240, nota de p. 244.

245*. O epíteto ou alcunha de *Lagarteiru*, dado aos habitantes, e de que êles não se ofendem (*nós somus Lagarteirus*, dizem) (1), contam os de San Martín que lhes foi imposto, ou por morarem entre penedos, como os lagartos, ou porque, de facto, há muitos d'estes sáurios nos *conchais* (penedias) que circundam as Elhas; mas isto depende de causas gerais, como se ponderou supra, p. 166, nota 2. Na mesma ordem de ideias gritam os de San Martín aos das Elhas:

Lagartu! lagartu!
Se metei (2) pà coba,
Búsca-li u rastru...

mas os lagartos não são de tal modo despreziveis, que em várias partes de Hespanha, por exemplo, em San Martín, o povo não use comê-los assados; juntamente come cobras ou

---

respeito de coisas semelhantes escrevi no *Archeologo Portug.*, XXIX, 42. O meu colega D. Pedro Garcia Casillas, médico em Valverde del Fresno, ofereceu-me em 1931 um dos tais *Libros de tesoros*, que êle obteve naquela povoação; data do século XIX, é de formato muito pequeno, escrito por duas mãos. Exemplo de um tesouro: «N.º 39. En dicho castillo (de que se falára noutro §), en la cisterna de Lebante, estan enterradas las yoyas (=joyas) del Almirante del castillo, en un cajon de betume».

(1) Cf. supra, p. 166.

(2) «meteu».

bastardos (1). Também com o excremento do largarto, depois de sêco e reduzido a pó, costuma curar as *nuvens* dos olhos (2), insuflando-o na córnea, como um colírio, por intermédio de um tubo feito de papel de cigarro.

246. Os Lagarteiros replicam aos de San Martín, denominando-os *Mañegos* ou *Manhegos*, acaso com o pensamento em *maña*... Contudo, já acima, a p. 166, se mostrou o que significa *Manhego*. Zombando dos das Elhas, põem-nos ainda os de San Martín a falar d'este modo: *Iá sabemus idel* (3) *quatru palabras castelhanas: linu* («linho»), *lana*, || *cuencu* (vasilha de barro) *i bentana*. Entre povos vizinhos existem de ordinário rivalidades. O que fica exposto não destoa da etnografia geral; nem os das Elhas se devem ofender com a menção d'estes costumes, que são aqui recordados ùnicamente por interêsse da sciência. Coisas análogas eu podia contar de Portugal, e as contarei na obra indicada em nota.

247. A linguagem das Elhas, segundo as minhas observações, difere pouco da de San Martín, mas há algumas diferenças importantes, que se assinalarão nos seus lugares. No têrmo ou limite das Elhas, isto é, nos sítios de Pontõ e Cume, há duas *gañanias*, aonde se estende a linguagem da vila, e há também um *caserio*, ou povoado pequeno, formado de *malladas* «malhadas», que deve estar no mesmo caso. Êste povoado chama-se *Divina Pastora*. Cf. supra, p. 164. Por *gañania* entende o *Dic. de la Acad.* «conjunto de *gañanes*; casa en que se recogen».

248. Na Fonologia, temos as mesmas vogais, quer orais, quer nasais; os mesmos ditongos; as mesmas consoantes (não encontro, porém, ɳ nos meus apontamentos). Em certas palavras hespanholas, por exemplo, *jardĩ*, há a *jota* hespanhola. Repita-se também o que se disse no § 11. Por exemplo: *djinja*, *ũ djarru*, *lijeiru*; *s* e *ʃ* côncavos em *sete*, *assi*, *meʃmu*, *tres caʃas*, com as variedades do § n.° 12, conforme os indivíduos. A êste último propósito transcrevo dos

---

(1) A nenhum de tais costumes de carácter primitivo é estranha a nossa terra, do que tenho coligido muitos exemplos, como se verá da *Etnografia Portuguesa*.

(2) Suponho que são o que nós chamamos *névoas* ou *belidas*.

(3) «dizer».

meus cadernos o seguinte: *uz mésmuç; nũ çé* («não sei»), *çi* = si, *naz Elhas, eçlaba, aç pírduras* (pilulas), *çigüenti* (seguinte), *bizita; puzu* por *púʃu, caza; butiza* (botija), *camiza, treç* (três), *tu báç, çal* (sal), com *-l* alveolar-lateral, *ũa bé & duas beθiç; çabel* (saber), *çémpriç* (= *sempris*, sempre), *çenhol* (senhor); estes exemplos colhi-os nas Elhas em 1929 e 1931, e pareceu-me ser sempre, ou quási sempre, o *ç* e o *z* do Porto.

249. Na história dos sons encontramos de igual modo a mor parte dos fenómenos do samartinhego.

Aos §§ 21-23 correspondem aqui os seguintes exemplos: *toqui* (toque), *búrru, áʃnus;* ao § 29: *pôicu, rôipa,* todavia *ruibal*, de *roibal*, por ser átono o ditongo; ao § 30, *baixó;* ao § 31, *primeira;* ao § 32, *meira;* ao § 35, *úi* > *u* em *truta, mutu, lutu;* às vezes o dit. átono *ei* > *i: quimal* <> portug. *queimar*, e *idel* <> samartinh. *eidel;* ao § 36 (-L-), *pau*, mas *solu* e *solamenti*, do hespanhol; ao § 37, *idel* (dizer), *dil* (ir), *sel* (ser), *tel* (ter), e também *Gaspal* (Gaspar), onde o *-r* é primário; ao § 38, -ANA > *amanhã*, etc., mas *rana* e *lana* por hespanholismo; -ANV > *mã, grã, bèrã*, -ONE > *tiθõ, coraθõ, carbõ*, -ENA > *aréa, chéa*, -ONA > coroa, -ONV > *bó;* ao § 39, *biáu*, veado na frase «pareθi ũ *biáu*», isto é, «meio tonto», *paré* (parede), *réi* (rêde), mas *sèdi.* Também: pratu- > *plau d'elba* (de herva), *patá* (patada), *róa* (roda), *séa* (sêda), *cubitu* > *có* (cotovêlo); -ATE > *θiái* (civitate-), *bondai* (bonitate-), *cariái* (caritate-), *aijual & jual* (ajudar: adiutare); mas *midil* «medir» (em contraste com o samartinhego *mil*) e *pedil* «pedir» (em contraste com o samartinhego *pil*), certamente por influência hesp. *(medir, pedir)*, adaptados à pronúncia local *(-r > -l)*; ao § 42, S impuro, *estrela, esperal* (esperar), mas ouvi *xi* por *si*, com o mesmo *x* que em *xabõ;* ao § 44, quéda de *-z*, em *cru, lu;* ao § 45, *v* > *b*, em *bé*, etc.; ao § 47, *rêdal* (rezar), *bráθu, θereija.*

250. Grupos de consoantes, §§ 49, 52, 56, 58: -TR- > *ir* em *pairi, mairi, compairi* e *comairi*, e > *dr* em *padrinhu, madrinha, pedra, madrugal* ou *madrugar, ladral* ou *ladrar*, etc., o que é diferença fundamental da linguagem de San Martín (§ 50). (Acêrca da evolução de -TR- na nossa região vid. também Fink, p. 78); CL- > *chábi, chama;* -CL- > *abèlha, òrelha, cuelhu, òlhu, òbelha, belhu* (velho); -GL- > *telha;* -CT- > *direitu, feitu, leituga, noiti, oitu;* LT > *mutu, mui, ôitru* (em San Martín *otru*); RB > *elba* (herva).

251. Semi-vogal, Ssy: *baixu* (em San Martin *baxu*). Também em lagarteiro se diz *caixa* (samartinhego *caxa*).

252. Influência de palatais. No § precedente vimos *-áix-*. Com *-j-* temos *beiju*, *figu berdeiju*, *caleija*, *θereija*, *queiju* (§ 69). O desenvolvimento do *i* não se dá com *-nh-*: *lenha*; nem com com *-lh-* (§ n.° 250). Pode resolver-se aqui um singelo problema que no Folheto, p. 15, nota (= *Rev. Lus.*, XXVI, 259) ficou pendente. Não nego que nas Elhas alguém possa dizer *láixa* (acaso até por influência balberdeira), mas o que eu lá ouvi em 1929, foi *láija*, com *j* português, e cito como documentação não só o topónimo *Làij'Andrea*, a que se faz referência *ibidem*, senão também a seguinte definição que lá me deram de *lòbeira*: «cama da loba debaixu d'ũa *laija*».

253. Prótese de *i* em *ijarru* (a-par de *djarru*, § n.° 248), *ijarra* (jarra), *ijeitu* (geito) — o que ouvi a muitas pessoas em 1929, talvez, porém, com *i* subtil. A palavra *sabõ*, ora se pronuncia assim, com *s* côncavo, ora *xabõ* (§ n.° 249); nos dois casos ouvi a-par *issabõ* e *ixabõ*, que eu nos meus apontamentos de 1929 até por vezes transcrevi assim: *ⁱsabõ*, *ⁱxabõ*. Nos primeiros exemplos e no último há evidente influência das palatais; quanto ao penúltimo devemos lembrar-nos que a pronúncia do *s* côncavo se aproxima de *x* mais ou menos (§ n.° 12). Nos apontamentos de 1931 também tenho *issabõ*.

253*. Assimilação: *e-i* > *i-i* em: *pidrinha*, de *pedra*; *pirrinhu*, de *perru*; *pirinha*, de *pêra*, e no verbo *midil* «medir».

254. Fonética sintáctica. Formação de ditongos (§ 74, c): *ha dáũa caʃa* = ha da(d)o ũa caʃa, *dũ fernu* = du enfernu. Correspondentemente ao § 74 *d*, não encontro η nos meus apontamentos (cf. § n.° 248), mas nos de 1924 tenho *manhã -n- alegre* (a-par de *mã aberta*), com *-n-*, que me parece insólito (seria η, ou influência de palavras hespanholas acabadas em *-n*, por exemplo, na frase *pan y toros*?). Com o § 74-*e* coincide *du's caʃas*, por *duas casas*, em pronúncia rápida, o que observei mais de uma vez. O notável fenómeno do § 75, de epêntese de um *i*, que forma ditongo com um *u* antecedente, existe também nas Elhas: *ũi lobu* = ũ lobu, já encontrado por mim nas Lagarteiras com quem falei em 1924 (cf. § n.° 244); *ui mês* a-par de *ui meç*. Todos os exemplos notados aqui, excepto os dois que já indiquei como de 1924, os colhi em 1929 na povoação. Ao § 78: *aʃ mãs* «as mãos». Oclusivas tornadas fricativas: *deu* «dedo», mas

u ðeu «o dedo»; *gatu*, mas *u* γ*atu*; *balcu* «barco», mas *u βarcu*. Cf. Folheto, § 33.

255. Nas Flexões encontramos também quási contínua semelhança com a linguagem de San Martín. Género: *ladrõ-ladrona* (§ 83), *leõ-leona* (ib.), *labrol* (lavrador), *labróra* (1); *jòdiu* (com j hesp. *judio*); *jòdra* (com j hesp.); *-áu*, *-á*, *quimau* «queimado», *quimá*. Número (§ 88 sgs.): *casa-casas*, *óbu-óbus*, *ómi-ómis*; *caracol-caracóis*, *real-reais* (em San Martín *rèeis*), *canchal* (penedia), *canchais*, *papel-papéis*, *perejil* (com j hesp.), *perejis* (mas cf. § 90), *candil-candís*, *dagal-dagais*, mas *frol-frores*, porque faz pressupôr o sing. **fror*, que existe em portug. arc.; *més-méses* (certamente *méjis*); *grã-grás* (2), *mã-mãs*, *sallẽ* (sertã), *sartés*; *teixõ* (teixugo), *teixôs* (sem nasal); *cru* (§ n.° 249), *crudis* (§ n.° 249), *lu-ludis*. Gradação dos adjectivos (ao § 97): *mais grandi c'aquel*; *mui bô*. Deminutivos: *casa casinha*; e com assimilação de vogais, vid. § 253*, mas a-par de *pidrinha*, aí notado, também há, com ênfase, *pèdrinha*, como em Portugal na linguagem da Beira-Alta. Curiosa cantiga:

> Maruxinha (3), ábre-mi (4) a porta,
> Si nõ entru pũr as telhas;
> Traig'u rapazinhu feitu,
> Solo le faltã as urelhas (5),

onde também encontramos *-inh-*, fenómeno que diverge completamente do uso de San Martín, que é *-it-* (§ 99).

256. Numerais (§ 101): *ũ*, *dois*, *trés*, etc., como em San Martín até *dodentus*. Depois *mil*ᵉ (§ 102, e Folheto, § 38), inclusivè *ochenta*. Pronomes: *ei*, *tu*, *el*, *nós*, *bós*, *elis*, *dá-mi*, *dá-ti*, *le* «lhe»; *ôitru* (§ n.° 250), *mesmu*, *ninhũ-ninhũa*, *alguẽ*, *càũ* (cada um), *mesmu*, *bamus d'ambus i dois*, *dambas*, *qual-*

(1) De *labradora* (§ n.° 249), e *ao* > *o* (cf. *mor* em português).

(2) Sem nasalamento.

(3) Deminutivo hipocorístico dè *Maria*. Cf. em galego *Maruxa*: na *Antroponimia portug.*, p. 471.

(4) Assim tenho nos meus apontamentos. Não posso agora dizer se está bem, se deve ser *ábri-mi*. Com dissimilação.

(5) Para a métrica o *le* é de mais.

quel ómi, ũ ómi qualquer, guaisquera coija (com *j*). Nos pronomes possessivos: *mei, sei, sua*, em próclise rápida *su', tó* «tudo». Artigos: *u*, como em português, pelo menos quando não há ênfase; *u perru; ũ*, mas *ñi lobu* (§ n.º 254). Ligação de pronomes e artigos com preposições: *tenhu u cabalu nu campu, mei filhu está na minha caʃa, estô na cama*, a-par de *ênu campu, ênus campus; coneste dagal, conesta.*

257. Conjugação. É muito pouco o que tenho de dizer da conjugação. O fenómeno mais notável, e um dos que distinguem a linguagem das Elhas da de San Martin, é a 3.ª pessoa do singular do perfeito da conjugação II em *-eu*, por exemplo: *iá se morreu.* Quanto ao mais, creio não haverá grandes diferenças. Também nas Elhas as formas das 2.as pessoas do perfeito são em *-tis* (§ 129, *a*): *tu bendetis, bós bendetis; tu mintitis, bós mintitis*; e na 3.ª pessoa do plural há *órĩ* (§ 129, *c*). Etc.

258. Várias formas (dos verbos regulares, e dos chamados irregulares):

a) Verbos regulares: Conjugação I, *matu, matas, mata, matâmus*, etc. (como em S. Martin), *matí, matástis* (cf. § n.º 257), *mató, matastis, matórĩ; cantára.* Tenho coligidos outros exemplos: *tu comprastis, bós comprastis; agarri, atirí; perguntó.* No imperat.: *ò pai, baixai acá.* Conjugação II, *bébu, bébis, bébi, bebemus, bebeis, bébĩ*; pretér.: *tu bendétis tó* («tudo»), *el meteu* (cf. § n.º 257); *bendérã.* Conjugação III, *míntĩ* «mentem», *mintírã; oibil*, que creio ser regular, conjuga-se assim no presente do indic. e no pretér.: *óibu, oibí, oibitis* (§ n.º 257), *oibio* (parece que *-io* é dissílabo), *oibírã.*

b) Verbos irregulares: [**dal**], *ei dó, el dó*; no perf.: *el dó;* **dil,** «ir»; **idel,** «dizer»; perf.: *dixu, dixérã;* **pedil** (§ n.º 249); «pôr», no perf., 3.ª pess.: *puʃu*, ao passo que no samartinhego é *púju* (§ 156); [**querel**], no perf.: *quiʃu*; [**sabel**], *sé, sábĩ, súpi, supestis, súpu, supérã;* [**stal**], *tu stás, estaba;* **tel,** *tenhu, tés, tẽ, témus, tendis, ténĩ;* fut.: *terné* (como em hesp. arc.), *terná, ternemus, terneis, ternã;* «trazer», *traigu.*

259. Partículas. Advérbios: *nũ queru, nõ! nu' me dá gana; si ê nõ; què si, què nõ; assi, si; mutu* (em pausa), *múi baixu; agora, agó' miʃmu, hoiji, ayel, despois, endespois, sem-*

pris (com o *s* adverbial); *ásta logu* (cf. § 171, *d*). CONJUNÇÃO: *anque*.

260. Sintaxe. É nada o que posso aqui pôr: *que si, que nõ* (§ n.° 259); *me cayu, se morreu; pa ril*, no conto 3.°: *estás pa ril*, «estás-te a rir». Muito uso de *que* em narrações.

261. Para se conhecer, no seu conjunto, a linguagem de uma localidade, serve melhor, sem dúvida, a leitura de textos, do que observações gramaticais sôltas. Aqui reproduzo, pois, relativamente à linguagem das Elhas, os seguintes contos populares, que colhi da tradição oral naquela povoação:

CONTO N.° 1:

262. Er' ũa mairi que tinha tres filhas, e as meteu [1] nũa butiza [2], i as tapó c' ũ pé: ‖ Si quel que l'u contĩ otra bé...

Colhido em 1929.

N. B. — Êste arremêdo de conto pertence a uma classe muito usual em Portugal, por exemplo: *Era uma vez um rei e um bispo.* ‖ *Acabou-se o conto, não sei mais do que isto.* Cf. *Ensaios Ethnogr.*, II, 220.

CONTO N.° 2:

263. — Iá se morreu u gálu, Dõ Gaspal! [3].

Nas Elhas habia ũ médicu que se chamaba Dõ Gaspal, que reθetó [4] ũas pirduras [5] a ũ que estaba mau [6], i le dixu á mulhel dũ-fermu [7] que quandu cantára u gálu [8]

(1) Vid. § n.° 257.

(2) «botija». Ouvi aqui pronunciar *z* tão sibilante como o do Pôrto.

(3) Vocativo. — Esta frase serve de título do conto.

(4) Do hesp. *recetar*.

(5) Do hesp. *píldoras*, «pilulas».

(6) Em português dizemos «estava mal».

(7) = *du ~fermu* = *du enfermu*. Vid § 74.

(8) Maneira de indicar tempo. Já aparece numa fábula grega, e também na literatura popular portuguesa.

que (1) le dera as pírduras. Foi a mulhel, i las dó ó galu, i u gálu se murreu. I ó dia sigüenti foi u médicu a fel a bi/ita, i preguntó á mulhel cumu estaba ũ-fermu: i a mulhel le dixu que s'abia mortu (2) u gálu á primeira pírdura que le dó. I u médicu le dixu:

— Quẽ pu/u á/nus nu purtilhu? (3).

Colhido em 1929.

CONTO N.º 3:

264. Ũa bè erã dois dagais, i tinhã a sua mairi, que era biyúa i mui belha. Tocórĩ as campanas á missa, i prèguntó a mairi que que (4) tóqui era aquel. I le dixerã o/ dagais que tocaba a ca/ál belhas: i dixu a mairi que tamẽ queria ela ca/al; i le dixérã u/ dagais que comu (5) se dibã a balel (6) pa lebál-a á igréjia. I espoi/ àgarrórĩ (7) us dagais, i a lebórĩ á igréjia. I despois pur a noiti le metérã a calabera (8) d'ũ burru na cama. I depois ela se pú/u a miral as pulgas (9), i miraba a calabera, i le idia:

— I iá stás pa ril! (10) que será quandu ei alá éntri na cama!

I despois se meteu na cama, ì abraθó a calabera, i dixu:

— Ondi t' has bindu a imbertil (11), espo/u mei!

---

(1) Cf. §§ 201 e 194.

(2) Hespanholismo sintáctico.

(3) Pôr um burro a guardar a porta de uma propriedade é como não pôr lá ninguém, porque êle foge logo.

(4) Cf. § 196.

(5) Cf. § 196.

(6) «de que é que se valeriam». *Dixerã* corresponde a «preguntaram».

(7) = a agarrórĩ.

(8) Hespanholismo.

(9) Entende-se que fazia isto quando estava para se deitar. Vid. adiante.

(10) «a rir», porque tinha os dentes *séius* «saidos».

(11) «em que te transformaste». Cf. hesp. *invertir*, do lat. invertĕre, com mudança de conjugação. — Em *stás pa ril*, note-se o emprêgo de *pa* «para» por *a*. Cf. § n.º 262.

Contado em 1931 por Francisco Guerrero, de 67 anos. O narrador ponderou que êste conto era de *galhofaria*. — Em Portugal há várias coisas tradicionais relativas a casarem velhas, e espero publicar na *Rev. Lusit.* uma notícia do assunto.

CONTO N.º 4:

265. Ũa bé era ũa mulhel ca/á (1), que tinha ũa dagala que nũ abia tíu (2) nóbiu nunca (3). A primeira noiti que foi alá o nóbiu á su' ca/a, dixu u pairi á dagala que fora (4) buscal binhu á tinajeira (5) páu (6) nóbiu. Despois tardaba mutu a dagala. Baixó a mairi, estaba a dagala churandu, i le dixu:

— Qué tés, filha?

— Está ũa aθó (7) ĩ θíma da tinaija (8) nu techu (9). Que se me ca/u (que si, me ca/aré! comu está o nóbiu arriba, tenhu que (10) ca/al), que se tenhu ũ filhu (que si, o terné! como está o nóbiu arriba, u tenhu que tel! (11)), como está a aθó arriba, quandu mandemus u dagal (12) à buscal binhu, le bai a quél (13) a aθó na cabeθa! que desgráθia bai a sel a nossa!

---

(1) «casada». Cf. § 39.

(2) «tido». Emprêgo de *aber* como verbo auxiliar de tempo composto. Cf. § 130.

(3) Do que se segue subentende-se que a rapariga arranjou depois noivo.

(4) «que fôsse». Cf. § 194.

(5) Sítio da casa onde estão as *tinaijas*. Com *j* português.

(6) =*pa u*. Cf. § 74, *c*.

(7) Suponho significa *enxó* ou significa *machadinha*. Derivado do lat. ascia. O mesmo que o hesp. *azuela*. Numa versão, da Ucanha (Tarouca), que eu ouvi em criança, figura uma machadinha, e noutra, de Nisa, figura uma enxó.

(8) Isto é: sobranceira à *tinaija* ou pote.

(9) «tecto». Hespanholismo.

(10) Quanto ao *que*, cf. o § 198.

(11) Isto é, ter o filho.

(12) «o rapaz», isto é, o menino.

(13) «cair». Vid. § 57.

— Tés radõ, filha!

Se pu/erã dambas a churar.

Bendu iá que tardabã mutu a nóbia i a mairi, dixu u pairi a u nóbiu:

— Bó (1) alá a bel que stã fendu.

I bai, i estabã churando dambas i duas.

— Que tendis?

I le dixu a mairi a u sei omi:

— Si se ca/à a filha (que si, se ca/ará! como está o nóbiu arriba, se tẽ que ca/àl), que se tẽ ũ filhu (que si, o terná!), si temus ũ netu (que si, u ternemus), que si u mandamus a buscal binhu á tinaija, i le cai a aθó na cabeθa, i mu' lu mata (2) u netu, que desgraθia bai a sel esta nossa! (3).

Bendu que tardabã, yá baixó u nóbiu, i le dixu:

— Que tendis?

I dixu a mairi á u nóbiu:

— Si bus ca/àis (que bus tendis que ca/àl!), que tendis ũ filhu (que si, u terneis!), que u mandamus a buscal binhu, i le cai a aθó na cabeθa, que desgracia bai sel esta nossa!

I le di el:

— Quitai-a d'éi (4) a aθó, i punhei-na (5) eneste rincõ.

— Oh! que sabel tẽ est'ómi!

I despois u nóbiu iá nõ (6) qui/u a dagala, pur bel que esta djenti erã mui lelus (7).

Contado em 1931 por Irene Ramos, de 30 anos, casada.

N. B. — Êste conto, que nas Elhas se narra independente, constitue em Portugal um episódio do das *Sete parvoíces*, de que conheço, como já disse, duas versões.

---

(1) «vou».

(2) = *mus lu*. Vid. § 78, *a*, 4.° caso. Acêrca de *mus* vid. o § 105.

(3) A narradora omitiu aqui a resposta do pai da noiva, a qual resposta devia ser semelhante à da mãi.

(4) «d'aí». Cf. em Baião (Douro) *adéi* nos meus *Opusculos*, II, 77.

(5) «ponde-a». Cf. em galego.

(6) Noutros casos de próclise ouvi *nũ*.

(7) «tontos». Do hesp. *lelo*. Quanto à sintaxe, cf. § 183.

266. Devemos notar a respeito da gramática da linguagem das Elhas mais o seguinte:

1) que existem nela fenómenos que faltam, quanto me parece, na de San Martín, tais como: representação completa de -TR- por *ir* (§ n.º 250), *-ix-* em *caixa*, etc. (§ n.º 251), *flutu* (em samart. *frutu*), *-io*? (§ n.º 258, *a*), pl. *reais* (§ n.º 255), sufixo deminutivo *-inh-* (§ n.º 255), *oitru* (§ n.º 256; perfeito da conjugação II *-eu* (§ n.º 257), *pufu* (§ n.º 258, *b*), — sendo os mais importante fenómenos, sem dúvida, a representação de -TR-, *-ix-*, o sufixo deminutivo *-inh-*, e o perfeito em *-eu*;

2) que também nela existe prótese de *i* antes de palatais (§ n.º 253), porém, não sei se lhe é peculiar, se existe a-par em San Martín. No § n.º 234 vimos que tanto nas Elhas como em San Martin se diz *ruilha*, aqui coexistente com *rulha*: cf. § 70.

267. No Vocabulário observam-se igualmente algumas divergências do de San Martín: **abelha** (em samart. diz-se neste sentido *bespa*; no sentido de «vespa» diz-se *bespa má*), **boda** (em samart. *boa*), **bodéga** (§ 39), **θegonha** (em samart. *θigüenha*), **furmiga** (em samart. *furniga*, § n.º 212), **imbertil**, no conto 2.º (do hesp. **invertir**), **lana** (§ n.º 249, do hesp.), **midil** (em samart. *mil*), **parla** (§ n.º 244), **pességo** (em português popular *pessêgo*: «pêssego»), **pidil** (em samart. *pil*), **rana** (§ n.º 249, hespanholismo), **sede** (em samart. *sé*), **urinél** (vaso da noite). — No § n.º 252 vimos *lòbeira*, porém não sei se é também do samartinhego.

268. Os das Elhas fazem maior uso da respectiva linguagem do que os de San Martín da sua própria, e até existem alguns ali que não sabem bem o hespanhol. D'isso se originou a inocente sátira que se transcreveu no § n.º 246. — A população da vila, como me informa Santos Agero, é de 1.853 habitantes, que não têm profissão característica, pois no geral são jornaleiros ou recoveiros, havendo a-par alguns proprietários pequenos, e contrabandistas.

PARTE III

Notícia do falar de Valverde del Fresno

269. Quando, no ano de 1924, em que comecei a estudar o samartinhego, me relacionei com a linguagem das Elhas (§ n.° 244), tomei concomitantemente apontamentos de alguns fenómenos característicos do falar de Valverde del Fresno, por exemplo, os que se revelam nas palavras *faθer*, por *faθel* (em samart. *fel*), *beixo*, por *beixu* (em samart. *beiju*), *ȷenti*, com ȷ hesp. (em samart. *djenti*), *pedra* (em samart. *peira*), e vários outros, iguais aos de San Martín, o que tudo consta de um dos meus canhenhos de então. Poderia eu ter publicado isso em 1927, na *Rev. Lusit.*, com o primeiro estudo do samartinhego, bem como o esbôço gramático das Elhas (citado §); mas fui-me guardando para mais propícia ocasião, que chegou agora, — pois desejava reünir novos apontamentos, que com efeito reüni em 1929 e 1931, na própria povoação de Valverde (cf. supra, p. 165), embora a totalidade fôsse pequena.

270. Valverde jaz, não rigorosamente num vale, mas numa baixa da *Serra de Valverde*, uma das divisões de Xalma, como a das Elhas (vid. o § n.° 245), em sítio arborizado, e de vista ampla, atravessado por um arroio, ou *rivera* de *Sabugal*, nome que, porém, nada tem com o da nossa vila do *Sabugal*. O território, conforme já vimos a p. 164, dilata-se para o lado do concelho de Penamacor. A povoação tem um pouco mais de vida do que as outras duas congéneres, sobretudo as Elhas. Notavel particularidade etnográfico-lexical: às «toθonaúras» de Valverde dão os naturais a denominação de *tamboretis*, no singular *tamboreti*, o que lá ouvi em 1929 [1]. A Valverde pertencem muitas casas de campo, ou *gañanías*, dispersas pelo têrmo ou arredores, em número de trezentas, pouco mais ou menos, segundo me informaram.

271. Os habitantes de Valverde vimos a p. 166 que na sua linguagem se chamam *Balberdeiros*, nome étnico correspondente ao de *Valverdeños*, que se lhes dá em hespanhol. Êles

---

(1) Deminutivo de *tambor*, a que o *Dicc. de la Acad. Esp.* dá várias significações, alguma das quais aqui talvez convenha. Acêrca de toθonaúra vid. o § n.° 240.

têm maior contacto connosco do que os de qualquer das outras duas povoações, sobretudo San Martín, pois com as Elhas suponho que o contacto português é mínimo. Êsse contacto resulta principalmente de comércio, isto é, contrabando, pois os Valverdenhos recebem de Portugal madeiras, gado, café, cacau. Há meses em que as transacções se elevam a cem mil pesetas. Além d'isso vão trabalhar muitos Portugueses para Valverde, onde às vezes casam. Disseram-me que a população portuguesa se fixa numas cem almas (a população total, em 1931, era de 3.000; porém, talvez nela se incluísse a das *gañanias*, de que falei no § anterior). Por isso usam-se na povoação apelidos portugueses, como estes que, com permissão do Rev. Cura-Párroco, eu colhi num livro de assentos da paróquia: *Cigano* (isto é, *António Cigano*, nome muito natural num contrabandista!), *Estevez* (com grafia castelhana), *Mendez* (idem), *Perero* (por *Pereira*, que verifiquei que existe), *Piñero* (por *Pinheiro*), *Piris* (com *-s*), *Vaz*, *Vazquez* (também grafado à castelhana).

272. Conhecida de modo sumário a povoação e os habitantes, passemos à linguagem.

273. Na FONOLOGIA. O balberdeiro possue as mesmas vogais (orais e nasais) que o samartinhego; possue, pelo menos, os ditongos *au*, *eu*, *iu*; *ai*, *ei*, *oi*, e possue as seguintes consoantes: *p*, *b*, *f*, *m*; *t*, *d*, *θ*, *l* (alveolar-lateral), *r*, *rr*, *s* (1), *ʃ*, *ç*, *z*; *ch*, *nh*, *lh*, *x*; *c*, *g*, *ŋ*; j hespanhol. Os sons *ç-z* (portugueses) só aparecem individualmente, aqui e além (cf. o § n.º 12). O som *ʃ* creio que só se ouve antes de consoantes sonoras, por exemplo, em *meʃmu*, *deʃdi*; entre vogais só há *s* (=*ss*), bem como antes de consoante surda: *ẽ esta cassa* «em esta casa», no fim de palavras, e em ligações como: *ass Elhas*.

O balberdeiro não possue o som do *j* português. Umas vezes evita-o, usando o nosso *x*: *xúgu*, *xenru*, *fuxil* (2), *quexu* «queijo», e *frixil* «frigir», *xógu* «jôgo», *xugal* «jogar», *igréxa* «igreja», *inxibas* «gingivas» (em português popular *ingibas*, (por dissimilação, como já algures expliquei), *caixa*, *caixom*. — Cf. Fink, p. 33, e o que fica declarado no § n.º 269. Outras

---

(1) Muito próximo de *x*, mas distinto (cf. § 13).

(2) Por «fugir». Só ouvi esta fórma verbal a um velho. Outras pessoas dizem no mesmo sentido *escapal* (à letra «escapar»).

vezes usa em seu lugar o j hespanhol: *jeira*, *jenti*, *juntus*, *judíu*, *Juan*, *Bírjĩ*, *butija*, *járru*, *lonji*. — Cf. Fink, p. 33, e supra, § n.° 269.

Não há *v*, nem *l* alveolar-velar, substituído aquele por *b*, e êste pelo *l* lateral. Cf. § 11. Também não há *dj* (cf. Fink, pp. 32-33), substituído de vários modos, como agora vimos.

274. História dos sons. Continuando a tomar por base, como se fêz relativamente ao falar das Elhas, a gramática do samartinhego (Pt. I d'este estudo dialectológico), disporei da seguinte maneira os materiais que colhi na investigação da linguagem de Valverde. Aos §§ 21-22 correspondem: *ómi(s)*, *cuelhu(s)*; ao § 25, *acordalu* a-par de *munaθilhu*; ao § 28, *encontral* a-par de *cuntigu*, e de *cuntal*.

275. Para o conhecimento dos ditongos (§§ 29-35): *poicu*, *oiru*, *toiru*; *roibal*; *noiti*, *feitu*, *leiti*; *palheiru*, *eira*, *sombreiru*, mas *bexu*, *quexu* (§ n.° 273).

276. Consoante -L- (§ 36): *mu*, *mua*, *mau*, *má*, *fial* «fiar», *pau* & *paus*, *θeu*, *muel* «moer»; mas *solu*, *-a*, do hespanhol: -R secundário (§ 37): *θeal* (cear) e nos outros infinitivos; *mulhel*, *milhol*, *sinhol*. Ao § 38: -ANA > *lã*, *bentã* «janela»; -ANV > *mã*; -INA > *galinha*, *farinha*; -INV > **muinhu* > *munhu* («u *munhu* mói a *farinha*»), *caminhu*, *linhu*, *binhu*; -ONE > *carbõ*, *tiθõ*; -VNA *ũa*, mas há *luna* por hespanholismo. Ao § 39: -ATE > *θià-Rodrigu*, que faz pressupor **ciái* (como em samart.), mas o usual é dizer-se *θiudái*, directamente do hesp. *ciudad*; -ATV > *práu*, *soldau*, mas *sábadu*, por influência hespanhola; -ETE > *parê*, mas *sèdi*, *rèdi*, talvez do hesp. *sed*, *red*; -ITV > *podríu* (em samart. *poiriu* <> hesp. *pudridu*; *deu* «dedo»; -OTA > *roa* «roda». Mas a petere corresponde *pidil*, talvez do hesp. *pedir*. Ao § 40: -D- > *pé*; -D > *Madrid* > *Madril* (como em samart. e em grande parte de Hespanha); D- > *dinheiru*, *debessa* «devesa» (em samart. *ebe/a*). Ao § 43, -S- > *ss*, por exemplo, em *cassa* «casa», *cassal*, *cássi* «quási». Ao § 47: a Z port. não final, e a Ç port., equivalentes a Z hesp *(ce, ci)*, corresponde *θ* em balberdeiro: 1) *θorru*, *θagal*, *coθel* «cozer», *biθinhu*, *faθel* «fazer», *aθeiti*, *piθarra* (exemplos contrários ao samart., onde há *d*, às vezes caduco); 2) *arθendel* «acendel», *disgraθiau*, *θeirõ*, *θima* «cima», *onθa* «onça», *θeu* «céu», *θea* «ceia», *munaθilhu* (exemplos concordantes com o samartinhego). Ao § 44 -Z secundário e final cái: *bé* «vez», *cru* «cruz», *lu* «luz», como em samartinhego, mas seguindo-se

vogal, aparece o *θ* normal (vid. supra), por exemplo, em fonética sintáctica: *ũa beθ era* «uma vez era». F inicial mantém-se: *faba, faθel* «fazer», *filhu.*

277. Contacto de consoantes. Ao § 48, simplificação de geminadas: *galu, galinha, panu, anu, cabana.* Outros contactos. Ao § 49: TR > *dr: padri, mádri, pedra, Pedru, cumadre, padrinhu,* — um dos mais importantes fenómenos do balberdeiro, relativamente ao samartinhego (quanto ao lagarteiro, vid. § 250). Ao § 52: CL- > *orêlha, ass orêlhas, espêlhu, agulha.* Ao § 53: PL > *chorar, chábi.* Ao § 54: MN: *danu* «dano». Ao § 56: CT > *feitu, leiti, leituga, oitu.* CS: lat. coxu (REW, 3.ª ed., n.º 2.292, *a*) > *coixu* (cf. em samart. *coxa*, subst., do lat. coxa). Ao port. *caixa* corresponde em Valverde palavra igual, também com *i*, ao contrário do samart., que tem *caxa.* Ao § 57: S + oclusiva sonora: *mesmu, desdi* (cf. § n.º 273), às vezes mudado em *r.* Ao § 58: R + cons. mantém-se em *barba, carta.* Ao § 59, L + cons. *foiθi* «foi-se»; também: *Barberdi* «Valverde»; *arcardi* «alcalde» (do hesp.); balbus > *boibu.*

278. Nas semi-vogais ou semi-consoantes: Ty > *terθeiru.* Ao § 62: Ly > *alhu, folha.* Ao § 63 > *sinhol.*

279. Nos fenómenos gerais. Uma consoante nasal comunica ressonância maior ou menor às consoantes vizinhas: *cãmã* (cama), *cãnã* (cana), *mãnhã* (manha), *camĩnhũ* (caminho), *fũmũ* (fumo). Também tenho *panũ* (pano), *anũ* (ano), *cabanã* (cabana), sem indicação de nasalidade na vogal tónica, mas é evidente que a deve ter. Ao § 70: *carqueixa* a-par de *carquexa,* contràriamente ao samartinhego; e cf. § n.º 277 (*caixa* e *coixu* em balberdeiro). Ao § 72: S impuro > *estrêla, está.* Dissimilação: *inxibas* (cf. § n.º 273).

280. Na fonética sintáctica. Ao § 75: *ui nubélu* «o novelo», *ui més.* Aos §§ 78-79: *ur θagais* «os rapazes», *l'ur dó* «lh'os deu», *aquer dia* «aquele dia», *er le diju.* A respeito de *ũa beθ era* vid. o § n.º 276. Ao § 80: *que staba, pa qui xúguĩ* «para que joguem», *qui era, q'agarrára, que esta noiti, est'ánu, Pereanes = Per' Eanes,* de *Pero Eanes.*

281. Nas Flexões. Quanto ao Género (§ 83): *chéu* ou *chéo,* fem. *chea; nóru* (a sério) «genro», palavra deduzida de *nora,* e usada a-par de *xenru (xẽrru).* Quanto ao Número nomes acabados em vogal, § 87: *omi-ómis;* acabados em nasal, § 88: *carbõ-carbõs, tiθõ-tiθõs, mã-mãs, rã-rãs, lã-lãs;* acabados em *-al: real,* pl. *ris* (excepção), *θagal,* pl. *θagais.*

282. Nos Numerais (§ 101) *ũ-ũa*, *dois-duas*, *θincu*, *seis*, *seti*, *oitu*, *dé*, *onθi*, *doθi*, *treθi*, *catorθi*, *quinθi*, *deθasseis*, *deθaoitu*, *binti*, *quarenta*, *θincuenta*, *òchenta*, *θẽ*, *doisθentus*, *treθentus*, *quinhentus*, *seisθentus*; *primeiru*, *segundu*, *terθeiru*. Nos Pronomes (§§ 105-119). Pessoais: *ei*, *tu*, *el (cr)*, *nós*, *bós*, *elis*, *mus* (átono); *ur dô* «os deu»; *chama-mi*, *cála-ti* (expressões que ouvi em flagrante), *ei bus* (1) *doi istu*, *dei-m'ũ pã* «deu-me», *a mi*, *a ti*, *ei le doi*, *er le diʝu* «êle lhe disse»; *cumigo* & *coimigu* & *cuimigu* (cf. § 107). Demonstrativos: *esti*, *istu*, *aquer dia*, *miʃmu* a-par de *meʃmu*, *otru*. Indefinidos: *argũ* «algum», *naidi* (em samart. *nadi*, § 115), *cada*. Relativo ou interrogativo: *quẽ*. Possessivos: *mei*, *minha*, *tei*, *sei*, *nossu*, *nossa*, etc. Artigos: *u omi*, *ussomis*, *ũ*, *ũa mã*; *estoi na cassa*; *c'ũ pau*, *escribu cà mã* & *cuàmã* («com a mão»).

283. Conjugação. Fenómeno importante, que distingue o balberdeiro do lagarteiro e do samartinhego é terminar em *-árã* a 3.ª pess. plur. do perfeito da conjugação I: *cantárã*, em contraste com *-órĩ* dos outros dois falares: cf. Fink, p. 123 (2). Na mesma pessoa e tempo, no sing., da conjugação II, o balberdeiro distingue-se também do samartinhego, mas concorda com o lagarteiro, pois, como êste, termina em *-eu*, ao passo que em samartinhego há *-ei*. Na 2.ª pessoa do sing. e do plur. do referido tempo há *-tis*, certamente nas três conjugações, como em San Martín e nas Elhas, ainda que só tenho exemplos das conjugações I e II.

284. Várias formas verbais:

a) Verbos regulares: CONJUGAÇÃO I, em *-al*: *cántu*, *-as*, *-a*, *-amus*, *-ais*, *elis cantã*; com outro verbo, *chamu*, *-as*, *-a*, *nós mu' chamamus*, *bós chamais*, *elis chamã*; *cantaba*, *cantabas*, *cantaba*, *cantabámus* (3), *cantábis* (4), *cantábã*; *canti*,

(1) Deverá ser *buʃ*.

(2) Eu já tinha indicado no Folheto, § 41, *a*, que o perfeito do balberdeiro não era *-órĩ*, mas escrevi equivocadamente *-árão* por *-árã*, o que o leitor aí corrigirá.

(3) Só tenho um exemplo d'esta acentuação; não sei se me equivocaria. Ela é galega, e parece que também dialectal portuguesa (*Esquisse*, p. 132).

(4) Cf. *cantábeis* em samart., § 133.

cantális, cantó, cantímus (1), *cantális, cantárã; ei hé cantau mútu; ei cantaré, elis cantarám; cánti, cántis, cantemus, canteis, cántĩ;* imperat.: *monta-ti, montai-bus.* CONJUGAÇÃO II, em *-el: bebí, bebétis, bebeu* (2), *nós bebimus, bós bebetis, elis bebérã.* CONJUGAÇÃO III, em *-il: fuxil* (§ n.° 273); no imperativo *fúxi.*

b) Verbos pela mor parte irregulares: **abel,** *ei he-de dil lá* «eu hei-de ir lá»; **andal,** *andúbi, andubítis, andubu, andubimus, andubestis, andubérã; andubira;* **balel,** *balgu, balis, bali, balemus;* **bel,** *ei beu* ou *béo, tu bes, el bé, nós bémus, bós beis, elis bẽ* (sem ditongo, mas em samart. *bẽi,* § 139); **bil,** *ei binhu, bés, bẽ* (3), *bimus, bindis, bénĩ,* (imperf.) *ei binha,* (conjunt) *ei benha;* **cabel,** *ei cábu;* **dal,** *doi, dás,* (perf.) *di, destis, dó, dérã* (em samart. *dórĩ*); **diθel,** (perf.) *dáji, dijestis,* com **j** hespanhol; **dil,** *ei boi, ei foi, elis fórã, ei iba;* **estar,** *ei estúbi;* **faθel** (não *fel,* como em samart.), *fáiu* (4), *fais, fai, faθemus, faθeis, fáθĩ;* (perf.) *fiθemus, fiθestis, fiθérã;* **oibil,** *ei oibu;* **perdel,** *ei perdu;* **pidil** (não *pil,* como em samart.: vid. § n.° 276), *ei pídu;* **punhel,** *ei ponhu, põs, põ, punhemus, punheis, pónĩ;* (perf.) *ei púxi, el púxu;* **querel,** *quéru,* (perf.) *ei quíxi, el quíxu;* **sabel,** *sé, sábis, sabemus, sábĩ;* **sel,** *soi, és, é, semus, sois, sõ* (5), *ei foi, tu i bós fotis, ei fora,* (conj.) *ei sea;* **tel,** *tenhu, tẽs* (6) & *tes* (7), *temus, tendis, ténĩ,* (perf.) *túbi, tubetis;* «trazer» (não colhi em Valverde a forma do infinitivo), *ei tráiu (trayu), tu trais,* (perf.) *ei truji, tu trujestis.*

---

(1) Com *i,* por analogia com a 1.ª pessoa, como esta o é com a do pretérito das restantes conjugações (cf. *Esquisse,* p. 132, pois em dialectos portugueses existe o mesmo fenómeno).

(2) Como nas Elhas, §§ 257 e 258, *a.*

(3) Em samart. também é *bẽ,* mas no § 140 imprimiu-se *béiu* por engano, isto e, em vez de *bém* = *bẽ.*

(4) No meu canhenho de 1924 tenho *fago* (por *fagu*), que é forma galega, mirand. e hesp. arcaica; mas no canhenho de 1929 tenho o que ponho no texto.

(5) Aqui há alguma divergência do samartinhego, onde se diz: só, tu *éris, sómus.*

(6) Forma colhida em 1924.

(7) Forma colhida em 1929.

285. Nas Particulas. ADVÉRBIOS de modo: *álgu* «um pouco»; *mútu, mai belhu; cássi; mais*; negação proclítica: *nũ tinha, nũ queru dil lá, nũ boi lá*, a-par de *nõ tinha ná, nõ córru tantu, nõ queru*, e cf. Fink, p. 102; negação absoluta: *nõ*; de lugar: *cá, lá, aqui, ali*, «donde bindis?», *lóji*; de tempo: *adiel* «ontẽ», *oixi* (mas a um velho e a uma mulher ouvi *oxi*), *entonθis; dispois, adispois, yá*, com o mesmo *y* hespanhol de *ya*. PREPOSIÇÕES: *dejdi, ẽ θima de, sĩ* «sem», *pa, pur*. CONJUNÇÕES: *pa que*, «tu *u* ei» («ou») num conto.

286. Na sintaxe e estilo. Nos contos há alguns exemplos semelhantes aos das Elhas e San Martín, e muitos hespanholismos frásicos.

Seguem-se, como Textos, alguns contos populares que colhi em Valverde, em Agôsto de 1929, da bôca de uma mulher de 62 anos de idade:

CONTO N.º 1:

287. Era ũa mulhel, que tres omis (1), o cura (2) i u sancristã (3), i ũ munaθilhu (4) a queriã, i adispois le cuntó ó sei omi u que le passaba, i (5) le diju (6) que le dera permissu pa compremete-los a tós tres (7), ũ a ũa hora, i otru a otra, i otru a otra.

Le preguntó u primeiru que que (8) queria; le diju (9)

---

(1) Deverá ler-se *tressómis* (§ n.º 273).

(2) O artigo *o* indica a enumeração, e por isso é enfático; já a seguir está *u*.

(3) Também em português se diz popularmente *sancristão*, com *san-*, por etimologia popular. E é forma arcaica.

(4) Em hespanhol: *monacillo*, «muchacho destinado al servicio del altar». (Em português: «menino do côro»). Palavra derivada de monachus. Cf. algo do que diz o P.e Viterbo no *Elucidário*, s. v., «molachino», e as minhas Observações na *Rev. Lusit.*, XXVII, 255.

(5) No sentido de «lhe pediu».

(6) Subentende-se que êle lhe respondeu que sim.

(7) No sentido de prometer a todos três um encontro.

(8) Cf. § 196.

(9) Com j hespanhol.

que dois mil ris (1). I u segundu mil ris. I u terθeiru nõ tinha ná, i arθendérã (2) ũa belà i la pegárã a el (3) ẽ nu traseiru (4), i el diju:

— Ei, comu (5) nũ tinha dinheiru,
Fiθerã de mi candeleiru! (6).

N. B. — A narradora abreviou ou condensou muito o texto. — Também em Portugal conheço versões d'esta facécia, porém nelas há passos que faltam na versão de Valverde, e a aclarariam: uma ceia, durante a qual chega o marido; reza dos frades no côro, noutro dia, na qual aludem, psalmodiando, ao que lhes aconteceu.

Conto n.º 2:

288. Ũa beθera (7) ũ omi álgu boibu (8), que iba a bendel pã a otru lugar (9) i u lebaba enũ θeirõ (10) ẽ θima de ũ burru i s'encontrô ũ talegu chéu de onθas (11) i u tirô pô θeirõ ondi lebaba u pã, i chigô a cassa, i le diju u omi à mulhel q'agarrara (12) u talegu que staba nu θeirõ, que

(1) «reales».

(2) «acenderam». O *r* provém de cruzamento com «arder».

(3) «apegaram-lhe».

(4) Deverá ler-se *trasseiru*.

(5) Com o *u* final nasalizado: cf. n.º 279.

(6) «castiçal», porque em hespanhol *candela*, como *candeia* em português antigo, quer dizer «vela de alumiar». — O 2.º verso foi dito pela mulher com rudeza de expressão que desejo aqui evitar, mas a forma que publico ouvi-a a um homem de Valverde que assistia à narração. Quer num caso quer noutro há anacoluto, como os que citei nos meus *Textos Arcaicos*, 3.ª ed., p. 154.

(7) Vid. § n.º 276.

(8) Vid. § n.º 277.

(9) Deverá ser *lugal*.

(10) «seirão» ou «ceirão» (de esparto). Em hesp. *serón*. A duas outras mulheres de Valverde ouvi positivamente *sirõ* e *seirõ*. Também ouvi *xeirõ*.

(11) Onça, moeda hespanhola de ouro.

(12) «agarrasse». Vid. § 194.

s'abia falhau [1]. I le diju a mulhel que qui era [2] u que s'abia falhau. I er [3] le diju que erã antijuelus [4] brancus i amarelus, pa qui xúguĩ ur [5] θagais: i a mulhel, cumu era máiss lista [6], guardô u taleigu. I aquela noiti, quandu s'eitô u ómi, a mulhel estubu faθendu brunhuelus [7], i tinha ũas figueiras nu curral, i a cada rama le pussu [8] ũ brunhuelu, i agarró ũ libru, i le pussu u libru ó burru atáu diantri.

U omi bajó aitá-li [9] de cumel ó burru, i foi ó curral i biu a figueira chéa d'abrunhuelus, i foi pa riba, i le diju à mulhel: que esta noiti ha chubíu brunhuelus, i u nossu burricu está cantandu missa [10]. I aquer [11] dia foi otra beθaquel' ómi a bendel pã i s'encontró c'us ómis q'abiã perdiu u taleigu das onθas, i le preguntárã s'abia encontrau ũ talegu chéo de onθas. I el le diju que s'abia encontrau ũ talegu cheo de antijuelus blancus i amarelus, i lur dô à mulhel pa que xugárã us θagais.

---

(1) «que êle tinha achado». Acêrca de *afalhal* vid. o § n.° 205, nota 3. A respeito de *se* vid. o § 188.

(2) Cfr. o § 196.

(3) «Êle»: § n.° 282.

(4) Em hesp. *lentejuelas*, a-pesar-do género. A um Balberdeiro, de idade, ouvi *antigwelas*. Lentejoulas.

(5) «os». Se não me equivoquei.

(6) «sagaz». Parece que devia soar *maiʃ listo*, segundo o § n.° 273, mas ouvi *mais lista*; talvez a mulher, ao falar, fizesse alguma leve e inconsciente pausa no advérbio.

(7) A-par *branhelus*. São as nossas «frituras», que em Lisboa, por etimologia popular, chamam *farturas*. Do hesp. *buñuelos*, acaso sob influência de *bruñir*, por causa do movimento dos braços na fabricação. Também no Algarve, onde os bolos são conhecidos, ouvi dizer, como palavra hespanhola, *bruñuelos*; naquela província corresponde-lhe em português dialectal *bolinhois* e *bolinholos*.

(8) Variante de *puxu* (§ n.° 284). Em galego há também *puso* (=*pusso*) e *puxo*, como há *por* e *poñer*.

(9) =*a aitar-le* «a deitar-lhe». Fenómeno de fonética sintáctica. Vid. § 73, *b*.

(10) A narradora fundiu discurso directo e indirecto.

(11) Vid. § n.° 282.

Us [1] ómis forã cu el a sua cassa, i le diju a mulhel que que queriã:

— q'ibã buscandu u que s'abia encontrau u sei omi.

I ela le [2] diju q'el nũ abia lebau pa cassa ná, i o tontu le diju que si ela nũ s'acordaba quando [3] abia chubíu brunhuelus, i quand'u burru cantaba missa...

I a mulher diju:

— Beis bós cumu esti omi é tontu, i busseis [4] feitu cassu d'el!

I us omis se forã sĩ as onθas.

N. B. — Em Portugal, na Beira-Alta, ouvi em pequeno contar um conto, no qual havia também um episódio em que um parvo invocava como testemunho de certo facto, não me lembra qual, o haver isso acontecido num dia em que chovera excremento humano.

CONTO N.º 3:

289. Ũa beθera [5] ũa θorra, i iba pur ũ tapau i dispois s'encontró c'ũ cuelhu, i le diju a θorra:

— Amigu, quẽ tẽ a bida mai(s) xugá [6], tu u ei?

I u cuelhu diju:

— Ei soi mais disgraθiau que tu, quê nõ corru tantu, i tu lebantass u rabu, i dás quatru sártus, i naidi tê pilha!

290. Como os de San Martín (§ n.º 238), também os de Valverde dizem que *fálã chapurrau*, fazendo pouco da sua linguagem, que além d'isso difere mais d'aquela que a das Elhas, ainda que tem com esta em comum o *-eu* do perfeito, o *-ix-* (em *caixa*, etc.), fenómenos opostos aos de San Martín.

291. Caracteres fonéticos, muito importantes, do balberdeiro, são: *x* português e j hespanhol, como sons normais,

---

(1) Deverá ler *ussómis*.

(2) Com o valor de plural.

(3) Isto é: lhe preguntou se ela não se lembrava de quando, etc.

(4) = *bós heis*.

(5) Vid. começo do conto n.º 2.

(6) «jogada», «arriscada».

opostos, em certas circunstâncias, a *j* português e *dj* dos outros falares, *-ss-*, som correspondente ao *ʃ* das Elhas e de San Martín; *θ*, e *ũa beθera* (§ n.° 276).

A fonética imprime várias feições à morfologia: *deθasseis* <> *dedasseis*, em samartinhego; *diθel* <> *eidel*, em samartinhego e *idel*, em lagarteiro; *faθel* <> *fel*, em samartinhego: em ambos os casos com as respectivas flexões; perfeitos *púxi*, *truji* (com j hespanhol).

Curioso carácter morfológico: *cantímus* (§ n.° 284).

292. O balberdeiro, pelo seu *x*, dá ao repente a impressão de que alguma coisa ter com o galego; mas a êste respeito vale também aqui o que na *Rev. Lusit.*, XXVI, 258-259, se disse a respeito do samartinhego. Quanto a mim, o *x* nem foi pròpriamente importado, nem se desenvolveu *in loco*, em bôca balberdeira, mas deve-se ao contínuo e insensível esfôrço que indivíduos hespanhóis, que ali têm afluído em grande número, e estranhos à área das três povoações, de cuja língua estou tratando, fizeram desde sempre para pronunciarem o primitivo *j* português. Por exemplo: quem queria pronunciar *jugo* ou *jugu*, pronunciava *xugu*, pronúncia que se propagou. Em apoio d'isto acrescento que a hespanhóis muito cultos, quando precisam de pronunciar o *j* francês, tenho ouvido pronunciar *x* (isto é, o nosso *x*, que é, com pouca diferença, o *ch* francês), dizendo êles, v. g., *xe* por *je*, e *xur* por *jour*.

O som representado aqui por *-ss-*, correspondente, como disse, a *-ʃ-*, deve ter origem análoga, bem como o *θ*. E não estou longe de crer que a mesma tem também o j (j hespanhol), a-pesar-do que pensa o Sor Fink, pp. 33 e 64.

Indivíduos de fora de Valverde, e vindos para aqui, viram-se obrigados, ao terem de pronunciar, em balberdeiro primitivo, o *j* português, a pronunciarem-no umas vezes como *x*, outras como j (= j hespanhol): assim, por exemplo, **jugu*, com *x*, e **ajuda*, com j. Afigura-se-me que aquele som antecedeu êste. Quando os primeiros forasteiros chegaram a Valverde, ainda a população estava dialectalmente compacta, e por isso êles tentaram aproximar-se do *j* português, pronunciando-o como *x*, pronúncia que se fixou nas respectivas palavras. No decorrer dos tempos, com as modificações que se operaram no dialecto, devidas em parte à invasão de hespanholismos, quer na gramática (sintaxe, etc.), quer no lexico, e com a preponderância social e literária da língua oficial, novos indivíduos, que vieram, deixaram de lado os ensaios

glóticos, que já lhes não eram muito necessários, e puseram-se logo a pronunciar j, pronúncia que igualmente se fixou.

Uma palavra como *ayuntamentu*, de origem oficial, foi traduzida por *ajuntamentu*, e pronunciada com j hespanhol, por isso que a palavra portuguesa *junto*, que deu *juntu* em balberdeiro, correspondia à hespanhola *yunto* e *junto*. Em vez de *jueves* (em hespanhol) «quinta-feira», diz-se em balberdeiro *jobis*, por haver muitas palavras portuguesas com o som *o* equivalente ao ditongo hespanhol *ue*. Se o j hespanhol fôsse aqui evolução espontânea e natural do nosso *x*, porque é que há em Valverde tantas palavras com êste som, e não evolucionaram tambem? É que os dois sons são històricamente independentes um do outro, isto é, cada um apareceu em sua data.

293. Entre as influências do hespanhol conte-se, como muito notável, o epíteto *del Fresno* que acompanha o topónimo *Valverde*. Provàvelmente na origem disse-se *Valverde do Freixo*, à portuguesa, pôsto que eu não encontrasse vestígios de tal pronúncia. O epíteto hespanholizou-se, e o topónimo passou a dizer-se *Balberdi*, forma com a qual concorre *Barberdi*, como vimos no § n.º 277.

Considerações finais

294. Em San Martín fala-se o dialecto em família (1). Nas Elhas quási domina (2). Em Valverde fala-se muito menos que em qualquer outro lugar. Algo do que se disse no complemento da Parte I (influência do hespanhol, etc.), tem aplicação às outras falas, mas em Valverde a percentagem de hespanhol deve predominar a respeito das restantes povoações.

295. A Parte I, onde trato da Linguagem de San Martín, é desenvolvimento do primeiro Estudo, publicado em 1927 na *Rev. Lusit.*, XXVI, 247-259, a que corresponde a expressão *Folheto*, que às vezes usei, porque tirei do artigo uma separata. Da linguagem das Elhas, ou Parte II, escrevi um esbôço em 1924, como digo no § n.º 244, a que adicionei exemplos colhidos avulsamente em 1929 e 1931, e reduzi tudo a §§,

(1) Vid. § n.º 239.
(2) Vid. § n.º 268.

segundo o plano da Parte I. Para a colheita dos fenómenos da linguagem de Valverde, alguns (poucos), já em 1924, outros em 1929 e 1931 (vid. § n.º 269), e cujo estudo constitue a Parte III, regulei-me pelo Folheto, e paragrafei as observações, com remissões para a Parte I, como fiz a respeito das Elhas.

Por infelicidade, não segui no exame das três linguagens plano tão rigoroso como se desejaria. Dependeu isso de várias circunstâncias, entre as quais avulta a minha idade, que não me permite afastar-me muito dos trabalhos que na minha própria terra tomei a peito executar.

296. Ainda assim, fica patente o carácter fundamentalmente português das mesmas linguagens, não obstante estarem inclusas em território hespanhol, e em contacto com dialectos muito diferentes, que muito influem nelas.

Se não fôra a continuïdade de *ĕ* e *ŏ* latinos, sem ditongação;

a existência de *ou*, *oi*, resultantes do ditongo AV latino;

a transformação de N em nasal, não raro suprimida;

a síncope de -L-, e conseqüente fenomenalidade morfológica, por exemplo, plural em *-ais-*, *-is-*, *-ois* nas Elhas, *θagais* em Valverde;

PL-, FL-, CL- > *ch*;

-inha nas Elhas; os artigos; algumas formas pronominais; perf. em *-eu* (Elhas e Valverde) e *-erã*; etc., etc. (1):

o dialectismo de San Martín, Elhas e Valverde poderia até parecer linguagem de todo mixta: em verdade o é em parte. E em tal sentido apresenta excelente material a quem com amplidão se ocupe d'esses e de outros problemas de Glotologia geral.

297. Valeria a pena, pondo sempre diante dos olhos o manancial de exemplos que o S.or Fink, provido de elementos de investigação que nos faltam cá, juntou com tanta ordem, empreender um estudo comparativo, paralelo, e desenvolvido das três formas que toma a língua que se estende de Portugal pela província de Cáceres, para além da linha fronteiriça do concelho de Penamacor. Eu aqui, só de quando em quando cito aquele autor, pois para as minhas buscas me

---

(1) Cf.: os meus *Opusculos*, IV, 673-675; *Rev. Lusit.*, XXVI, p. 257-258; e Fink, pp. 126-127.

baseei nos escritos de Dialectologia que tenho publicado. Sem dúvida às vezes me encontro com êle, como êle se encontrou comigo no que toca à exposição de fenómenos análogos aos do meu primeiro Estudo. São acasos que resultam de havermos lavrado ambos no mesmo campo, e com arado semelhante.

Quadro sinóptico das matérias que compõem êste artigo

Introdução geral: pág. 164

PARTE I — Apontamentos para o estudo da linguagem de San Martín de Trevejo

I. GRAMÁTICA

A) *Fonologia:*

Sons e sua transcrição: §§ 1-11.
Particularidades: *ç-z:* §§ 12-13* e 15-19.
Pronúncia enfática: § 14.
Estudo histórico dos sons:
Vogais: §§ 20-28.
Ditongos e dígrafos: §§ 29-35.
Consonantismo: §§ 35*-66.
Fenómenos gerais: §§ 67-72.
Fonética sintáctica: §§ 73-81.

B) *Flexões:*

Genero: §§ 82-86.
Número: §§ 87-95.
Gradação dos adjectivos: §§ 96-97.
Aumento e deminuïção dos nomes: §§ 98-100.
Nomes numerais: §§ 101-104.
Pronomes: §§ 105-119.
Artigos: §§ 120-127.
Conjugação:
Preliminares: §§ 128-132.
Paradigmas: §§ 133-135.
Lista alfabética de verbos: §§ 136-166.

C) *Partículas e interjeições:*

Advérbios: §§ 167-168.
Preposições: § 169.
Conjunções: § 170.
Interjeições: §§ 171-173.

D) *Formação de palavras:* §§ 174-181.

E) *Sintaxe e estilo:* §§ 182-205*.

II. TEXTOS:

Preliminares: §§ 206-210.
Textos populares:
I. Contos tradicionais: §§ 211-220.
II. Poesias: §§ 221-224.
III. Refrás antigus: § 225.
IV. Aθertõs: § n.º 226.

Complemento da Parte I: §§ 227-243.

PARTE II — Notícia do falar das Elhas

Preliminares: §§ 244-247.
Fonologia:
Vogais, ditongos, consoantes: § n.º 248.
História dos sons: §§ 249-251.
Fenómenos gerais: §§ 252-253*.
Fonética sintáctica: § n.º 254.
Flexões:
Género e número, e deminutivos: § n.º 255.
Nomes numerais: § n.º 256.
Conjugação:
Preliminares: § n.º 257.
Várias formas verbais: § n.º 258.
Partículas: § n.º 259.
Sintaxe: § n.º 260.
Textos: §§ 261-265.

Complemento da Parte II: §§ 266-268.

PARTE III — Notícia do falar de Valverde del Fresno

Preliminares: §§ 269-272.
Fonologia:
Vogais, ditongos, consoantes: § n.º 273.
História dos sons: §§ 274-278.
Fenómenos gerais, e fonética sintáctica: §§ 279-280.
Flexões:
Género e número: § n.º 281.
Numerais, pronomes, artigos: § n.º 282.
Conjugação:
Generalidades: § n.º 283.
Várias formas verbais: § n.º 284:
a) Verbos regulares;
b) Verbos irregulares.
Partículas: § n.º 285.
Sintaxe e estilo: § n.º 286.
Textos: §§ 287-289.

Complemento da Parte III: §§ 290-293.

*

Considerações finais: §§ 294-297.

Addenda & corrigenda

No § n.º 10 devia dizer-se que os sons β, γ, δ, correspondem a *b*, *g*, *d* intervocálicos, como se disse no Folheto, § 33, onde a menção ficou deslocada em parte, porque *abó*, aí lembrado, não pertence à fonética sintáctica, embora a ela pertençam sons como *u burru*, *u gatu*, *u deu* (dedo), exemplos que podiam formar supra um § 81*, com título próprio.

A propósito de *canchais* (§ n.º 245*) acrescente-se o que se segue. Em Valverde *cánchu* quer dizer pouco mais ou menos «barrôco», e *barrôco* quer dizer «penedo»; *cancheira* e *canchal* significam «penedia», «barrocal». Na toponímia da mesma povoação há *Cánchu da θorra*, sítio na Serra. Em San Martín há o apelido de *Cancho*. Com isto tudo deve ligar-se *cancho* «penedo», que se diz em Portugal, em Castelo de Vide, onde

«atirar uma *canchada*» significa atirar uma pedrada. Perto da mesma vila existe um sítio denominado *Canchinhos*. O étimo estará em **canclu-*, dissimilação de calculus, pela lei de Grammont, que *l* dissimila *l*: vid. *La Dissimilation*, Dijon, 1895, pp. 98 e 84; e cf. piemont. *pinola*, de pilula. Prefiro explicar assim a invocar cruzamento com *cancer*.

Quando citei *caleija* nas Elhas (§ n.º 252), podia ter acrescentado, em nota, que tal palavra quer dizer «caminho estreito, entre paredes, no campo ou na povoação», e que a-par há *berêa*, na mesma vila e em San Martin (o mesmo que *vereda* em português, caminho estreito, no campo).

A pág. 164, linha 12.ª do texto, teria sido mais exacto escrever *Trebelhu*, com *-u*.

A pág. 165, linha 11.ª, contada de baixo, no texto, suprima-se «1925» depois de «1924», porque eu, conquanto estivesse fora de Lisboa até 1925, saí de San Martin de Trebelho para a Beira-Baixa em 29 de Dezembro de 1924.

A pág. 171, linha 6.ª, do § 13, emende-se *representa* em *represento*.

A pág. 178, linha 2.ª, do § 47, emende-se *zorra* em *dorra*.

A pág. 180, § 89, linha 1.ª, acrescente-se depois de consoante: «excepto T».

A pág. 199, linha 1.ª, emende-se *béiu* em *bẽ*. Observação ao § 144: a explicação de *dil*, que a mim me ocorreu espontâneamente, já estava dada por outros: vid. Fink, p. 43.

A pág. 200, linha 1.ª, do § 155, emende-se *pós* em *pói*.

A pág. 202, § 165, acrescente-se *elis trãĩ* (*ái* nasal) «êles trazem».

A pág. 206, linha 3.ª, do § 180, acrescente-se que *quimerucha*, de *quiméra*, significa «desordem pequena», como vai explicado noutra parte.

A pág. 244, no título da gravura, emende-se *Uma toƀonaúra* em *Toƀonaúras*.

A pág. 248, linha 5.ª do § n.º 245*, emende-se *conchais* em *canchais*.

A pág. 256, § n.º 265, linha 4.ª, talvez seja *tinajeiru*.

Lisboa, 26 de Setembro de 1933.

J. Leite de Vasconcellos.

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

(Cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXX, págs. 129, ss.)

V

ÁRVORES, FLÔRES & FRUTOS

como o povo as vê, sente e canta

1.ª SÉRIE

A) A LARANJEIRA E A LARANJA

Tudo que rodeia o povo ou com êle convive, lhe fornece inspiração poética. Há, porém, alguns pormenores mais incisivos nas coisas, como a côr, a forma, o aroma, isto é, certos caracteres organolépticos, cuja sugestão domina. Se qualquer virtude terapêutica lhes é atribuída, quer real, quer imaginária, sobe de ponto o seu poder de comandamento no espírito.

A poesia rústica tem por natureza própria da vida inferior do campónio, à mercê da seiva bruta, o carácter acentuadamente erótico, dominante, de faunos em continência.

Sobretudo na observação e trato das plantas, há formas, aspectos, semelhanças de qualquer das suas partes com órgãos humanos, há coloridos singulares, que despertam reacção no homem em intenso contacto com a natureza. Hilaridade, ironia, erotismo, singela comparança, formam graus diferentes em extensão e profundeza.

Em aparecendo alusão a propriedades mágicas de plantas, ou simplesmente qualidades curativas, podem ter perdido a prática terapêutica ou mágica, indício todavia são de existência.

O prof. Arturo Castiglione publicou em *Medicina Internazionale* o estudo reproduzido em *La Médecine Internationale Illustrée* de Novembro do ano passado, com o título de série *Les plantes magiques* e subtítulo da matéria tratada *La Mandragore* (1). Afirma que tôdas ou quási tôdas as

---

(1) *Medicina Internazionale*, de Milão, n.os 5, Maio, e 6, Junho, de 1932. *La Médecine Internationale Illustrée*, de Paris, n.º 11, Novembro de 1933.

crenças mágicas repousam em verdade ou base verdadeira; se uma planta tem fama de curativa, pode-se crer que lhe pertencem virtudes ligadas a efeitos mágicos.

A magia, continua êle, é o exagêro e o mistério das qualidades que a medicina empírica lhes reconheceu.

Nem sempre me parece assim. A forma evocadora de associação de ideias pode provocar a magia, ou conjunto de práticas mágicas, com ritual adequado, em que a forma, bem como a côr, mobilidade, etc., represente o objecto simulado.

O citado professor nos fornece exemplos na magia e curandaria da mandragora, da pulmonária, do ranúnculo: a mandragora, por na raiz tuberculosa tomar aspecto humano; a pulmonária, por se assemelhar aos pulmões; e o ranúnculo, por na côr das flôres lembrar os rins.

Em casos, quando a sugestão é múltipla e seriada ou não, sobrepõem-se crenças, virtudes, práticas.

Tomemos a laranja.

Não se limita ao fruto, pela forma e côr e aroma, a importância especial que tem no folclore português.

Estende-se à flor de onde provém, e atinge a árvore inteira.

A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabelos.

Os Lusíadas (1).

Camões inspirava-se na beleza e na sugestão de feminilidade vibrante da laranja.

Práticas de poder passado, apenas anotadas em cantares, práticas de poder actual, evidentes em uso continuado, denunciam a virtude primaz da laranja.

A flor simboliza virgindade; elementos formativos: *a)* a côr branca de pureza, sem mácula; *b)* a origem do fruto, após fecundação. O fruto pela forma, todavia mais perfeita no limão,

Os fermosos limões ali cheirando
Estão virgineas tetas imitando (2)

---

(1) *Os Lusíadas*, edição da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1921, Canto IX, fl. 149, est. 1.

(2) Id. eod. loc.

na imagem similar, evocada por Camões, pela esfericidade, pois que «nasce logo redondinha», e a presta à magia amorosa do sorteio de amores pelo rolamento ou pelo arremêsso, e pelos dois movimentos combinados, simboliza convite, provocação, o amor carnal, o fruto da flor da virgindade.

Quem tenha percorrido laranjais imersos em nevoeiro, com os frutos maduros a espreitarem, poderá sentir como o povo o mistério da côr na perturbação das formas. Parece-me que a êste sentimento recorrerá quem pretenda explicar a seguinte quadra, nos dois primeiros versos, têrmo primeiro da comparação ou mera evocação:

A laranja, de madura,
Caíu ao pôço da neve;
[Nunca tu encontrarás
Amor firme como eu era] (1).

«pôço da neve» equivalerá a «pôço da névoa» ou cerrado, invólucro de névoa.

O nevoeiro pela opacidade e vedação, pelo aparecimento inexplicado na inteligência popular, pela descontinuïdade nos objectos, como pelo prejuízo agrícola ou mera incomodidade climatérica, provocou ou favoreceu lendas, prestou práticas mágicas para o afastar ou «arramar». De passagem, lembre-se que em vários lugares «arramam» o nevoeiro maléfico três mulheres, chamadas Marias, em fraldas de camisa, misto de crendice na virtude do número 3, na virtude do nome Maria, e de informe e provável hetairismo no simplismo do traje.

Pela forma de semelhança mais ou menos íntima e perfeita, associam-se à laranja os outros pomos cítricos de Portugal — o limão e a lima, e, além dêles, a maçã. Deverá notar-se que, assim como na heráldica folclórica da rosa, esta flor se opõe ao cravo, paralelamente à diferenciação de sexo entre as personagens a que se aplica o símbolo da flor (rosa sempre alusiva à mulher, cravo sempre que a poesia amorosa alude ao homem), também à laranja se opõe no mesmo significado o limão.

(1) Afonso do Paço, *Cancioneiro de Viana do Castelo*, Braga, 1928, pág. 13, n.º 73.

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer.
[Tira de mim o sentido,
Se me queres ver morrer] (1).

Botei o limão no vinho,
A laranja na aguardente;
[Não se faça você grave,
Que não vem de melhor gente] (2).

Ou, ao invez, nesta quadra de Santo Tirso, com a mesma feição das precedentes:

A laranja tira o fastio,
O limão o bem querer;
[Trocaste a mim por outra,
Inda te hás-de arrepender] (3).

---

(1) Rapa (Celorico da Beira): D. Maria Angelina Furtado de Mendonça, *Cantigas populares*, in *Revista Lusitana*, XVI, pág. 312, n.º 143.

Esta quadra está mui vulgarizada. Os dois primeiros versos mantêm-se; os outros tem variantes secundárias:

Tirai-me dos meus sentidos,
Se me quereis ver morrer.

Barcelos, António Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem, de Barcellos*, Espòzende, 1916, pág. 101, n.º 339.

Outros ainda invertem o sentido, dissuadindo amores:

Tira de mim o sentido,
Tenho mêdo de morrer.

S. Simão de Novais, Fernando C. Pires de Lima, *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, in *Revista de Guimarães*, XXXII, e sep. 1.ª série, 1923, pág. 8, n.º 22.

Não te apaixones, menino,
Se não me queres ver morrer.

S. Tirso, Augusto C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso*, in *Revista Lusitana*, XVII, pág. 326, n.º 282.

(2) Ilha de S. Jorge (Açôres), Teófilo Braga, *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açôres*, in *Revista Lusitana*, II, pág. 9, n.º 137.

(3) Santo Tirso, loc. cit., pág. 331, n.º 357.

É certo que surgem desconcertos, como êste da quadra de Barcelos ([1]), em que o homem é «côr de laranja» e a mulher «côr de limão», troca possível de métrica auditiva, atracção da rima, e mais exemplo de contraposição invertida que é freqüente no espírito popular:

António, côr de laranja,
Maria, cõr de limão,
São os noivos mais bonitos,
Que à nossa igreja vão.

Ao limão opõe-se a lima, no que convergem dois elementos conformativos — o de género e o de grandeza.

Ó Rosa, tu és a lima,
E teu pai é o limão.
[Casaste, fizeste bem,
Fizeste a tua obrigação].

Quantos dentes tem a lima?
Tem tantos como o limão.
[Também quero que me diga,
O amor do meu coração] ([2]).

*

Como ficou dito já, começou a magia e o simbolismo mágico da laranja, na flor. Por isso a flor da laranjeira manifesta pureza virginal; mas, porque as propriedades terapêuticas do chá de flor de laranjeira são conhecidas e utilizadas no abrandamento das tensões nervosas e antipasmódicas, a flor tem alusões fescininas.

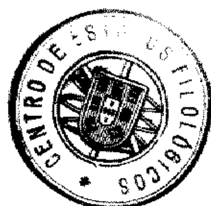
Já te disse, laranjeira,
Que não deitasses mais flôres;
Podes passar sem laranjas,
Como eu passo sem amores ([3]).

Conhece-se a feição das festas populares de S. João, coïncidentes no calendário cristão com as do solstício do verão, por tal eivadas popularmente de paganismo sensual. Não é de estranhar a ligação do episódio folclórico do Santo

---

([1]) Barcelos, loc. cit., pág. 100, n.° 334.
([2]) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 195, n.° 1077, e pág. 126, n.° 222, respectivamente.
([3]) Ilha de S. Jorge, loc. cit., pág. 3, n.° 44.

Baptista e da flor da laranjeira, cujo aroma perturbante a evoca:



S. João adormeceu
À sombra da laranjeira;
Caíu-lhe a flor por cima,
S. João que tão bem cheira (¹).

S. João adormeceu
Debaixo da laranjeira;
Caíu-lhe a flor em cima,
S. João que tão bem cheira (²).

A laranjeira, como árvore das laranjas, participa das virtudes delas e da extensão poética, advinda do fruto. Nas duas quadras, tiveram alusões a árvore e a sombra. Esta alude ao abrigo e aos amores, com a chuva de flôres sôbre quem se acolheu a dormir no abrigo perfumado:

Debaixo da laranjeira
Fiz a cama aos meus amores;
O vento desaustinado
Encheu a cama de flôres (³).

O mesmo sentido de ligação entre o sono debaixo da laranjeira e o aroma da flor, complica-se com os aromas do cravo e da rosa, evocação do «êle» e da «ela», casados sob a flor da laranjeira:

Fui-me deitar
Debaixo da laranjeira,
Caíu-me uma flor em cima,
Ai, Jesus! que tão bem cheira!
Cheira a cravo, cheira a rosa,
A flor de laranjeira (⁴).

Esta sextilha, por discordância formal, deve ser antes contracção de oitava, a que faltem o 5.° e 6.° versos, iguais

---

(¹) Barcelos, loc. cit., pág. 111, n.° 392.
(²) S. Simão de Novais, loc. cit., *Revista de Guimarães*, XXXVIII, pág. 57, e sep. 2.ª série, 1929, pág. 46, n.° 1039.
(³) Rapa, loc. cit., pág. 316, n.° 199.
(⁴) Santo Tirso, loc. cit., pág. 312, n.° 98.

ao 3.° e 4.°. Provém certamente de duas quadras paralelísticas em simetria oposta:

Fui-me deitar
Debaixo da laranjeira;
Caíu-me uma flor em cima,
Ai, Jesus! que tão bem cheira! (1).

Caíu-me uma flor em cima,
Ai, Jesus! que tão bem cheira!
Cheira a cravo, cheira a rosa,
A flor de laranjeira.

Romantiza-se a laranjeira, faz-se simbolista o poeta, e uma e outra enriquecem, na fantasia hiperbólica.

Laranjeira de pé de oiro
Deita laranjas de prata.
[Tomar amores, não custa;
Deixá-los é o que mata] (2).

Depois, ainda a laranjeira e o laranjal na laranja que se pede:

Pediste-me uma laranja,
Eu não tenho laranjeira;
Se tu queres um limão dôce,
Salta cá dentro à eira.

Pediste-me uma laranja,
Eu não tenho laranjal;
Se tu queres um limão dôce,
Salta cá dentro ao quintal (3).

Lástimas de laranjeira em má terra que lhe não deixa dar bom fruto, comparam-na à gente pobre, ainda e sempre com alusões amorosas. Não se reduz a comparação à laranjeira, estende-se aos casos semelhantes.

---

(1) Confronte-se com as quadras que começou: «S. João adormeceu».

(2) S. Simão de Novais, loc. cit., *Revista de Guimarães*, e sep. 2.ª série, pág. 11, n.° 510. Barcelos, loc. cit., pág. 50, n.° 68.

(3) Barcelos, loc. cit., respectivamente, págs. 101-102, n.° 344, e 102, n.° 345.

Laranjeira ao pé da serra,
Que laranjas pode dar?
Um filho de gente pobre,
Que amores pode tomar?

Castanheiros sem ouriços
Que castanhas pode dar?
Homem pobre sem dinheiro,
Que amores pode tomar? (1).

*

A laranja entra nos cantares com a forma, e com a côr. Domina a forma, com sua esfericidade que lhe vai dar corrida, para «botar».

A laranja, quando nasce,
Nasce logo redondinha.
[Também tu, minha menina,
Nasceste para ser minha] (2).

A laranja, quando nasce,
Logo nasce redondinha.
[Também tu, quando nasceste,
Logo foi para ser minha] (3).

Referências ao paladar do saboroso fruto acridôce:

Minha laranjinha azeda,
Salpicadinha e dôce,
[O amor é como a vida,
Em se ausentando, adeus, foi-se] (4).

Ó minha laranja dôce,
Ó meu limão repartido,
[Mais de quatro tem inveja
De tu falares comigo] (5).

*

Pedir, dar, atirar laranjas tem significação especial. A laranja não é virginal como a flor. É o fruto dessa flor. Vimos

---

(1) Ilha de S. Jorge, ed. *Revista Lusitana*, IV, pág. 293, n.º 217, e II, pág. 9, n.º 130.

(2) Pedro Fernandes Tomaz, *Canções populares da Beira*, Coimbra, 1923, pág. 216; Barcelos, loc. cit., pág. 99, n.º 333; Vila Real, A. Gomes Pereira, *Revista Lusitana*, IX, pág. 256, n.º 254.

(3) Rapa, loc. cit., *Revista Lusitana*, XVI, pág. 312, n.º 146.

(4) Serpa, M. Dias Nunes, *Linguagem e tradições populares da villa de Serpa*, in *Revista Lusitana*, IV, pág. 108.

(5) Rapa, loc. cit., pág. 312, n.º 144.

como lhe atribui o povo propriedades amorosas, estimulantes. H. Gaidoz expôs em *La requisition d'amour et le symbolisme de la pomme* (¹) as provas que o levaram à convicção de que a maçã, ou em geral qualquer outro pomo, é sinal de amor e mensagem de amor.

Pode, sem dúvida, dizer-se que o sentido original dêste significado se perdeu. Ficou dêle, porém, o bastante para se reconhecer a existência. A atitude mental de quem pede e de quem dá, condiz com o perdido sinal de mensagem, em algumas cantigas claramente pôsto.

Tenho uma laranja doce
No fundo do meu baú,
Para dar ao meu amor;
Queira Deus não sejas tu (²).

Toma lá esta laranja,
Não digas que eu que ta dei;
Meu pai não tem laranjal,
De certo que a roubei (³).

Toma lá esta laranja,
Nunca digas quem ta deu;
Que foi a primeira fruta,
Que o pomar de meu pai deu (⁴).

Menina do laranjal,
Deite-me uma laranjinha;
Inda que ela seja azeda,
Da sua mão é docinha (⁵).

Dá-me da pêra a perada,
Da maçã um bocadinho,
Da laranja só um gomo,
Da tua bôca um beijinho (⁵).

Está no arremêsso igual prova de existência primitiva. O arremêsso ou lançamento da laranja é freqüentíssimo nas quadras. Arremessar ou lançar a laranja, o limão, a maçã,

---

(¹) *Annuaire* da Escola de Estudos Superiores de Paris, 1901, págs. 5, e ss.

(²) Rapa; loc. cit., *Revista Lusitana*, XVI, pág. 312, n.º 145.

(³) S. Simão de Novais, loc. cit., *Revista de Guimarães*, XXXII, e sep. 1.ª série, pág. 9, n.º 36.

(⁴) Rapa; loc. cit., pág. 306, n.º 76.

(⁵) Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, *Mil Trovas*, 3.ª ed., Lisboa, 1917, respectivamente, pág. 77, n.º 233, e pág. 399, n.º 997.

como flôres, fôlhas, pedras (1), convida amores ou sorteia-lhes a ventura.

Fui à fonte beber água,
Nunca tal água bebera;
Deste-me uma laranjada
No meu colete de sêda (2).

Atira-te cá p'ra baixo,
Laranja, da laranjeira:
Eu te acadarei nos braços,
Ou no lenço d'algibeira (3).

Atirei co'a laranja ao ar,
Co'a laranja ao ar, caíu na areia;
Co'a vista dos teus olhos,
Quem tem juízo, vareia (4).

Botei a laranja ao ar,
Lá do ar ao chão caíu;

Quis falar ao meu amor,
Minha mãe não consentiu.

Indica-se na cantiga contra quem se lança a laranja, ou figuram noutras os nomes de povoações aonde se lançou e até onde rolou.

Atirei uma laranja
À menina da janela;
A laranja caíu dentro,
A menina quem ma dera.

Atirei uma laranja
À menina da varanda;
A laranja caíu dentro,
A menina já cá anda.

---

(1) Vid. meu *O Amor Português*, Lisboa, 1922, pág. 34.

(2) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 94, n.° 527. «Laranjada», pancada com laranja; o atirador arremessou-a e bateu com ela no colete de sêda da rapariga.

Compare-se com estoutra completada por segunda, sem laranja:

Fui à fonte beber água,
Bebi água que nem terra;
De cima da fortaleza
Atiraram-me c'uma pedra.

A pedra era de vidro,
Caíu no chão, fêz-se em flores;
Não digas a minha mãe,
Que eu bebi água d'amores.

S. Miguel (Açôres), *Revista Lusitana*, IV, pág. 304, n.os 389-390.

(3) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 34, n.° 202. «Acadar» = arrecadar.

(4) Chaves. O 3.° verso tem a variante: ausente do seu amor.

Atirei uma laranja
Por cima de Braga fora;
Adeus, Braga; adeus, cidade;
Adeusinho vou-me embora [1].

Atirei uma laranja
Por cima de Chaves fora;
A laranja caíu dentro,
Adeus, Chaves, vou-me embora [2].

Alusões a laranjas ou limões pelo chão, de certo se adaptam a esta virtude mágica. Tantas consultas há, que muitos pomos juncam o solo.

Tanto limão, tanta lima,
Tanta laranja no chão!
Tanta cachopa bonita,
Nenhuma na minha mão! [3].

Tanta laranja da China,
Tanto limão pelo chão!
Tanto sangue derramado
Do meu coração! [4].

É provável, por dedução, que chamar a alguém «pau de laranjeira», tenha origem congénere, em expressões como esta: «estás-te a rir, meu pau de laranjeira?», «sempre estás um pau de laranjeira!». Como a terá igualmente em quadras da forma da que segue:

Janela de pau de pinho,
Travessa de laranjeira,
Hei de tirar-te, menina,
Dêsse trajo de solteira [5].

---

(1) As três últimas são de Santo Tirso; loc. cit., *Revista Lusitana*, XVII, pág. 324, n.º 255 e n.º 256; pág. 306, n.º 34.

(2) Vila Real, loc. cit., *Revista Lusitana*, X, pág. 133, n.º 471.

Variante:

Atirei c'uma laranja
Pelo val de Chaves fora;
A laranja caíu dentro,
Eu de Chaves vou-me embora.

(3) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 253, n.º 1378.

(4) Açôres — S. Jorge; loc. cit., *Revista Lusitana*, IV, pág. 293, n.º 224.

(5) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 110, n.º 595.

A madeira de pinho, o «pau de pinho», aparece em cantares femininos dirigidos a S. Gonçalo de Amarante, que na região sofreu a atribuïção de virtudes pagãs de qualquer divindade com culto fecundante.

Por fim, apresentem-se exemplos de quadras coreográficas, onde entra como vocativo a laranja. Se o assunto dominante da poesia popular é amoroso, nestas a laranja, assim como o limão, entrará preferìvelmente por fôrça de rima e chamamento de côr.

Ó Laurindinha,
Laranja, laranja,
Quem não tem amores,
Depressa os arranja.

Ó Laurindinha,
Laranja partida,
Os amores do homem,
Cativa, cativa.

Laurindinha,
Laranja, limão,

Quem não tem amores,
Não sabe o que é bom ([1]).

B) O LIMOEIRO E O LIMÃO

Paralelamente ao capítulo anterior, usando o mesmo método de desenvolvimento, exporei o que se refere ao limoeiro e ao limão. Neste a virtude curativa e formal estende-se também à árvore, à flor e às fôlhas.

O limão é coisa azeda,
Que nasce da «felor» branca;
[Como hei-de eu amostrar graça
A quem me mostra carranca?] ([2]).

Limoeiro da calçada
Já não pode dar limões,
Que lhe caíram as fôlhas
P'ra render corações ([3]).

([1]) Acêrca das qualidades medicinais da laranja, que no século XVI se empregava contra o escorbuto, cfr. Ribadeau-Dumas, in *Presse Médicale*, n.º 10, 1931.

([2]) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 171, n.º 932.

([3]) S. Simão de Novais, loc. cit., *Revista de Guimarães*, e sep. 2.ª série, pág. 26, n.º 745.

Muito brilha o limão verde,
Quando está no limoeiro;
Não há fruta como êle.
Nem amor como o primeiro (1).

Assubi ao limoeiro,
Colher uma só «bragasta»;
P'ra quem fôr entendido,
Meio aceno lhe basta (2).

Limoeiro da calçada,
Já não quero os teus limões;
Já te cortaram a rama,
P'ra vender corações (3).

Aroma, cheiro, virtudes, forma do limão sempre aparecem nas cantigas. Observe-se nas quadras anteriores e em outras comuns à laranja.

O limão tem rico cheiro,
Enquanto não apodrece;
[Assim são os amores novos,
Enquanto não aborrece(m)] (4).

O limão é fruta azeda,
Que se traz na mão por brio;
Quem me dera ser limão,
Que te tirava o fastio (5).

O limão é providência,
No teu peito é rigor;
Quem te quis bem noutro tempo
Inda te há-de ter amor (6).

O limão é fruta azeda,
Que se vende na botica.
[Ama-se quem é de gôsto,
Quem não é de gôsto, fica] (7).

---

(1) Beira. P. Fernandes Tomaz, *Cancioneiro popular da Beira*, pág. 216.
(2) Santo Tirso, loc. cit. pág. 318, n.º 180.
(3) Vila Real, loc. cit., *Revista Lusitana*, X, pág. 125, n.º 352.
(4) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 171, n.º 933.
(5) S. Jorge, *Revista Lusitana*, IV, pág. 299, n.º 313.
(6) S. Jorge, loc. cit., *Revista Lusitana*, IV, pág. 13, n.º 195.
(7) Vila Real, loc. cit., IX, pág. 243, n.º 55.

O limão verde, apanhado,
O pé lhe fica chorando;
[Assim são os meus amores,
Quando por mim vão passando] (1).

O limão, enquanto verde,
Tem um aparo galante;
[Não te temas que eu te deixe,
Sem haver causa bastante] (2).

Limoeiro do Brasil,
Deita-me cá um limão,
Quero tirar uma nódoa
Que tenho no coração (3).

Subir ao limoeiro significa assalto de amores na colheita do limão; por isso é freqüente a alusão.

Assubi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí;
O limoeiro é morte,
Ai de mim, que já morri! (4).

Assubi ao limoeiro,
Cinco fôlhas lhe tirei;
Cinco sentidos que eu tinha,
Todos em ti empreguei (5).

Assubi ao limoeiro,
Pus o pé na primavera;
Murmurai, murmuradeiras,
Que eu sempre fico quem era (6).

Como com a laranja, tem o mesmo sentido o arremêsso do limão. Requisitar, tentar, pedir amores, assim diz. Ou se atira e vai cair, ou se lança a rolar e procura-se saber onde pára.

Atirei o limão redondo,
À tua porta parou;
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o deitou? (6).

Botei o limão correndo,
À tua porta parou.
Quando o limão te procura,
Que fará quem no botou? (7).

---

(1) S. Jorge, loc. cit., *Revista Lusitana*, II, pág. 10, n.º 147.
(2) Rapa; loc. cit., XVI, pág. 315, n.º 186.
(3) *Mil Trovas*, cit., pág. 217, n.º 679.
(4) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 32, n.º 188; Barcelos, loc. cit., pág. 44, n.º 37.
(5) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 32, n.º 189; Barcelos, pág. 52, n.º 81.
(6) Viana do Castelo, loc. cit., pág. 32, n.º 190; pág. 35, n.º 206, respectivamente.
(7) S. Simão de Novais, loc. cit., *Revista de Guimarães*, XXXII, e sep. 1.ª série, pág. 9, n.º 37.

Deitei o limão correndo,
À tua porta parou.
Qual seria o atrevido,
Que o limão alevantou? (1)

Deitei o limão correndo
Da praça ao pelourinho;
Quanto mais o limão corre,
Mais te quero, meu benzinho (2)

Atirei co'o limão verde,
À tua porta parou
Quando o limão tem amores,
Que fará quem nêle pegou?

Atirei c'um limão dôce
Às janelas de Guiomar;
Ai, Jesus, que lá matei
Aquela pomba real!

Deitei o limão correndo,
À tua porta parou;
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o deitou?

Atirei c'o limão verde,
À tua porta foi rodando.
Êle te foi avisar
De que eu te estava esperando.

Outras quadras dêste género poderá ver quem o queira, no estudo *Arremessos simbólicos na poesia popular portuguesa*, do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, publicado na *Revista Lusitana*, vol. VII, págs. 126 a 132.

Para concluir, esta de Serpa:

Daquela janela alta
Me atiraram c'um limão;
A casca deu-me no peito,
O sumo no coração (3).

---

(1) Trancoso, Felicio dos Santos, *Linguagem popular de Trancoso*, in *Revista Lusitana*, V, pág. 169.

(2) Alentejo, L. de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, VII, pág, 130, n.º 32.

(3) Loc. cit., *Revista Lusitana*, IV, pág. 106.

C) A MAÇÃ

Já que a maçã tem na poesia popular aspectos semelhantes à laranja e ao limão, reúno, como apêndice, algumas quadras comparativas, que se lhe refiram.

Antoninho, maçã verde,
Criado no ramo novo;
Bem poderas tu ser meu,
Sem dares «motim» ao povo (¹).

Minha maçã vermelhinha,
Que me deu um caçador,
Há três anos que a tenho,
Ainda não perdeu a côr.

Minha maçã vermelhinha,
Que me deu um brasileiro,
Há três anos que a tenho,
Ainda não perdeu o cheiro.

Minha maçã vermelhinha,
Nem na comi, nem na dei;
Aceitei-a como prenda,
No coração a guardei (²).

Atirei c'uma maçã douro
Ao castelo de Palmela,
Matei uma Palmeloa,
Que estava de centinela.

As lendas populares de maravilhas de príncipes e princesas, encantados de amor, amiúdam as virtudes das maçãs. Maçãs de ouro, «maçanicas» de ouro, maçãs de prata, constituem escrínios de mistérios mágicos.

LUÍS CHAVES.

(¹) Alentejo. «Motim» = motivo.

(²) Barcelos, loc. cit., respectivamente, pág. 40, n.ºs 15, 14 e 16.

Glossario dialectologico do concelho dos Arcos de Valdevêz

(Continuação da *Revista Lusitana*, vol. XXX, pags. 187-198)

No *Preambulo*, com que iniciei este trabalho no vol. XIX n.os 3-4 da *Revista Lusitana*, ficou declarado que, no fim propriamente do *Glossario*, eu adicionaria uma lista de vocabulos colhidos apenas pela sua pronuncia. É o que vai seguir-se; a colheita contem algumas fórmas tambem que um meu correspondente do *Glossario*, por seu turno, recolheu e que vão de mistura com as outras. Refiro-me ao meu Amigo P. Cunha Brito (C. B.), a quem agradeço o subsidio.

Alguns dos casos enumerados não são exclusivos da região de Valdevêz, mas ouvem-se noutras partes; a sua inclusão na presente lista mostra a sua extensão geografica. Outros entraram tambem no *Glossario* á conta da sua significação, que deve ser lá procurada, quando convenha.

Deixo a metodização destes elementos aos cultores da filologia; a minha guia foi aqui apenas o alfabeto...

Termos diferenciados pela pronuncia

A

abécas — aivecas.
Abélo — Abel.
abéspa e **béspra** — vêspa.
abijôum — avejão.
abijouro — besouro.
abroba — abóbora.
acaduto — aqueduto.
açucre e **açucrar** — açucar e açucarar.
açudra (fem.) — açude.
adbertido e **adbertir-se** — divertido e divertir-se.
adente e **adiente** — adeante.
adesibel — adesivo.
afètible — efectivo.
africas — aftas.
agantar — aguentar.
àgóra e **àgôra** — agóra.
agrões — agriões.
alatoiro — oratorio.
Albertio — Alberto.
alboredo — arvoredo.
albótica — abrotea.
alcebispo — arcebispo.
alcipreste — cipreste e arcipreste.
algasil — aguasil.
algrabriz — alcaraviz.
alicraque — lacrau.
alimául e **alimáur** — animal.
alixerxe — alicerce.
aljábão e **aljébão** — urgebão.

alubedar — levedar ([1]).
alzebeira — algibeira.
amanjoar — ameijoar.
ameixil—meixil (peça do arado).
amètades — metade.
amodornado — amodorrado.
amorable — amoravel.
amorango — morango.
anáco — naco.
anano, nano, naninho — anão e anãozinho.
andame — andaime.
andarela — arandela.
andêz — endez.
Angusto -a e **Angustio** — Augusto.
Anrique — Henrique.
antiado — enteado.
antr'ambo-los rios — entre ambos os rios.
antrecôsto — entrecosto.
antrelunho — entrelunio.
apio — aipo. O *apio* manso faz parte do material de feitiçaria.
aprèguntar, prèguntar, pròguntar e **apròguntar** — perguntar.
aquidade — equidade.
árbora e **érbore** — arvore.
ariaur — areal. Esta pronuncia é mais empregada em Ponte de Lima, o que é motivo de chasco da parte dos naturais de Valdevêz, que, por sua vez tambem dizem correntemente *aur* em vez de *al* v. g. *cáurdo*.
arrimar — arrumar.
arrincar — arrancar.
arroinar-se — arruinar-se.
artemije — artemisia.
ascordar — acordar.
asilio — asilo.
assismos — exorcismos.
atazanar, atezonar, atizanar — atenasar.
atés — até (na montanha).
atólito e **atólico** — atónito.
atôum — então (na montanha).
Auntone — Antonio.
aurige — origem.
aurmuntaria e **almotaria** — almotolia.
ausserbar — observar.
autente — autentico.
azona, anzoneiro, anzeneiro — onzena, onzeneiro.
azoutar — açoutar.

B

bacatéla — bagatela.
baçaneta — maçaneta (Paredes de Coura).
baião — boião.
balmazes e **balmazios** — belmazes.
balôr e **balorénto** — bolorento.
bangala — bengala.
bantal — avental.
barburéta, balburéta, borbolita — borboleta.
barge — vagem.

([1]) Diz-se do trabalho das toupeiras, quando soerguem a terra sobre as galerias.

barruma, **barrumão** — verruma e varrumão.
bejita — visita.
belancia, **balancia** — melancia.
belindroso — melindroso.
bèstoria — vistoria.
birbora — vibora.
bizo e **bicio** — viço.
bô — bom.
bodalho — godalho.
bolanta (sardinha) — volante.
bórno — môrno.
bôrso — bolso.
brazunar — blasonar *(F. brazuna).*
brece — berço (Monção?).
brôco — borco *(cair de brôco).*
brosque — bosque.
buber — beber.
bulador — velador.
bunécro e **munécro** — boneco.
butéca e **abutéca** — hipoteca.

C

cabalharice — cavalariça.
cabalhau — bacalhau (Paredes de Coura).
cabirto — cabrito.
cacifre — cacifo.
caçóla — caçoila.
cadable, **cadabre** e **cadábal** — cadaver.
cadabulho — cabedulho.
cadilha, **cadilhas** — cavilha, cavilhas.
cadrado — quadrado.
çáfele e **çafelmente** — facil e facilmente (Ponte de Lima).
cais — qual *(cais é?).*
caje e **cáju** — quasi.
calçôum — canção.
calipe — eucalipto.
calúnia — coluna.
carandeiro — crendeiro.
carenta e **córenta** — quarenta.
caresma, **coresma** e **cresma** — quaresma.
cascabelho — cascabulho.
cascarejar — cacarejar.
castinheiro — castanheiro.
catatumba — catacumba.
caterma e **catrefa** — caterva.
catruzada — quatorzada?
cáuntro e **cantro** — cantaro.
cáurdo — caldo.
celébre e **cilebre** — cerodro.
celoura — ceroula.
Cezilia — Cecilia.
chambra — chambre.
chúbia — chuva.
Cidrão (S.) — S. Cibrão.
cirgalhota e **zergalhota** — chilacaiota.
ciscranço — licranço.
clúbio — club.
côbdo — covado.
coiro — cueiro (Monção).
coixo — coxo.
coleijo e **colêjo** — colegio.
colmear — colmeal
concrusão — conclusão.
consúre — consul.
coque e **zoque** — çóco.
córla — colera.
corneja — cornija (Monção).
corumba e **carunha** — caruma.
côum — cão. Na montanha C. R. ouviu *cã*, pl. *cãs.* É certo que a pronuncia de algumas nasais difere da ribeira para a montanha.

coutela — cautela.
coutibar e **coutibo** — cultivar e cultivo.
criojo — curioso.
cristél — clister.
crucho — corucho.
crujidade — curiosidade.
cuitélo e **quitelo** — cutelo. No primeiro caso o *ui* é ditongo; no segundo não.
cum — com.
cumbénto — convento.
cumeniente — conveniente.
cusma — espuma.

D

delamite — dinamite.
depandurar e **pandurar** — dependurar.
deregado e **dergado** — delegado.
dé-reis — dez reis.
desacauto — desacato.
desalborar — dasarvorar.
desbarbar — desbravar.
desfroitar — disfrutar.
desinfreimar — desinflamar.
despaço — espaço.
doçar — doçal (casta de uva).

E

ê por e? Na montanha diz-se: *ê bós como bades?* E vós como vades? (1). A 3.ª pessoa do presente do indicative do verbo *ser*, pronuncia-se *à*.
eirogue — eiró (Monção).
enlo — élo (da vinha) (idem).
érbore — arvore.

F

facia — face.
faldra — fralda.
fardelaje — farandulagem.
fateias — fatias.
feinjões — feijões.
fendula e **fensa** — fenda.
fento e **fanto** — féto.
feramengo — flamengo.
fiturar — futurar.
fluge — fuligem.
forga — folga.
fôrgo — fôlego.
foula — faúlha.
fragoedo — fraguedo (Camilo emprega-a no *Perfil do Marquês*, pág. 63).
frainja — franja.
freichal — frechal (*ch* explosivo).
fremento — fermento.
friesta — fresta.
fussa — fóssa (de fossar).

G

garamilo — gramilo.
garimpa — grimpa.
geropia — geropiga.
gesta — giesta.

(1) Emprega-se de preferência *vós* a *tu*.

giôlho — joelho.
gómito — vomito.
gorgulhão — burbulhão.
gorje — gorja.
Grabiel — Gabriel.
graces (a Déus) — *graças a Deus.*
graféto (é aberto) e **grafetar** — calafeto e calafetar.
grêlho — brelho?
grelopa — garlopa.
guerdoar e **gardoar** — graduar.

H

hoinje — hoje.
húmedo — humido.

I

i (por i) — por aí.
icipla — erísipla.
Idalia — Italia.
iluminárias — luminarias.
Imezio — Amezio.
imóra — embora.
imparia — empara.
impedo — impeto.
impendurar — pendurar.
imprègado — entrèvado.
inconomizar — economizar.
indevida — individuo.
indi bem — ainda bem (na montanha).
infrazado — enfesado.
ingual — igual.
inrêdio — enredo.
insêrto e **insérto** — enxerto.
intabalamento — entablamento.
intas que e **indas que** — ainda que.
inté — até.
intéqui, intédepois — até aqui, até depois.
intigo — antigo.
intoum — então.
intojar — antojar.
inuterizar — inutilisar.
inxertar — encetar.
inxinar — ensinar.
inxolencia — excelencia.
inxulia — enxundia.
inzemplo — exemplo.
Irmelindra — Ermelinda.
irmáum e **irmá** — irmã.
irmôum — irmão.
iscorreito e **scorreito** — escorreito.

J

jâ — já (na montanha).
jaral — geral.
Jasus — Jesus.
Jatrudes — Getrudes.
jébre — jaore.
jiménto — jumento.
jinela — janela.
Jinó — Junot.
jintar — juntar.

L

lâ — lá (na montanha).
labisome — lobishomem.
labueira — lavoira.
lançol — lençol.

landia e **landra** — lande.
largato — lagarto.
le — lhe *(e bai eu, dixe-le, dije: ó tio Jé...).*
lésero — leso.
libél — nivel.
licante — alicante.
linterna e **alinterna** — lanterna.
liscranco — licranço.
lismos — limos.
listreza — destresa.
liunairo — lunairo.
loitar — lutar.
lóje e **lójem** — loja.
lomear e **aloemar** — nomear.
longro — longo.
lubar — levar.
lusacú — lusecu.

M

maçaum e **maçá** — maçã.
mái — mãe (na montanha).
malina — maligna.
malincólico — melancólico.
mamótas — marmotas (em Monção).
mánica — maquina.
mantinça — mantença.
máor — maior.
maquidónes — alcunha de certa mulher *(Mac Donald?)*
mártele — martir.
martingis e **martingins** — Martim Gil (casta de maçã).
más — mãs (conj.).
mascres — mascaras.
mastúra — mistura.
matata — batata.
meixer — mexer.
mel — mil *(dois mel reis).*
Miel — Miguel.
migalheiro — mealheiro.
minháum — manhã.
minsa — missa.
mintir — mentia.
modorna — modorra.
mol — mole. Mas diz-se *morezinho.*
múinho — moinho.
munecro — boneco.
muscar-se — miscar-se.

N

nes — nos.
nódia, nóda e **nódega** — nodoa
nôum e **num** — não (*Num bou, num no bi* — não vou, não o vi).
numbrar — numerar.
núbe e **núbia** — nuvem.

O

oi — ó e ui.
olhos (santos) — santos oleos.
olibes — ourives.
ólico — óculo.
ombrar — hombrear.
orgu — orgão.
oubiar e **oubar** — uivar *(os cães oubum).*
oupár — impár.

P

paderma — palerma.
palhito — palito.
pandurar — pendurar.
papaluzia — apoplexia (Ponte de Lima).
párrico — pároco.
pássoro, passúro e **passurinho** — passaro, passarinho.
patata — batata.
pelitra — pelintra.
penariz — panaricio.
pendricalho — penduricalho.
percebelho — percevejo.
pêrtego e **pêrto** — pertigo.
pexigueiro, péxigo — pessegueiro, pessego.
pial — poial.
pibeda — pevide.
picondro — hipicondriaco.
pilhafre — milhafre.
pito — pinto.
plantaforma — plataforma.
podrigão — podridão.
pòjeira — poeira.
poregar, poregal — polegar.
portinóla — portinhola.
prénha — prenhe.
probe — pobre.
propió — proprio.
pruga — purga.
púga — pua *(arco de pùa)* (Monção).
punxão — pensão (renda em cereal).

Q

quècer — aquecer.
queinlha — quelha.
quéluca (coluca) — colóca, de colocar.
quentar — aquentar.
querrupio — corropio.
quercumba — corcunda.
quéto — quieto.
queturno — coturno.
qui-aqui *(por qui, por li)*.
quingosta — congosta.

R

rabandas — rabanadas (Monção).
rachar — rachear.
rão — rã.
rápeto — rapido.
raxinol e **reixinol** — rouxinol.
reberia — revelia.
rebicar — rebitar.
recadem — recavem.
récula e **récua (missa de)** — missa de requiem.
récura — récua.
redafol, redafois — redefole.
rèdio — arredio.
régura — régua.
reixa — rixa.
rejidir — residir.
relojo — relojio.
remedar — arremedar.
repolgo — repôlego.
resairo — rosario.
resaluto — resoluto.

resplandôr — resplendor.
rijão — rojão.
ril, riles — rim, rins.
ripe — ripa.
rodaina — roldana.
rouçar — roçar (fricionar).
ruimfrio, rinfrio — riofrio.
rumendo — remendo.

S

sable — savel.
sacaina — sacana.
saingue — sangue.
salbage — selvagem.
salmueira — salmoira.
sancerdote — sacerdote.
sancrestia e **sancristão** — sacristia e sacristão.
sarrar — serrar *(eu sarro, êle sarra)*.
sbangalhar e **sbandalhar** — escangalhar.
sbordar — trasbordar.
scadrunhar — esquadrinhar.
scamroeiro — escambroeiro.
scapúla — escápula.
schiçadoiro e **stiçadoiro** — atiçadoiro?
schiçar e **schuçar** — chuçar?
schuço — chuço.
scorpetião e **scouprão** — escorpião.
scraboum de scrabalho! — Carvão de carvalho (Braga).
scubrar e **cubrar** — quebrar.
scupir — cuspir.
sebar — sovar (sovar as uvas).
sêbe — sébe.
sêssego, séssigo, sêssago e **sêssugo** — sesso.
sfulijar, esfulinhar e **sfulejar** — esfulijar.
sfurancado — esfuracado.
sgadunhar — esgadanhar.
sgomitar — vomitar.
Sibréste — Silvestre.
Sidro — Isidoro.
soaja e **soaje** — soajem.
sofrir, sofrindo — sofrer, sofrendo.
sòmente — somente.
soquelão — sopelão.
sôrto — solto.
sparrilha — espadilha.
spedir — despedir.
spoldrinhar-se — espolinhar-se.
sprecatar — precatar.
sprital — hospital.
sprugar — expurgar?
squeimo e **squeimôr** — esqueimo e esqueimôr.
stáda — estada.
stágamo, stámago e **stámugo** — estômago.
státula — estatua.
Stêbo — Estevão.
sterlina — estriquinina.
storrejo — torresmo.
stpor e **stipôr** — estupor.
stransparente — transparente.
strapassear — traspassar.
strebirar — tresvirar.
strepor, streposta e **streporta** — trespor e tresposta.
stroba — estorvo.
stroçar — destroçar.
strocegar — estorcegar.
sturbo — turvo.
subeiro — sebeiro.
subre — sobre.

subregar — sobrerregar.
subreleito — sobreleito.
suéce (ferro) — sueco.
sumitico — somitego.
súpeto — súbito.
surgião — cirurgião.

T

taluga — caluga.
tantage — tauchagem.
tarrantorio — territorio.
tarreste, tarresto — terrestre.
tarugo — talugo.
Taubora — Tavora (freguesia).
tempras — temporas.
tenjer — tingir (o primeiro *e* é surdo).
tételo — tecto.
tijoura — tesoura.
tójo — tôjo.
Tóne — Antonio.
trebão e **treboar** — trovão e trovejar.
trefogueiro — trafogueiro.
treladar, streladar, traladar — trasladar.
trespecheira — tresfecheira.
trinchar — tronchar.
trocer — torcer.
tropesia — hidropisia.
trubo, strubo — turvo.
truicho — trôcho.
truita — truta.
tumpéra — têmpera.

U

ũa — una.
ubio — uivo. Vid. *Oubiar*.
Ufrasia — Eufrasia.
Ugenio — Eugenio.
urzipela — eresipela.
usifruito — usufruto.

X

Xabiel — Xavier.
xaragão — enxergão.
xeringada — seringada.
xineta — sineta.
xiringa — seringa.
xixigueira — sexsegueira.
Xuão, Xuana — João, Joana (Monção).

Z

zoque — çoco.

F. Alves Pereira.

MISCELANEA

(Continuação da *Revista Lusitana*, vol. XXX, págs. 305-310)

O Natal, o Ano-bom e os Reis nos Açôres

Como todos os povos cristãos, a gente da Ilha Terceira festeja o Natal, e a festa conserva o carácter popular que tem em tôda a parte, desde o seu início, sobretudo desde a Idade Média.

Os costumes populares terceirenses nessa festa são, como é natural, semelhantes aos que do Continente trouxeram no século XV os primeiros povoadores; mas as condições especiais do ambiente insular, designadamente climatéricas, influíram nêles, transformando-os em parte. Não há nas ilhas o frio intenso da província portuguesa, que convida ao confôrto do lar numa noite de Dezembro. A temperatura do inverno na Terceira é quási igual à do comêço da primavera nas Beiras, em Trás-os-Montes, ou ainda no mais benigno clima do Minho e da Estremadura. Por isso a festa do Natal arejou-se e a ceia lauta da noite de 24 para 25 de Dezembro, comida junto da lareira onde arde o fogo benigno e santo no cêpo, cujo carvão tem a virtude de preservar a casa dos perigos dos raios e tempestades, foi substituída pelo jantar do dia 25.

Talvez em conseqüência da substituïção, a festa perdeu muito do seu carácter familiar. A grande festa da família passou a ser a matança do porco, que reüne parentes e amigos a ver o animal morto, pendurado duma trave, a admirar-lhe a altura dos toucinhos, a comer os torresmos, as morcelas, a sopa de bofe, o sarapatel, e a ajudar a faina de preparar as carnes destinadas ao fumeiro ou à *barsa* onde são salgadas. A-pesar, todavia, das modificações que as circunstâncias determinaram, há ainda nos costumes populares terceirenses da festa do Natal muita cousa que merece a atenção dos que se importam dos assuntos de etnografia.

No dia 24 de manhã, enfeitam a casa para a festa. No *meio da casa* põem ramos de faia do Norte contra as paredes ou, dependurados dos tirantes, ramos de laranjeira com frutos que já nessa época estão amarelos e, se o chão é térreo, atapetam-no com *feno* (françа de pinheiro) como no Espírito Santo.

Sôbre a cómoda ou numa mesa encostada à parede do

fundo, *armam* o Menino Jesus, vestido com uma rodada saia e um corpete de sêda branca, bordada a lentejolas e canutilhos de ouro, pôsto sôbre uma caixa de madeira ou de cartão forrado de papel ou de pano de côr vistosa, à laia de trono para ficar mais alto. Em roda põem velas de estearina torcidas e enfeitadas, que compram nas lojas da cidade, jarras com flores, bonecos de barro de fabrico popular local ou importados do continente e outras *galantarias*, até às vezes bilhetes postais ilustrados com vistas da América, se o dono da casa aí esteve ou tem lá parente que lhos manda.

Infalíveis são os pratos de trigo *(o triguinho do Menino Jesus)*, deitado de môlho em água no dia de Santa Luzia a 13 de Dezembro, e depois em pratinhos a germinar, para no dia 25 já estar nado e as fôlhas terem atingido alguns centímetros de altura.

No dia 24 à noite, a gente da família vai passar por casa uns dos outros *a ver o Menino*, e, junta, dirige-se à *missa do galo*. Alguns, que não esperam visitas, deitam-se e dormem até que o sino da igreja os desperte; e todos ceiam à hora habitual, isto é, nas primeiras horas da noite, do que têm em casa, caldo de couves, peixe, pão com queijo.

Se numa casa se reünem as pessoas da família, depois de cada uma ter ceado em sua casa, entretêm o serão até à hora da missa a conversar e a comer milho cosido ou figos passados e a beber aguardente, a que chamam, por brincadeira, *mijinha do Menino Jesus*. Daqui provém que, ao entrar em casa de alguém pelo Natal a ver o Menino, preguntam sempre se êle *já mija*.

Também jogam as cartas, se as têm, e contam contos para melhor matar o tempo.

Na igreja assistem à missa e, finda ela, beijam o Menino, que o padre para isso lhes oferece, fazendo-se acompanhar pelo sacristão, com uma bandeja onde cada um deita algum dinheiro.

No dia 25 é que é a verdadeira festa, pois para o povo não pode havê-la sem comer e beber. Lá diz o ditado — *barriga vazia não tem alegria;* por isso melhor ou pior, conforme as suas posses, todos procuram ter nesse dia um jantar mais abundante e fino, quási sempre constituído pelo caldo de galinha com arroz ou feijão, galinha cozida, pão de trigo (pão alvo), figuos passados e nozes, tudo regado com o vinho de cheiro.

Os presépios pelas freguesias rurais são raros nas casas dos lavradores. No Ramo Grande (freguesias do concelho da Praia) é que há mais alguns, todos com as figuras clássicas, a gruta onde estão o Menino Jesus deitado numas palhinhas, S. José e Nossa Senhora ajoelhados, a burrinha e a vaquinha, em frente dela os pastores, por ingremes ladeiras os Reis Magos com o seu séquito, no alto uma suposta cidade de Belém, tudo sob um céu de papel azul, recamado de estrêlas de papel dourado, de onde pendem coros de anjos e a estrêla dos Magos.

Às vezes organizam um rancho de tocadores de viola e cantadores, para irem dar boas festas a algumas casas na noite do Natal. Para êsse fim há cantigas tradicionais de que são exemplo as seguintes:

Acordai, se estais dormindo,
Escutai-nos, *ouvirei*,
Que eu vos venho anunciar
O nascimento dum rei.

Uma estrêla anuncia
O nascimento dum rei,
Que vem, para salvar todos,
Promulgar nova lei.

Alevantai-vos, S. José,
Acendei o fogareiro,
Que já dizem que é nado
O bom Jesus verdadeiro.

Jesus nasceu em Belém
Numa mangedoura pobre,
Sua mâi Virgem donzela
De seu pai rico e nobre.

O galo bateu as asas
Quando o Salvador nasceu,
As estrêlas tremularam,
A própria terra tremeu.

O boi, como bento era,
Seu galinho encobria;
E a burra, como maldosa,
Com sua unha descobria.

A casa conserva-se enfeitada até ao dia de Reis.

Na noite de Ano-bom não há festa especial. No dia primeiro de Janeiro é que fazem um melhor jantar, mas inferior ao do natal. Muitos crêem que farão todo o ano o que fizerem no primeiro dia dêle, motivo por que gostam de vestir alguma cousa pela primeira vez *(estrear)* e de comer bem.

Na noite de 31 de Dezembro ou no dia 1 de Janeiro, os parentes e amigos visitam-se geralmente, mas com pouca demora e só a dar bons anos.

Uma crença que existe nalgumas freguesias é que os primeiros doze dias de Janeiro reproduzem os doze mezes do

ano e assim pelo tempo que naqueles fizer se saberá como correrá o ano todo; mas a crença mais espalhada é que no dia de Santa Catarina (25 de Novembro) o vento que soprar será o predominante no ano que se lhe segue.

O povo diz que à meia-noite do dia 31 de Dezembro ano velho e ano novo, em sítio indeterminado, lutam, vencendo sempre êste; mas não acredita nessa luta.

Na cidade, há trinta ou quarenta anos, faziam-se no Ano-bom presentes de romãs, pois quem as comia nesse dia tinha dinheiro e abundância. Êste costume desapareceu e não há notícia dêle nas freguesias do campo.

Na noite de Reis é que há sempre ranchos a cantar pelas casas. Vão pelo caminho, calados, sem luzes e só cantam em frente da porta da casa onde se destinam.

Cantigas do rancho dos Reis

Deixai as vossas moradas
E marchai alegremente,
Porque dizem ser nascido
O nosso Rei omnipotente.

Caminharam os três Reis
Das partes do Oriente,
Por uma estrêla guiados
Ver o Deus omnipotente.

Caminharam os três Reis
Cada qual do seu reinado,
Por saberem que era certo
Que o Deus-Menino era nado.

São chegados os três Reis
Onde estava o Deus-Menino,
Começaram de cantar
Naquele concional divino.

Herodes, como malvado,
Com propósitos malinhos,
Ensinou aos três Reis,
Às avessas os caminhos.

Os Reis, como discretos,
Logo viram que era engano,
E passaram em treze dias
Caminhos que eram para um ano.

A cabana era pequena
Não couberam todos três,
Foram adorar o Menino
Cada qual por sua vez.

Patriarca S. José,
Acendei o fogareiro,
Porque dizem que é nado
O bom Jesus verdadeiro.

Não quis nascer em palácio,
Nem em cama de alegria,
Nasceu numa mangedoura,
Onde o boi bento comia.

Por estradas da Judeia
E caminhos de Belém,
A visitar o Menino
Pastorzinhos aí vêm.

Álerta, álerta, pastores,
Vamos todos a Belém,
Visitar o Deus Menino
E a Virgem sua mãi.

Entrei, entrai, ó pastores,
Por êsse portal sagrado,
Vinde adorar o Menino
Numas palhinhas deitado.



O autor da humanidade
Onde quis vir nascer?
No lugar mais pobrezinho
Que em Belém podia haver.

Logo que se abre a porta da casa visitada, a musica, que até aí era uma melopeia arrastada e lenta, muda para um ritmo alegre, *a chacota*, a que também chamamos *Reis do Pôrto*. Se a porta se demora a abrir, cantam:

Acabados são os Reis,
Agora vem as chacotas,
Ó nobre dono da casa,
Manda-nos abrir as portas!

ou outra quadra semelhante:

Quando quiseres ou puderes,
Vinde abrir a tua porta,
Que o frio na rua é tanto,
Que nem navalhas se corta.

Ao entrar na casa dizem:

Abriste a tua porta,
E já vi tua feição;
Se dás licença a gente entra
Neste mimoso salão.

Uma vez dentro de casa, começa o baile pela *campona*, sorte de dansa em que só entram oito homens e depois é que as mulheres se vão atrevendo a tomar parte nela, seguindo-se

qualquer outro dos bailados populares. Se o rancho se destina a uma só casa e nela fica mais tempo, *arma-se* o baile segundo os trâmites de uso.

Para acabar a festa, canta um dos cantadores:

As horas já estão chegadas,
A gente se vai embora:
Mil desculpas lhe peço,
A si e à sua senhora.

Se por ventura o rancho é muito grande ou se reúne muita gente na casa, cantam, por brincadeira, a seguinte cantiga:

Senhora dona da casa,
Põe a frigideira ao lume:
Donde chega o nosso rancho
Chega o bicho de cardume.

Também começam a cantar os Reis por uma quadra diferente daquela que primeiro registamos, por exemplo:

Vinde à porta se quereis ver
O céu que sinais tem,
É o Menino Jesus
Nos braços da Virgem-Mãi.

Logo, pouco depois da entrada do rancho, o dono da casa, ou outra pessoa da família, oferece a um dos cantadores um prato com figos passados, bolachas, filhós, e uma garrafa de agardente, com um calix, — de onde todos os cantadores e tocadores vão comendo e bebendo.

Até meados do século XIX, cada rancho levava consigo um homem a quem chamavam o *surrão*, munido duma saca onde arrecadava as ofertas que lhe faziam nas casas visitadas, e consistiam em trigo, galinhas, capões, etc., com as quais mandavam depois fazer uma ceia que todos comiam.

A êste costume alude a cantiga.

Ó nobre dono da casa,
Nós trazemos o *surrão*,
Para vós nos oferecerdes
Pelo menos um capão.

Quando numa freguesia se organiza mais dum rancho, é certo estabelecer-se certa rivalidade entre êles, e às vezes acontece, ao tempo em que um está dentro duma casa, ir o outro cantar à porta, o que se chama *coroar o rancho*, e constituir uma provocação que algumas frases picantes, ditas pelos de fora, como: *está melrinho na gaiola, aceita a coroadela*, melhor acentuam; e então, há depois pancadaria na rua.

Também acontece, quando um rancho está mal ensaiado, e os cantadores desafinam ou os tocadores vão cada um para seu lado, *sem tom nem som*, meterem pedras, ervas ou terra nas violas, se êles as deixam da mão, ou ainda cousa pior...

À festa do Natal andam associadas algumas lendas populares, que, aliás, mais de perto se referem à fuga da Sagrada Família para o Egipto, de que são exemplo as seguintes:

A labandeira (arvéola), a codorniz e o tremoço

Quando Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo ia montada numa burrinha a caminho do Egipto e levava S. José ao lado, atravessou um campo de tremoço sêco.

O tremoço, agitando o grão nas vagens, fazia barulho e chamava a atenção dos que trabalhavam por ali para os fugitivos; por isso Nosso Senhor o condenou a não dar pão.

A codorniz, espantada com a passagem da burrinha, começou a gritar — *ela aí vai, ela aí vai!* — por isso, Nossa Senhora a condenou a nunca poder voar alto.

A labandeira é que, ora à frente, ora atrás da burrinha, ia apagando as pègadas com a cauda e com o bico, e por isso Nossa Senhora lhe prometeu que nunca os homens lhe fariam mal. Por êste motivo é que é pecado apanhar ou matar uma labandeira, que é o passarinho de Nossa Senhora.

O semeador

Na mesma ocasião encontrou a Sagrada Família um homem que semeava o seu campo, a quem Nossa Senhora preguntou o que estava semeando. — «Pedras», respondeu o homem. — «Pois pedras te nasçam», volveu Nossa Senhora. E logo tantas nasceram, que o campo se tornou estéril.

O bom ladrão

Segundo uma outra lenda terceirense, ainda na ida para o Egipto passou Dimas, o bom ladrão, pela Sagrada Família,

e, vendo o Menino Jesus, com tanto carinho o beijou, que Nossa Senhora lhe prometeu o Paraíso; por isso a sua alma se salvou ao morrer na Cruz ao lado de Cristo.

É ainda crença muito arreigada em tôda a Ilha que, à meia-noite do dia 24 de Dezembro, o vento sopra sempre do Norte.

Assim festeja o Natal, o Ano bom e os Reis o povo da minha terra. — Angra do Heroismo, Dezembro de 1933.

LUIZ RIBEIRO.

(Do *Correio dos Açôres* de 24-XII-33).

Nomes dialectais de animais provenientes de interjeições de chamar ou afugentar

1) **Porco.** — Êste animal tem, na Beira-Alta, entre outros, os seguintes nomes:

a) *Chicho*, que deve provir da interjeição *tchi-tchi, tchi-tchi*, com que é de uso chamar suínos, mormente suínos pequenos ou de meia criação.

Na linguagem infantil local chama-se também *chicha* à carne de porco.

b) *Chusso*, que deve provir da interjeição *tchuss-tchuss, tchuss-tchuss*, com que é costume afugentar os mesmos animais. A um homem gordo em excesso é vulgar chamar metafòricamente *um chusso*, ou com terminação feminina pejorativa *um chussa*.

c) *Cochino*, que deve provir da interjeição, a um tempo de chamar e afugentar suínos, *cotch-cotchi, cootchi-cootch*. Cfr. francês *cochon*.

Há ainda o nome comum *querricho*, explicável, ou pela interjeição de chamar *querrich-querrich*, ou pelo diminutivo carinhoso *pequerricho*, com aférese. Cfr. *pequeninas, pequeninas*, fórmula de chamar as galinhas.

2) **Boi.** — Êste animal tem, na linguagem infantil da mesma região, o nome *eixe* (diz-se às crianças: *lá vai o eixe*), proveniente da interjeição de estimular *ei... xe, ei... xe*.

3) **Cabra.** — Também na região beiroa o falar especial dos pastores tem a palavra *bita* para designar êste animal, a qual deve provir da interjeição apelativa *bit-bit-bit.*

4) **Cão.** — A êste animal é de uso dar também o nome de *bocho*, que deve provir da interjeição *botch-botch*, *botch-botch*, com que se chamam os cães. Há até a superstição local de que há meia-noite em sítios fragosos se ouve o diabo chamando os seus cães de caça *botch-botch*, e, sempre que acontece fazer o demónio as suas peregrinações venatórias, aparece de manhã espetada nos estacões das videiras esta *bicharia malina* como sapos e salamandras.

O poderem estas interjeições, de feição onomatopaica, abundantes e variáveis, originar nomes comuns, explica, por ventura, a grande diversidade de palavras designativas de animais domésticos na língua portuguesa e nas demais.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Algumas ideias do povo a respeito da cruz

A crença popular considera a cruz de dois modos, opostos entre si: como apotropaica, e por isso benéfica para o homem; e como azarenta, ou de ruim significação.

Toma-se aqui *cruz* em sentido lato.

a) Cruz apotropaica, respectivamente ao Diabo ou a qualquer *coisa má:*

Quando se boceja, podem entrar pela bôca espíritos maus — outras pessoas dizem que podem entrar quaisquer males — e faz-se por isso uma cruz com o polegar diante d'ela. O mesmo fazem as mãis às crianças, em caso análogo. (Nelas) (1). Fazer-se màgicamente um gesto cruciforme contra o Diabo (2), ou benzer-se uma pessoa, por espanto, ante qualquer acontecimento inesperado, são coisas muito vulgares.

Se uma orelha está vermelha, é que alguém *fala na pele* à pessoa, isto é, fala d'ela: em bem, se é a direita, em mal,

---

(1) Cfr. *Trad. pop. de Portugal*, § 344, *l*.

(2) Cfr. os meus *Ensaios ethnograph.*, III, 105 e nota.

se é a esquerda (1). (Nisa). Para se evitar o mal, põe-se cuspo em cruz na orelha. Ouvi algures. Aqui a saliva reforça o efeito da cruz, ou vice-versa, como também na cura das empigens (2).

Para as Bruxas não sugarem as crianças recemnascidas, coloca-se debaixo do travesseiro uma tesoura aberta (3). Para as mesmas entidades miticas não ouvirem o que se diz contra elas, deve ter-se diante uma tesoura aberta (ou navalha) que contenha aço (4). Nestes dois casos o efeito é aumentado pelo aço, ou vice-versa, porque o aço é antídoto de *coisas más*.

Os espelhos das fechaduras das portas têm às vezes uma cruz, a modo de ornato, porque originariamente acreditava-se de certo que pelo buraco podia entrar um espírito nefasto à casa (5).

É para afugentar o Diabo que se traz, a modo de amuleto, uma cruz pendente do pescoço, de um braço, de uma cadeia de relógio, etc.

Para se fazer fugir uma Bruxa que se encontre, cruzam-se as pernas, e recita-se uma fórmula mágica (6).

b) Cruz de azar:

Estarem duas facas em cruz na mesa de comer é sinal de bulha em casa. Ouvi em Nelas e em Lisboa. Na Galiza, «en moitos lados tense coma de mau agoiro o deixa'las tesouras abertas riba da mesa, coma tamén dous coitelos postos en cruz» (7). O mesmo azar resulta de estarem cruzados casualmente na mesma um garfo e uma faca, ou estar aberta em qualquer parte uma tesoura. Uma vez uma senhora, em Lisboa, entrou numa farmácia, e vendo no

---

(1) Outros dizem ao contrário. Cfr. ob. cit., § 344, *i*.

(2) Vid. a minha *Etnografia artistica*, III, 14 (= *Opusculos*, V). Da significação mágica da saliva fala-se *ibidem*, pags. 10 e sgs.

(3) *Trad. pop. de Portugal*, § n.º 223, *b*.

(4) Ob. cit., § n.º 223, *c*.

(5) *Hist. do Museu Etnolog.*, pág. 206, nota 6; *Boletim de Etnografia*, n.º 1, pág. 26.

(6) *Trad. pop. de Portugal*, § n.º 223, *g*.

(7) *Catálogo dos castros galegos*, fasc. IV (Seminário de Estudos Galegos), pág. 70.

balcão aberta uma tesoura, disse: «com licença», e fechou-a, para que evitasse o azar.

Encontrarem-se quatro pessoas, e apertarem as mãos, cruzando os braços, é também azar. Superstição muito corrente em Lisboa. Ainda há pouco tempo me aconteceu cumprimentar nessas condições um meu conhecido, e um dos outros dois manifestar logo por isso o seu desgôsto. Também no Algarve corre a mesma superstição (1). Paralelamente a isto, exemplifica-se em Lisboa a superstição, dizendo-se que se desmancha o casamento das que apertarem as mãos por baixo das das outras duas pessoas, quer sejam casadas, quer ainda solteiras.

Não pertendi esgotar o assunto, sòmente quis subordinar alguns exemplos a um tema curioso.

A-pesar-da oposição que há, como disse, entre estes dois grupos de superstições, a base é a mesma. O benefício que resulta da cruz no primeiro grupo depende de ser ela emblema da salvação; e o azar manifestado no segundo grupo depende de ser ao mesmo tempo emblema da paixão, como instrumento de suplício, a que se liga pois o conceito de morte e de desgraça (magia analógica).

*

Por associação de ideias, pode aludir-se aqui às encruzilhadas, onde de mais a mais figura por vezes uma cruz, posta numa parede vizinha, num pedestal, ou no ponto de reünião dos caminhos. A superstição das encruzilhadas vem já dos Romanos *(quadrivium)* (2); e erigir uma cruz, como substituïção ou cristianização de um costume pagão, é acto muito comum.

J. L. de V.

Etimologias

1. **azia.** — Etimologia ainda não dada. Claramente de *acidiva, que deriva de *acidus*, com a ideia de «pravitas saporis» ou outra análoga.

---

(1) Ataíde Oliveira, *Monografia de Estómbar*, pág. 179.

(2) *Religiões da Lusitania*, III, 595.

2. **brença.** — Palavra ainda não arquivada, mas usada na Beira-Alta. Chama-se assim à casca que fica depois de sêco e debulhado o milho-painço, ou *Panicum Italicum* de Lineu, o qual se cria na serra, por exemplo, perto do santuário da Senhora da Lapa (Cernancelhe). Os romeiros, quando de lá vêm (em 15 de Agôsto), costumam trazer na fita do chapéu espigas da planta, como enfeite; a *brença* usa-se em muitos concelhos para encher os travesseiros, não só naquela provincia, mas noutras, por exemplo, no Alentejo.

O étimo de *brença* está, sem dúvida alguma, no latim *virens*, *-entis*, isto é, no substantivo neutro virentia, tornado singular e feminino, **v'rença* > *brença*; cfr. *Vereia* > *Breia* (de *vereda*). Deve entender-se que virentia, na origem, se aplicou à espiga, quando ainda verde.

3. **herva cidreira.** — Alguns botânicos chamam *Citronela menor* (Vasconcelos) à *herva cidreira*. Ora *citronela* é o francês *citronelle*, derivado de *citron*, por causa do cheiro. Por outro lado *cidreira (herva)* corresponde ao latim *citrago* ou *citreago*, *-inis*, mas continúa uma forma do latim vulgar: *citraria sc. *herba*, derivada de citrus «cidreira» (árvore que dá cidras); cfr. na toponímia *Cidral*.

J. L. de V.

Festa rural (colheita da azeitona)

Há festas notáveis no acabamento da colheita da azeitona. Eis o relato de uma, realizada em Riodades:

«A apanha da azeitona está terminada nesta laboriosa freguesia, sendo abundante, não lembrando haver uma colheita como a actual. Como sempre, desde longos anos, é costume o pessoal que trabalha nesta árdua tarefa oferecer aos patrões um ramo de oliveira repleta de azeitonas loucas, e sempre a oferta é acompanhada por um verso improvizado pelo pessoal de trabalho que apenas obedece a uma simples rima.

Êste ano assistimos a um fim de apanha e acompanhamos de perto tôda esta festa, e como encontramos curiosa vamos dizer o que foi.

O proprietário sr. Alfredo F. de Carvalho é um dos melhores desta localidade nesta preciosa receita agrícola, e todos os anos tem prazer em dar ao pessoal uma festa feliz.

Apanhado o último bago, o grupo trabalhador no fim de vinte e tal dias de tarefa, debaixo de um frio de grandes geadas veio sorridente oferecer o ramo de oliveira. Em seguida foi oferecido àquela gente de campo um jantar abundante regado pelo vinho da região. Dispôs um dos seus salões para ali aquela gente dançar o tempo que desejasse.

Os preparativos da dança foram curiosos: não desejavam naquele largo salão a música campestre de «ferrinhos e harmónio»; tinham aspirações de progresso! Conseguiram uma grafomonola, mas todo êste «baile popular» a êste toque não ficava bem, diziam uns, um outro mais animado recorda ao feitor do sr. Alfredo, que o senhor regedor cá da paróquia tocava «maravilhosamente» guitarra, o mestre Manuel Obreiro tocava «bem violão» e um outro sabia tocar flauta «como aqueles que sabiam». Despertou a curiosidade de ouvir aquela orquestra curiosa! Disposta em três cadeiras seguidas ao centro do salão estava a dita «orquestra».

O sr. regedor tocava despreocupadamente, o do violão, sereno, olhava para os passos dos bailadores para verificar se tudo ia a compasso; só o tocador de flauta fechava e abria os olhos compenetrado de que o seu toque era «sentimental». Mas... sem dúvida o toque estava ao sabor da dansa!

Nos intervalos do baile iam para uma sala onde estava uma mesa com filhós e vinho regional, e ali refrescavam, bebendo vinho em abundância!...

Terminou o baile às 4 da madrugada, retirou tudo daquela casa ordeiramente, pedindo ao feitor sr. José Maria que para o ano não se esquecesse de novamente rogar a tôda aquela gente para êste trabalho.

Êste proprietário é dotado de um espírito popular, tendo grande prazer em dar a esta gente de campo umas horas de festas felizes».

(De um jornal).

Imagem do Menino Jesus, com indumentária curiosa

PORTO, 3 — Miranda do Douro, a vetusta cidade raiana, que foi outrora sede dum bispado e baluarte inexpugnável ao serviço da independência nacional, é talvez a terra portuguesa que conserva mais afincadamente tradições antigas.

Como se não tivessem passado séculos sôbre as suas longas vigilias perante as arremetidas dos Castelhanos e Sarracenos, a gente humilde das aldeias dêsse concelho manifesta ainda, através dos seus usos e costumes tradicionais, indelével animosidade contra os habitantes da vizinha povoação espanhola de Saiago. Em dias de tormenta, quando o trovão ribomba e repercute pelas quebradas das serranias, repete, no seu dialecto inconfundível, a antiga prece dos seus avós. De joelhos e de mãos postas, em atitudes de pavoroso anseio, exclama:

— Tem-te nubrada; num bengas tam carrgada; ba-te descaregar a la tierra de Saiago!...

A Sé de Miranda do Douro, construída sob os auspícios da espôsa do piedoso rei D. João III, é um belo monumento nacional, onde existem verdadeiras preciosidades artísticas e grande quantidade de valiosos objectos do culto divino, dignos de figurarem em qualquer museu. Enriquecem-no ainda admiráveis «frescos», excelentemente conservados, e diversos retábulos esculpidos em alto relêvo, a-par duma enorme riqueza em obras de talha dourada.

No entanto, o que prende mais a curiosidade do visitante a êsse templo magnífico é, sem dúvida, o seu afamado e originalíssimo «Menino Jesus» — exemplar único em todo o Mundo cristão. Revestido de indumentária de feição mediévica, tecida de sêda e talhada como trajo de pagem, calçando botarras que mais se assemelham a galochas, de laço côr de rosa à volta dum colarinho engomado, e ostentando na cabeça, em vez dum resplendor aurifulgente, um minúsculo chapéu alto, o celebérrimo «Menino Jesus», arvorado agora em símbolo das altas dignidades civis e militares, apresenta-se armado duma pequenina espada, suspensa da banda vermelha da Ordem de Cristo, e usa sôbre as vestes, à altura do coração, a insígnia flordelizada da Ordem Militar de Aviz...

Êste Menino Jesus — profundamente venerado pelos fiéis de Miranda do Douro — foi agora uma das curiosidades mais interessantes que prenderam a atenção dos ministros do Interior e da Instrução na sua passagem pela velha cidade do Norte.

(De um jornal).

BIBLIOGRAFIA

LIVRO

Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal, por Georg Sachs. Jena und Leipzig, 1932.

Aos eruditos Alberto Sampaio e Pedro de Azevedo poderá atribuir-se a prioridade em se mostrar que boa parte da toponimia portuguesa tem origem germanica, em nomes de pessoa alatinados: vid. *As «villas»* (1903), cap. V — ainda que o documento em que figura Odoario, e em que Sampaio põe fundamentos historicos, foi depois dado como suspeito ou apócrifo —; e Azevedo na RL, VI, 47 sgs. O primeiro menciona muitos nomes em genetivo, tais como GUNDEMARI, d'onde veio *Gondomar*; ROMARICI, d'onde veio *Romariz*; VIMARANIS, d'onde veio *Guimarães*; e observa que «a radical é quasi sempre germanica». O segundo escreve: «o caso normal.. é o genitivo. No entanto grande parte denuncia o acusativo, e mesmo o nominativo. O ablativo talvez exista..»

Grande merito cabe, de certo, a Azevedo em ter descortinado não só muitas e inesperadas correspondencias de nomes modernos a nomes medievais, mas em ter separado por vezes os elementos componentes dos nomes — pois, como é sabido, a maioria dos nomes germanicos são binarios —. Do que diz Azevedo colhe-se a seguinte lista: -ALDUS, -ARIUS, -BADUS, -FREDUS, -GILDUS, -MAR, -MIR, -MUNDUS, -NANDUS, -REDUS (cf. tambem RL, XII, 323), -RICUS, -SINDUS (-SENDUS), -ULFUS. Alem d'isso tambem considera nomes am -A, -O, e bem assim em -ILA e -INUS. O Prof. Meyer-Lübke, no seu excelente trabalho dos *Nomes portugueses antigos de origem germanica* (1.ª parte, 1909), ampliou a lista de Azevedo, revestiu cada nome, ou elemento de nome, da sua forma germanica, e indicou geralmente a significação, mas circunscreveu-se nos antropónimos, não quis passar aos topónimos. Isso fez J. J. Nunes na *Gramatica historica* (1.ª ed. 1919; 2.ª, correcta e aumentada, 1930), onde utilizou criticamente as correspondencias, já achadas por Azevedo, de antropónimos modernos a antro-

pónimos medievais, e achou outras; vid. tambem o estudo que inseriu no *Homenaje a Pidal*, II, 577-603.

Até aqui a nossa toponimia, no que toca a fontes germanicas, andou quasi só por mãos de historiadores e de romanistas. Muito pois convinha que um especialista de Filologia germanica a viesse tratar com amplitude.

O recente livro do S.or G. Sachs, cujo titulo fica mencionado, chegou na melhor ocasião, embora aí a toponimia portuguesa seja estudada juntamente com a de Hespanha, trabalho mais atraente, de certo, para um estrangeiro, que podia assim ao mesmo tempo alcançar resultados gerais.

Após uma lista das obras consultadas, uma introdução, indicação do plano adoptado, e das abreviaturas, trata o S.or Sachs no seu livro o seguinte: origem dos nomes de lugar; apelativos germanicos nos topónimos ibero-romanicos; a formação dos nomes proprios germanicos; a formação dos topónimos; evolução fonetica (vogais, consoantes); os elementos iniciais; a vogal de ligação; os elementos finais; derivações deminutivas.

O A. procura conseguir que o seu livro seja um modelo de metodo e de concisão, e que a Filologia se torne nas suas mãos, por assim dizer, Matematica: tal a ordem e a simplicidade com que os fenómenos são expostos. Se em regra alcança o desideratum, deve notar-se que às vezes a extrema concisão leva à obscuridade. E grande defeito do livro, por outro lado tão copioso, é não ter uma táboa alfabetica dos nomes estudados. Por causa da efervescente produção scientifica dos tempos modernos, lutam sempre os estudiosos com tanta falta de tempo, que convem o mais possivel impedi-los de o perderem. Se o livro de que se trata possuisse táboa alfabetica, ver-se-hiam mais de pressa quais as novidades d'ele relativamente aos estudos toponimicos já publicados. A ordem alfabetica dos temas, adoptada pelo S.or Sachs, não basta.

Desejaria eu dar noticia mais circunstanciada do prestante trabalho do S.or Sachs, se, por um lado eu me julgasse para isso a pessoa mais competente, e por outro me não faltasse agora ensejo para ler o livro com a atenção que merece, — tanto mais que espero estudá-lo melhor, se eu chegar a redigir a *Toponimia portuguesa*, que tenho em mente. Escrevo o presente artigo apenas para comprazer com o S.or D.or Krüger, que quis honrar-me pedindo-m'o.

Permitir-me-ha o S.or Sachs apresentar-lhe as seguintes

breves observações: Pag. 12. O que o A. chama dativo póde ser a fórma romanica sem *de*, como sem dúvida em Portugal: *Villa-Garcia* 1258; *Villa Vilerme* 1231; *Vila Fernando, Vila-Mendo, Vila-Soeiro, Vilar-Tomé*, modernos. — Pag. 28. *Alvarais* está por *Alvarães*. — Pag. 30. Está analogamente *Ansiaes* por *Ansiães*. A par de *Ansedi* ha em textos antigos *Ansidi*: no *Onomast.* de Cortesão, p. 25, e no *Censual de Port.*, p. 494. — Pag. 39. Já algures corrigi a minha antiga explicação de *Vermuim*, pois esta fórma provém de VERMUDINI, gen. de *VERMUDINUS: cfr. *Vermoino* 1258. — Pag. 41. A favor da assimilação de *l* a *d* proposta pelo A., cfr. *Eleogarda* a par de *Eldegardia*. — Pag. 45. O A. diz que eu expliquei *Brandoa* por BRANDANA na *Antroponímia*, p. 543, mas eu não falei em BRANDANA; talvez o S.[or] Sachs quisesse dizer *BRANDONA. Assim é teoricamente. Em todo o caso *Brandoa* é o feminino natural de *Brandão*; cfr. *Moiroa*, de *Moirão*. — Pag. 46. Acêrca de *Bustelo*, vid. RL, XXVI, 128. — *Dade, Dadim*, provêm do lat. DATUS: DATUS, *DATINUS. Vid. os meus *Opusculos*, III, 336. — *Darei* não póde ter vindo de *DANS, porque a fórma anterior é *Dagaredi*, de DAGAREDUS: cfr. *Antroponimia*, p. 29. — Pag. 50. É muito mais provavel que os quatro primeiros exemplos que se seguem a FRADI sejam o lat. FRATER, no sentido de «frade» (como tambem o A. lembra), do que FRATHI. — Pag. 66. Acescente-se *Adorigo*. — Pag. 73. *Lalim* já nos *Opusculos*, III, 320. Aos nomes formados de *LEUBA acrescente-se *Lobrigos*. — Pag. 78. À serie de *Nando*, etc., junte-se *Nandini (villa)*, 991, *Nandim*, 1220, e por dissimilação *Landim* (moderno).

Estas, e outras observações que eu poderia fazer, são verdadeiros nonadas, pois a obra do S.[or] Sachs, tanto quanto a posso avaliar pelo lance d'olhos que lhe dei, entendo que será consultada com proveito por todos os que desejarem conhecer a parte que cabe às linguas germanicas na toponimia da Peninsula hispano-portuguesa.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(Do *Volkstum und Kultur der Romanen*, VI, 177-179).

CRÓNICA

A propósito da publicação do 30.º volume da "Revista Lusitana,,

Carta dirigida ao Director da mesma pelo Director do Seminário Romanico de Hamburgo e seus Auxiliares:

Hamburg, am 4 Mai 1933.

Herrn J. Leite de Vasconcellos:
Rua de D. Carlos Mascarenhas, 40,
Lisboa.

Hochverehrter Meister,

Heute trifft in unserem Seminar Bd. 30 der von Ihnen geleiteten *Revista Lusitana* ein. Wir möchten dieses grosse Ereignis nicht unbeachtet vorübergehen lassen. Die Veröffentlichung des 30. Bandes der *Revista Lusitana* ist uns ein neuer Anlass, Ihnen unsere Hochachtung und Verehrung auszusprechen und Ihnen auf das herzlichste zu gratulieren.

Sie wissen, dass wir in Hamburg mit besonderem Interesse die Entwicklung der portugiesischen Philologie verfolgen und an ihr Anteil nehmen. Wir kennen Ihre Arbeit im einzelnen und bewundern das Werk, das Sie vollbracht haben und an dem Sie als Senior der portugiesischen Philologie mit jugendlicher Kraft und Frische weiterarbeiten. Die 30 Bände der *Revista Lusitana*, die jetzt vor uns liegen, sind ein wahrer Thesaurus der portugiesischen Philologie, reich an Forschungsergebnissen und reich an Material, auf dem die weitere Forschung aufbauen kann. Dieses Werk ist Ihre persönliche Schöpfung, durchtränkt mit einem ungeheuren Wissensstoff und aufgebaut auf dem breiten Fundament, das auch für Ihre persönliche Forschung kennzeichnend ist. In genialem Schwunge haben Sie von Ihren Jugendjahren an Proleme der allgemeinen Sprachwissen-

schaft, portugiesischen Dialektologie, Wortforschung und Namen- und Ortskunde, Etnographie und Archäologie in einzigartiger Weise in Ihrer Hand vereinigt und dabei jedes Einzelgebiet zu hervorragender Geltung gebracht.

Ihnen hierfür unseren Dank und unsere wärmsten Glückwünsche auszusprechen, ist uns an dem Tage, an dem die *Revista Lusitana* zum 30. Male erscheint, ein herzliches Bedürfnis. Möge uns Ihre Kraft, mit der Sie Portugal eine so hervorragende Stellung im Kreise der romanistischen Forschung verschafft haben, noch auf lange Jahre erhalten bleiben.

Wir entbieten Ihnen, hochverehrter Meister, unsere herzlichsten Grüsse.

Fritz Krüger
W. Giese
W. Schroeder
Elisa Llorente Sola
Manuel de Paiva Boleo (1).

---

(1) Saiu uma tradução portuguesa desta carta no jornal lisbonense, *A Voz*, de 11-v-33.

ÍNDICE DO VOLUME XXXI

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

Os nomes de baptismo — *Sua origem e significação* — (continúa) — por J. J. Nunes 5

O livro das "Pregoems" dos Judeus Portugueses de Hamburgo — por Alfonso Cassuto 80

Maneiras de dizer alentejanas (continuação da *Revista Lusitana*, vol. XXX, págs. 299-304) — por Manuel Gomes Fradinho. 99

Da minha terra — *Subsídio para a Etnografia de Trás-os-Montes* — por Miranda Lopes 138

Português dialectal da região de Xalma (Hespanha) — por J. Leite de Vasconcellos 164

Páginas folclóricas (cfr. *Revista Lusitana*, vol. XXX, págs. 129, sgs.) — por Luis Chaves 276

Glossario dialectologico do concelho dos Arcos de Valdevêz (continuação da *Revista Lusitana*, vol. XXX, págs. 187-198) — por F. Alves Pereira 292

MISCELANEA:

O Natal, o Ano-bom e os Reis nos Açôres — por Luiz Ribeiro 301

Nomes dialectais de animais provenientes de interjeições de chamar ou afugentar — por João da Silva Correia. 308

Algumas ideias do povo a respeito da cruz — por J. L. de V. 309

Etimologias — por J. L. de V. 311

Festa rural: colheita da azeitona — de um jornal . . 312

Imagem do Menino Jesus, com indumentária curiosa — de um jornal 313

BIBLIOGRAFIA:

Livro: um trabalho de G. Sachs — por J. L. de V. . 315

CRÓNICA:

A propósito da publicação do 30.° volume da "Revista Lusitana" 318